

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL DOUTORADO**

**DIEGO SPADER DE SOUZA**

**ENTRE CONCEITOS E CONCE(P)TOS:  
uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia,  
a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva**

**São Leopoldo**

**2019**

Diego Spader de Souza

**ENTRE CONCEITOS E CONCE(P)TOS:  
uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia,  
a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Área de concentração: Linguagem, Tecnologia e Interação

Orientadora: Profa. Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman  
Coorientador: Prof. Ph.D. Hans C. Boas

São Leopoldo

2019

S719e Souza, Diego Spader de.  
Entre conceitos e conce(p)tos : uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia, a lexicografia e a semântica lexical cognitiva / por Diego Spader de Souza. – 2019.  
208 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman.  
Coorientador: Prof. Ph.D. Hans C. Boas.

1. Onomasiologia. 2. Semântica Lexical Cognitiva.  
3. Semântica de Frames. 4. Lexicografia. 5. Culinária de imigração italiana. I. Título.

CDU: 801.54

Diego Spader de Souza

**ENTRE CONCEITOS E CONCE(P)TOS:  
uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia,  
a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Área de concentração: Linguagem, Tecnologia e Interação

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto - UFRGS

---

Profa. Dra. Silvia Maturro Panzardi Foschiera - UNISINOS

---

Profa. Dra. Larissa Moreira Brangel - UNISINOS

---

Profa. Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman - UNISINOS - Orientadora

Para minha mãe, Marlene.

Para meus avós maternos,  
Balduino e Oliva (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pelas oportunidades a mim dadas e por estes dez anos de formação acadêmica, em que sempre me senti respeitado e valorizado enquanto aluno e ser humano.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), representado pelo quadro docente e pela equipe da secretaria, pela atenção contínua e pelos ensinamentos não só sobre Linguística Aplicada, mas sobre a vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rove Chishman, por quem tenho muita admiração e respeito. Rove, muito obrigado pela orientação cuidadosa desta pesquisa, por ter me apresentado à Semântica Cognitiva e por ter me aceitado como bolsista de iniciação científica, lá em 2011. Além disso, e acima de tudo, obrigado pela tua amizade. Sou, de verdade, muito grato.

Ao Prof. Ph.D. Hans C. Boas, da Universidade do Texas em Austin, que, de braços abertos, me aceitou como seu orientando pelo período em que fiquei em Austin, através do Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior, da CAPES.

Ao grupo de pesquisa SemanTec, do PPGLA, pela amizade e pela parceria. Agradeço, especialmente, à Sandra Oliveira e à Bruna Silva, pelo ombro amigo e pela ajuda constante com os mapas conceituais.

Às professoras que compõem a banca examinadora, pela leitura atenta deste trabalho e por terem aceitado o convite.

À Profa. Dra. Maria da Graça Krieger, por seus ensinamentos sobre Lexicografia.

À maravilhosa equipe da *Go! Fun English*, pela compreensão e pela amizade.

Ao Lucas Desimon, que nunca permitiu que eu desistisse. Obrigado por tudo.

Por fim, à CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado e da bolsa de doutorado-sanduíche, que viabilizaram a realização deste sonho.

*He showed the words “chocolate cake” to a group of Americans and recorded their word associations. “Guilt” was the top response. If that strikes you as unexceptional, consider the response of French eaters to the same prompt: “celebration.”*

Michael Pollan

*The limits of my language means the limits of my world.*

Ludwig Wittgenstein



## RESUMO

O objetivo desta tese é apresentar uma proposta teórico-metodológica situada na interface entre a onomasiologia, a Semântica Lexical Cognitiva e a Lexicografia. A onomasiologia designa um fenômeno da pesquisa lexical em que se parte, primeiro, de um conceito, que se trata de uma ideia, um pensamento, um esquema abstrato, para que se chegue, então, às formas linguísticas atreladas a esse conceito. A onomasiologia está sempre atrelada a outro conceito, o de semasiologia. Enquanto a onomasiologia parte de um conteúdo mais abstrato para chegar às formas, a semasiologia faz o processo inverso: parte da forma linguística em direção ao significado (ou significados). Isso evidencia a relação com a Lexicografia, uma vez que o modelo tradicional de dicionário que conhecemos segue uma perspectiva semasiológica, de lista de palavras organizadas alfabeticamente. Neste trabalho, consideramos, portanto, uma Lexicografia orientada pela onomasiologia, que, por sua vez, está em uma interface com a Semântica Lexical Cognitiva. A Semântica Lexical Cognitiva pode ser caracterizada como um subcampo da Semântica Cognitiva, que, por sua vez, compõe o quadro geral da Linguística Cognitiva. A Linguística Cognitiva coloca a Semântica como sendo o ponto central de toda a descrição linguística, baseando-se na hipótese de que a linguagem, na sua totalidade, é fruto da conceptualização. Para a Semântica Cognitiva, a estrutura semântica é a própria estrutura conceptual. Uma das principais teorias que seguem essa visão é a Semântica de *Frames*, de Charles J. Fillmore, segundo a qual o significado de uma palavra é determinado pelo *frame* que a palavra evoca. Nesse sentido, consideramos que os *frames* postulam uma perspectiva onomasiológica, uma vez que designam conceitos, ou pedaços de uma estrutura conceptual, que evocam palavras. Como aporte metodológico, elegemos a Linguística de *Corpus*, a partir da compilação de dois *corpora*, um *corpus* de apoio e um *corpus* processável, coletado automaticamente através da ferramenta Sketch Engine. O *corpus* de apoio teve o objetivo de auxiliar na compreensão do domínio que escolhemos para ilustrar nossa proposta, que é da culinária da imigração italiana na Serra Gaúcha. O *corpus* processável, por sua vez, permitiu a extração de listas de palavra e as análises a partir dos recursos do Sketch Engine. A análise de dados partiu de três fases: a primeira tomou como base o *corpus* de apoio e teve como objetivo fazer um reconhecimento do domínio, permitindo a confecção de um mapa conceitual da culinária da imigração. A segunda fase partiu desse mapa, criando, primeiramente, uma proposição ampla dos *frames*. A partir dos *frames*, foi feito o estudo das unidades lexicais. Nessa fase da análise, foram utilizados os recursos do Sketch Engine, os quais possibilitaram perceber que os dados do *corpus* processável confirmaram a compreensão

do domínio a partir do *corpus* de apoio. Na terceira fase da análise, discutimos de que forma a articulação entre a Semântica Lexical Cognitiva, através da Semântica de *Frames*, e a onomasiologia pode contribuir com o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos. A pesquisa mostrou que a teoria de *frames* contribui com a onomasiologia através da proposição de uma estrutura interna de conceitos enriquecida por conhecimento enciclopédico, além de possibilitar representações mais dinâmicas tanto no nível dos *frames* quanto das unidades lexicais.

**Palavras-chave:** Onomasiologia. Semântica Lexical Cognitiva. Semântica de *Frames*. Lexicografia. Culinária de imigração italiana.

## ABSTRACT

The present dissertation aims at presenting a theoretical-methodological proposal inserted in the interface between onomasiology, Cognitive Lexical Semantics and Lexicography. Onomasiology designates a method for lexical research in which one starts from a concept, which can be an idea, a thought, an abstract scheme, arriving then at the linguistic forms linked to this concept. Onomasiology is always linked to another concept, that of semasiology. While onomasiology starts from a more abstract content to, then, reach linguistic form level, semasiology makes the reverse process: it starts from the linguistic form and go towards the meaning (or meanings). This evidences the relation with Lexicography, since the traditional model of dictionary we know follows a semasiological perspective, of list of words arranged alphabetically. In this work, we consider, therefore, an onomasiology-oriented Lexicography, which, in turn, is in an interface with Cognitive Lexical Semantics. Cognitive Lexical Semantics can be characterized as a subfield of Cognitive Semantics, which, in turn, is part of the general framework of Cognitive Linguistics. Cognitive Linguistics places Semantics as the central point of all linguistic description, based on the hypothesis that language in its entirety is the fruit of conceptualization. For Cognitive Semantics, the semantic structure is the conceptual structure itself. One of the main theories that follow this view is Charles J. Fillmore's Frames Semantics, according to which the meaning of a word is determined by the frame that it evokes. In this sense, we consider that frames postulate an onomasiological perspective, since they designate concepts, or pieces of a conceptual structure, that evoke words. As a methodological framework, we chose Corpus Linguistics, which guided the compilation of two corpora, a *support corpus* and a *processable corpus*, the later collected automatically through the tool Sketch Engine. The *support corpus* aimed at providing the understanding of the domain we chose to illustrate our proposal, which is the culinary of Italian immigration in the region of Serra Gaúcha. The *processable corpus*, in turn, enabled the extraction of wordlists and the analyzes using Sketch Engine features. The data analysis was based on three phases: the first one was based on the *support corpus* and aimed at a recognition of the domain, allowing the creation of a conceptual map of the immigration cuisine. The second phase started from this map, creating, first, a broad proposition of frames. From frame level, the lexical units were studied. In this phase of the analysis, the resources of Sketch Engine were used, which made it possible to perceive that the data of the *processable corpus* confirmed the understanding of the domain from the *support corpus*. In the third phase of the analysis, we discussed how the articulation between Cognitive Lexical Semantics, through Frames Semantics, and

onomasiology can contribute to the development of onomasiological dictionaries. The research showed that frame theory contributes to onomasiology through the proposition of an internal structure of concepts enriched by encyclopedic knowledge, in addition to enabling more dynamic representations at both the frames level and the lexical units level.

**Keywords:** Onomasiology. Cognitive Lexical Semantics. Semantics of Frames. Lexicography. Italian immigration culinary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O triângulo da referência .....	26
Figura 2: Interpretações semasiológica e onomasiológica do triângulo básico.....	30
Figura 3: Relações entre sentido e nome .....	31
Figura 4: O triângulo de Ullmann .....	33
Figura 5: Designações do conceito CABEÇA.....	34
Figura 6: O trapézio de Heger (1974).....	36
Figura 7: Quadro de classificação das palavras.....	44
Figura 8: Quadro sinóptico de categorias .....	45
Figura 9: Organização conceitual do <i>DaLP</i> .....	46
Figura 10: Microestrutura do verbete <i>abandon</i> no <i>Oxford School Thesaurus</i> .....	47
Figura 11: Seções <i>writing tips</i> e <i>word web</i> no <i>Oxford School Thesaurus</i> .....	48
Figura 12: Tela inicial do <i>Dicionário de sinônimos online</i> .....	50
Figura 13: Tela dos sinônimos de “importante” .....	51
Figura 14: Conhecimento de dicionário <i>versus</i> Conhecimento enciclopédico.....	65
Figura 15: Ilusão “FACES ou Vasos” .....	75
Figura 16: Definição do frame <i>Attack</i> .....	78
Figura 17 - Sentenças anotadas para a unidade lexical <i>change.v</i> .....	79
Figura 18: Relações frame a frame de <i>Agriculture</i> .....	82
Figura 19: <i>FrameGrapher</i> para o frame <i>Agriculture</i> .....	83
Figura 20: Macroestrutura da ginástica artística no <i>Dicionário Olímpico</i> .....	88
Figura 21: Microestrutura do frame <i>Aquecimento</i> .....	89
Figura 22: Página inicial do <i>Sketch Engine</i> .....	98
Figura 23: Ferramenta <i>Wordlist</i> do <i>Sketch Engine</i> .....	99
Figura 24: Lista de palavras mais frequentes do <i>British National Corpus</i> .....	100
Figura 25: Concordâncias de <i>life</i> .....	101
Figura 26: Tela inicial do recurso <i>Word Sketch</i> .....	102
Figura 27: <i>Word-sketches</i> de <i>life</i> .....	102
Figura 28: Tela inicial da ferramenta de compilação de <i>corpus</i> .....	103
Figura 29: Opções de compilação de <i>corpus</i> do <i>Sketch Engine</i> .....	103
Figura 30: Critérios para busca e seleção de textos do <i>corpus</i> .....	104
Figura 31: Tela inicial do <i>Cmap Tools</i> .....	105

Figura 32: Criação de mapa conceitual do Cmap Tools.....	106
Figura 33: Estatísticas do <i>corpus</i> processável .....	109
Figura 34: Mapa conceitual da culinária da imigração italiana.....	119
Figura 35: Esquematisação dos <i>frames</i> do domínio.....	123
Figura 36: <i>FrameGrapher</i> do <i>frame</i> Memórias da Itália.....	126
Figura 37: Descrição do <i>frame</i> Craft da FrameNet.....	127
Figura 38: Tela de geração de lista de palavras.....	128
Figura 39: Lista de palavras geradas pelo Sketch Engine .....	129
Figura 40: Lista de <i>keywords</i> simples e multivocabulares .....	130
Figura 41: Ferramenta <i>Concordance</i> do Sketch Engine.....	134
Figura 42: Concordâncias da unidade lexical <i>vinho</i> .....	135
Figura 43: Cotextos da unidade lexical <i>vinho</i> .....	135
Figura 44: Ferramenta <i>Word Sketch</i> do Sketch Engine.....	136
Figura 45: <i>Word sketches</i> da palavra “vinho” .....	136
Figura 46: <i>Word sketches</i> de “vinho” .....	139
Figura 47: <i>Word sketches</i> da unidade lexical “queijo”.....	141
Figura 48: Segunda esquematização dos <i>frames</i> do domínio.....	143
Figura 49: Representação do <i>frame</i> Café Colonial.....	146
Figura 50: Termo “Household waste” no EcoLexicon.....	149
Figura 51: Termo “Bounded coast” no EcoLexicon .....	149
Figura 52: Forma de representação dos <i>frames</i> via redes.....	150
Figura 53: Exemplos da UL “vinho” .....	151
Figura 54: Exemplos da UL “queijo” .....	152

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistema de conceitos do <i>Thesaurus of English Words</i> .....	42
Quadro 2: Relações <i>frame a frame</i> .....	80
Quadro 3: Itens do <i>corpus de apoio</i> .....	107
Quadro 4: Glosa do <i>frame</i> Memórias da Itália .....	127
Quadro 5: Seleção das unidades lexicais simples.....	130
Quadro 6: Seleção das unidades lexicais multivocabulares .....	131
Quadro 7: Enquadramento das unidades lexicais em <i>frames</i> .....	132
Quadro 8: Concordância 129 da unidade lexical “vinho” .....	137
Quadro 9: Concordância 90 da unidade lexical “vinho” .....	137
Quadro 10: Concordância 95 da unidade lexical “vinho” .....	137
Quadro 11: Concordância 711 da unidade lexical “vinho” .....	138
Quadro 12: Concordância 716 da unidade lexical “vinho” .....	138
Quadro 13: Concordância 134 da unidade lexical “queijo” .....	140
Quadro 14: Concordância 316 da unidade lexical “queijo” .....	140
Quadro 15: Concordância 302 da unidade lexical “queijo” .....	140
Quadro 16: Glosa do <i>frame</i> Café Colonial .....	144
Quadro 17: Possíveis unidades lexicais de Café Colonial.....	145

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DaLP	Dicionário analógico da Língua Portuguesa
OsT	Oxford School Thesaurus



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 Justificativas .....	18
1.2 Objetivos.....	21
<b>1.2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>21</b>
1.3 Hipóteses .....	21
1.4 Questões de Pesquisa.....	22
1.5 Estrutura da Tese .....	22
<b>2 AS BASES LÉXICO-SEMÂNTICAS DA ONOMASIOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
2.1 Pensamentos, palavras e coisas: o triângulo de Ogden e Richards (1923).....	26
<b>2.1.1 As contribuições de Ullmann (1964) e Baldinger (1970).....</b>	<b>29</b>
<b>2.1.2 O trapézio de Heger (1974) e a expansão da discussão sobre semântica e referência .....</b>	<b>35</b>
2.2 Semasiologia e onomasiologia (Baldinger, 1966).....	38
2.3 Considerações sobre o dicionário onomasiológico .....	40
<b>2.3.1 Uma breve tipologia dos dicionários onomasiológicos e alguns exemplos pertinentes .....</b>	<b>42</b>
<b>3 LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A SEMÂNTICA DE <i>FRAMES</i>.....</b>	<b>55</b>
3.1 Princípios e compromissos da Linguística Cognitiva.....	57
<b>3.1.1 Os compromissos cognitivo e de generalização.....</b>	<b>58</b>
<b>3.1.2 A corporificação: o realismo experiencialista .....</b>	<b>61</b>
3.2 A Semântica Cognitiva.....	63
<b>3.2.1 Conhecimento de dicionário versus conhecimento enciclopédico.....</b>	<b>64</b>
<b>3.2.2 Acerca de uma Semântica Lexical Cognitiva.....</b>	<b>68</b>
3.3 A Semântica de <i>Frames</i> : uma teoria semântica do conhecimento enciclopédico.....	72
<b>3.3.1 O paradigma FrameNet .....</b>	<b>77</b>
3.4 A Semântica de <i>Frames</i> como construto teórico aplicado à Lexicografia .....	84
<b>3.4.1 Os desafios de uma proposta teórico-metodológica de dicionário onomasiológico a partir de <i>frames</i> semânticos .....</b>	<b>90</b>
<b>4 RECURSOS E MÉTODOS .....</b>	<b>94</b>
4.1 A Linguística Cognitiva encontra a Linguística de <i>Corpus</i> .....	95
4.2 RECURSOS COMPUTACIONAIS E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> .....	97

4.2.1 O Sketch Engine e a ferramenta de compilação de <i>corpus</i> .....	97
4.2.2 O CmapTools .....	105
4.1.3 Características dos <i>corpora</i> de estudo e processável .....	106
4.2 Procedimentos de análise.....	109
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>112</b>
5.1 RECONHECIMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DO DOMÍNIO .....	113
<b>5.1.1 Uma visita ao passado: o contexto da imigração italiana na Serra Gaúcha .....</b>	<b>114</b>
<b>5.1.2 A culinária da imigração italiana: características e motivações .....</b>	<b>116</b>
5.3 ARTICULANDO ONOMASIOLOGIA, SEMÂNTICA LEXICAL COGNITIVA E LEXICOGRAFIA: CONSEQUÊNCIAS DA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA NA ESTRUTURA DE UM DICIONÁRIO .....	147
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE A - LISTA DE PALAVRAS EXTRAÍDAS DO <i>CORPUS</i> PROCESSÁVEL</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE B - LISTA DE <i>KEYWORDS</i> SIMPLES .....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICE C - LISTA DE <i>KEYWORDS</i> MULTIVOCABULARES .....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE D - CONCORDÂNCIAS DAS UNIDADES LEXICAIS.....</b>	<b>188</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pouco discutido e quase esquecido nas últimas décadas de produção de conhecimento nos domínios da ciência linguística, o conceito de **onomasiologia** faz parte de um conjunto de princípios teóricos que, originários do estruturalismo linguístico europeu, nunca angariaram grande representatividade na Linguística americana (cf. GRONDELAERS; GEERAERTS, 2003), especialmente na América do Norte, onde o estruturalismo bloomfieldiano deu lugar ao paradigma gerativista sem qualquer influência da linguística estrutural fundamentada no pensamento de Ferdinand de Saussure. Mesmo no Brasil, onde o estruturalismo europeu é, ainda hoje, muito presente no campo da Linguística, a onomasiologia não conseguiu espaço de destaque, tendo sido tema de pouquíssimas pesquisas nos últimos anos.<sup>1</sup>

Por essa razão e por outras que ainda mencionaremos, a presente tese de doutorado tem o objetivo de resgatar o conceito de onomasiologia, aplicando-o na interface entre as áreas da **Lexicografia** e da **Semântica Lexical Cognitiva**. A onomasiologia, em linhas gerais, designa um fenômeno da pesquisa lexical em que se parte, inicialmente, de um **conceito** – que se trata de uma ideia, um pensamento, um esquema abstrato –, para que se chegue, então, às possibilidades de realização linguística, isto é, às **formas linguísticas** atreladas a esse conceito. Nesse sentido, importa salientarmos que a relação entre a Lexicografia e a onomasiologia não é, de modo algum, uma novidade. Sendo esse um conceito pertencente à escola estruturalista da Lexicologia, a Lexicografia sempre esteve presente nas discussões sobre onomasiologia. A forma mais simples de esclarecer essa relação é apresentando a onomasiologia em contraponto a outro conceito, o de **semasiologia**. Enquanto a onomasiologia parte de um conteúdo mais abstrato para daí chegar às possíveis formas, a semasiologia faz o processo inverso: parte da forma linguística em direção ao significado (ou significados). A semasiologia é a perspectiva clássica adotada pelos dicionários. O dicionário comum, tradicional, que aprendemos a manusear desde o início da vida escolar, é estruturado via semasiologia; tem-se, ali, uma lista de palavras, e, para cada palavra, a sua definição. A semasiologia é mais organizada, menos bagunçada, e promete – e cumpre – uma forma eficaz de estruturar e descrever fenômenos como a polissemia (cf. BALDINGER, 1970). A onomasiologia, por sua vez, sempre dependeu da dimensão extralinguística, das intermináveis discussões sobre linguagem e mundo que povoaram os pesadelos de filósofos da linguagem – e de seus leitores! – por séculos, e, por isso

---

<sup>1</sup> Os trabalhos de Riva (2004, 2009), Ranzani (2006) e Silva (2009) podem ser citados como exemplos da esparsa produção de teses e dissertações sobre onomasiologia no Brasil. Cabe salientar que todos esses trabalhos partem do mesmo modelo teórico estruturalista.

mesmo, sempre esteve presa às limitações do pensamento estruturalista. Isso nos leva, diretamente, à outra ponta da interface: a Semântica Lexical Cognitiva.

A Semântica Lexical Cognitiva pode ser caracterizada como um subcampo de descrição semântico-lexical fundamentada nos diversos modelos teóricos que compõem a **Semântica Cognitiva**, que, por sua vez, compõe o quadro geral da **Linguística Cognitiva**. A Linguística Cognitiva, nos termos do movimento iniciado na década de 80 por pesquisadores como George Lakoff, Ron Langacker e Leonard Talmy, dissidentes do modelo gerativista, coloca a Semântica como sendo o ponto central de toda a descrição linguística, baseando-se na hipótese de que a linguagem, na sua totalidade, é fruto da **conceptualização** (cf. CROFT e CRUSE, 2004). Em outras palavras, a forma como compreendemos o mundo ao nosso redor é o que molda a linguagem; e esse processo de compreender o mundo parte de uma série de processos cognitivos. Dessa forma, torna-se sem sentido fazer qualquer distinção entre Semântica e Pragmática, uma vez que a estrutura semântica, para a Linguística Cognitiva, é a própria estrutura conceptual (CROFT; CRUSE, 2004). Além disso, defende-se uma visão de cognição **não-modular**, em que todas as habilidades cognitivas funcionam de forma conjunta; assim, a linguagem está associada à percepção figura-fundo, à memória, à atenção etc., o que representa uma ruptura com a visão chomskyana de cognição (SILVA; BATORÉO, 2010).

Nesse sentido, a Linguística Cognitiva deu origem a uma Semântica Cognitiva, cujas teorias estão organizadas ao redor de princípios compartilhados, sendo o mais importante delas a ideia já mencionada de que o significado é a própria conceptualização. Boa parte das pesquisas em Semântica Cognitiva tem se voltado para as questões do léxico, mostrando-se notável o potencial de alguns de seus modelos teóricos para o tratamento de diversos fenômenos lexicais, sendo assim estabelecido campo do que se convém chamar de Semântica Lexical Cognitiva (cf. GEERAERTS, 2009). Um dos principais expoentes desse campo é a teoria da **Semântica de Frames**, de Charles J. Fillmore, que, *grosso modo*, postula que o significado de uma palavra é determinado pelo **frame** que a palavra evoca. A palavra *garçom*, por exemplo, evoca um *frame* de restaurante.

A Semântica de *Frames* deu origem ao projeto **FrameNet**, que, desde a década de 90, tem se dedicado à descrição do léxico da língua inglesa a partir de *frames* semânticos. A partir do projeto FrameNet, projetos similares têm sido desenvolvidos em outros idiomas, como é o caso do *Japanese FrameNet* (cf. OHARA et al., 2003), do *Spanish FrameNet* (cf. SUBIRATS; PETRUCK, 2003; SUBIRATS; SATO, 2004) e da FrameNet Brasil (cf. SALOMÃO, 2009). A FrameNet é, possivelmente, o maior exemplo de aplicação dos fundamentos da Semântica Cognitiva à descrição lexical. Desse modo, torna-se inegável o potencial da teoria de *frames*,

bem como dos princípios que caracterizam e guiam a Semântica Cognitiva como um todo, para áreas como a Lexicografia e a Terminologia. Deu-se, inclusive, em 2015, a publicação da obra *Cognitive Lexicography*, da lexicógrafa alemã Carolin Ostermann, que argumenta que “[...] a aplicação de teorias semântico-cognitivas a diferentes áreas da prática lexicográfica pode aprimorar elementos tradicionais da estrutura do dicionário e tornar a informação oferecida mais acessível ao usuário do dicionário”<sup>2</sup> (OSTERMANN, 2015, p. 1, tradução nossa)<sup>3</sup>, reforçando a importância e a validade da interface. Cabe salientar, ainda, que a Semântica de *Frames* tem sido adotada, inclusive, como base de modelos teóricos na área da Terminologia, como a chamada Terminologia de *Frames*.

Nesta tese, por conseguinte, busca-se apresentar uma proposta teórico-metodológica de aplicação da Semântica Lexical Cognitiva ao desenvolvimento de dicionários onomasiológicos, aliando, assim, *conceitos* e *conceptos*: planeja-se aqui advogar a favor de uma união entre uma visão tradicional e uma visão cognitivista, fundamentada no desenvolvimento de uma estrutura conceptual que está intimamente ligada à linguagem. Baseamo-nos, principalmente, nos princípios que regem a Semântica de *Frames*, embora, como ainda veremos, o raciocínio em que se ampara a noção de *frame* semântico seja o mesmo por trás de todos os outros grandes conceitos da Semântica Lexical Cognitiva, como o **modelo cognitivo idealizado**, o **script** etc. Além disso, a escolha pelo conceito de *frame* se dá também pela ideia que buscamos defender de que os *frames* são, em sua natureza, estruturas onomasiológicas; são, em essência, esquemas abstratos que se manifestam a partir de formas linguísticas. Cabe ressaltar, contudo, que nosso propósito é apresentar uma discussão e uma proposta teórico-metodológica que se encaixem nos preceitos gerais da Semântica Lexical Cognitiva. Eleger o *frame* como a noção central da proposta não anula nem impede que outras noções do paradigma cognitivista sejam consideradas. Como forma de ilustrar nossa proposta, a parte prática da tese apresenta um estudo a partir do léxico da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha.

## 1.1 JUSTIFICATIVAS

As justificativas para a realização deste trabalho partem de diferentes frentes. Primeiramente, podemos citar a tradicionalmente conturbada relação entre a Lexicografia e as

---

<sup>2</sup> No original: “[...] the application of cognitive semantic theories to different areas of lexicographic practice can improve traditional elements of dictionary structure and make the information offered more accessible to dictionary users”.

<sup>3</sup> Todas as traduções para a língua portuguesa de citações originalmente em outro idioma são de nossa autoria e responsabilidade. Torna-se desnecessário, a partir de agora, o uso da expressão *tradução nossa*.

teorias linguísticas (cf. LEW, 2007). A relação entre as duas áreas sempre colocou em evidência a agenda da semântica linguística, uma vez que a Lexicografia se preocupa justamente com o significado lexical. Segundo Lew (2007), ao se considerar o que seria a preocupação central de uma semântica *geral*, essa parecer estar mais vinculada a *como* as palavras significam do que a *o que* as palavras significam. Isso se deve, claro, às próprias raízes filosóficas da semântica linguística. Uma semântica *lexical* tradicional, por sua vez, há de focar muito mais em relações entre palavras e na decomposição de itens lexicais em primitivos semânticos (LEW, 2007). A questão é que isso aponta para um distanciamento entre o que a teoria linguística busca e faz e o que define a prática lexicográfica. Enquanto o lexicógrafo realiza um trabalho objetivo e focado na descrição do significado lexical, a partir de conjuntos de dados sistematizados e confiáveis, o linguista está perdido em devaneios teóricos que pouco interessam ao ofício da Lexicografia. Esse é o cerne da discussão para alguns lexicógrafos, como Piotrowski (1994 apud LEW, 2007) e Burkhanov (1997 apud LEW, 2007), que, inclusive, defendem a independência da Lexicografia em relação à Linguística.

No entanto, como apontamos anteriormente, modelos mais recentes dentro da ciência linguística, como a Linguística Cognitiva, têm sido alvo do interesse de lexicógrafos. A Linguística Cognitiva, a partir da hipótese de que a linguagem é fruto da conceptualização, o que abriu as portas para a ideia fundamental da Semântica Cognitiva de que a estrutura semântica é a própria estrutura conceptual, oferece ao dicionarista ferramentas para enriquecer a prática lexicográfica. Consoante Ostermann (2015, p. 1),

[...] uma vez que a Linguística Cognitiva busca descrever a linguagem de acordo como os humanos percebem e conceptualizam o mundo [...], uma abordagem linguístico-cognitiva pode ser especialmente adequada para dicionários que objetivam explicar a mesma linguagem que usuários processam. O uso de teorias da Linguística Cognitiva na prática lexicográfica poderia facilitar o processamento das informações contidas nos dicionários pelos usuários e tornar vários recursos dos dicionários mais eficientes.<sup>4</sup>

Além disso, Atkins e Rundell (2008) defendem a ideia que lexicógrafos são, em essência, linguistas aplicados – uma ideia compartilhada por Hans Meier no texto *Lexicography as Applied Linguistics*, de 1969 –, ainda que nem todo lexicógrafo tenha, de fato, treinamento formal em Linguística. Isso importa? “Uma fundamentação na teoria linguística não é um pré-

---

<sup>4</sup> No original: “[...] since cognitive linguistics attempts to describe language according to how humans perceive and conceptualize the world [...], a cognitive linguistics approach might be especially suitable for dictionaries that aim at explaining the very same language users process. The use of cognitive linguistics theories in lexicographic practice could facilitate the processing of dictionary information by users and make various features of dictionaries more efficient.

requisito para ser um lexicógrafo proficiente – ainda menos uma garantia de sucesso no campo”<sup>5</sup>, segundo Atkins e Rundell (2008, p. 130), ainda que existam certos conceitos básicos importantes para a produção de verbetes mais concisos e precisos. Ademais,

[...] uma consciência da teoria linguística pode ajudar os lexicógrafos a realizarem seu trabalho de maneira mais eficaz e com maior confiança. Em suma, um bom lexicógrafo se tornará muito melhor com uma compreensão de ideias teóricas relevantes. (Atkins; Rundell, 2008, p. 130)<sup>6</sup>

Atkins e Rundell, ainda, na mesma obra, apresentam a Semântica de *Frames* como uma teoria semântica altamente relevante para a prática lexicográfica, uma vez que oferece uma forma mais sistematizada e menos subjetiva de lidar com dados advindos de *corpora* linguísticos. Além disso, os autores apontam que o que usuários precisam saber sobre um determinado item lexical é justamente o que compõe o *frame*.

Outro ponto importante que diz respeito à relevância deste trabalho é a falta de pesquisas acerca da onomasiologia. Nesse sentido, a presente tese de doutorado contribui para retomar o conceito no âmbito dos estudos linguísticos, atualizando-o à luz de uma teoria semântica extremamente atual e em voga. O modelo clássico de onomasiologia, como já dito anteriormente, permaneceu sempre preso às limitações da Semântica Estrutural; o método onomasiológico exige que se considere o mundo e a realidade, que são, pela ótica estruturalista, entidades extralinguísticas, isto é, que não fazem parte do sistema linguístico.

A Semântica Lexical Cognitiva permite que se adapte a onomasiologia a partir de uma visão experiencialista, que considera a interação humana com o mundo como o ponto chave para a conceptualização e a construção dos significados. Se, outrora, era um desafio lidar com entidades abstratas na forma de conceitos, noções específicas da Semântica Lexical Cognitiva, atualmente, – como é o caso do conceito de *frame* – permitem uma pesquisa onomasiológica sistematizada e ancorada em princípios teóricos que levam em consideração a relação entre linguagem e mundo como sendo mediada pelo uso real da linguagem por falantes reais.

Por fim, a terceira e última justificativa que julgamos pertinente apontar é a relevância social que esta pesquisa pode alcançar a partir do papel social dos dicionários. O dicionário, mais do que uma obra de referência, é um material para o ensino e para a propagação de conhecimento. Está presente na vida escolar desde o seu início, sendo também amplamente

---

<sup>5</sup> No original: “A grounding in linguistic theory is not a prerequisite for being a proficient lexicographer – still less a guarantee of success in the field.”

<sup>6</sup> No original: “[...] an awareness of linguistic theory can help lexicographers to do their jobs more effectively and with greater confidence. In short, a good lexicographer will become a much better one with an understanding of relevant theoretical ideas.

utilizado como forma de validar e consultar diversos aspectos linguísticos, como a ortografia e a pronúncia dos itens lexicais. O dicionário é uma obra que possui autoridade linguística.

Ainda que não seja nosso objetivo discutir o papel social do dicionário em si, importa ressaltar que a proposta teórico-metodológica que será aqui apresentada abre caminho para um modelo de dicionário mais fundamentado e contextualizado no uso da linguagem, nas experiências dos falantes e na compreensão que temos do mundo a partir de nossa vida em sociedade.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Apresentar uma proposta teórico-metodológica na interface entre a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva para o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos organizados a partir do conceito de *frame* semântico.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- (i) Avaliar o potencial dos princípios que regem a Semântica Lexical Cognitiva, partindo do conceito de *frame*, para a prática lexicográfica;
- (ii) Determinar as características e os recursos presentes em um modelo de dicionário onomasiológico organizado a partir do conceito de *frame*, discutindo questões relacionadas à plataforma e às micro e macroestruturas;
- (iii) Apresentar o modelo de descrição linguística dos *frames* e das unidades lexicais, levando em consideração as características do recurso proposto, como forma de ilustração da proposta.

## 1.3 HIPÓTESES

- (1) *Frames* semânticos são, em sua natureza, estruturas onomasiológicas;
- (2) A Semântica Lexical Cognitiva oferece as ferramentas necessárias para um modelo de dicionário onomasiológico que busca evidenciar padrões de conceptualização e a experiência dos falantes;



#### 1.4 QUESTÕES DE PESQUISA

- (a) Como a Lexicografia pode aproveitar melhor os construtos teóricos da Semântica Lexical Cognitiva?
- (b) De que modo ocorre a proposição de *frames* e quais os componentes os compõem?
- (c) Qual o papel das relações entre *frames* e unidades lexicais em um recurso onomasiológico baseado em uma perspectiva cognitivista?

#### 1.5 ESTRUTURA DA TESE

A fim de alcançar os objetivos propostos, a presente tese de doutorado está organizada a partir da seguinte estrutura:

O capítulo 1, *Introdução*, é dedicado à apresentação do tema da pesquisa, bem como à sua contextualização tanto no plano das escolhas teóricas quanto na parte aplicada. Além disso, são elencados os objetivos, as hipóteses e as questões de pesquisa que norteiam a execução deste estudo.

O capítulo 2, *As bases léxico-semânticas da onomasiologia*, discute a onomasiologia à luz de um viés mais tradicional, no intuito de verificarmos não só as suas origens enquanto método para a pesquisa lexical, mas também os fundamentos sobre os quais ela se baseia. O capítulo está dividido em três seções: a primeira, 2.1, versa a respeito da teoria do triângulo de Ogden e Richards (1923) e seus desdobramentos, no sentido de averiguarmos de que forma a discussão clássica sobre linguagem e referência se estende à onomasiologia. A segunda seção, 2.2, apresenta a onomasiologia e a semasiologia a partir dos estudos de Baldinger (1966), discutindo essas duas noções como complementares. A terceira e última seção, 2.3, faz considerações acerca do dicionário onomasiológico, de modo que, nessa parte, abordamos a relação entre a onomasiologia e a Lexicografia, partindo da apresentação de uma tipologia de dicionários onomasiológicos e de uma breve discussão sobre recursos já existentes.

O capítulo 3, *Linguagem e Cognição: a Semântica de Frames*, visa a oferecer um panorama da terceira parte da interface que caracteriza esta pesquisa: a Semântica Lexical Cognitiva, a partir da Semântica de *Frames*. O capítulo está dividido em quatro seções: a seção 3.1 estabelece a grande área da Linguística Cognitiva a partir da apresentação dos seus compromissos e princípios teóricos, de modo a contextualizar o cognitivismo linguístico e o papel na realização desta tese. A segunda seção, 3.2, por sua vez, versa a respeito da Semântica Cognitiva, subárea da Linguística Cognitiva que se baseia na hipótese geral de que o significado

semântico equivale à estrutura conceptual; ainda nessa seção, tratamos da Semântica Lexical Cognitiva, buscando compreender de que maneira – a partir de quais construtos e orientações teórico-metodológicas – esse modelo se adequa à nossa proposta. Dando seguimento, a seção 3.3 versa, especificamente, a respeito da teoria da Semântica de *Frames*, discutindo os pontos que a caracterizam e apresentando a plataforma FrameNet, projeto a partir do qual se inicia a relação entre *frames* e Lexicografia. A última seção, 3.4, aborda essa relação entre a teoria cognitivista e o campo de produção de dicionários, discutindo os desafios impostos pela teoria à proposta teórico-metodológica que caracteriza nossa pesquisa.

O capítulo 4, *Recursos e métodos*, apresenta os passos metodológicos da pesquisa. O capítulo está dividido em três seções: a primeira seção, 4.1, problematiza a relação entre a Linguística Cognitiva e a Linguística de *Corpus*, mostrando que as pesquisas baseadas em *corpora* proporcionam à Linguística Cognitiva o acesso a dados naturalísticos, garantindo o compromisso com o uso da linguagem. Seguindo, a seção 4.2 descreve os recursos utilizados e o processo de compilação dos *corpora*, o *corpus* de apoio e o *corpus* processável. A seção 4.3, por fim, descreve os passos da análise, dividida em três fases.

O capítulo 5, *Análise e discussão dos dados*, apresenta a parte analítica do trabalho. A primeira seção, 5.1, apresenta a primeira fase de análise, que, a partir do *corpus* de estudo, tem o objetivo de apresentar um reconhecimento do domínio, culminando na confecção de um mapa conceitual da culinária da imigração. A segunda fase da análise, representada pela seção 5.2, visa à proposição ampla dos *frames*, de modo que, nessa parte, faz-se a descrição dos *frames* e também das unidades lexicais, partindo dos dois *corpora*. A terceira fase, 5.3, discute de que forma a articulação entre a Semântica Lexical Cognitiva, através da Semântica de *Frames*, e a onomasiologia pode contribuir com o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos.

Por fim, o capítulo 6 apresenta nossas considerações finais, retomando os objetivos da pesquisa e verificando de que forma estes foram alcançados.

## 2 AS BASES LÉXICO-SEMÂNTICAS DA ONOMASIOLOGIA

La semántica tiene como rama científica la respetable edad de unos setenta años. Ha tenido hijas e hijos, hijas semasiológicas e hijos onomasiológicos. No doy, por otro lado, ninguna garantía en cuanto al sexo; en todo caso, la familia se porta bien [...] (BALDINGER, 1970, p. 14)

Neste capítulo, assim como anunciado anteriormente, dedicamo-nos a apresentar e a descrever o fenômeno da **onomasiologia**, tendo como base a tradição da Semântica Estrutural e da Lexicologia ao longo do século XX, bem como os dicionários onomasiológicos. Assim, neste momento do trabalho, fazemos um resgate da onomasiologia a partir de um paradigma que, embora não seja o que adotamos nesta tese, representa o berço em que a onomasiologia se desenvolveu como campo de estudo lexical. Acreditamos que exista a necessidade de, antes de adentrarmos no que caracteriza, de fato, a nossa proposta – cuja intenção é propor bases teórico-metodológicas para o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos a partir do arcabouço da Semântica Lexical Cognitiva –, olharmos para o passado, buscando entender qual o raciocínio que sustenta a onomasiologia dentro da abordagem estruturalista. Este capítulo, portanto, inicia a discussão a partir de uma retomada histórica do conceito de onomasiologia, haja vista a necessidade de compreendermos o que a onomasiologia representa dentro do quadro estruturalista e de uma semântica lexical geral, bem como quais são suas limitações e, a partir disso, quais são os argumentos que sustentam propostas como a nossa.

Como dito anteriormente, a onomasiologia é mais bem definida quando em contraposição à **semasiologia**. Esses dois conceitos caracterizam duas abordagens para o estudo da semântica lexical, isto é, dois **métodos** opostos e complementares de se lidar com as questões ligadas ao significado das palavras e expressões de uma determinada língua.

A semasiologia segue o percurso **forma** → **conteúdo**, já que parte da palavra ou expressão para então chegar ao significado. Um exemplo claro de aplicação da semasiologia é o modelo tradicional de dicionário monolíngue ou escolar. Tem-se uma lista de verbetes organizada alfabeticamente, de forma que, para cada um desses verbetes, é dada uma definição. A onomasiologia, por outro lado, segue o caminho inverso: **conceito** → **forma(s)**. O ponto de partida é o conceito, que, *grosso modo*, é uma ideia, uma construção mental, que pode ser totalmente abstrata, como *amor* ou *tédio*, ou relacionada a algo do mundo real (ou objetivo), como a ideia que determinado indivíduo tem de *cadeira*, para assim chegar à(s) forma(s) linguística(s) que evocam esse conceito.

Nesse sentido, a onomasiologia – tanto quanto a semasiologia, cabe salientar – está intrinsecamente relacionada às discussões sobre referência, presentes tanto na semântica linguística quanto na semântica lógica ou filosófica. De modo geral, a onomasiologia está preocupada em mostrar o percurso que liga algo que não é, em sua natureza, linguístico (como os conceitos) a estruturas linguísticas.

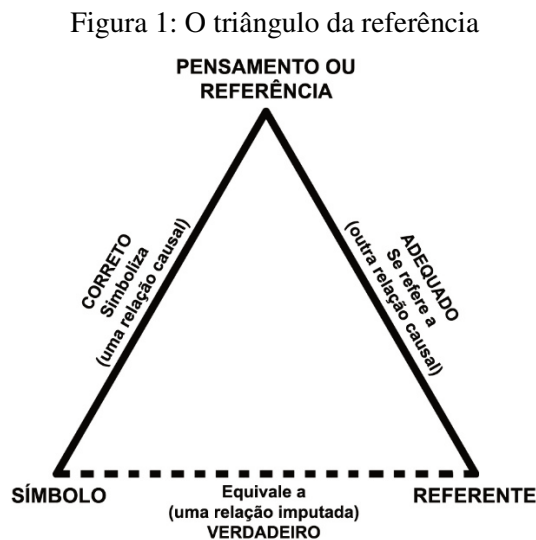
Sendo assim, a primeira seção (2.1) se dedica a revisitar a discussão sobre Semântica e referência, partindo do triângulo básico de Ogden e Richards (1923) e chegando às propostas de revisão dessa teoria feitas por Ullmann (1964), Baldinger (1970) e Heger (1974). O triângulo básico de Ogden e Richards, também chamado de triângulo semântico ou triângulo da referência (cf. BALDINGER, 1970), busca estabelecer relações entre três níveis da realização semântica: o **símbolo** (ou a forma linguística), o **pensamento** (ou referência) e o **referente**. As revisões feitas por outros estudiosos tiveram o objetivo de readequar a lógica por trás do triângulo, conseqüentemente incrementando a discussão sobre onomasiologia, ou seja, sobre como conceitos e coisas no mundo se relacionam a palavras e a expressões da língua.

A seção seguinte (2.2) trata especificamente sobre a onomasiologia, partindo do texto clássico *Semasiologia e Onomasiologia*, de Kurt Baldinger, de 1966. Nesse artigo, Baldinger discute os métodos semasiológico e a onomasiológico como modos opostos para se estudar a semântica de itens lexicais, traçando o percurso histórico desses dois conceitos e a forma como foram concebidos no campo dos estudos lexicais.

A terceira seção do capítulo (2.3) aborda especificamente a relação entre onomasiologia e Lexicografia, tratando diretamente do **dicionário onomasiológico**. Partimos de obras que descrevem a prática lexicográfica, como Babini (2001) e Sterkenburg (2003), que discutem as bases para a construção de dicionários orientados pelo método onomasiológico. A fim de enriquecer a descrição dos tipos de dicionários onomasiológicos que apresentamos, fazemos breves comentários sobre algumas obras e recursos onomasiológicos conhecidos – sendo eles o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, o *Oxford School Thesaurus* e o *Dicionário de sinônimos online* –, o que também ajuda a ilustrar do que se trata, de fato, um dicionário onomasiológico.

## 2.1 PENSAMENTOS, PALAVRAS E COISAS: O TRIÂNGULO DE OGDEN E RICHARDS (1923)

É no primeiro capítulo de sua obra, intitulado *Pensamentos, palavras e coisas* [Thoughts, Words and Things], que C. K. Ogden e I. A. Richards (1923) introduzem o triângulo abaixo, como forma de explicar a relação entre mente, mundo e linguagem.



Fonte: Ogden e Richards (1923).

Como é possível observar na imagem (Figura 1), existem relações causais entre o pensamento e os símbolos. Quando utilizamos a linguagem, fazemos uso de símbolos (ou signos) que são motivados parcialmente pela referência que estamos fazendo e parcialmente por fatores de ordens social e psicológica (OGDEN e RICHARDS, 1923). Por conseguinte, o uso de palavras e expressões e o significado que carregam dependem dos conceitos que fabricamos em nossa mente, levando em consideração aspectos exteriores à mente, como o meio social. Dentre tais fatores psicológicos e sociais, os estudiosos elencam: “[...] o propósito pelo qual estamos fazendo a referência, o efeito proposto de nossos símbolos em outras pessoas e nossa própria atitude”. (p. 11).<sup>7</sup>

Entre pensamento e referente também existem relações causais, que podem ser mais ou menos diretas ou indiretas. Uma relação direta, assim, seria como quando pensamos em um objeto que está a nossa frente; uma relação indireta, por outro lado, seria como pensar ou se referir a Napoleão Bonaparte. Nunca vimos Napoleão em carne e osso, com nossos próprios

<sup>7</sup> No original: [...] the purpose for which we are making the reference, the proposed effect of our symbols on other persons, and our own attitude.

olhos – há, nesse caso, uma longa lista de *sign-situations*<sup>8</sup> que intervêm entre o ato de pensar ou falar sobre Napoleão e o referente em si, que não é outro senão Napoleão: palavra – historiadores – registros contemporâneos – testemunhas oculares – referente. (OGDEN e RICHARDS, 1923).

Por fim, entre símbolo e referente, por outro lado, não há relação relevante. No máximo, poderíamos dizer que se trata de uma relação indireta, em que um falante emprega um símbolo, um signo linguístico, para se referir a uma coisa no mundo. A questão crucial aqui é deixar claro que o símbolo e a coisa não estão conectados diretamente. Isso se torna evidentemente importante quando pensamos na quantidade de problemas que a Semântica – linguística ou não – precisa enfrentar sempre que decide acreditar que *mesa* possui alguma conexão real com o objeto mesa. O próprio Saussure, ainda que Ogden e Richards o tenham criticado fortemente, já nos alertava sobre essa mesma questão: o signo linguístico é arbitrário, a relação entre o significado e o significante é imotivada. A forma *cachorro* nada tem a ver com o animal cachorro diretamente; a única relação entre essas duas *entidades* (uma linguística e uma não linguística) é que se usa palavra para se referir à coisa (uma exceção seria a onomatopeia, fenômeno lembrado tanto por Saussure<sup>9</sup> quanto por Ogden e Richards).

Essa é uma discussão importante para a onomasiologia porque precisamos ser capazes de explicar por que conceitos que estão na mente (e que não são criados aleatoriamente, ou seja, são criados por causa do meio social) evocam itens lexicais. Junto a isso, importa entender que essa relação indireta (que só existe porque usamos palavras para designar coisas) não pode ser de outra forma, ou então estaríamos utilizando o léxico como forma de catalogação estanque de todas as coisas que existem no mundo. Em primeiro lugar, há de se considerar o seguinte: um conceito pode evocar mais de uma estrutura. Se pensarmos, de forma bem geral, em SUPERFÍCIE<sup>10</sup>, teremos no léxico itens diversos, como *mesa*, *escrivanhinha*, *balcão*, *criadomudo*, e assim vai.

Em segundo lugar, e é aqui onde residem grandes questões de interesse da Semântica, o que acontece com palavras como *amor* e *rancor*? Considerando uma visão puramente objetivista, ou seja, de catalogação estanque, palavras desse tipo não significam – e não

---

<sup>8</sup> Essas *sign-situations* mencionadas por Ogden e Richards (1923) seriam tipos de entidades e coisas que “separam” o referente e o ato de se referir a ele, ao mesmo tempo em que auxiliam ou, até mesmo, permitem que façamos referência a ele. Sem historiadores e registros históricos, por exemplo, não poderíamos fazer referência a Napoleão. Além disso, na falta de uma boa tradução para o termo, optamos por manter o original em língua inglesa.

<sup>9</sup> Vale salientar que Saussure rejeita a tese de que a onomatopeia aponta para algum tipo de motivação para o signo linguístico. (cf. SAUSSURE, 1916).

<sup>10</sup> Conceitos, neste trabalho, serão representados assim, em caixa alta, mesmo quando estivermos tratando de conceitos já no contexto da Semântica Cognitiva.

significam porque amor e rancor não existem de forma objetiva!<sup>11</sup> O amor não é uma entidade física, sólida, aprendível, que possa receber uma etiqueta; é uma abstração, uma ideia. Existe porque o meio social entende que existe. Importa à onomasiologia pensar sobre essas questões linguístico-filosóficas, ao passo em que importa a esta pesquisa revisitar todo esse percurso histórico, uma vez que mostra, querendo ou não, quais são e onde estão as fragilidades do modelo clássico. E é ali que nasce a necessidade, ou a oportunidade, se assim preferirmos chamar, de uma reinvenção do que é a onomasiologia. A Semântica tem inegavelmente passado por grandes reinvenções nas últimas décadas, reinvenções que têm impactado fortemente a Linguística como um todo e elevado a Semântica a patamares antes ocupados somente por níveis de análise linguística mais passíveis de sistematização (ou, de acordo com os mais preconceituosos, menos caóticos). As abordagens objetivistas já não são, hoje, protagonistas. E muito disso se deve justamente à forma como novos pontos de vista têm conseguido apontar novas rotas para o estudo da Semântica, o que acaba evidenciando algumas fragilidades das teorias mais tradicionais, como é justamente o caso da relação entre linguagem e mundo no caso de palavras que não designam entidades físicas no mundo objetivo. O cognitivismo oferece uma solução a esse problema, ancorando-se no conceito de conceptualização, que designa, em poucas palavras, o processo de compreensão do mundo, a forma como concebemos cognitivamente tudo que nos rodeia (aprofundamos essa discussão no capítulo seguinte). A onomasiologia pode e deve se valer dessas reinvenções, e concebê-la como parte de uma semântica mais contemporânea, que atualiza o debate acerca da relação entre significado e mundo, é o ponto de partida.

Voltemos a Stephen Ullmann (1964, p. 133):

no passado, fizeram-se tentativas para separar a onomasiologia da semântica e considerá-las como ciências paralelas, ocupando-se a semântica do significado e a onomasiologia da «designação». Isto torna-se absolutamente desnecessário se se adoptar uma definição referencial do significado: ver-se-ão então as duas tendências não como disciplinas distintas, mas como métodos paralelos que partem de extremos opostos.

São necessárias algumas considerações sobre esse trecho de Ullmann: quando ele se refere à Semântica e à onomasiologia como métodos paralelos, instantaneamente percebe-se que houve a alteração do termo “semasiologia” por “semântica”, uma substituição que tem

---

<sup>11</sup> Especificamente sobre isso, Ogden e Richards (1923, p. 12) dizem: “[...] o tipo de simplificação, tipificada por essa teoria uma vez universal, de relações diretas de significado entre palavras e coisas é a fonte de quase todas as dificuldades encontradas pelo pensamento” (no original está assim: [...] the kind of simplification typified by this once universal theory of direct meaning relations between words and things is the source of almost all the difficulties which thought encounters).

origem nos trabalhos de Michel Bréal (GUIRAUD, 1972). O raciocínio é um tanto quanto óbvio: na visão do autor, importa à Semântica muito mais entender o significado das palavras do que entender quais palavras se ligam a conceitos (isso sem falar em entender *por que* tais palavras se ligam a tais conceitos). Além disso, podemos usar o excerto como forma de frisar o que já havíamos dito: a diferenciação entre semasiologia e onomasiologia está nos pontos de partida e de chegada de cada um desses métodos. São perspectivas inversas e, consoante Ullmann (1964), complementares.

O triângulo básico de Ogden e Richards demonstrou crucial importância para o estabelecimento da Semântica como uma disciplina científica, tendo em mente a forma como sistematizou as relações que existem entre os elementos que atuam no processo de realização do significado na língua. A ebulição que tomou conta dos estudos semânticos ao longo do século XX – e aqui nos referimos especialmente à Semântica Estrutural que se baseou em Saussure – levou a modificações do triângulo original, que foi adequado aos posicionamentos de outros semanticistas, como o já citado Stephen Ullmann (1964), Kurt Baldinger (1970) e Klaus Heger (1974).

### **2.1.1 As contribuições de Ullmann (1964) e Baldinger (1970)**

Ullmann (1964, p. 116) caracteriza o triângulo de Ogden e Richards como “[o] mais conhecido modelo analítico do significado [...]”. Para Ullmann, a principal característica do diagrama elaborado em *The Meaning of Meaning* é a distinção entre três componentes da Semântica (símbolo, pensamento e referente), de forma a mostrar que não existe relação direta entre as palavras e as coisas (ainda que não haja nada de substancialmente novo nisso, de acordo com ele). Blikstein (1990) explica que, de acordo com o modelo proposto por Ogden e Richards, o significado está no vértice da referência, ou seja, “[...] a realidade extralinguística não seria decisiva para a articulação do significado dos signos; o que importa é que a relação entre símbolo e referência seja *correta* e até *lógica*.” (p. 25, grifos do autor).

O autor (1964) entende que, para a Semântica, o esquema de Ogden e Richards oferece, ao mesmo tempo, de menos e demais. É demais quando levamos em consideração que, por ser como é, o triângulo básico posiciona o referente (que é o fato não-linguístico, a coisa) nitidamente fora do âmbito da ciência linguística. A semântica linguística, assim, se dedicaria unicamente ao estudo dos símbolos e dos conceitos. Contudo, o mesmo esquema é de menos, pois, para Ullmann, parece dar conta apenas de como a palavra atua no ouvinte, pondo de lado a perspectiva do falante.



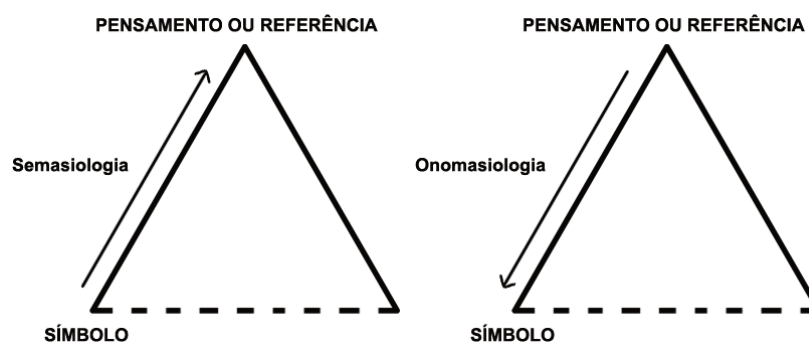
Para o ouvinte, a sequência de acontecimentos será como se mostra no triângulo básico: ouvindo a palavra, suponhamos *porta*, pensará numa porta e assim compreenderá o que está a dizer aquele que fala. Para este, a sequência será exactamente inversa: pensará, por uma razão ou por outra, numa porta, e isto fá-lo-á pronunciar a palavra. Há, portanto, uma *relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido*: se alguém ouvir a palavra, pensará na coisa, e se pensar na coisa, dirá a palavra. (ULLMANN, 1964, p. 119)

É essa relação entre som e sentido,<sup>12</sup> que ele chama de recíproca e reversível, que é o significado de uma palavra.

Percebemos, assim, que Ullmann (1964) fez uma interpretação semasiológica do triângulo de Ogden e Richards. Uma palavra é dita por um falante e ouvida por um ouvinte. O ouvinte, ao ouvir a palavra, acessa o conceito na mente (*pensa no referente*) e compreende o significado. O ponto de partida, nesse caso, é a forma. No esquema original de Ogden e Richards, temos que a relação entre o símbolo e o pensamento é uma relação causal, em que o símbolo simboliza uma referência (que é o pensamento, o fato psicológico). Pela forma como o triângulo foi inicialmente proposto, essa não é uma relação dupla; ela funciona unicamente da palavra em direção ao conceito. Ullmann (1964) propõe que se priorize, também, o processo inverso, que parte do conceito e chega até a forma linguística, o que seria uma abordagem onomasiológica.

Teríamos, então, as seguintes representações do triângulo:

Figura 2: Interpretações semasiológica e onomasiológica do triângulo básico



Fonte: Ullmann (1964).

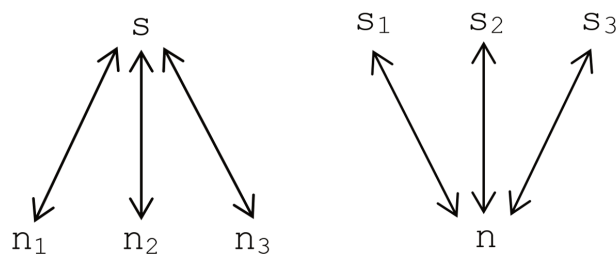
Ainda que Ullmann (1964) reprove certos aspectos do esquema proposto por Ogden e Richards (1923), é de se dizer, contudo, que ele concorda com a perspectiva referencial. Tecendo críticas diretas a Bloomfield, cuja definição de significado é, para Ullmann (1964),

<sup>12</sup> Podemos traçar essa relação de volta à Saussure, que propôs a dicotomia entre um *significante* (que é a forma linguística, fonológica, a que nos referimos como *imagem acústica*) e um *significado* (o conceito ou sentido).

insustentável, uma vez que o equipara ao referente (o que, como vimos, coloca a Semântica em uma posição bastante limitada), o semanticista aponta para a necessidade de que a semântica referencial passe a discutir a relação entre signos e conceitos a partir de uma concepção de significados múltiplos, o que pelo menos dá espaço a uma relação significado-mundo que soa menos como mera “etiquetagem”, em que uma palavra sempre equivale a uma coisa.

Quando se fala da relação entre Semântica e referência, é comum pensarmos diretamente no caso mais óbvio ou mais fácil, em que há um nome e um sentido. Essa relação simples, segundo Ullmann (1964), pode ser representada por uma única linha que liga dois polos:  $s \leftrightarrow n$  (em que  $s$  equivale a sentido e  $n$  a nome). As duas flechas representam o caráter recíproco e reversível, já mencionado, da relação que se estabelece entre esses dois conceitos ou aspectos. Basicamente, o que Ullmann (1964) busca mostrar com essa discussão é que essa simplificação pode gerar problemas. Primeiramente, mais de um nome pode estar ligado a um mesmo sentido, como é o caso de vocábulos como *roupa*, *vestimenta*, *traje*, *fatiota*, *indumento* etc. Da mesma forma, mais de um sentido pode estar ligado a uma mesma forma, como acontece com *banco* ou *manga*, caracterizando casos clássicos de homonímia. Por mais que se possa especular quando e como os sentidos de *banco* se encontram – se é que se encontram –, “Maria foi ao Banco do Brasil” e “Sentei-me no banco e esperei” postulam sentidos completamente opostos para a mesma palavra. Dessa maneira, faz mais sentido pensarmos em diagramas assim:

Figura 3: Relações entre sentido e nome



Fonte: Ullmann (1964).

Outro ponto, atrelado a essa mesma questão, levantado por Ullmann (1964), é o de que essa visão de significado, baseada na concepção de referência, não pode levar a pensar a linguagem a partir de uma visão “atomística”, como se cada palavra fosse uma unidade fechada e isolada das outras. As palavras de uma língua, lembra Ullmann (1964), estão associadas umas às outras, seja pelo som, pelo sentido, ou pelas duas coisas. Essa é, também, uma discussão importante para a onomasiologia.

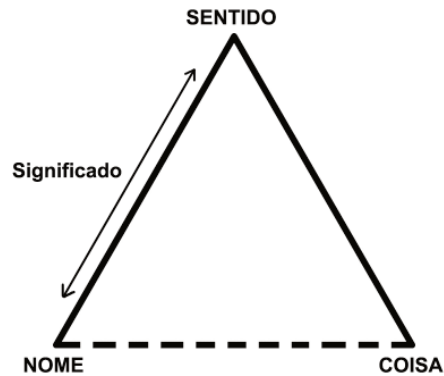
O percurso onomasiológico não pressupõe que um dado conceito vá evocar uma única forma linguística, uma vez que várias palavras (ou expressões) podem se ligar a uma mesma ideia. Ullmann (1964) deu o exemplo da *porta*; quando alguém pensa em uma porta, enuncia /p/o/r/t/a/. Esse é um caso fácil, que não apresenta maiores complexidades. Contudo, se alguém pensa em *amor*, tem a sua disposição uma coleção muito maior de palavras que podem expressar a ideia desse sentimento, de formas mais ou menos específicas. A mesma coisa acontece com *mobília*. Em outras palavras, para a onomasiologia, é de suma importância entender o conceito como algo maior e anterior à palavra. O conceito de porta não é a palavra porta, mas sim a ideia que se tem dela! A palavra nada mais é do que o meio de expressar, *linguisticamente*, essa ideia. O ponto chave é que nem todo conceito será tão específico a ponto de evocar uma única palavra.

Ullmann ainda propõe que se revise a terminologia utilizada no triângulo original de Ogden e Richards (1923). Segundo ele, poder-se-ia utilizar termos extremamente técnicos, como o *significant* e o *signifié* de Saussure (ULLMANN, 1964). Entretanto, é preferível empregar palavras do dia a dia, “[...] dando-lhes um pouco mais de rigor do que tem no emprego vulgar” (p. 119). Partindo desse ponto de vista, Ullmann sugere que se use *nome* no lugar de *símbolo*, *sentido* no lugar de *pensamento/referência* e *coisa* no lugar de *referente*. De acordo com o autor, nesse sentido,

[o] *sentido*, expresso em termos gerais, sem nos fecharmos em nenhuma doutrina psicológica particular, é a «informação que o nome comunica ao ouvinte», enquanto que a «coisa» é o referente de Ogden e Richards, o aspecto ou acontecimento não-linguístico acerca do que falamos. Este último, como vimos, cai fora do âmbito da linguística [...] (ULLMANN, 1964, p. 119)

A partir dessas modificações, Baldinger (1970) representou como ficaria o triângulo da significação após as revisões feitas por Ullmann (1964):

Figura 4: O triângulo de Ullmann



Fonte: Baldinger (1970).

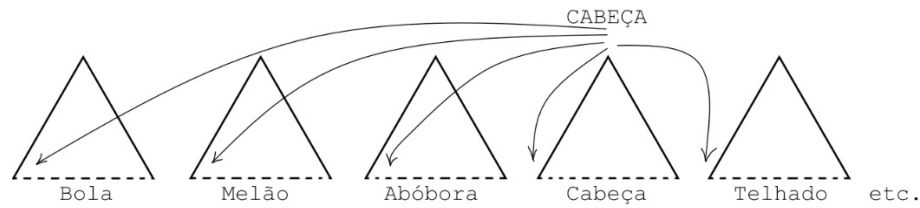
Como pode ser observado na imagem, existe uma clara distinção entre o que é *sentido* e o que é *significado*. O sentido substitui o que Ogden e Richards chamaram de pensamento ou referência. Contudo, continua sendo o conceito, aquilo que está na mente. Já o significado, por sua vez, é o resultado da relação dupla entre nome e sentido. Além disso, ao apresentar uma relação dupla entre nome e sentido, Ullmann (1964) abre as portas para que se discuta a interdependência entre a semasiologia e a onomasiologia.

Baldinger (1970) entende, a partir da concepção de Ullmann (1964), que essa relação entre nome e sentido postula dois campos: um campo das significações, que corresponde à semasiologia, e um campo das designações, que, por conseguinte, corresponde à onomasiologia (exatamente como mostrado anteriormente na Figura 2). Para Baldinger (1970), trata-se de pontos de vista complementares: “[e]sse aspecto duplo de pontos de vista corresponde à dupla natureza do signo linguístico como forma e conteúdo [...]”<sup>13</sup> (p. 116).

O papel da onomasiologia, nessa perspectiva, é de *designar*, isto é, *dar nome* aos conceitos (ou sentidos). Trata-se, como já vimos, de como um dado conceito encontra realização na língua. Em outras palavras, essa ideia, que é um conteúdo mental, pode se expressar por meio de uma série de significantes (BALDINGER, 1970). O autor oferece como exemplo o conceito CABEÇA:

<sup>13</sup> No original: “Este doble aspecto de puntos de vista corresponde a la doble naturaleza del signo linguístico como forma y contenido [...]”.

Figura 5: Designações do conceito CABEÇA



Fonte: Baldinger (1970).

“Cabeça”, segundo Baldinger (1970), é a palavra normal. É, em outras palavras, a que convencionalmente mais se aproxima de CABEÇA. Por conta disso, na representação acima, ocupa o mesmo triângulo em que está o conceito. As outras designações – isto é, as outras palavras que evocam essa ideia – ocupam a posição de *nome* em triângulos diferentes. Todas essas outras designações são secundárias, têm valor *afetivo* (como contrário de *objetivo*). Assim, as *significações* normais dessas outras designações secundárias conduzem a conceitos diferentes, isto é, a outros objetos mentais.

Nesse sentido, para Baldinger (1970), existe uma lógica de organização das palavras evocadas por um conceito: há uma significação normal (ou mais convencional) e significações secundárias. As significações normais estão no mesmo triângulo que o conceito; as secundárias, contudo, ocupam outros triângulos, pois essas palavras também possuem uma significação normal, que não vem ao caso, pois não se relaciona à ideia de cabeça. *Melão*, por exemplo, “evoca” CABEÇA porque a forma arredondada da fruta pode fazer com que alguém pense em uma cabeça (a expressão *cabeça de melão*, quando pesquisada entre aspas no Google, retornou 74.200 resultados no momento da consulta)<sup>14</sup>. Contudo, não há nada na *extensão*<sup>15</sup> de melão – a fruta em si – que remeta à parte superior do corpo. Cabe apontarmos, aqui, para uma proximidade curiosa entre as ideias de Baldinger e o conceito de conceptualização defendido pelo cognitivismo linguístico. Voltando à discussão sobre linguagem e referência, quando se postula que a palavra *melão* mantém qualquer tipo de relação com a ideia que se tem de cabeça, o que está em jogo é muito mais do que o mundo objetivo ou uma mera “visão de mundo” do falante: trata-se de uma **interpretação** do mundo por parte do falante! É como criamos conceitos e como esses conceitos podem ser expressados através da linguagem. E a onomasiologia, estando ela inserida num paradigma estruturalista ou não, não pode empurrar

<sup>14</sup> Pesquisa feita às 11h51min do dia 18 de abril de 2017.

<sup>15</sup> Extensão e intensão são dois conceitos que remetem à Filosofia da Linguagem (e à Semântica Filosófica, portanto). Extensão se refere ao objeto físico a que uma expressão linguística se refere; trata-se daquilo no mundo real; intensão, por outro lado, se relaciona à ideia, ao conceito contido na expressão.

essa parte da discussão para baixo do tapete, afinal de contas é dela o dever de explicar as designações, e isso inclui explicar porque determinadas palavras se ligam a determinados conceitos. O valor deste capítulo para este trabalho, vale reiterar, está não só na necessidade de resgatar a onomasiologia a partir das suas raízes no estruturalismo, mas também em mostrar porque a escolha pelo cognitivismo faz sentido.

Dessa forma, como já vimos, então, se buscamos as significações de um significante, obtemos um campo de significações, ou seja, a semasiologia. Em contrapartida, se nos perguntamos quais as designações de um conceito, temos um campo de designações, que é a onomasiologia. Essas estruturas são *microestruturas*, uma vez que são formadas sempre por *um* objeto mental e *um* significante (BALDINGER, 1970).

As constantes adaptações do triângulo básico de Ogden e Richards (1923), bem como as discussões que desencadearam no campo da semântica, incluem também o trabalho de Klaus Heger (1974), bem como sua proposta de substituição do triângulo básico por um trapézio.

### 2.1.2 O trapézio de Heger (1974) e a expansão da discussão sobre semântica e referência

De acordo com Heger (1974), lembrando o que já vimos anteriormente, a semasiologia parte do significante e investiga as significações, isto é, as relações que se estabelecem entre uma palavra e vários conceitos; a onomasiologia, por outro lado, se volta para as relações que podem existir entre um conceito e várias palavras. Para esse autor, ao considerarmos a semasiologia e a onomasiologia, isso implica três modificações na interpretação das partes do triângulo básico.

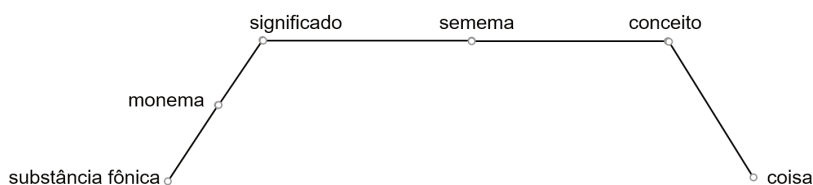
Primeiramente, o triângulo (seja o modelo clássico de Ogden e Richards ou qualquer das versões propostas por Baldinger e Ullmann) deixa de servir como um modelo para a descrição dos fenômenos linguísticos e passa a se tornar a representação de dois **percursos metodológicos**, os quais espelham as questões que permeiam o campo da ciência linguística. Em segundo lugar, abandona-se qualquer tentativa de uma relação de “equilíbrio quantitativo” entre significante e conceito, uma vez que um conceito pode estar ligado a vários significantes e vice-versa. Por fim, para Heger (1974), tanto a semasiologia quanto a onomasiologia podem ser estudadas a partir do viés diacrônico ou sincrônico, não estando presas a um nem a outro. Dessa forma, é necessário que tanto o significante quanto o conceito sejam independentes não só entre si, mas também de toda espécie de condicionamento imposto por uma determinada época ou língua. Para a onomasiologia, isso significa que um conceito não pode estar ligado

intrinsecamente a uma dada interpretação que é característica de uma época ou momento específico.

Com relação às modificações feitas no triângulo básico original, Heger (1974) fez duras críticas a Baldinger e aos seus esforços de adequar o triângulo de Ogden e Richards (1923) ao pensamento de Ferdinand de Saussure. Basicamente, Heger mostra que, a partir do momento em que um significante ou conceito pode estar ligado a vários conceitos ou significantes respectivamente, desmonta-se completamente a teoria do signo linguístico de Saussure – não há o chamado equilíbrio quantitativo nem pode haver. A semasiologia e a onomasiologia não permitem. E a teoria do signo linguístico está baseada justamente sobre a hipótese de um pareamento indissolúvel entre **um** significante e **um** significado.

E é com a intenção de preservar a relação única entre significante e significado que caracteriza o signo linguístico de Saussure que Heger propõe um novo esquema, substituindo o triângulo por um trapézio, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 6: O trapézio de Heger (1974)



Fonte: Heger (1974).

O lado esquerdo do trapézio corresponde, segundo Heger (1974), àquilo de que depende a estrutura de uma língua; trata-se do signo linguístico em termos saussurianos, simples assim. Tem-se a substância fônica, isto é, o significante, e o significado. Entre esses dois componentes há o monema, que corresponde a uma unidade significativa mínima elementar (cf. MARTINET, 1973).<sup>16</sup> Essa relação se manifesta simultaneamente em três níveis: o nível da substância da expressão, que é apreensível na experiência empírica, o nível da forma de expressão e de conteúdo, em que se dá a formalização pela língua, e o nível da substância de conteúdo conceitual. (HEGER, 1974).

No lado direito, o qual, para o autor (1974), independe da estrutura de uma dada língua e apresenta problemas fora do alcance da Linguística, relaciona coisa e conceito. A coisa nada

<sup>16</sup> Um monema pode ser uma palavra, uma raiz, um morfema etc. André Martinet (1973) divide os monemas em *monemas lexicais* (lexemas) e *monemas gramaticais* (morfemas). Na terminologia de Bernard Pottier (1978), contudo, um lexema corresponde a um *morfema lexical*.

mais é do que o objeto presente no mundo, é a realidade extralinguística, enquanto o conceito é a ideia abstrata que se tem da coisa. É claro que, à luz de um prisma estruturalista, este é um problema muito mais filosófico do que linguístico, e não à toa foi, durante séculos, uma das questões mais discutidas pela Filosofia da Linguagem, remontando aos primeiros filósofos gregos. Não devemos esquecer, contudo, que a emergência de novos modelos teóricos para a análise linguística têm defendido bases filosóficas que contemplam tais questões “existenciais”, como é o caso da Linguística Cognitiva e a corporeidade, as quais aprofundaremos no capítulo seguinte.

A união dos lados esquerdo e direito acontece pelo eixo superior do trapézio, que corresponde ao domínio das “unidades mentais” (HEGER, 1974). Conceito e significado estão ligados por um semema.<sup>17</sup> Os sememas, no trapézio, fazem a ligação entre o que é mental e o que é puramente linguístico.

O fato, aqui, é que Heger (1974) apresenta o trapézio como uma forma de provar teses opostas. A onomasiologia, como já bem sabemos, parte de um conceito e abre espaço para um campo de designações, enquanto a semasiologia trata especificamente da significação de um dado nome. Segundo Baldinger (1966), com relação ao trapézio de Heger (1974), a estrutura semasiológica parte de um mesmo monema para atingir uma estrutura conceptual. O campo semasiológico é composto por um grupo de sememas ligados a um só significado, que por sua vez se liga a um só monema. Já a onomasiologia parte de um conceito para atingir diferentes monemas. O campo onomasiológico é composto por um grupo de sememas ligados a um só conceito, que se realiza em diferentes significados, logo diferentes monemas.

O que Heger fez, *grosso modo*, foi estabelecer **no esquema** uma distinção entre o que é o significado e o que é o conceito, uma vez que esses dois componentes se confundiam na representação pelo triângulo, impedindo que um único símbolo (ou substância fônica) se ligue a vários significados diferentes. Cabe salientar que isso não descarta o fenômeno da polissemia nem o da homonímia, dado que, nesses casos, estaríamos lidando com unidades virtualmente diferentes. A questão principal é que, partindo do trapézio de Heger (1974), nem a semasiologia nem a onomasiologia quebram a unicidade do signo linguístico saussuriano, algo que, ao nosso ver, não oferece grandes oportunidades à onomasiologia. Caso *unidades virtualmente diferentes* seja simplesmente a ideia de que unidades que compartilham a mesma forma são, na prática, unidades independentes, então tudo se resolve se passarmos a tratar a polissemia como homonímia. O que a onomasiologia ganha com isso? A onomasiologia precisa de uma estrutura

---

<sup>17</sup> O semema é a substância de um morfema (POTTIER, 1978).



epistemológica sólida e robusta, que explique o que faz com que unidades específicas do léxico se enquadrem dentro de conceitos, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para organizar internamente essa multiplicidade de unidades. O trapézio de Heger, na angústia de preservar a integridade do signo linguístico saussuriano a qualquer custo, limitou ainda mais a onomasiologia.

## 2.2 SEMASIOLOGIA E ONOMASIOLOGIA (BALDINGER, 1966)

Baldinger (1966) aborda os métodos semasiológico e onomasiológico no contexto da evolução da ciência linguística ao final do século XIX e início do XX, quando se passou do **som** à **palavra**. Além disso, a Linguística, antes unidimensional (fazendo referência aos modelos histórico-comparativos), se tornou bi- ou tridimensional. Em outras palavras, tornou-se **estrutural**. A partir do impacto causado por Ferdinand de Saussure e da disseminação de suas ideias – o que muito se deve à publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916 –, a Linguística não só se estabeleceu como uma ciência moderna e autônoma, mas também iniciou uma fase de estudos voltados à língua enquanto estrutura. Passou-se ao estudo de um **sistema solidário** de signos.

Os conceitos de semasiologia e a onomasiologia surgem nesse contexto histórico, no início do século XX, inicialmente atraídos pela pesquisa histórica (ou diacrônica), ainda que também a serviço dos estudos estruturalistas (que seguiam a perspectiva sincrônica defendida por Saussure). Retomando os dois conceitos, a semasiologia segue um percurso que parte da palavra e chega ao seu significado ou significados; a onomasiologia, em contrapartida, parte de um conceito (que é mental, abstrato) para chegar às palavras. A partir disso, segundo Baldinger (1966), a onomasiologia implica desde o início uma preocupação de ordem estrutural.

Foi no campo da Semântica Estrutural, inclusive, que se desenvolveu a **teoria dos campos lexicais** (ou campos semânticos), de autoria de Jost Trier, ainda que Lyons tenha encontrado raízes históricas nas ideias de Humboldt e Herder (cf. JACKSON e AMVELA, 2000). Para Ullmann (1964), a teoria de Trier fornece meios valiosos para se lidar com um problema que é, ao mesmo tempo, difícil e de muita importância, que é a influência da linguagem no pensamento.

Especificamente em relação à semasiologia, Baldinger (1966) apresenta considerações de cunho mais histórico, ainda que defenda que “[...] o estabelecimento dos campos semasiológicos é a tarefa central de qualquer léxico alfabético e sincrônico” (p. 13). Ao refletirmos sobre o significado de uma palavra, somos levados a pensar nos usos e nos variados

contextos em que tal palavra é utilizada. Em um dicionário alfabético de ordem semasiológica, substitui-se contextos por uma **definição**. E essa definição, que é o que se chama de estrutura semasiológica da palavra, é de grande importância para a interpretação de qualquer um dos contextos que uma dada lexia possa apresentar.

Posto que ainda houvesse muito a se dizer sobre a estrutura semântica de uma determinada palavra, é fato que, primeiramente, nos voltaríamos à estrutura semasiológica. Conforme diz Pierre Guiraud (1972), toda palavra tem uma espécie de “nó semântico” que é mais ou menos denso, mais ou menos volumoso, que é cercado por uma auréola de associações secundárias, afetivas ou sociais. O nó é o campo semasiológico, é a definição. Todo o resto compõe o conjunto de contextos de usos pessoais.

Somente a semasiologia, portanto, permite, partindo de um grande número de contextos de uso, estabelecer as generalizações de uma significação específica. A semasiologia trata, assim, da passagem do periférico para o central, ou do específico para o genérico. Um dicionário semasiológico, organizado alfabeticamente, não costuma se deter a cada uso particular que uma palavra possa apresentar.

O percurso onomasiológico, por outro lado, inicia com um elemento mais geral, que é o conceito, e parte em busca daquilo que é mais específico, ou melhor, dos itens linguísticos de um léxico em questão que se relacionam a esse conceito. Pode-se entender melhor a onomasiologia a partir da relação que esta mantém com a semasiologia e vice-versa.

A interdependência entre a semasiologia e a onomasiologia, segundo Baldinger (1966), está relacionada à própria estrutura do léxico das línguas. Vejamos como isso se dá no campo da diacronia: ao verificarmos o campo semasiológico de uma determinada palavra ao longo do tempo, teremos possivelmente uma lista de significados. Espera-se que, em alguma medida, esses significados possam ou não apresentar relações. Em um estudo diacrônico, Baldinger (1966) percebeu que “trabalhar” e “laborar” faziam parte do conjunto de significações da palavra “trabalho”. A posição dessas significações no campo semasiológico determinada também a sua posição no campo onomasiológico de “trabalho”.

A semasiologia e a onomasiologia examinam as duas microestruturas fundamentais do léxico de uma língua. É fato que a onomasiologia promete resultados mais inovadores, principalmente levando em consideração a relação intrínseca que mantém com aspectos sociais e pragmáticos dos fatos linguísticos, de acordo com Baldinger (1966). Nesse sentido, o autor já vislumbrava a necessidade de se considerar aspectos exteriores ao puro sistema linguístico, isto é, que perpassam a estrutura linguística. Contudo, parece-nos difícil argumentar a favor das semânticas estruturalistas no que tange a essa necessidade, uma vez que o estruturalismo

linguístico está fundamentado justamente na concepção de sistema, de estrutura: a dicotomia *langue x parole* (de)limita a semântica estrutural, o que, por consequência, limita a onomasiologia quando vista sob essa ótica. Vemos, assim, mais um argumento a favor desta tese, haja vista que nosso objetivo central é propor as bases de um modelo teórico-metodológico que liga a onomasiologia a uma Semântica Lexical Cognitiva.

Voltando a Baldinger (1966), este defende que se tenha dois tipos distintos de dicionários: um que parte de uma listagem alfabética (ou fonológica) e que liste significados – ou seja, o dicionário semasiológico, ao qual já estamos mais do que habituados – e um que parta de conceitos, que seja onomasiológico. Tanto o método semasiológico quanto o onomasiológico, portanto, possuem razão de ser.

Partindo da retomada histórica do conceito de onomasiologia – bem como da semasiologia e de todo o contexto histórico que permitiu o surgimento dessas duas abordagens no campo da Linguística – e das reflexões que fizemos até aqui, passamos, agora, à discussão sobre o dicionário onomasiológico. Até este momento do trabalho, tratamos da onomasiologia como um método para análise lexical à luz do estruturalismo, de modo que foi possível compreendermos de que forma o pensamento onomasiológico funciona, assim como quais os desafios que este encontra no paradigma tradicional abordado. Sendo assim, na próxima seção, a onomasiologia passa a ser abordada sob o viés da Lexicografia. Em outras palavras, o foco, a partir de agora, são as obras e recursos lexicográficos que seguem orientação onomasiológica clássica, o que é importante para este trabalho, haja vista que uma proposta baseada na Semântica Lexical Cognitiva (ou qualquer outra abordagem que não seja a tradicional) precisa entender aquilo que já existe e que já se conhece sobre esse tipo de recurso, ainda que, em muitos casos, isso sirva mais para compreendermos quais são as necessidades de mudança.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO

Nesta seção, partimos, inicialmente, de uma exposição sobre o que caracteriza um dicionário onomasiológico mais tradicional, ou seja, alinhado ao pensamento estruturalista clássico, o qual embasa as primeiras e mais proeminentes discussões sobre onomasiologia a que temos acesso. Além disso, é nosso objetivo, também, abordar uma classificação de diferentes tipos de dicionário onomasiológico, verificando como a onomasiologia se apresenta em recursos com estruturas e objetivos distintos.

Assim sendo, segundo Babini (2001), o dicionário onomasiológico foi concebido para dar conta das dificuldades que o usuário enfrenta ao consultar um dicionário tradicional. Ainda

que a lista alfabética seja consideravelmente fácil de lidar tanto para quem produz o dicionário quanto para quem o utiliza, é possível que o usuário tenha uma ideia do significado da palavra que quer encontrar, mas não a sua forma. É possível, também, que ele esteja à procura de palavras relacionadas a um dado verbe, que podem ser sinônimos, antônimos etc. Nesses casos, o dicionário tradicional, que é orientado pelo método semasiológico, pode não atender às necessidades do usuário. O dicionário onomasiológico, por sua vez, ao apresentar uma estrutura que parte dos conceitos para os verbetes, pode resolver ambas dificuldades.

Uma das vantagens do dicionário onomasiológico é a de apresentar muitas palavras semanticamente relacionadas lado a lado, aumentando a capacidade de expressão e o senso de lógica do usuário, uma vez que este tem acesso a um inventário muito maior de unidades lexicais a sua disposição. Um dos objetivos do dicionário onomasiológico, nesse sentido, é, também, auxiliar a escrita e a expansão do vocabulário. É esse, por exemplo, um dos objetivos do *Oxford School Thesaurus* (2016, p. vi)<sup>18</sup>:

Um tesouro oferece alternativas – muitas vezes mais interessantes e coloridas – às palavras que você já conhece e usa; estes são conhecidos como sinônimos. Em alguns casos, ele também fornece o oposto de palavras, conhecidas como antônimos. Usar um tesouro regularmente irá estender o seu vocabulário e ajudá-lo a ser mais preciso e imaginativo na maneira como você se expressa.

Consoante Babini (2006), o dicionário onomasiológico tem o dever de resolver o problema inverso daquele de um dicionário semasiológico. Em outras palavras, para uma determinada ideia ou conceito, o dicionário de orientação onomasiológica deve apresentar a relação de palavras presentes em um determinado léxico que se usam a – ou evocam – essa ideia ou conceito. No que diz respeito ao percurso onomasiológico e à estruturação de um dicionário desse tipo, Babini (2001) lista seis possibilidades (que podem ou não ser utilizadas simultaneamente): (i) pelo sistema nocional ou plano de classificação dos conceitos, apresentados no início da obra lexicográfica, (ii) pela classificação sistemática das entradas, (iii) pelo conteúdo semântico das entradas, (iv) pela sinonímia, (v) pela antonímia, ou (vi) por analogia.

Essas diferentes possibilidades, quando postas em prática no desenvolvimento de recursos lexicográficos, dão vida a obras igualmente diferentes, o que nos leva à descrição de

---

<sup>18</sup> A thesaurus gives you alternatives – often more interesting and colourful ones – to the words you already know and use; these are known as *synonyms*. In some cases, it also gives you the opposite of words, which are known as *antonyms*. Using a thesaurus regularly will extend your vocabulary and help you to be more accurate and imaginative in the way that you express yourself.

uma tipologia dos dicionários onomasiológicos, o que, como dito anteriormente, nos permite ver como a onomasiologia se aplica aos fins lexicográficos em obras de naturezas diferentes.

### 2.3.1 Uma breve tipologia dos dicionários onomasiológicos e alguns exemplos pertinentes

Sterkenburg (2003) cita, primeiramente, aquilo que chama de **dicionários sistemáticos**. Podemos dizer que esse é o tipo mais prototípico de dicionário onomasiológico, em que as palavras são reunidas a partir dos seus significados e sob um conceito que faz parte de um sistema guarda-chuva de conceitos. Esse tipo de dicionário foi inspirado pela visão de que a realidade a nossa volta pode ser dividida e descrita a partir de um sistema de conceitos.

Um número de palavras pertence a cada um desses conceitos separados, de forma que elas podem ser organizadas hierarquicamente com base nos traços de similaridade que apresentem. Vale mencionar que os dicionários sistemáticos ficaram particularmente famosos sob o nome de *thesaurus*, ou tesouro (STERKENBURG, 2003). Podemos citar, por exemplo, o *Thesaurus of English Words and Phrases*, publicado por Mark Roget em 1852, e o *Longman Lexicon of Contemporary English*, publicado por T. McArthur em 1981. O thesaurus de Roget apresenta a seguinte divisão em conceitos: *relações abstratas, espaço, matéria, intelecto, volição e afeições*.<sup>19</sup> O quadro abaixo (Quadro 1) ilustra a organização do thesaurus de Roget.

Quadro 1: Sistema de conceitos do *Thesaurus of English Words*

	Classe		Seção
1	Relações abstratas	1	Existência
		2	Relação
		3	Quantidade
		4	Ordem
		5	Número
		6	Tempo
		7	Mudança
		8	Causa
2	Espaço	1	Geral
		2	Dimensões
		3	Forma
		4	Movimento
3	Matéria	1	Geral
		2	Inorgânica
		3	Orgânica
4	Intelecto	1	Formação de ideias

<sup>19</sup> No original: *abstract relations, space, matter, intellect, volition and affections*.

		2	Comunicação de ideias
5	Volição	1	Individual
		2	Intersocial
6	Afeições	1	Gerais
		2	Pessoais
		3	Complacentes
		4	Moral
		5	Religiosas

Fonte: Roget (1852).

O dicionário de McArthur, por sua vez, se subdivide em, por exemplo, *vida e seres vivos, o corpo: suas funções e bem-estar, pessoas e família* etc. (STERKENBURG, 2003).<sup>20</sup> De acordo com McArthur (1981), o usuário pode usar o *Lexicon* de duas maneiras: é possível procurar por uma única palavra no index ao final do livro, bem como buscar um assunto no sumário. Percebemos, nesse sentido, que o *Lexicon* de McArthur, embora seja substancialmente uma obra onomasiológica, apresenta também uma forma de consulta semasiológica, o que também ajuda a demonstrar a relação intrínseca entre a onomasiologia e a semasiologia.

Em língua portuguesa do Brasil, temos o *Dicionário analógico da língua portuguesa* (AZEVEDO, 2010), doravante *DaLP*, já mencionado, o qual se enquadra bem na ideia de dicionário sistemático organizado a partir de um sistema guarda-chuva de conceitos. A obra, já na capa, anuncia ser um dicionário de *ideias afins*, ou um *thesaurus*. Na apresentação da obra, lê-se:

Um dicionário analógico, ou de ideias afins, ou *thesaurus*, como concebido por Peter Mark Roget, parte de um pressuposto simétrico àquele que rege a função de um dicionário de língua, como o conhecemos. Este é uma ferramenta de busca de significados e informações de uso para palavras que conhecemos; ou seja, partimos de uma palavra conhecida para buscar-lhe as acepções e usos possíveis. O dicionário analógico [...] pressupõe que, ao contrário, temos noção de um significado, temos uma intenção de uso, mas não nos ocorre uma palavra satisfatória.

O dicionário analógico ou sistemático, à vista disso, apresenta uma nuvem de palavras e expressões análogas num grau maior ou menor de aproximação, possibilitando ao usuário que este encontre a que melhor expressa a ideia que ele tem em mente. As informações contidas no *DaLP* estão organizadas a partir da seguinte classificação: *relações abstratas, espaço, matéria, entendimento, vontade e afeições*. Cada uma dessas seis **classes** se subdivide em **divisões de categoria**, conforme podemos ver na Figura 7.

<sup>20</sup> No original: life and living things, the body: its functions and welfare, people and the family.

Figura 7: Quadro de classificação das palavras

classificação das palavras			
<i>Classes</i>	<i>Divisões</i>		<i>Números</i>
I. RELAÇÕES ABSTRATAS	I.	Existência	1 – 8
	II.	Relação	9 – 24
	III.	Quantidade	25 – 57
	IV.	Ordem	58 – 83
	V.	Número	84 – 105
	VI.	Tempo	106 – 139
	VII.	Mudança	140 – 152
	VIII.	Causa	153 – 179
II. ESPAÇO	I.	Em Geral	180 – 191
	II.	Dimensões	192 – 239
	III.	Forma	240 – 263
	IV.	Movimento	264 – 315
III. MATÉRIA	I.	Em geral	316 – 320
	II.	Inorgânica	321 – 356a
	III.	Orgânica	357 – 449
IV. ENTENDIMENTO	I.	Formação das Ideias	450 – 515
	II.	Comunicação das Ideias	516 – 599
V. VONTADE	I.	Individual	600 – 736
	II.	Com referência à Sociedade	737 – 819
VI. AFEIÇÕES	I.	Em Geral	820 – 826
	II.	Pessoais	827 – 887
	III.	Simpáticas	888 – 921
	IV.	Morais	922 – 975
	V.	Religiosas	976 – 1000

xiii

Fonte: Azevedo (2010).

As três primeiras divisões da classe *relações abstratas*, por exemplo, são *existência*, *relação* e *quantidade*. Na Figura 8, temos acesso à primeira página do **quadro sinóptico de categorias** do *DaLP*, o qual organiza todas as palavras e expressões pertencentes a cada divisão de cada classe.

Figura 8: Quadro sinóptico de categorias

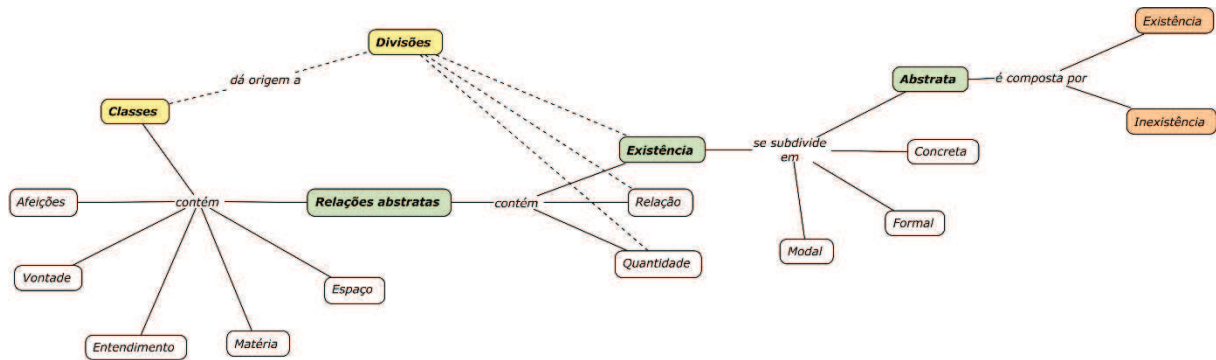
Classe I. RELAÇÕES ABSTRATAS			
Divisão I. EXISTÊNCIA			
<b>1*) Abstrata</b>	1. Existência		2. Inexistência
<b>2*) Concreta</b>	3. Substancialidade		4. Insustancialidade
<b>3*) Formal</b>	5. Intrinsecabilidade		6. Extrinsecabilidade
<b>4*) Modal</b>	<i>Absoluta</i>		<i>Relativa</i>
	7. Estado		8. Circunstância
Divisão II. RELAÇÃO			
<b>1*) Absoluta</b>	9. Relação		10. Não relação
	11. Consanguinidade		
	12. Correlação		
	13. Identidade		14. Contraste
		15. Diferença	
<b>2*) Contínua</b>	16. Uniformidade		16a. Diversidade
<b>3*) Parcial</b>	17. Semelhança		18. Dessemelhança
	19. Imitação		20. Originalidade
		20a. Variedade	
	21. Cópia		22. Protótipo
<b>4*) Relação geral</b>	23. Acordo		24. Desacordo
Divisão III. QUANTIDADE			
	<i>Absoluta</i>		<i>Relativa</i>
<b>1*) Simples</b>	25. Quantidade		26. Grau
<b>2*) Comparativa</b>	27. Igualdade		28. Desigualdade
		29. Média	
		30. Compensação	
	<i>por comparação</i>		
	31. Grandeza		32. Pouquidão
	<i>Por comparação com um objeto semelhante</i>		
	33. Superioridade		34. Inferioridade
	<i>Variação de quantidade</i>		
	35. Aumento		36. Diminuição

xiv

Fonte: Azevedo (2010).

A divisão *existência* apresenta ainda mais um subnível: *abstrata*, *concreta*, *formal* e *modal*. As palavras numeradas de um a oito são, assim, os grupos que compõem a divisão *existência*, dentro da classe *relações abstratas*, e sua posição no quadro define se designam uma existência abstrata, concreta, formal ou modal. O fluxograma abaixo (Figura 9) ilustra a forma como o *DaLP* organiza as categorias.



Figura 9: Organização conceitual do *DaLP*

Fonte: Elaborado pelo autor.

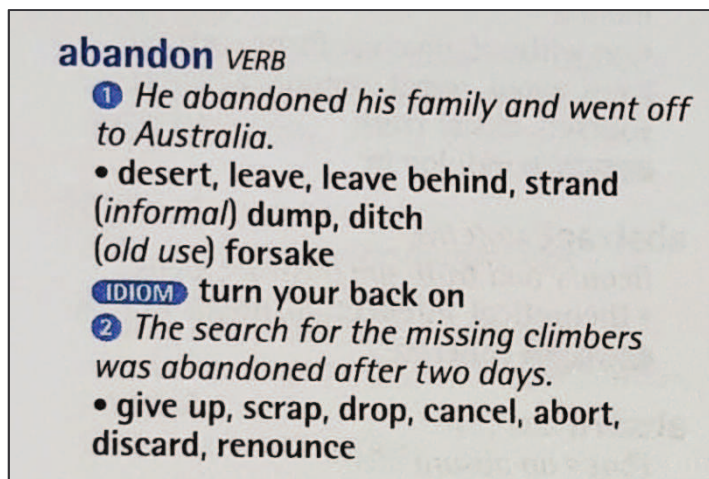
Como podemos perceber pela imagem, os níveis conceituais são muito mais complexos do que, à primeira vista, parecem ser. *Existência* e *inexistência* são **grupos conceituais** que não estão simplesmente enquadrados na categoria *relações abstratas*, mas sim na subcategoria *existência abstrata*, que é um tipo de relação abstrata. Um dos desafios desta tese, neste caso, é compreender como uma metodologia baseada em *frames* – e, de modo mais geral, nos preceitos da Semântica Lexical Cognitiva – pode replicar esse nível de detalhamento.

Outro exemplo interessante é o já mencionado *Oxford School Thesaurus*, doravante *OsT*, que, ao contrário do *DaLP*, não apresenta uma classificação por domínios, ou seja, as palavras não estão inseridas em nenhuma cadeia de conceitos. O que o *OsT*, apresenta, na verdade, é uma estrutura semasiológica – haja vista que as unidades lexicais estão dispostas alfabeticamente – que, ao invés de fornecer definições, fornece uma lista de sinônimos e, quando é o caso, um antônimo, além de expressões idiomáticas e exemplos de uso (segundo o *website* da Oxford University Press, o *OsT* conta com o *Oxford Children's Corpus*).

Vejamos, a seguir (Figura 10), a unidade lexical *abandon*. Primeiramente, ao lado da cabeça de verbete, podemos perceber a indicação da classe gramatical a que pertence à palavra (*verb*). A estrutura do verbete está dividida em duas partes, demarcadas pelos números 1 e 2. Cada um desses números indica um sentido diferente da palavra *abandon*. No primeiro, temos o sentido de abandono, de deixar algo para trás, como podemos ver pelo exemplo (*He abandoned his family and went off to Australia*) e pelos sinônimos, como *desert* e *leave* (*deserdar* e *deixar*, respectivamente). Notemos, também, que alguns desses sinônimos são marcados como informais, e outros como arcaicos ou fora de uso (*old use*). Além disso, para esse sentido em particular, o *OsT* apresenta uma expressão idiomática que, embora não inclua a palavra *abandon*, evoca o seu sentido (*turn your back on*, algo como *dar as costas para*). Já o segundo sentido, marcado pelo número 2, expressa o sentido de desistir, de abortar uma ação,

o que se evidencia, novamente, pelo exemplo de uso (*The search for the missing climbers was abandoned after two days*) e pelos sinônimos fornecidos, como *give up*, *scrap*, *drop* e *abort* (*desistir*, *jogar fora*, *largar* e *abortar*, respectivamente).

Figura 10: Microestrutura do verbete *abandon* no *Oxford School Thesaurus*



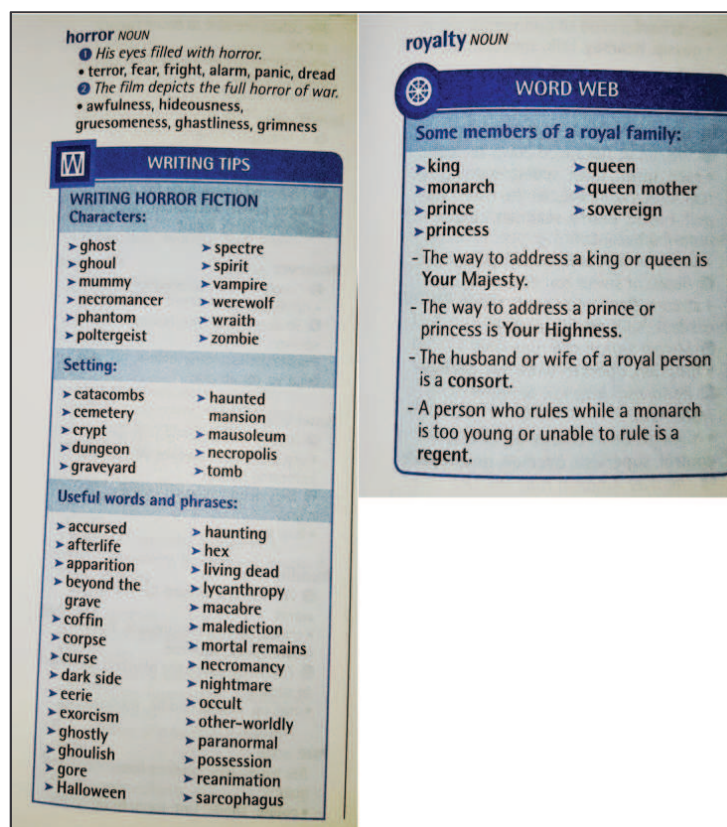
Fonte: *Oxford School Thesaurus* (2016).

Contudo, embora não apresente um sistema de conceitos que abarque todo o conjunto de unidades lexicais, o OsT destaca determinadas palavras, como *royalty* e *body*, que são apresentadas dentro de duas seções, *word webs*, ou *redes de palavras*, e *writing tips*, ou *dicas de escrita* (Figura 11).

Em relação à seção *writing tips*, o objetivo do tesouro é fornecer informações que ajudem os estudantes na composição de textos. A palavra *horror*, como podemos perceber pela figura, apresenta um quadro com uma quantidade generosa de palavras relacionadas, divididas em categorias como personagens, cenários e palavras e expressões úteis. Assim, o OsT disponibiliza algo na linha de um *campo semântico* – ou mesmo um *frame* –, listando unidades que transitam pelo mesmo domínio expressado pela cabeça de verbete.

Já a seção *word web*, por sua vez, apresenta palavras que pertencem à categoria retratada pela cabeça de verbete. Vejamos o verbete *royalty*, conforme a figura. Rei, rainha e monarca (*king*, *queen* e *monarch*, respectivamente) são parte da realeza. Trata-se de uma relação entre classe e subclasse, a hiperonímia. Por se tratar de um tesouro escolar, o *OsT* não apresenta a informação nesses termos.

Figura 11: Seções *writing tips* e *word web* no *Oxford School Thesaurus*



Fonte: Oxford School Thesaurus (2016).

É interessante percebermos o quanto o *DaLP* e o *OsT* são diferentes, ainda que as duas obras se enquadrem na categoria de dicionário sistemático ou tesauro. Cabe mencionar, contudo, que o *OsT*, embora apresente a palavra *thesaurus* no título, não possui uma estrutura convencional desse tipo de material, se assemelhando muito mais àquilo que Sterkenburg (2003) apresenta como dicionários de sinônimos propriamente ditos. Outro ponto a ser destacado sobre o *OsT* é que ambas as seções *writing tips* e *word web* trazem aquilo que chamamos de conhecimento enciclopédico, isto é, informações que não são, *stricto sensu*, linguísticas. São, em outras palavras, conhecimento de mundo, algo que as semânticas formais rejeitam, uma vez que não comportam nenhum tipo de dado que seja exterior ao domínio do sistema linguístico. Aqui está exposto, mais uma vez, uma das fragilidades da onomasiologia tradicional, que emerge da semântica estrutural: a onomasiologia não tem como fugir do *extralinguístico*, como já vimos anteriormente, haja vista que ela parte justamente de conceitos, abstrações. A onomasiologia não tem como dar as costas àquilo que a semântica estrutural não consegue abraçar. Essa é a raiz do problema! É irônico perceber que a classificação proposta pelo *DaLP* (ver Figura 7) é, querendo uma não, uma ontologia, ou seja, uma forma organizada

de conceber o mundo. Esse é um conceito que vem da Filosofia, não da Linguística. O que há de linguístico em uma ontologia? Partindo de uma premissa estruturalista, isso se torna um problema. Talvez esteja aí a razão pela qual a onomasiologia nunca alcançou o *status* da semasiologia, a despeito de ser muito mais promissora, como defendia Baldinger.

A breve apresentação que fizemos do DaLP e do OsT serviu, assim, não só para ilustrar como são, na prática, dicionários onomasiológicos disponíveis ao público, mas também para evidenciar características extremamente importantes desse tipo de obra. Como vimos, não há como ignorar a dimensão enciclopédica em recursos desse tipo. A nossa proposta, a qual se baseia em uma Semântica Lexical Cognitiva, depende essencialmente dessa dimensão; tem o conhecimento enciclopédico como algo intrinsecamente relacionado à dimensão linguística, sendo assim nosso ponto de partida, o que reitera a validade da proposta.

Voltando à tipologia dos dicionários onomasiológicos, o segundo tipo trazido por Sterkenburg (2003) é o **dicionário de sinônimos**, desenvolvido com o objetivo de que usuários possam encontrar palavras alternativas àquela em que pensaram, mas que carregam o mesmo significado. Dicionários desse tipo podem ser divididos em: (a) dicionários de sinônimos tradicionais, que trazem informações em texto-corrido, e (b) dicionários de sinônimos taxonômicos. Os dois tipos são ordenados alfabeticamente. As cabeças de verbete, ou *headwords*, são, geralmente, a palavra mais comum ou neutra de uma cadeia de sinônimos.

O dicionário de sinônimos tradicional abarca grupos de palavras que resultam da questão “com quais palavras se expressa dado significado?” Sterkenburg (2003) dá o exemplo da palavra “prisão”. Para a pergunta “como se chama a construção na qual prisioneiros ficam trancados?”, tem-se respostas como: penitenciária, casa de detenção, cela, masmorra, *centro de detenção jovem*, *reformatório* etc. Como podemos perceber, portanto, o *OsT* parece muito mais um dicionário de sinônimos do que um tesouro.

O agrupamento dessas palavras acima nos leva a uma segunda questão: “a partir de quais critérios podemos considerar os componentes desse paradigma sinônimos?” A resposta para essa pergunta depende de uma operação semasiológica. Consideremos, primeiramente, as palavras *penitenciária*, *casa de detenção*, *cela* e *masmorra*. Segundo o autor (2003), essas unidades linguísticas possuem a mesma denotação e características conceptuais de *prisão*. Elas diferem em aspectos conotativos. Agora, vejamos *centro de detenção jovem* e *reformatório*. Essas palavras são parte do conceito, porém têm uma relação diferente com *prisão*: são hipônimos de *prisão*, que caracteriza um hiperônimo.

O segundo tipo de dicionário de sinônimos se baseia nos relacionamentos taxonômicos que se formam entre palavras semanticamente relacionadas. Conforme Sterkenburg (2003),

nesse caso, não se segue o modelo de texto corrido. Sinônimos e antônimos são colocados horizontalmente. Os hipônimos são localizados abaixo dos hiperônimos e são dadas indicações a respeito de como os hipônimos diferem entre si e em relação aos hiperônimos.

As operações onomasiológica (“Quais são os nomes para o conceito *n*?”) e semasiológica (“Quais as diferenças semânticas entre palavras relacionadas a um mesmo conceito?”) são as mesmas para os dois tipos de dicionário de sinônimos. (STERKENBURG, 2003).

Um exemplo de dicionário de sinônimos de fácil acesso é o portal *Sinônimos.com.br*,<sup>21</sup> ou *Dicionário de sinônimos online*, que oferece mais de 30 mil sinônimos em língua portuguesa do Brasil. A tela inicial do dicionário apresenta as últimas atualizações do portal, as palavras mais vistas e os últimos sinônimos pesquisados pelos usuários do *site*, conforme podemos ver pela imagem que segue (Figura 12).

Figura 12: Tela inicial do *Dicionário de sinônimos online*

The screenshot shows the homepage of *sinônimos.com.br*. At the top, there is a search bar labeled "Buscar sinônimos..." and a navigation menu with links for "Sinônimos", "Dicionário", "Antônimos", "Conjugação", and "Dúvidas de Português". The main content area is divided into three sections:

- Últimas atualizações no Dicionário de Sinônimos:** A grid of words and their synonyms, such as "rês" (rés, eclético, alguém), "assessor" (resíduos, autônomo, quimera), "sozinho" (impressão, obrigado, escalção), "sede" (resíduo, espelhar, isso posto), and "posto isso" (isto posto, posto isto, associados).
- Palavras mais vistas:** A grid of popular words and their synonyms, such as "importante" (problema, apresentar, necessidade), "portanto" (além disso, processo, pois), "objetivo" (assim, também, desenvolvimento), "realizar" (importância, fazer, necessário), "através" (mostrar, conforme, conhecimento), "desenvolver" (relação, ter, analisar), "trabalho" (utilizar, considerar, grande), "diferente" (devido, poder, identificar), "situação" (análise, possível, ademais), and "observar" (porém, dificuldade, buscar).
- Últimos sinônimos pesquisados:** A grid of recently searched words and their synonyms, such as "empreado" (funerais, esquelético, inexpugnável), "associar-se" (espiração, universalização, intrusão), "gaiatice" (represamento, esculhambação, analecta), "cesarista" (arpão, corrigir, limpa), and "preocupação" (deslramento, oriunda, globalizante).

On the right side, there is a sidebar advertisement for WordPress.com with the text "Find the domain that fits you. Buy your domain, and build your site with the software powering 30% of the internet. Get Your Domain" and a photo of a smiling man.

Fonte: Sinônimos (2018?).

Utilizando a ferramenta de busca no canto superior direito da página, o usuário pode pesquisar a palavra para a qual ele deseja obter sinônimos, de forma que a busca resulta em uma tela que organiza os sinônimos da palavra por diferentes tipos de usos. Ao pesquisar pela

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>.

palavra “importante”, por exemplo, o usuário tem acesso a uma lista de sinônimos. Segundo o *site*, foram encontrados 59 sinônimos para “importante”, enquadradas em quatro sentidos da palavra, sendo eles *Que tem importância*, *Que tem prestígio*, *Que não se pode dispensar* e *Que se acha importante*. Além disso, para cada uma dessas categorias, o dicionário apresenta um exemplo de uso (que não se sabe, contudo, se vem de algum tipo de *corpus* ou não) e um antônimo. Ao pé da página, o dicionário disponibiliza o nome da lexicógrafa responsável pelo verbete. Por fim, nota-se também a presença dos botões para compartilhamento de conteúdo nas redes sociais, uma característica marcante dos dicionários *online*. A imagem abaixo (Figura 13), mostra a tela dos sinônimos encontrados pelo dicionário para a palavra “importante”, com as informações descritas neste parágrafo.

Figura 13: Tela dos sinônimos de “importante”

The screenshot shows the website **sinônimos.com.br** with the search term **importante**. The page title is **Sinônimo de importante**. It lists 59 synonyms for the word 'importante', organized into four categories:

- Que tem importância:** 1) significativo, grave, sério, considerável, respeitável, interessante, relevante, marcante, notável, superior, valoroso, solene, meritório, elogiável, momentoso, ponderoso, vultoso. Exemplo: *Temos de conversar sobre um assunto muito importante.* Antônimo: insignificante.
- Que tem prestígio:** 2) prestigiado, poderoso, reputado, ilustre, influente, prestigioso, eminente, célebre, insigne, egrégio, enorme. Exemplo: *Meu avô foi um importante investigador na área do comportamento humano.* Antônimo: desprestigiado.
- Que não se pode dispensar:** 3) indispensável, imprescindível, essencial, fundamental, básico, crucial, primordial, principal, elementar, necessário, preciso, determinante, útil, conveniente, pertinente, oportuno, proveitoso. Exemplo: *É importante que seus pais estejam presentes na reunião da próxima semana.* Antônimo: dispensável.
- Que se acha importante:** 4) convencido, metido, arrogante, emproado, presunçoso, presumido, prepotente, petulante, soberbo, altivo, altaneiro, fátuo, imodesto, vaidoso. Exemplo: *Ele se acha muito importante, mas aqui somos todos iguais!* Antônimo: humilde.

At the bottom of the page, it states: *Conteúdo revisto em julho de 2018. Lexicógrafa responsável: Flávia Neves*. There is also a promotional banner for 'SEMIPRESENCIAL' with a price of R\$ 329,00 and a button to 'INSCREVA-SE'.

Fonte: Sinônimos (2018?).

O terceiro tipo de dicionário onomasiológico apresentado é o **dicionário reverso**. Dicionários reversos têm uma macroestrutura formada por uma lista de significados alfabeticamente organizados seguidos pelas palavras a que pertencem. Segundo o autor (2003),



o problema com esse tipo de dicionário é a dificuldade de se formular a questão que leva à lógica do dicionário. O usuário deve formular uma pergunta mais ou menos como um lexicógrafo faria, o que, para um usuário comum, pode ser bem complicado.

O quarto tipo de dicionário onomasiológico é o **dicionário ilustrado**. Nesse tipo de obra, as questões que levam a como o dicionário é formulado são do tipo “Qual o nome da parte da imagem *n* de número 5?”, por exemplo. Os dicionários ilustrados são aqueles em que os verbetes são nomes daquilo que está ilustrado ou simbolizado via imagens. A organização dos dicionários ilustrados é onomasiológica (não há listas alfabéticas) e pode ter mais de um índice de conceitos. No caso desses dicionários, as ilustrações substituem as definições lexicográficas. Vale observar que substituir definições por imagens é uma operação que substitui conjuntos de dados puramente linguísticos (lembrando que essa distinção entre o que é linguístico e o que é extralinguístico parte de uma visão formalista) em favor de uma visão enciclopédica. A imagem não define, ela mostra como aquilo é no mundo.

Sterkenburg (2003) também aborda as **especificações onomasiológicas** em dicionários semasiológicos. Segundo ele, em dicionários semasiológicos, é possível encontrar definições que consistem em uma só palavra, conjuntos de sinônimos ou paráfrases. Tomemos o exemplo das palavras *bezerro* [calf] e *novilho* [heifer]. Bezerro designa uma vaca jovem, enquanto novilho se refere a uma vaca jovem que ainda não teve um bezerro. A relação entre essas duas palavras se dá a partir de *vaca* e se situa no eixo paradigmático. *Bezerro* e *novilho* são hipônimos do hiperônimo *vaca*. Essas especificações onomasiológicas acabam, conseqüentemente, reforçando a ideia de interdependência entre os métodos semasiológico e onomasiológico.

Por fim, o autor (2003) menciona os **dicionários eletrônicos onomasiológicos**. Os dicionários dessa classe também se dividem em dois subtipos. O primeiro, de fato, não designa um dicionário onomasiológico propriamente dito. Trata-se na realidade do modelo tradicional de dicionário monolíngue em versão eletrônica. Há, nesse tipo de dicionário, um traço que é onomasiológico. Por exemplo, é possível que um usuário utilize a ferramenta de busca de um dicionário eletrônico para pesquisar palavras; assim, ele pode digitar “palavrão” e obter os resultados. O mecanismo de busca do dicionário irá listar as palavras que possuem “palavrão” em suas definições. É uma forma onomasiológica de se buscar informação dentro de um dicionário semasiológico, apenas isso, dado que o usuário não precisa procurar pela palavra ao longo de uma lista alfabeticamente disposta.

O segundo tipo é um dicionário eletrônico onomasiológico propriamente dito. Com os avanços da tecnologia, é possível desenvolver recursos lexicográficos que abandonem completamente a organização alfabética tradicional. Basicamente, assume-se que é possível

dispor as palavras a partir dos conceitos em que elas aparecem, estabelecendo as relações onomasiológicas entre ideias e nomes. Além disso, pode-se fazer uso de recursos tecnológicos, como *hiperlinks*, ao mesmo tempo em que não se está preso às limitações físicas de um dicionário de papel. Nesse sentido, fica fácil compreendermos que o meio digital é, de fato, o que apresenta maior potencial para o desenvolvimento de recursos onomasiológicos, especialmente quando consideramos a possibilidade de integrar textos e imagens, de ordenar as informações de formas que seriam completamente inviáveis em dicionários de papel, de inserir dados enciclopédicos sem limitações de espaço físico etc. Tendo isso em vista, Sterkenburg (2003) comenta que, no campo dos recursos lexicográficos onomasiológicos, poucas inovações têm sido vistas. Isso, somado ao rápido avanço da tecnologia e da *web*, faz crer que as grandes inovações onomasiológicas dar-se-ão no campo da Lexicografia eletrônica.

Neste capítulo, ao abordarmos a onomasiologia sob um viés tradicional, isto é, sob o seu viés de origem, que é a semântica estrutural e a Lexicologia do início do século XX, fizemos mais do que apenas apresentar conceitos numa perspectiva histórica. Ao longo do capítulo, esmiuçando o pensamento dos autores abordados e a base epistemológica sob a qual a onomasiologia está assentada, fomos capazes de perceber quais são as fragilidades do modelo clássico. E essas fragilidades emergem diretamente das limitações da semântica estrutural. O raciocínio onomasiológico parte diretamente da ideia de que conceitos agrupam conjuntos determinados de palavras. Esses conceitos não são parte da língua; em outras palavras, não têm natureza linguística. Conceitos são abstrações sobre a organização do mundo natural. Como apontamos anteriormente, essa é, historicamente, uma questão muito mais filosófica do que linguística. E ao dizer que itens lexicais se agrupam em torno de conceitos é dizer que, de uma forma ou de outra, a linguagem expressa o mundo. Obviamente, essa discussão tem sido um dos grandes problemas filosóficos da linguística por muito tempo, e, até muito recentemente, com a emergência dos funcionalismos linguísticos e com a virada pragmática da década de 1960, a ciência linguística não dispôs de meios satisfatórios para sistematizar essa relação óbvia, porém difícil entre linguagem e mundo – não é segredo que o estruturalismo europeu e o gerativismo não se voltaram para questões exteriores às estruturas das línguas. E a onomasiologia precisa honrar essa relação, pois sem ela a onomasiologia não existe. Por consequência disso, nesta tese, nossa proposta parte de um modelo cognitivista, que nasce, precisamente, da hipótese da linguagem, numa perspectiva ampla, não modular de cognição, como habilidade cognitiva, intrinsecamente ligada à compreensão do mundo e à experiência humana no mundo, dando vazão à expressão do mundo através da linguagem. Dito isso, o próximo capítulo se volta às questões concernentes ao paradigma cognitivista, da Linguística



Cognitiva à Semântica Lexical Cognitiva e à teoria da Semântica de *Frames*. Por fim, esta tese deriva da hipótese de que o encontro entre a onomasiologia e a Semântica Lexical Cognitiva é não apenas possível, como também promissor. Assim, partindo deste capítulo, é nossa intenção, nas páginas que seguem, demonstrar como a onomasiologia pode ser encaixada no modelo da Linguística Cognitiva, verificando de que forma os princípios que regem o pensamento cognitivista podem auxiliar o desenvolvimento de um recurso onomasiológico nos termos pensados e defendidos na esfera deste estudo.

### 3 LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A SEMÂNTICA DE *FRAMES*

Meaning is what language is all about (LANGACKER, 1987, p. 12)

Passado o capítulo anterior, que abordou os conceitos de onomasiologia e dicionário onomasiológico a partir do paradigma estruturalista, passamos agora à parte em que apresentamos e discutimos o paradigma cognitivista, iniciando pela Linguística Cognitiva, seus compromissos teóricos e objetivos. A partir desse panorama mais geral, passamos às subáreas da Semântica Cognitiva e, dentro desta, da Semântica Lexical Cognitiva. Cabe salientar que o termo *semântica lexical* é bastante ambíguo; uma semântica lexical é toda abordagem semântica cuja preocupação está em descrever o significado lexical. Uma Semântica Lexical *Cognitiva* deve caracterizar um modelo de descrição do léxico à luz das teorias linguístico-cognitivas. Feito isso, versamos acerca da Semântica de *Frames*, modelo que embasa grande parte da nossa proposta, bem como das consequências que emergem da escolha por essa teoria.

Neste capítulo, portanto, buscamos apresentar os fundamentos teóricos que caracterizam o cognitivismo linguístico, já tentando, de alguma forma, relacioná-los à onomasiologia e à prática lexicográfica onomasiológica. Cabe salientar aqui que a onomasiologia não é tema desconhecido e totalmente descoberto no campo do cognitivismo linguístico, tendo sido abordado em pesquisas de Dirk Geeraerts e Stefan Grondelaers. Pesquisadores associados à Linguística Cognitiva, Geeraerts e Grondelaers propõem um modelo pragmático de onomasiologia, de modo a desvendar o que leva falantes a escolherem certas palavras para referir um dado conceito. Os autores (2003) partem do pressuposto de que tais escolhas dependem da saliência semasiológica e onomasiológica das palavras e seus significados, constituindo grupos de palavras mais possíveis e menos possíveis de serem associadas a determinados conceitos. Na subseção 3.2.2 deste capítulo, aprofundamos a discussão sobre as pesquisas de Geeraerts e Grondelaers sobre onomasiologia, a fim de avaliarmos de que forma determinados aspectos da proposta desses autores podem ser pertinentes à nossa, que se enquadra em uma interface com a Lexicografia.

A Semântica Cognitiva surge a partir da **Linguística Cognitiva**, que, aqui, é entendida nos termos do movimento dos estudos da linguagem que surge entre as décadas de 1970 e 1980 a partir da insatisfação de um seleto grupo de linguistas norte-americanos – que conta com

nomes como George Lakoff,<sup>22</sup> Mark Johnson, Gilles Fauconnier, Ron Langacker e Charles Fillmore – com dois dos modelos teóricos de maior evidência à época: a Gramática Gerativa e a Semântica de condições de verdade (CROFT e CRUSE, 2004). A Linguística Cognitiva, por consequência disso, emerge das famosas “guerras linguísticas”<sup>23</sup> da década de 1960 (SALOMÃO, TORRENT e SAMPAIO, 2013).

A Linguística Cognitiva pode, sob certa perspectiva, ser considerada como parte do **paradigma funcionalista** dos estudos linguísticos, tendo em vista que uma de suas principais características é a rejeição à hipótese da autonomia da linguagem, que, no modelo gerativista, originou a tese do inatismo. Se, para Chomsky e seus seguidores, a linguagem compõe um módulo autônomo (e inato), que funciona à parte das demais funções e habilidades cognitivas, para a Linguística Cognitiva, o funcionamento da linguagem na mente se dá através de relações intrínsecas e indesejáveis com outros campos cognitivos, como a memória, a percepção, a conceptualização etc.

Por estabelecer relações obrigatórias entre a linguagem e outras funções da mente como a percepção e o sistema sensorial, a Linguística Cognitiva postula uma visão pragmática de significado, uma vez que todas as operações semânticas estão ligadas ao uso da linguagem e à **experiência**. Assim fundamenta-se a principal hipótese da Semântica Cognitiva, cujas teorias abordam o significado de um ponto vista sociocognitivo. Dentre esses modelos teóricos, consta a Semântica de *Frames*, que ainda abordaremos.

A fim de aprofundar todas essas questões já introduzidas e apresentar a teoria da Semântica de *Frames*, a primeira seção do capítulo (3.1) trata dos compromissos teóricos que definem o campo da Linguística Cognitiva, bem como detalha o conceito de **realismo experiencialista**, que nasce a partir da ideia de **cognição corporificada** ou **corporificação**. A

---

<sup>22</sup> George Lakoff, ao lado de outras grandes figuras do Gerativismo, como John Ross, Paul Postal, James McCawley e Pieter Seuren, esteve associado àquilo que se convencionou chamar de **Semântica Gerativa**. Bem verdade, Katz e Fodor, na primeira metade da década de 1960, em *The Structure of a Semantic Theory* (1963), foram os primeiros a discutir uma teoria semântica compatível com os parâmetros do Gerativismo. Ainda que não tenham, de fato, proposto uma teoria completa, Katz e Fodor defenderam a ideia de um componente semântico responsável por estabelecer representações semânticas para itens lexicais e, através de regras de projeção recursivas, para sentenças e sintagmas. Essas representações seriam conceitos construídos com base em primitivos semânticos. A Semântica Gerativa, por sua vez, ao despontar do modelo transformacional, assumiu a noção de **estrutura profunda** de Chomsky e a interpretou como sendo um *input* para interpretações semânticas. Isso, somado ao fato de que os semanticistas gerativos se baseavam em um conjunto muito maior de dados empíricos em relação aos gerativistas mais ortodoxos, levou a análises da estrutura profunda muito mais complexas e abstratas do que as pretendidas por Chomsky.

<sup>23</sup> O termo “guerras linguísticas” [linguistic wars] faz referência especificamente aos empates epistemológicos travados entre Noam Chomsky e Lakoff, Ross, Postal e McCawley (ou os *quatro cavaleiros do Apocalipse*, como eram chamados). A título de curiosidade, vale mencionar a existência de *The Linguistics Wars*, obra de Andy Allen Harris publicada em 1993. Fazendo uso de um tom muito mais cômico do que acadêmico, Harris relata em detalhes esse momento particular da história da Linguística.

tese da corporificação constitui uma perspectiva filosófica proposta por George Lakoff e Mark Johnson (1999). Outro ponto discutido nessa seção é o da **categorização**, em que apresentamos o modelo baseado em **protótipos** desenvolvido por Eleanor Rosch na década de 1970. O conceito de protótipo está intimamente relacionado com o experiencialismo defendido pela Linguística Cognitiva.

A seção (3.2) versa acerca dos pressupostos que caracterizam a Semântica Cognitiva como subárea da Linguística Cognitiva que se volta especificamente para os estudos centrados nas diversas questões sobre o significado. A principal distinção a ser feita nessa parte do capítulo é entre os conceitos de **conhecimento de dicionário** e **conhecimento enciclopédico**, que caracterizam duas abordagens vinculadas a visões opostas de significado. Dentro dessa seção, abordamos também a Semântica Lexical Cognitiva, subárea da Semântica Cognitiva que define a área de estudos dedicados à descrição lexical com base nas teorias cognitivas.

Dando seguimento à discussão, abordamos, na seção seguinte (3.3), a teoria da Semântica de *Frames*, desenvolvida por Charles J. Fillmore. A Semântica de *Frames* possibilita uma visão inovadora para a investigação do léxico, de modo que, ainda nessa seção, tratamos da relação da teoria com a Lexicografia e com a onomasiologia, bem como as vantagens, desvantagens e consequências que surgem a partir da escolha pela Semântica de *Frames*, no sentido de verificarmos de que forma a teoria pode ser usada como base desta proposta e quais são as suas necessidades, ou seja, o que a Semântica de *Frames* precisa para funcionar no modelo que propomos nesta tese.

### 3.1 PRINCÍPIOS E COMPROMISSOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Croft e Cruse (2004) apresentam três grandes hipóteses para caracterizar a área da Linguística Cognitiva: (i) a linguagem não é uma faculdade autônoma, (ii) gramática é conceptualização e (iii) o conhecimento linguístico emerge do uso da linguagem. Vejamos, brevemente, cada uma dessas hipóteses.

A primeira hipótese, como já vimos, é uma resposta à tese do inatismo da linguagem, sendo essa um dos principais fundamentos da Gramática Gerativa de Noam Chomsky. Os autores (2004) chamam a atenção, contudo, para o fato de que a Linguística Cognitiva não nega a possibilidade de que exista, de fato, uma habilidade para a linguagem e que essa habilidade seja inata. Nega-se, então, a proposta gerativista de que essa habilidade seja autônoma, de que ela funcione de forma totalmente independente das outras habilidades cognitivas. A representação do conhecimento linguístico é, essencialmente, igual à representação de outras

estruturas de conhecimento; mas o que isso significa? Significa que os processos cognitivos ligados à linguagem não são diferentes daqueles ligados a qualquer outra faceta da cognição. Os princípios que regem a linguagem são os mesmos que regem a memória ou as habilidades motoras, portanto.

A segunda hipótese é contrária às *semânticas da verdade*. De acordo com esse modelo teórico, qualquer metalinguagem semântica – que pode ser entendida como a descrição do significado linguístico em si – deve ser interpretada em termos de verdade ou falsidade relativos a um modelo de mundo. Para a Linguística Cognitiva, qualquer estrutura linguística portadora de significado está vinculada a processos cognitivos de conceptualização, isto é, à forma como criamos e processamos conceitos na mente. Com isso, a análise baseada em valores de verdade se torna insuficiente: não se está mais a tratar de um mundo abstrato, generalizado. Da mesma forma, não está tratando do mundo *real*, isto é, *objetivo*. A perspectiva da Linguística Cognitiva é a de um realismo experiencialista. Criamos, desenvolvemos, entendemos e processamos conceitos a partir da nossa própria visão de mundo, visão essa que se forma através da experiência.

A terceira hipótese está relacionada a tendências reducionistas presentes tanto no paradigma gerativista quanto no modelo semântico verifuncional. Tais tendências designam tentativas de generalizar a linguagem ao ponto de se excluir totalmente o papel do uso e da interação. Para a Linguística Cognitiva, a partir do momento em que se entende a linguagem como fruto da conceptualização e a própria conceptualização como estando permanentemente ligada a fatores de experiência, é impossível excluir o papel do uso. A Semântica, pelo ponto de vista da cognição, portanto, é pragmática.

Ao estabelecermos, assim, qual o significado de “cognição” tomado pela Linguística Cognitiva, podemos tratar, agora, dos dois compromissos teóricos assumidos por esse campo de investigação linguística, a saber (a) o compromisso da generalização e o (b) compromisso cognitivo.

### 3.1.1 Os compromissos cognitivo e de generalização

George Lakoff, um dos fundadores da Linguística Cognitiva, apresenta, em seu texto *Cognitive versus Generative Linguistics: how commitments influence results*, de 1991, os compromissos-chave que caracterizam as pesquisas desenvolvidas no âmbito das teorias da Linguística Cognitiva. O primeiro deles é o **compromisso da generalização**.

De acordo com Lakoff (1991), esse compromisso está relacionado a como a Linguística Cognitiva propõe princípios gerais que governam todos os aspectos da linguagem. Busca-se, assim, a generalização dos princípios que caracterizam todos os níveis da análise linguística: a gramática, a semântica e o discurso. Para Evans, Bergen e Zinken (2007), esse princípio está relacionado ao compromisso da ciência em geral de buscar sempre as maiores generalizações possíveis com relação a um dado fenômeno.

Evans, Bergen e Zinken (2007) nos lembram de que, no contexto da linguística formal (como os paradigmas estruturalista e gerativista, por exemplo, além das abordagens baseadas na lógica), há uma clara distinção entre fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. O estudo de cada um desses níveis da linguagem se dá, a princípio, de forma totalmente independente, engavetada. Trata-se de uma tentativa de recortar certos aspectos da linguagem em detrimento dos restantes. Como consequência disso, segundo os autores (2007, p. 264), “[...] há frequentemente pouca base para generalização através desses aspectos da linguagem, ou para o estudo das suas interrelações”.<sup>24</sup> Isso se torna especialmente verdadeiro quando pensamos, por exemplo, no caráter marginal dado à semântica e à pragmática no Gerativismo, por exemplo.

Para a Linguística Cognitiva, entretanto, ainda que se mantenha a distinção entre tais aspectos por ser útil para a descrição do que cada aspecto representa, trata-se de aplicar os mesmos mecanismos e princípios de pesquisa a todos eles. Nesse sentido, todas as unidades linguísticas, da fonologia à pragmática ao léxico, são tratadas em termos de **conceptualização**. A Linguística Cognitiva, nesse sentido, toma uma perspectiva vertical, e não horizontal, para a descrição daquilo que compõe a linguagem: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática são vistas como diferentes camadas ou subestruturas da mesma estrutura. Tem-se, nesse sentido, uma estrutura do som, uma da organização interna das palavras, uma da organização externa, ou seja, da sentença, uma do significado e uma do uso (vale salientar que a Linguística Cognitiva não mantém a distinção entre semântica e pragmática).

O segundo princípio abordado por Lakoff (1991) é o **compromisso cognitivo**.

Lakoff (1991) contrapõe o compromisso cognitivo ao que ele chama de compromisso chomskyano. *Grosso modo*, o compromisso chomskyano é o compromisso de “[...] descrever a linguagem nos termos matemáticos dos sistemas de manipulação de símbolos [...]”. A Linguística Gerativa, nesse sentido, faz a manipulação do sistema de símbolos linguísticos sem

---

<sup>24</sup> “[...] there is often little basis for generalization across these aspects of language, or for the study of its interrelations.

compromisso com o que tais símbolos representam ou com qualquer coisa para além do sistema em si.

A partir disso, em linhas gerais, o compromisso cognitivo designa a posição da Linguística Cognitiva de descrever a linguagem a partir daquilo que se sabe e entende por cognição em disciplinas que não a Linguística. Assim, a Linguística Cognitiva buscar estar sempre em consonância com as descobertas mais recentes sobre mente e cérebro em outros campos do saber. Por conseguinte, a Linguística Cognitiva se insere no *hall* das **ciências cognitivas**, ao lado da Psicologia Cognitiva, da Inteligência Artificial, da Neurociência e da própria Filosofia (EVANS, BERGEN e ZINKEN, 2007).

Por levar em consideração os achados de outras áreas que constituem as ciências cognitivas, a Linguística Cognitiva também se constitui a partir dos conhecimentos desenvolvidos por esses campos. É caso, por exemplo, dos estudos sobre **categorização** desenvolvidos nos anos 1970 por Eleanor Rosch âmbito da Psicologia Cognitiva.

Para a teoria clássica, a categorização é entendida nos termos de condições necessárias e suficientes para determinar se dado objeto ou entidade é ou não parte de uma categoria. O maior problema dessa visão é se basear em um modelo de mundo extremamente estanque e fechado, inflexível, o que não condiz, de fato, com a organização do mundo em que vivemos. Do ponto de vista clássico, aves têm penas e põem ovos. O que, nesse caso, devemos fazer com o ornitorrinco, que é um animal mamífero que tem penas e põe ovos? Da mesma forma, poder-se-ia dizer que aves voam: a galinha é uma ave, ainda que não voe.

Rosch, na década de 1970, revisita o conceito de categorização e propõe a ideia de **prototipicidade** e de categorização por **protótipos**. Ela alerta para o fato de que categorias não têm limites bem definidos, sendo mais plausível, então, tratar a estrutura interna de categorias em termos de protótipos. A pesquisa de Rosch, nesse sentido, se relaciona à de Wittgenstein (1935) sobre as **semelhanças de família**<sup>25</sup> – os membros de uma categoria não compartilham traços estanques, mas sim semelhanças como as de os membros de uma mesma família – e aos experimentos de Labov (1975), que demonstraram que o mesmo objeto, em situações diferentes, pode levar a categorizações diferentes. Os critérios de pertença que definem se um

---

<sup>25</sup> Wittgenstein discute a definição de *jogo*. Como definir jogo a partir das suas características (ou atributos)? Considere-se a seguinte tentativa de definição: um jogo inclui oponentes, é jogado por diversão, gera vencedores e perdedores e se precisa ter habilidades específicas. O xadrez, por exemplo, se enquadra perfeitamente nessa categoria. O que dizer, contudo, do jogo paciência? Não há oponentes, e, portanto, nem vencedores e perdedores. Ainda assim, contudo, paciência é um jogo. O exemplo de Wittgenstein serviu para mostrar que não se podem definir conceitos em termos de traços estanques e inflexíveis. A noção de protótipo serve de solução para esse problema. Não se abandona a ideia de traço, mas sim a de que todos os traços são obrigatórios. Paciência seria apenas um jogo menos prototípico do que xadrez.

objeto ou ser é parte ou não de dada categoria deixam de se basear em traços necessários e suficientes para se basear em **redes graduais** ou **redes prototípicas** (cf. ROSCH, 2012 [1973]).

Recuperando o exemplo anterior, do ponto de vista dos protótipos, a galinha se posicionaria em um ponto não muito central da categoria AVES, uma vez que não apresenta uma das principais características dessa classe do reino animal, que é voar. Da mesma forma, o ornitorrinco ocuparia uma posição bastante periférica na rede da categoria MAMÍFEROS.

Poderíamos dizer, então, que o protótipo de uma categoria é o exemplar que melhor atende às características postuladas por essa categoria. Contudo, conforme alerta Rosch (1998), isso não significa dizer que certo elemento de uma categoria **será**, invariavelmente, o protótipo daquela categoria em todos os casos. Por exemplo, para quem cria galinhas, é possível que essas sejam mais prototípicas do que para quem mora em um apartamento e dificilmente precisa lidar com esses animais.

As ideias de Rosch sobre categorização, na Linguística Cognitiva, se relacionam à discussão sobre conceptualização e, conseqüentemente, à ideia de **realismo experiencialista**. Através da experiência, conceptualizamos e categorizamos o mundo.

### 3.1.2 A corporificação: o realismo experiencialista

A Linguística Cognitiva rejeita a abordagem **racionalista** que fundamenta as ideias gerativistas sobre cognição, assumindo uma perspectiva **realista**, baseada na **experiência**. A visão adotada pelo cognitivismo, dessa forma, se alinha a tradições da Psicologia e da Filosofia que enfatizam a centralidade do corpo humano no desenvolvimento da experiência. (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Segundo Feltes (2010), para a Linguística Cognitiva, a ideia central em torno da concepção de corporificação é distinguir o corpo enquanto entidade fisiológica e enquanto entidade fenomenológica. No princípio dos estudos cognitivistas, focava-se o aspecto fenomenológico. Isso porque a pesquisa não era a partir do corpo em si, mas sim da noção de um “ser” corporificado que está inserido em um mundo em que fatores sociais governam as formas pelas quais esse mundo é experienciado e ganha significado.

Lakoff, na obra clássica *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*, publicado em 1987, ao adotar a perspectiva da corporificação, favorece um ponto de vista **experimental**. O uso da palavra *experimental*, aqui, está ligado ao empirismo do conceito de corporificação.



Para Langacker (1999), a corporificação e a própria experiência resultam da ideia de que fatores anatômicos, psicológicos, perceptuais, neurológicos e genéticos determinam e restringem a gama das nossas habilidades e a forma como se dá a nossa experiência mental. Por consequência, entende-se, nesse sentido, que a nossa experiência é mediada pela cognição e por todos os fatores (inclusive biológicos) que compõem a natureza da mente e do corpo humano. Vemos, ouvimos, tocamos e nos movemos pelo mundo porque nosso corpo é como é e entendemos e processamos essa experiência do modo como o fazemos porque nosso sistema cognitivo é como é. Esses fatores, assim, “[...] definem e estruturam o nosso espaço conceptual (a base para o significado e a gramática). O que nós colocamos para a linguagem deve ser plausível do ponto de vista biológico”. (LANGACKER, 1999, p. 15). Johnson, na obra *The Body in the Mind*, de 1987, argumenta que o corpo, ao mesmo tempo em que delimita a experiência, também estrutura a cognição.

A linguagem, para o paradigma cognitivista, contrariando as posições da Semântica Formal, não reflete a realidade, mas sim uma construção única da realidade, que emerge e é desenvolvida no interior da cognição. Jackendoff (1983) se refere a isso como **realidade projetada**: é a representação mental da realidade construída pela cognição.

A Linguística Cognitiva, ao adotar a tese da corporificação, enjeita a visão dualista cartesiana. Segundo Pelosi (2014), essa visão trata de separar mente e corpo, interpretando-os como entidades independentes. A mente seria superior ao corpo (noção de pureza em relação ao corpo, este mundano e corrompido), sendo o corpo uma ideia da mente. O realismo experiencialista surge justamente da oposição a essa ideia; mente e corpo são um só, o corpo, através do qual experienciamos o mundo, interfere na mente.

Ao cunhar o termo *realismo experiencialista*, Lakoff (1987) estabelece que, dada a natureza de nossos corpo e cérebro, ainda que exista, de fato, uma realidade que independe dos seres humanos, estabelecemos nossas próprias interpretações dessa realidade. O mundo objetivo existe, mas a sua representação no nível conceptual e a forma como o expressamos através da linguagem é particular. O autor (1987) estabelece algumas características do realismo experiencialista:

- a) O pensamento é **corporificado**: a estrutura que compõe nosso sistema conceptual emerge da experiência corpórea. De fato, o núcleo desse sistema se baseia diretamente na percepção, no movimento do corpo e na experiência física e social;
- b) O pensamento é **imaginativo**: conceitos que não emergem diretamente da experiência física ou motora empregam recursos como metáfora, metonímia e imagens mentais, o

que vai além de uma representação pura ou “espelhada”. A nossa capacidade imaginativa permite a criação de conceitos totalmente abstratos, ultrapassando os limites daquilo que podemos ver e sentir. E a imaginação, lembra Lakoff (1987), é também indiretamente corporificada, no sentido de que se expressa através de fenômenos linguísticos (como a metáfora) que são, em sua natureza, corporificados;

- c) O pensamento tem **propriedades gestálticas**: a estrutura conceptual não é atomística, ou seja, a estruturação de conceitos vai além do simples agrupamento de “peças” conceptuais;
- d) O pensamento tem uma **estrutura ecológica**: a estrutura do pensamento vai além da simples manipulação de simples abstratos. A eficiência do processamento cognitivo depende da estrutura geral do sistema conceptual; e
- e) A estrutura conceptual pode ser descrita através de **modelos cognitivos**.

A discussão sobre corporificação, realismo experiencialista e conceptualização (a criação de conceitos na mente) nos leva agora à seção sobre Semântica Cognitiva, na qual abordamos as principais ideias que constituem a base epistemológica dessa subárea da Linguística Cognitiva.

### 3.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA

Os estudos desenvolvidos no campo da Linguística Cognitiva podem ser divididos em duas grandes subáreas: a Semântica Cognitiva [cognitive semantics] e as Abordagens Cognitivas da Gramática [cognitive approaches to grammar]. Nesta seção do capítulo, dedicamo-nos à apresentação dos fundamentos que caracterizam a Semântica Cognitiva.

Segundo Evans, Bergen e Zinken (2007), a Semântica Cognitiva se preocupa com a investigação das relações que se estabelecem entre a experiência, o sistema conceptual e a estrutura semântica expressa pela linguagem. Estuda-se a representação do conhecimento (os conceitos mentais) e a construção do significado (a conceptualização). Nesse sentido, a linguagem, do ponto de vista da Semântica Cognitiva, é a lente através da qual se torna possível identificar, compreender e descrever os fenômenos cognitivos.

Os autores (2007) apontam quatro princípios que guiam a Semântica Cognitiva:

- 1) A estrutura conceptual é corporificada;
- 2) A estrutura semântica é a estrutura conceptual;

- 3) A representação do significado é enciclopédica; e
- 4) A construção do significado é conceptualização.

O primeiro princípio já foi discutido neste capítulo, de forma que se trata, em linhas gerais, do fato de que a formação de conceitos na cognição é mediada pela experiência (corporificada) dos falantes no mundo. O segundo princípio aponta para o aspecto da linguagem de não se referir diretamente a entidades reais presentes no mundo externo (como postulam as abordagens *objetivistas*, como a Semântica Formal), mas sim a estruturas conceptuais. Isso significa basicamente que a estrutura semântica, isto é, o significado, equivale à estrutura conceptual. Não quer dizer, no entanto, que essas estruturas sejam idênticas. Os semanticistas cognitivos entendem que os significados associados a unidades linguísticas formam apenas um subgrupo de possíveis conceitos. O sistema conceptual, conforme Langacker (1987), é muito maior do que o sistema linguístico. Em outras palavras, pensamos (imaginamos, criamos conceitos etc.) muito mais do que poderíamos expressar através da linguagem. O terceiro princípio está relacionado à visão da Semântica Cognitiva sobre a natureza do significado. A discussão sobre significado enciclopédico é de suma importância para a Semântica Cognitiva, e, por conta disso, nos dedicaremos a ela na próxima subseção (3.2.1). O quarto princípio tange à forma como a linguagem não carrega significados por si só. As unidades linguísticas (sons, palavras, frases etc.) são, como já vimos, pontos de acesso para os conceitos.

Passemos agora a tratar as questões sobre conhecimento enciclopédico.

### 3.2.1 Conhecimento de dicionário versus conhecimento enciclopédico

Uma das principais premissas que os semanticistas cognitivos assumem sobre a linguagem é que o significado é **enciclopédico** em sua natureza. Tal asserção tem dois argumentos principais a ela associados: a) a estrutura semântica dá acesso a um vasto inventário de conhecimento estruturado, que corresponde à estrutura conceptual – logo, o significado lexical não pode ser separado do conhecimento enciclopédico, que corresponde ao nosso conhecimento sobre os fatos do mundo; e b) o conhecimento enciclopédico se baseia na experiência social, relação e interação entre seres humanos, e na experiência física, o corpo no mundo.

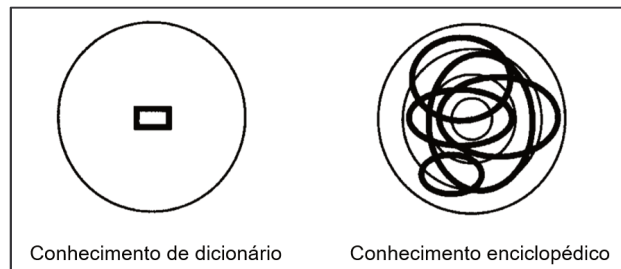
A visão enciclopédica do significado contrasta com a perspectiva tradicional postulada pelos paradigmas formalistas da linguagem, conhecida como **visão de dicionário**. Consoante Evans e Green (2006), a distinção entre dicionário e enciclopédia foi muito importante para os

lexicólogos e lexicógrafos. Essa distinção corresponde, *grosso modo*, à distinção entre o que é linguístico e o que é extralinguístico, como vimos no capítulo anterior, algo que impacta diretamente na onomasiologia.

Para a visão clássica, o significado pode ser dividido em dois componentes: um é o componente de dicionário, e o outro é o componente enciclopédico. Apenas o componente de dicionário pode ser investigado sob parâmetros linguísticos. Isso porque, de acordo com essa abordagem, o campo enciclopédico é externo ao linguístico. Trata-se, em outras palavras, da clássica divisão entre Semântica e Pragmática. À Semântica compete a descrição daquilo que é unicamente do sistema linguístico; todo o resto que estiver relacionado ao uso faz parte da Pragmática.

A Semântica Cognitiva rejeita essa dicotomia. Ao postular que o significado linguístico é enciclopédico, os semanticistas cognitivos estão reconhecendo que é impossível separar o que é *da* linguagem e o que é *exterior* à linguagem; a distinção entre Semântica e Pragmática torna-se artificial e desnecessária. A imagem abaixo (Figura 14) representa a diferença entre conhecimento enciclopédico e conhecimento de dicionário.

Figura 14: Conhecimento de dicionário *versus* Conhecimento enciclopédico



Fonte: adaptado de Langacker (2008, p. 39).

No primeiro círculo, que representa o conhecimento de dicionário, o círculo em si é todo o conhecimento que um falante tem de uma determinada categoria ou referente, enquanto o pequeno retângulo no centro é a pequena porção desse conhecimento que de fato integra a estrutura semântica do item lexical (LANGACKER, 2008). Na visão de dicionário, por sua vez, Langacker (2008) mostra que o significado de um item lexical reside no acesso a um corpo de conhecimento em aberto,<sup>26</sup> de modo que esse conhecimento está estruturado a partir de diferentes níveis de centralidade.

<sup>26</sup> Aqui, Langacker expressa a ideia de que o conhecimento enciclopédico não é um conhecimento fechado, mas sim dinâmico e aberto a novos dados. Ao longo de suas experiências, o conhecimento de um falante sobre determinada categoria pode perder e ganhar informações.

O conhecimento de dicionário designa o conhecimento que os falantes têm acerca do que as palavras significam, sendo que esse conhecimento representaria um componente especializado da mente, como um **dicionário mental** ou um **léxico mental**. Esse modelo inspirou o desenvolvimento da **Semântica Componencial** (cf. KATZ e POSTAL, 1964 e KATZ, 1972). Segundo Evans e Green (2006), essa abordagem descreve o significado a partir de **traços semânticos** ou **primitivos**. Por exemplo, o significado de “solteirão” é descrito a partir dos traços {+ MASCULINO, + ADULTO, – CASADO}. Esse conjunto de componentes forma um primitivo que pode ser usado para descrever outros significados relacionados, como “homem” {+ MASCULINO, + ADULTO}, “menino” {+ MASCULINO, – ADULTO}, “mulher” {– MASCULINO, + ADULTO}, “menina” {– MASCULINO, – ADULTO} etc.

O conhecimento de dicionário postula, além da dicotomia entre Semântica e Pragmática, a distinção entre *significado* e *referência*. Como vimos no capítulo anterior, o significado se refere exclusivamente ao conteúdo linguístico de uma palavra (que, pela visão de dicionário, está presente no léxico mental), enquanto a referência designa uma contraparte ligada àquilo a que a palavra se refere no mundo real, objetivo. Essa distinção, que pode ser traçada no passado até Platão (cf. *Crátilo*, diálogo platônico em que Sócrates é questionado por Crátilo e Hermógenes a respeito da *convencionalidade* ou *naturalidade* dos nomes). Um dos mais importantes filósofos ligados à visão referencial foi Frege (1892 [1978]), que defendeu uma relação direta entre linguagem e mundo. Segundo Zelinsky-Wibbelt (2000, p. 20), “a afirmação de Frege sobre a verdade absoluta foi tão influente [...] que o reducionismo floresceu de acordo”.<sup>27</sup> A abordagem referencial é reducionista porque se baseia em um modelo único de mundo, rejeitando qualquer possibilidade de que indivíduos diferentes – com experiências, motivações e ideologias diferentes – vejam o mundo sob perspectivas diferentes, assim criando interpretações do mundo. Montague (1974a, 1974b apud ZELINSKY-WIBBELT, 2000), por sua vez, propôs a ideia de **mundos possíveis**: a relação entre palavra e referência não seria entre a unidade linguístico e a realidade objetiva, e sim entre a unidade e um mundo possível.

Ao rejeitar a visão de dicionário e adotar uma abordagem enciclopédica, a Semântica Cognitiva assume um conjunto de postulados associados a esse modelo, que são: a) não há distinção entre conteúdo semântico e conteúdo pragmático, como já vimos; b) o conhecimento enciclopédico é estruturado, termos da estrutura conceptual; c) há uma distinção entre significado enciclopédico e significado contextual ou situado; d) itens lexicais são pontos de acesso para o conhecimento enciclopédico (armazenado na estrutura conceptual); e, por fim, e)

---

<sup>27</sup> “Frege’s claim of absolute truth was so influential [...] that reductionism flourished accordingly”.

o conhecimento enciclopédico é dinâmico. Desses itens, o que ainda precisa de alguma explicação é o item (c). Vejamos brevemente o que significa essa distinção entre enciclopédico e contextual ou situado.

A visão do significado enciclopédico, ao postular que o conteúdo semântico de uma dada unidade linguística não exclui o conhecimento de mundo e a experiência dos falantes, não assume que não exista um significado estável para as palavras. A experiência, por ser social, determina que o conhecimento de mundo dos seres humanos seja, até um determinado nível, regulado pelas mesmas regras e convenções sociais. Experienciamos a realidade de formas particulares, mas isso não significa que nossas visões de mundo sejam (ou possam ser) extremamente diferentes umas das outras. O significado contextual ou situado é aquele construído *online*, no momento da interação – ele existe por um momento específico, breve, é particular daquela interação; contudo, ele se baseia e parte de um inventário mais estável de conhecimento. Dessa forma, quando compreendemos o significado de uma palavra, acessamos informações enciclopédicas compartilhadas por todos os membros de um mesmo grupo social. É por isso que conseguimos nos entender através da linguagem. Não basta dizer que é porque somos todos falantes de um mesmo idioma, trata-se, mais do que isso, de verificar que estamos inseridos em uma mesma cultura, em um ambiente organizado e estruturado de forma que todos reconhecemos tal organização e estrutura. O significado das palavras não é uma lista de traços necessários, mas sim uma rede de experiências humanas. O impacto de um pensamento como esse na onomasiologia é grande: a Semântica Cognitiva oferece a possibilidade de se olhar para a parte conceitual (ou conceptual) em todo o seu potencial, sem as limitações da semântica estrutural, sem o compromisso com uma semântica que não consegue avançar para além do que ela considera como linguístico.

A ideia de que unidades linguísticas funcionam como pontos de acesso para a estrutura conceptual, além de oferecer grandes possibilidades à onomasiologia, serve também de alicerce para a Semântica Lexical Cognitiva. Ela pode ser considerada uma subárea da semântica cognitiva, cujo foco é tratar de questões lexicais à luz dos fundamentos que regem a Semântica Cognitiva. Na subseção abaixo, dedicamo-nos à apresentação dessa subárea, passando pela forma como as teorias da semântica cognitiva pode ser aplicadas aos estudos do léxico. Além disso, partindo da relevância que têm para esta tese, tratamos também da proposta de Geeraerts e Grondelars de uma *onomasiologia cognitiva*, cujo objetivo é o desenvolvimento de um modelo onomasiológico para o estudo do fenômeno da seleção lexical.

### 3.2.2 Acerca de uma Semântica Lexical Cognitiva

Como dissemos anteriormente, neste trabalho, consideramos a Semântica Lexical Cognitiva como uma subárea da Semântica Cognitiva que aplica os construtos teóricos desenvolvidos no âmbito dessa abordagem aos estudos lexicais. Nas palavras de Taylor, Cuyckens e Dirven (2003, p. 1, grifo nosso),<sup>28</sup> para a Linguística Cognitiva, “[...] itens lexicais, bem como classes de palavras e construções gramaticais, são **categorias conceituais** que devem ser estudadas e investigadas com respeito a sua função cognitiva [...]”, o que contrasta diretamente com os modelos formais de descrição semântica. Por conseguinte, o léxico, tanto quanto as estruturas gramaticais, constitui um repositório de conhecimento de mundo, cuja estrutura não só armazena informações relevantes e significativas sobre experiências passadas, mas também auxilia na forma como lidamos com novas experiências (cf. GEERAERTS, 1995).

Geeraerts (2009) aborda a Semântica Lexical Cognitiva como parte da tensão entre visões **minimalistas** e **maximalistas** dos estudos lexicais. A abordagem estrutural, apresentada no capítulo anterior, a partir da qual se desenvolveu o modelo tradicional de onomasiologia, representa uma visão minimalista, em que se tenta a todo custo manter uma diferenciação clara entre o que é o território da Semântica e o que é o território da Pragmática. Busca-se, nessa visão de semântica lexical, impor uma distinção entre o que deve ser levado em conta e o que deve ser rejeitado em relação à descrição semântico-lexical. Segundo o autor (2009, p. 182),<sup>29</sup> tal tensão pode tomar diferentes formas e se relacionar a diferentes aspectos das teorias semânticas, tais como:

[...] a velha questão da fronteira entre o conhecimento da palavra e o conhecimento do mundo. [...] a linha divisória entre semântica e pragmática. [...] uma escolha metodológica entre um modo de investigação orientado para a estrutura ou orientado para o uso. Ou [...] o grau de realismo cognitivo que uma teoria do significado das palavras deveria tentar alcançar.

A Semântica Lexical Cognitiva, nesse sentido, assume um posicionamento maximalista, uma vez que (i) defende a hipótese de que a estrutura semântica é a própria estrutura conceptual, (ii) rejeita uma distinção precisa entre estrutura semântica e estrutura pragmática e (iii) assume uma postura voltada para o uso da linguagem. Isso não significa dizer, contudo, que a Semântica

<sup>28</sup> No original: “[...] lexical items, as well as word classes and grammatical functions, are conceptual categories that have to be studied and investigated with respect to their cognitive function [...]”.

<sup>29</sup> No original: “[...] the old question of the borderline between word knowledge and world knowledge. [...] the dividing line between semantics and pragmatics. [...] a methodological choice between a structure-oriented or a usage-oriented mode of investigation. Or [...] the degree of cognitive realism that a theory of word meaning should try to achieve.”

Cognitiva não trata das estruturas linguísticas; significa, ao invés disso, dizer que as estruturas linguísticas são pontos de acesso para estruturas cognitivas, conceptuais, advindas da experiência com o mundo, numa relação contínua entre linguagem e conhecimento de mundo. A Semântica Cognitiva leva o ideal maximalista ao extremo, derrubando qualquer necessidade de que se tenha uma delimitação estanque entre o que pertence ao nível linguístico e o que não pertence.

Um dos primeiros pontos levantados por Geeraerts (2009) em relação a uma Semântica Lexical Cognitiva é a teoria dos protótipos, que caracteriza a forma como o cognitivismo entende o fenômeno da categorização. Assim, para Taylor, Cuyckens e Dirven (2003), a Semântica Lexical Cognitiva tem se mantido um campo vibrante de investigações dentro do paradigma cognitivista desde que, na década de 80, pesquisadores foram capazes de transpor os achados da Psicologia Cognitiva acerca da estrutura interna de categorias – estruturas de propósito e estruturas de semelhança de família – para o estudo das categorias lexicais. Assim, a teoria prototípica proposta por Eleanor Rosch no campo da Psicologia Cognitiva foi o ponto de partida para uma visão fresca e inovadora da estrutura lexical, indo de encontro ao modelo tradicional de descrição, que partia de traços suficientes e necessários, isto é, a estrutura semântica de um item lexical era descrita a partir de uma lista de condições que deveriam ser atendidas pela palavra que o seu significado fosse considerado verdadeiro.

Dessa forma, a partir das pesquisas de Rosch sobre categorias prototípicas e a sua influência no arcabouço teórico-metodológico da Semântica Cognitiva como um todo, os grandes interesses da Semântica Lexical Cognitiva, nas últimas décadas, têm sido:

[...] (i) estrutura interna das categorias lexicais (estrutura prototípica, estrutura de semelhança de família, estrutura de rede radial); (ii) a natureza polissêmica de itens lexicais e os princípios cognitivos (e.g., metáfora, metonímia, transformações de esquemas de imagem) que motivam as relações entre os diferentes sentidos dos itens lexicais, (iii) estruturas conceptuais mais amplas (e.g., pesquisas sobre metáfora, Semântica de *Frames*). (TAYLOR, CUYCKENS, DIRVEN, 2003, p. 2)<sup>30</sup>

A Semântica de *Frames*, de fato, tem sido um dos grandes interesses da Semântica Lexical Cognitiva nos últimos anos, haja vista o potencial da teoria para a descrição das estruturas conceptuais evocadas por itens lexicais. Nesta tese, como já dito anteriormente, nossa proposta de modelo de um dicionário onomasiológico baseado nos conceitos da Semântica

---

<sup>30</sup> No original: “[...] (i) the internal structure of lexical categories (prototype structure, family resemblance structure, radial network structure); (ii) the polysemous nature of lexical items and the cognitive principles (e.g., metaphor, metonymy, image-schema transformations) motivating the relations between the different senses of lexical items; (iii) larger conceptual structures (e.g., metaphor research, frame semantics).”



Lexical Cognitiva parte, principalmente, do raciocínio que orienta e fundamenta a Semântica de *Frames* concebida por Charles J. Fillmore. Contudo, vale lembrarmos que isso não impede que outros construtos ou noções pertencentes ao quadro maior da Semântica Lexical Cognitiva sejam utilizados como forma de enriquecer a proposta, criando bases mais robustas e mais sólidas para a ideia de recurso onomasiológico que temos em mente.

Relacionado a isso, antes de entrarmos na discussão sobre a Semântica de *Frames*, especificamente, é pertinente tratarmos da proposta de Geeraerts e Grondelaers de uma onomasiologia cognitiva, que parte, obviamente, de uma visão cognitiva de léxico, porém sem se voltar a aspectos lexicográficos ou à prática lexicográfica. Diferente disso, os autores abordam a onomasiologia à luz da Semântica Lexical Cognitiva como uma forma de tratar do fenômeno da seleção lexical.

Grondelaers e Geeraerts (2003) identificam o modelo de onomasiologia cognitiva como uma interpretação *pragmática e dinâmica* de onomasiologia. Com essa proposta, os autores advogam a favor de uma reorientação onomasiológica da Semântica Lexical Cognitiva, que, até o momento (de publicação da obra), havia focado somente em aspectos semasiológicos, como a saliência prototípica entre itens lexicais. Dessa forma, os autores defendem que se suplementem tais aspectos semasiológicos com uma discussão acerca de mecanismos de escolha lexical, bem como dos fatores que governam essas escolhas. Em outras palavras, trata-se de uma contraparte onomasiológica da fase semasiológica dos estudos em Semântica Lexical Cognitiva, partindo do pressuposto de que se investigue *por que* determinado item lexical é selecionado pelos falantes para representar um dado conceito em detrimento dos outros que compõem o seu campo onomasiológico.

Na perspectiva de Grondelaers e Geeraerts (2003), a seleção de um item lexical é caracterizada por três dimensões: (i) uma dimensão semasiológica, que é a saliência prototípica, (ii) uma dimensão onomasiológica, que é a saliência do item lexical como nome dado a um referente, e (iii) uma dimensão sociolinguística, que reúne aspectos geográficos, identitários, políticos, socioeconômicos etc.

Em relação à dimensão semasiológica, ou saliência prototípica, o status de protótipo é conferido a um membro de uma categoria quando este apresenta uma configuração de traços definitórios que não só é a maior dentro de uma base de dados suficientemente representativa, mas também mostra o maior número de componentes dominantes, representando tanto aspectos extensionais quanto intensionais da estrutura semasiológica. O aspecto extensional se refere à verificação da estrutura prototípica em relação aos demais componentes de uma categoria, enquanto o aspecto intensional concerne à estrutura interna do candidato a protótipo, isto é, os

traços de cada membro dentro da categoria. Quanto mais traços que definem um representante de uma categoria estão presentes em um membro dessa mesma categoria, mais próximo do centro da categoria está o membro, ou seja, mais prototípico é. Numa visão linguística, considerando um *corpus* eletrônico, o nível extensional pode ser representado pela verificação da frequência de uma determinada palavra como representante de um conceito ou ideia, enquanto o nível intensional trata especificamente da estrutura semântica interna.

Já em relação à dimensão onomasiológica, se os membros de uma dada categoria A estão, na mente dos falantes, mais relacionados a essa categoria A do que a uma categoria B, isso significa que a categoria A, no que se refere a esses membros em particular, apresenta mais saliência onomasiológica do que a categoria B. Nesse sentido, o item lexical que melhor nomeia um referente é aquele que apresenta o maior nível de representação na mente do falante.

Os autores (2003) veem que estudar as diferentes designações de um conceito em particular, bem como as razões pelas quais uma determinada designação é selecionada como o nome de um referente que se associa a esse conceito, abre caminho para uma concepção pragmática e contextualizada da onomasiologia, com foco nas escolhas reais feitas pelos falantes. Uma distinção entre uma interpretação estrutural, portanto clássica, e uma interpretação pragmática de onomasiologia é que, enquanto a primeira foca na estrutura dos conceitos e nos itens lexicais evocados, uma visão pragmática enfoca o uso, isto é, a forma como os falantes se referem aos conceitos através do inventário lexical que possuem. Enquanto a visão tradicional faz a pergunta “quais são as relações entre expressões alternativas?”, uma visão pragmática faz outra pergunta: “que fatores determinam a escolha de uma entre todas as alternativas?”. Essa pergunta, além de considerar as dimensões semasiológica e onomasiológica mencionadas anteriormente, devem, também, obrigatoriamente, considerar os aspectos sociolinguísticos e partir de uma abordagem empiricamente fundamentada, como, por exemplo, o uso de *corpora* eletrônicos, compilados especificamente para pesquisa linguística. Com isso, Grondelaers e Geeraerts apontam para a necessidade de que a Semântica Lexical Cognitiva – e a Semântica Cognitiva, numa visão mais panorâmica – se volte mais fortemente para os métodos empíricos, de modo a honrar melhor o seu próprio compromisso de descrever a linguagem sob uma perspectiva amparada pelo uso.

Ainda que o modelo de onomasiologia cognitiva de Grondelaers e Geeraerts (2003) se distancie da nossa proposta no que se relaciona ao objetivo que cada pretende alcançar, cabe destacar dois aspectos bastante importantes: primeiramente, o uso *corpus* como forma de validar empiricamente os dados tratados na pesquisa é mantido nesta pesquisa. Em segundo lugar, a noção de protótipo, muito presente no modelo pragmático de onomasiologia que vimos,

se relaciona intimamente, também, ao conceito de *frame* semântico proposto por Charles J. Fillmore. Como veremos na seção abaixo, o *frame*, além de uma estrutura conceptual, é, também, uma estrutura prototípica, uma vez que retrata uma situação convencional ou estereotipada. Ao fim dessa seção, discutimos qual nos parece ser, então, o papel da Semântica de *Frames* em nossa proposta, observando as vantagens, desvantagens e limitações impostas pela seleção dessa teoria, o que nos leva a verificar, portanto, a necessidade ou não de alterações ou enriquecimento do quadro teórico utilizado em nossa proposta.

### 3.3 A SEMÂNTICA DE *FRAMES*: UMA TEORIA SEMÂNTICA DO CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO

A Semântica de *Frames* surge a partir da proposta de Fillmore de se tratar a análise do significado em termos de *frames* semânticos. Um *frame*, segundo o autor (1975, 1982), caracteriza um sistema coerente de conceitos, de forma que a compreensão de um desses conceitos depende da compreensão do sistema como um todo. Nesse sentido, diz-se que o *frame* funciona como uma **esquematização da experiência**: todo o conhecimento que um falante tem sobre um determinado evento ou situação ganha representação no nível conceptual; essa representação cognitiva é entendida por Fillmore como sendo um *frame*.

A teoria caracteriza um modelo empírico para a análise semântica (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996). Em consonância com os princípios da Semântica Cognitiva, e, em consequência disso, da Semântica Lexical Cognitiva, a Semântica de *Frames* adota uma posição enciclopédica. Segundo Petruck (ibid.), o modelo concebido por Fillmore enfatiza as continuidades entre linguagem e experiência.

No texto de 1975, *An Alternative to Checklist Theories of Meaning*, Fillmore apresenta a análise semântica via *frames* como uma alternativa às abordagens semânticas baseadas em condições de verdade. Fundamentadas em listas de traços necessários e suficientes (as tais *checklists*), essas abordagens refletem a visão reducionista (ou objetivista) de mundo. Trata-se, na realidade, de um modelo altamente abstrato de mundo. As teorias semânticas da verdade, portanto, desconsideram totalmente o papel da experiência e da interação entre falantes. Fillmore, no texto *Frames and the Semantics of Understanding* (1985), inclusive, estabelece uma distinção entre o que chama de *semânticas da verdade* e *semânticas da compreensão*. Enquanto as semânticas da verdade se baseiam em julgamentos de verdade relativa, as semânticas da compreensão propiciam uma descrição das relações entre textos, seus contextos de produção e suas interpretações. O modelo de *frames*, defende Fillmore (1975), permite uma

visão integrada de diversos aspectos da própria natureza da linguagem, como a origem e a aquisição dos significados, a compreensão de textos etc.

Fillmore (ibid.) liga o conceito de *frame* ao de **protótipo** – e às pesquisas de Eleanor Rosch (1973, 1975). Contrariando a ideia de descrever o significado em termos de condições de verdade, uma perspectiva baseada em *frames* deve supor que a compreensão dos significados comumente apela para um protótipo. Uma das formas de unir esses dois conceitos, para Fillmore, é através da tese de que *frames* são instâncias prototípicas da experiência humana. Consideremos, por exemplo, nossa compreensão do conceito de CAFÉ DA MANHÃ (cf. FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996). Convencionalmente, entendemos o café da manhã como sendo a primeira refeição do dia, feita após um período de sono, e composta por um cardápio bastante distintivo. Ainda que alguém possa dizer que tomou café da manhã às três da tarde (caso tenha dormido até as duas) ou que comeu feijoada (e não cereal com leite), essas possibilidades caracterizam instância atípicas, singulares, ou **menos prototípicas**. O *frame* de café da manhã ainda é o cenário mais comum, mais enraizado na experiência social (ou sociocognitiva), ainda é o exemplo protótipo.

Outro aspecto sobre a Semântica de *Frames* a ser mencionado é a distinção entre *frame* e *cena* proposta por Fillmore (1975). A cena, de modo geral, foi concebida como sendo o nível conceptual em si, isto é, as esquematizações armazenadas na memória de longo prazo. O *frame*, por sua vez, seria o nível linguístico, caracterizando especificamente as palavras e expressões que servem como **pontos de acesso** para o conteúdo semântico (ou conceptual). Fillmore, anos mais tarde (1982, especificamente, com a publicação de *Frame Semantics*), abandona essa dicotomia: o *frame* passa a integrar tanto o nível conceptual quanto o linguístico. Passou-se a entender, assim, que itens lexicais **evocam frames**. A inserção de uma determinada palavra ou expressão na fala ou em um texto ativa o *frame* a ela relacionado, possibilitando a compreensão. Em outras palavras, o entendimento dos itens lexicais pelos falantes subjaz os *frames*. Consideremos o pequeno diálogo a seguir:

Marta: “Ontem ganhei muitos presentes!”

Carlos: “Nossa! Ontem era seu aniversário?”

Quando Marta fala para Carlos que ganhou muitos presentes, não é necessário que ela diga especificamente que o dia anterior era seu aniversário para que ele acesse o *frame* relacionado. Isso porque, dentre todos os elementos que pertencem ao *frame* de Aniversário, está lá o que diz que aniversariantes ganham presentes. Ainda, Carlos poderia ter

complementado “Teve bolo?”, uma vez que a ideia de ganhar presentes no aniversário está comumente relacionada a de festas de aniversário, em que há convidados e bolo (“Apagou as velinhas?”).

Segundo Fillmore (1975), a ideia de *frame* semântico está relacionada à noção de *esquema* de F. Bartlett e à utilização do próprio termo *frame* na área da Inteligência Artificial a partir dos estudos de M. Minsky (1974). Fillmore, cabe salientar, também se inspirou no uso que Irvin Goffman, da Sociologia, fez de *frame*.

Segundo Minsky (1974), ao nos depararmos com uma nova situação, acessamos uma estrutura existente em nossa memória; essa estrutura é um *frame*, que pode ser definido como “uma estrutura de dados para a representação de uma situação estereotipada, como estar em um certo tipo de sala de estar ou ir a uma festa de aniversário infantil” (MINSKY, 1974, p. 212). Para o autor (ibid.), vinculado a cada *frame*, existe um conjunto de informações que especificam as diferentes maneiras através das quais identificamos o cenário retratado. A definição apresentada se aproxima consideravelmente da utilizada por Fillmore na Semântica de *Frames*.

Já Goffman (1974), no campo da Sociologia, utiliza o conceito de *frame* para definir um certo tipo de estrutura que retrata a forma como indivíduos agem em situações diversificadas. Nas palavras do autor (ibid.), “[e]u entendo que definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – ao menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles”.

Consoante Brooks (2007), Goffman (1974) explora as correspondências que existem entre a organização de uma dada situação e a maneira como essa situação é compreendida por diferentes indivíduos. Desse modo, é possível perceber que o estudo de Goffman (1974), assim como o de Minsky (1974), se relaciona com o de Fillmore, uma vez que o seu conceito de *frame* também diz respeito às formas como situações se organizam e como são percebidas, dando origem às nossas experiências.

O *frame* apresenta também características gestálticas. Como vimos em Lakoff (1987), a estrutura conceitual não é atomística – não se trata de simples junção de peças, como em um quebra-cabeça. O *frame* não é um mero sistema de conceitos ali depositados de forma desordenada ou caótica. Existe uma organização interna guiada e moldada pelas regras da experiência social. Não é possível compreender as partes sem compreender o todo. Isso nos leva para a noção de **perfilamento** [profiling].

O conceito de perfilamento é comumente relacionado ao trabalho de Langacker (1987) com a Gramática Cognitiva, estando relacionado às discussões sobre **figura e fundo**. O perfilamento designa uma forma específica de *construal* (LANGACKER, 1987) que determina

uma operação de saliência. Uma parte de uma dada estrutura conceptual é salientada (ou **perfilada**, dando origem a um **perfil** ou figura) contra uma base (o restante da estrutura, ou fundo). Vejamos o exemplo da figura abaixo:

Figura 15: Ilusão “Faces ou Vasos”



Fonte: A Percepção [...], 2007

Na imagem, temos a representação de uma ilusão de ótica. Se olhamos para a figura de uma certa forma, enxergamos algo parecido com um vaso. Contudo, se olhamos de maneira diferente, vemos que a parte em preto se parece com dois rostos de perfil, um voltado para o outro. Essas duas formas evidenciam dois perfilamentos diferentes da mesma imagem. No caso do vaso, portanto, tem-se a parte branca como a figura que contrasta com o fundo, representado pela parte em preto.

Aplicada à Semântica de *Frames*, a ideia de perfilamento ajuda a explicar o funcionamento da estrutura interna dos *frames*, bem como a sua relação com determinados itens lexicais. Podemos abordar essa questão a partir do já clássico exemplo do *frame* de Transação Comercial (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996). Transação Comercial é composto por quatro elementos básicos: um **vendedor**, um **comprador**, um **produto** e o **dinheiro**. O vendedor tem a posse do produto, e o comprador tem a posse do dinheiro. A transação comercial se dá a partir da troca de posse do produto e do dinheiro. Segundo Petruck (1996), cada perfilamento é uma perspectiva diferente do mesmo *frame*. Linguisticamente, tais perspectivas são evocadas por itens lexicais relacionados ao *frame*, como, por exemplo, *comprar*, *vender* e *cobrar*. Vejamos as sentenças:

(1) Luiz *comprou* o livro de Paulo por R\$ 35,00.

- (2) Juliana *vendeu* o computador para Karen por R\$ 1.200,00.  
 (3) Bruno *cobrou* R\$ 50,00 de Fernanda pelo quadro.

O uso desses diferentes verbos evidencia diferentes “caminhos” dentro do *frame* Transação Comercial. A sentença (1) evidencia a perspectiva da compra, enquanto a sentença (2) evidencia a perspectiva da venda. A sentença (3), por conseguinte, também evidencia a perspectiva da venda, focalizando, contudo, o dinheiro e não o produto, como ocorre em (2). Além disso, o *frame* Transação Comercial é também responsável pela nossa compreensão de itens lexicais como *preço, desconto, promoção, caro, barato, pechincha*, etc. Para entendermos o significado de *desconto*, por exemplo, recorreremos aos conceitos que constituem o *frame*: quando um **vendedor** permite que um **comprador** adquira um **produto** a um valor reduzido – logo, custando menos **dinheiro** –, a diferença entre o preço normal e o preço novo é chamada de *desconto*.

Outro exemplo de como itens lexicais evocam *frames* é o da palavra *garçom* apresentado por Croft e Cruse (2004). Conforme argumentam os autores, o nosso entendimento do significado de *garçom* subjaz o entendimento de uma estrutura um nível acima, muito maior e muito mais complexa, que organiza todo o conhecimento relacionado à unidade lexical *garçom*: o fato de que garçons trabalham em restaurantes ou bares, de que sua função é atender e servir clientes, e assim por diante. Contudo, não basta dizer que entender o significado de *garçom* evoca o conteúdo conceptual armazenado e organizado pelo *frame*; quando a palavra *garçom* é dita ou lida em um texto, ativa-se automaticamente todo o inventário de palavras relacionadas: *restaurante, bar, cardápio, conta, menu, prato, entrada, sobremesa*, etc.

A Semântica de *Frames*, ao oferecer uma visão de significado baseada na experiência e no conhecimento enciclopédico dos falantes, inspirou a criação do projeto **FrameNet** de Berkeley.<sup>31</sup> O trabalho desenvolvido pela plataforma FrameNet segue uma metodologia baseada em *corpora* e propõe a descrição do léxico da língua inglesa com base em *frames* semânticos.

Na subseção abaixo, fazemos um apanhado das principais características da FrameNet, que serve como forma de ilustrar como a Semântica de *Frames* pode ser aplicada aos estudos lexicais. A plataforma, idealizada por Fillmore e pesquisadores associados, como a lexicógrafa Sue Atkins, representa o primeiro e maior exemplo de como os *frames* semânticos podem ser

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

usados na descrição do léxico, ainda que o recurso não caracterize, ao nosso olhar, um dicionário *per se*, como ainda veremos.

### 3.3.1 O paradigma FrameNet

O projeto FrameNet (cujo nome deriva da plataforma WordNet), desenvolvido na Universidade da Califórnia em Berkeley pelo ICSI (*International Institute of Computer Science*) por Charles Fillmore em parceria com pesquisadores dos campos da Linguística, da Computação e da Lexicografia, designa uma **base de dados lexical** orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica de *Frames*. Segundo Baker, Fillmore e Lowe (1998, p. 86), “o projeto FrameNet de Berkeley está produzindo descrições baseadas em *frames* semânticos para milhares de itens lexicais do inglês e fundamentando essas descrições com evidências semanticamente anotadas a partir de *corpora* do inglês contemporâneo.”<sup>32</sup> O foco principal do projeto, dizem os autores (*ibid.*), é a codificação de conhecimento semântico feita por humanos em uma linguagem legível por máquinas. Nesse sentido, podemos vincular o projeto FrameNet às áreas da Lexicografia – uma vez que realiza o trabalho de descrever o conteúdo semântico de um léxico – e à Linguística Computacional.

A base de dados da FrameNet apresenta três componentes principais: um **léxico**, um **repertório de *frames*** e as **sentenças semanticamente anotadas**. O léxico armazenado na FrameNet é composto por (a) um conjunto de definições convencionais, (b) dados morfossintáticos que descrevem as formas através das quais os elementos de *frame* podem ocorrer em sentenças, (c) *links* para exemplos extraídos de *corpus* semanticamente anotados e (d) *links* para os *frames* correspondentes. Os *frames*, por sua vez, contêm a descrição das estruturas conceptuais que representam e a relação dos elementos de *frame* que participam dessas estruturas. As sentenças anotadas são etiquetadas a fim de evidenciar as propriedades semânticas e morfossintáticas das unidades lexicais. Os exemplos anotados, segundo Baker, Fillmore e Lowe (1998), provêm evidências empíricas para análises lexicográficas.

O projeto FrameNet trabalha essencialmente a partir de duas noções que integram a terminologia da Semântica de *Frames*: o **elemento de *frame*** [frame element] e a **unidade lexical** [lexical unit]. Os elementos de *frame*, como vimos, dizem respeito aos componentes internos dos *frames*, como são o vendedor, o comprador, o dinheiro e o produto no caso de

---

<sup>32</sup> The Berkeley FrameNet project is producing frame-semantic descriptions of several thousand English lexical items and backing up these descriptions with semantically annotated attestations from contemporary English corpora.



Transação Comercial. Nesse sentido, os elementos de *frame* são, quando evocados por verbos como *vender e comprar*, a contraparte apresentada pela teoria para **papéis semânticos** mais convencionais, como Agente, Paciente, Instrumento etc. Essa noção, a que se referem também os termos *papéis temáticos*, *papéis- $\theta$* , *relações temáticas* (cf., por exemplo, SOARES e MENUZZI, 2010 e CANÇADO, 2005) e a própria noção de *caso*, pertencente à Gramática de Casos (Fillmore, 1968). A figura abaixo retrata o *frame Attack*,<sup>33</sup> que possui como elementos de *frame* principais alguém que ataca e a vítima.

Figura 16: Definição do *frame Attack*

**Attack** [Lexical Unit Index](#)

**Definition:**

An **Assailant** physically attacks a **Victim** (which is usually but not always sentient), causing or intending to cause the **Victim** physical damage. A **Weapon** used by the **Assailant** may also be mentioned, in addition to the usual **Place**, **Time**, **Purpose**, **Explanation**, etc. Sometimes a location is used metonymically to stand for the **Assailant** or the **Victim**, and in such cases the **Place** FE will be annotated on a second FE layer.

As soon as he stepped out of the bar he was **SET** upon by four men in ski-masks.

Is he **INVADING** Iraq just to cover other shortcomings?

Then **Jon-O's forces** **AMBUSHED** them on the left flank from a line of low hills.

Fonte: FrameNet, [2019?].<sup>34</sup>

O *frame Attack*, como é possível perceber na imagem, apresenta uma definição bastante parecida com as que encontramos em dicionários e outros recursos lexicográficos. As palavras destacadas com cores diferentes representam os elementos de *frame* que constituem *Attack*.

As unidades lexicais designam pareamentos entre formas linguísticas e significados (Ruppenhofer et al., 2014). Para Baker (2014), o conceito de unidade lexical reflete a própria noção saussuriana de signo linguístico: a forma é um lema, ou seja, a configuração canônica da palavra, enquanto o significado é retratado por um *frame* semântico e uma definição “dicionarística” (ibid.). Vale salientar, contudo, que o conceito de unidade lexical da FrameNet extrapola o nível da palavra, considerando como unidades lexicais estruturas complexas como colocações e expressões com verbo-suporte (cf. Souza, 2015) como, por exemplo, *Christmas Day.n*, pertencente ao *frame Commemorative*.

<sup>33</sup> Os *frames* aqui representados, quando pertencentes à FrameNet, são marcados pela fonte Courier New.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Um dos objetivos da FrameNet ao descrever o significado de unidades lexicais do inglês com base em *frames* está em fornecer evidências empíricas extraídas de *corpus*. Tais evidências dizem respeito a sentenças semanticamente anotadas. Esses dados são produzidos a partir de quatro etapas de processamento (BAKER, FILLMORE e LOWE, 1998):

- (i) Preparação: geração de descrições iniciais de padrões semânticos e sintáticos para o uso na anotação de *corpus*;
- (ii) Extração de *subcorpus*: escolha de bons exemplos que retratem as unidades lexicais e sua relação com os *frames* correspondentes;
- (iii) Anotação semântica: etiquetagem manual dos constituintes nas sentenças; e
- (iv) Inserção das entradas: construção da base de dados de representações semântico-lexicais baseadas em anotações.

A figura a seguir exemplifica parte das sentenças semanticamente anotadas para a unidade lexical *change.v*, que pertence ao *frame* *Cause\_Change*.

Figura 17 - Sentenças anotadas para a unidade lexical *change.v*

- Whe, she, it-T-(1)
  1. He CHANGED the name to Lionheart and began buying businesses on the cheap, some from distressed sellers, others from receivers .DNI
  2. Adroitly, she CHANGED the subject .ININI
  3. But they CHANGED their mind .ININI
- T-NP-Wto-(1)
  1. Smith CHANGED his name by deed poll to Jervis-Smith .DNI
  2. It's all part of her campaign to CHANGE public attitudes to the illness .ININI
  3. The rules have been CHANGED this season to give fans of Second Division sides the opportunity to see first-class opponents .CNINIINI

Fonte: FrameNet, [S.I.].<sup>35</sup>

Como dito anteriormente, as palavras destacadas com cores variadas indicam os elementos de *frame*. No caso da sentença “He CHANGED the name to Lionheart [...]”, *changed*, grifada em preto, é a unidade lexical responsável por evocar o *frame* *Cause\_Change*. *He* é quem causa a mudança, isto é, representa o papel de um Agente, enquanto *the name* representa o elemento que sofre a mudança, o Atributo, e *to Lionheart* representa o valor do atributo após a mudança.

Além de definir e descrever as unidades lexicais e os *frames*, a FrameNet também se ocupa do estabelecimento de relações entre os *frames*. Quanto a essas relações, Ruppenhofer et

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/luIndex>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

al. (2014) apontam que todas as relações são assimétricas e entre dois *frames*; assim, em uma relação *frame* a *frame*, o menos dependente e mais abstrato é chamado de *super\_frame*, enquanto o mais dependente e menos abstrato é chamado de *sub\_frame*. Todos os *frames* presentes na plataforma FrameNet estão relacionados a algum outro, ainda que com algumas exceções à regra. No quadro a seguir, estão especificados os diferentes tipos de relação *frame* a *frame*.

Quadro 2: Relações *frame* a *frame*

Relação	<i>Sub_frame</i>	<i>Super_frame</i>
Herança	Filho	Pai
Perspectiva_em	Perspectivado	Neutro
Subframe	Componente	Complexo
Precedência	Precedente	Antecedente
Incoativo_de	Incoativo	Estado
Causativo_de	Causativo	Incoativo/estado
Uso	Filho	Pai
Veja_também	Entrada referida	Entrada principal

Fonte: RUPPENHOFER et al. (2010, p. 75, tradução nossa).

Vejamos, abaixo, um detalhamento de cada uma das relações, de acordo com Ruppenhofer et al. (2014):

- 1. Herança:** é a relação *frame* a *frame* mais forte, correspondendo às relações “é um tipo de” de muitas ontologias. Nesse sentido, o *frame* Filho é um tipo do *frame* Pai. Nessa relação, as características do Pai devem estar presentes no Filho de forma igual ou mais específica.
- 2. Perspectiva\_em:** essa relação é um refinamento de uma mais geral, a de Uso (Ruppenhofer et al., 2014), indicando a presença de, no mínimo, dois pontos de vista que partem do Perspectivado e são empregados no Neutro.
- 3. Sub\_frame:** a complexidade de alguns *frames* resulta em estruturas que comportam sequências de transações e de estados, de forma que cada uma pode ser descrita separadamente como um *frame*. Os *frames* derivados de um maior, chamado de complexo, são os seus componentes. Os elementos de *frame* presentes no complexo se

estendem aos componentes, embora não precisem constar em sua totalidade em cada um dos *sub\_frames*.

4. **Precedência:** relação que ocorre apenas entre dois *frames* componentes de um complexo (especificados na relação acima). A precedência designa a sequência de eventos dentro do cenário maior. Nesse sentido, o *frame* antecedente está relacionado a um acontecimento anterior ao retratado pelo *frame* precedente.
5. **Causativo\_de e Incoativo\_de:** essas duas relações são apresentadas de forma combinada por Ruppenhofer et al. (2014). Relações de “não-herança”, participam delas os *frames* que atuam como estativos, incoativos e causativos quando em combinação com outros *frames*. De acordo com os autores (2014), relações desses tipos na FrameNet ainda não foram feitas (considerando a data da obra). Estranhamente, os autores (2014) afirmam que *frames* que atuam como causativos herdam do *frame* Ação\_Transitiva, enquanto os que designam incoativos herdam de Evento e os que são de estado, do *frame* Atributo\_Gradual. Tal afirmação parece causar conflito com a proposição anterior, de que essas relações não são de herança. De qualquer forma, Ruppenhofer et al. (2014) não especificam nada mais quanto a este tópico.
6. **Uso:** quando um *frame* faz referência à estrutura de outro, mais abstrato e esquemático, estabelece-se a relação de uso. Comumente, tal relação está presente quando algum aspecto no cenário retratado por um *frame* filho se refere a um *frame* pai. Além disso, é dito que um *frame* pode usar mais de um simultaneamente. (RUPPENHOFER et al., 2014).
7. **Veja\_também:** quando há grupos de *frames* similares, é necessário garantir que sejam tratados de forma cuidadosa, de modo a garantir que as diferenças e contrastes entre eles estejam claros. Dessa forma, cada *frame* do grupo é ligado a um membro representativo através de uma relação de veja\_também. Na descrição do membro representativo, é preciso que as características que separam um *frame* do outro sejam especificadas. Devemos destacar, inclusive, que esta relação é muito utilizada também em dicionários ditos tradicionais.

Podemos citar dois exemplos de como a FrameNet apresenta as relações *frame a frame* na interface disponibilizada aos usuários. A primeira é na forma de listagem na estrutura dos *frames*, como podemos observar abaixo. A lista disponibilizada mostra todas as possibilidades de relação com outros *frames*. Como é possível notar na figura, o *frame* Agriculture possui

três relações: de herança, de perspectiva\_em e de *sub\_frame*. Consideramos que essa forma de visualização pode ser confusa ao usuário, uma vez que a FrameNet não lista apenas as relações disponíveis para o *frame* em particular, mas todas as previstas para a base como um todo (Figura 2).

Figura 18: Relações *frame* a *frame* de Agriculture

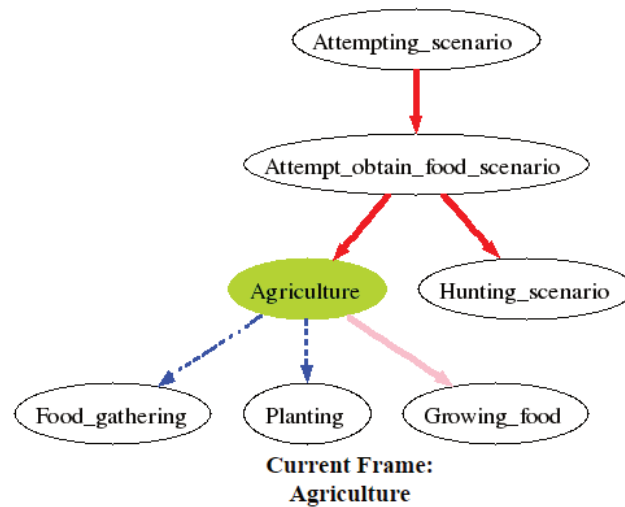
<b>Frame-frame Relations:</b>
Inherits from: <a href="#">Attempt_obtain_food_scenario</a>
Is Inherited by:
Perspective on:
Is Perspectivized in: <a href="#">Growing_food</a>
Uses:
Is Used by:
Subframe of:
Has Subframe(s): <a href="#">Food_gathering</a> , <a href="#">Planting</a>
Precedes:
Is Preceded by:
Is Inchoative of:
Is Causative of:
See also:

Fonte: FrameNet... [2014?]<sup>36</sup>

A segunda forma de apresentação das relações entre *frames* é através da ferramenta conhecida como FrameGrapher, que pode ser acessada a partir da página inicial da base, na aba FrameNet Data. O FrameGrapher é descrito como um recurso de visualização dos relacionamentos *frame* a *frame* e entre os elementos de *frame*. A partir disso, é possível notar que esta forma de apresentação das relações é mais completa do que a primeira, tendo em vista que inclui as conexões estabelecidas entre elementos de *frame*. A imagem (Figura 3) abaixo apresenta o resultado para uma busca a partir do *frame* Agriculture.

<sup>36</sup> FrameNet Data [2014?]. Disponível em: <  
<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/index.php?q=frameIndex>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

Figura 19: *FrameGrapher* para o *frame* Agriculture



Fonte: FrameGrapher [2014?]<sup>37</sup>

Da mesma forma, pensamos que o tipo de visualização gerada pelo FrameGrapher, ainda que valioso, também pode resultar em uma difícil compreensão pelo usuário, levando em consideração a complexidade dos elementos. Assim, as análises semânticas e morfossintáticas feitas pelo projeto FrameNet constituem um conjunto de dados valiosos para lexicógrafos, terminólogos e lexicólogos, uma vez que apresenta os padrões semânticos e gramaticais dos itens lexicais da língua inglesa, facilitando não só o processo de definir palavras, mas também de estabelecer relações entre unidades (sinonímia, antonímia, hiponímia/hiperonímia, etc.). Nesse sentido, em nossa visão, a FrameNet serve muito mais aos propósitos da Linguística Computacional, uma vez que o foco sempre foi a disponibilização de material semântico em uma linguagem legível por máquinas. Destacamos, novamente, que o tipo de informação apresentada pela FrameNet (sentenças anotadas, padrões morfossintáticos, etc.) dificilmente atende às necessidades do usuário leigo. A partir disso, vemos a necessidade de abordarmos a relação que se estabelece entre a Semântica de *Frames* e o campo de desenvolvimento e descrição de dicionários, a Lexicografia, de modo que esse é o tema da próxima seção.

<sup>37</sup> FrameGrapher [2014?]. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/FrameGrapher>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

### 3.4 A SEMÂNTICA DE *FRAMES* COMO CONSTRUTO TEÓRICO APLICADO À LEXICOGRAFIA

Antes de abordarmos especificamente a interface entre Semântica de *Frames* e Lexicografia e suas possibilidades para a estruturação de obras lexicográficas, convém que se chame atenção para a relação entre as teorias semânticas, em um sentido mais amplo, e o campo do desenvolvimento de dicionários.

Ainda que aparentemente natural e previsível, uma vez que dicionários lidam com informação linguística e com a definição do significado de itens lexicais, a relação entre a Semântica – enquanto disciplina da ciência linguística – e a Lexicografia foi, ao longo do século XX, conforme pondera Lew (2007), potencialmente conturbada. Consoante o autor (ibid.), em *Linguistic semantics and lexicography: A troubled relationship*, a semântica “geral” que surgiu das discussões da lógica e da Filosofia focou mais a questão de *como* as palavras significam em detrimento de abordar *o que*, de fato, elas significam. Trata-se, é claro, da visão referencial da linguagem. Já a semântica lexical, especialmente a que se desenvolve a partir do Estruturalismo saussuriano, destacou as relações semânticas entre as palavras (a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a hiperonímia, etc.). Com efeito, estabelecer efetivamente qual o significado das palavras sempre foi uma tarefa vinculada à prática lexicográfica.

Lew (ibid.) diz que, ao longo do tempo, os semanticistas fizeram algumas sugestões relacionadas à descrição do significado em dicionários, embora tais sugestões tenham sido frequentemente recebidas com certa hostilidade ou má vontade da parte dos lexicógrafos, que as julgaram irrealistas – algo que, de fato, se confirmava. Por outro lado, os semanticistas muitas vezes acusaram a Lexicografia de não ter base teórica para exercer o trabalho a que se dedicam. Na visão de Wierzbicka (1985), por exemplo, mesmo os melhores lexicógrafos, se pressionados, não conseguiriam explicar o que fazem, como e por quê.

Essa discussão entre semanticistas e lexicógrafos, contudo, não significa o mesmo que dizer que a Semântica de forma alguma influenciou a prática da Lexicografia. Dicionários, mesmo os mais convencionais, comumente abarcam informações a respeito das relações semânticas entre palavras – especialmente a sinonímia, a homonímia e a polissemia – tema exaustivamente estudado pela semântica lexical. Outra contribuição notável das teorias semânticas para a Lexicografia está no desenvolvimento dos próprios dicionários onomasiológicos. Atkins e Rundell (2008) corroboram essas afirmações, chamando a atenção para o fato de que as teorias linguísticas têm aplicação direta no processo de planejamento e desenvolvimento de dicionários. Um exemplo dessa asserção é o *DiCoInfo – Dictionnaire*

*fondamental de l'informatique et de l'Internet*<sup>38</sup> (LEROYER, 2007, 2011; L'HOMME et al., 2014) que apresenta informação sobre estrutura de actantes e circunstantes (CHISHMAN, 2016a).

No que tange às contribuições da Semântica de *Frames* e da Semântica Cognitiva, em um sentido lato, para a Lexicografia, podemos dizer que se trata, ainda, de uma interface um tanto quanto tímida. A Semântica Cognitiva, ao propor a visão enciclopédica de significado e a hipótese de que a estrutura semântica equivale à estrutura conceptual, se situa em um paradigma que, em um primeiro momento, parece ter pouco em comum com o campo lexicográfico. A dicotomia entre dicionário e enciclopédia deve ser tomada, aqui, literalmente. Trata-se, *ipsis litteris*, de definir o que pertence ao domínio dos dicionários e o que pertence ao domínio das enciclopédias. A Semântica Cognitiva, nesse sentido, impõe desafios à tradição lexicográfica. Geeraerts (2007), aponta para o fato de que não se trata de diluir a diferença entre dicionários e enciclopédias enquanto obras específicas, mas sim discutir qual o alcance da perspectiva enciclopédica quando aplicada à Lexicografia. O cognitivista (ibid.) explora três aspectos que os dicionários deverão apresentar caso absorvam os postulados da Semântica Cognitiva:

- (a) Ainda que se reconheça que certo nível do significado seja próprio de uma definição semântica mais próxima dos moldes tradicionais e que se espere que os dicionários apresentem informação desse nível, aponta-se para a inclusão de protótipos de categorias na microestrutura lexicográfica;
- (b) Espera-se que os dicionários produzam definições que abarquem o aspecto vago dos limites entre categorias (no inglês, a Linguística Cognitiva se refere a esse fenômeno como *fuzzy categories* ou *fuzziness*); e
- (c) Partindo do princípio de que o cognitivismo adota uma visão multidimensional de linguagem e de significado, espera-se que os dicionários enfrentem problemas de linearidade: como a natureza multidimensional da estrutura semântica pode ser mapeada e adapta à estrutura linear do dicionário (semasiológico) padrão?

A Semântica de *Frames*, por ser um modelo semântico enciclopédico que adota uma visão prototípica, poderia solucionar os problemas que tangem aos pontos (a) e (b). A forma como os *frames* são estruturados permitiria não só a criação de definições mais enciclopédicas,

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://olst.ling.umontreal.ca/cgi-bin/dicoinfo/search.cgi>>.



mas também relações entre verbetes que expressam a dificuldade de se estabelecer fronteiras entre categorias. Contudo, cabe apontarmos para o fato de que pouco se tem na literatura sobre como a Semântica de *Frames* poderia, de fato, ser absorvida e adaptada à Lexicografia. Não é o caso de abordarmos, novamente, a FrameNet, por exemplo. A FrameNet caracteriza um projeto linguístico-computacional que apresenta certos aspectos lexicográficos na medida em que fornece um léxico com definições. Contudo, não se trata de um dicionário propriamente dito, ainda que a literatura pareça não chegar a um consenso em relação a isso. Geeraerts (2007), quando cita a Semântica de *Frames* como um dos modelos teóricos da Linguística Cognitiva que podem contribuir com a Lexicografia, se limita a mencionar a FrameNet e o uso de *corpora* como de obter evidência empírica.

Carolin Ostermann, contudo, na obra *Cognitive Lexicography: A New Approach to Lexicography Making Use of Cognitive Semantics*, de 2015, aborda a teoria desenvolvida por Fillmore sob uma ótica um pouco diferente. Não se restringindo a citar a FrameNet, Ostermann (2012) oferece uma espécie de metodologia para a inclusão de certos aspectos da Semântica de *Frames* nas sentenças exemplo apresentadas por dicionários na estrutura interna dos verbetes. A proposta da autora (ibid.) é que essas sentenças façam referência a *frames*.

Segundo a autora (ibid.), partindo do pressuposto de que se trata de uma hipótese geral da Semântica Cognitiva dizer que *frames* e *scripts* representam estruturas de conhecimento, é desejável que os dicionários desenvolvidos na interface verbalizem esse tipo de informação. Os dicionários tradicionais sofrem do problema de ter que espalhar o conhecimento enciclopédico ligado a um único *frame* em várias entradas diferentes que estão localizadas em pontos bastante distintos da macroestrutura. Deve-se, então, buscar uma forma de unir essa estrutura enciclopédica em um lugar só.

Pode-se alcançar isso através do uso das sentenças exemplo, as quais, nesse contexto, são chamadas por Ostermann (2012) de “exemplos de *frames* cognitivos”. Essas sentenças designam a parte referente aos *frames* na estruturação das entradas. São, de acordo com a autora (ibid.), pequenas porções de texto que expressam não apenas o *frame*, mas também os elementos de *frame* evocados pela palavra lema. Os exemplos devem conter amostras desses elementos e estar presentes em todas as entradas relacionadas à mesma estrutura conceptual. Consideremos, por exemplo, a palavra *noivo*. A entrada referente a esse item lexical poderia conter a seguinte sentença:

- (4) No dia do CASAMENTO, a NOIVA e o NOIVO se casam e se tornam MARIDO e MULHER. Um PADRE ou PASTOR na IGREJA tradicionalmente os casa, com família e amigos presentes. Após, é comum haver uma FESTA DE CASAMENTO.

No exemplo acima (OSTERMANN, 2012, p. 83), o *frame*, obviamente, é o de Casamento. Os elementos de *frame*, por sua vez, respondem a perguntas como “quem?”, “onde?” e o “que acontece?”, tipicamente direcionadas a eventos e acontecimentos, de forma que se identificam os seguintes: a NOIVA e o NOIVO, o MARIDO e a MULHER, o PADRE ou o PASTOR, a IGREJA e a FESTA DE CASAMENTO. A expressão *se casam* é responsável por demarcar o que ocorre no cenário de um casamento, além de ser a unidade linguística que, na sentença, evoca o *frame*. Destacamos que, a partir dos parâmetros estabelecidos pela proposta de Carolin Ostermann (ibid.), a estrutura conceptual retratada na sentença exemplo deve estar presente para todos os outros verbetes relacionados.

Fillmore, contudo, em *Double-Decker Definitions: The Role of Frames in Meaning Explanations*, de 2003, faz importantes observações sobre o papel que a Semântica de *Frames* pode ter na Lexicografia. Fillmore defende a ideia de que o *frame* deve ser um componente essencial da definição de uma palavra. Contudo, “Para os dicionários impressos comuns, a disponibilização desse tipo de informação equivaleria a um investimento muito grande”. (ibid., p. 263). O autor chama a atenção para as limitações do mercado e do investimento em dicionários impressos; a distribuição de informação enciclopédia, nos moldes requeridos pelos *frames*, levaria a um custo muito alto de produção. Além disso, poderia ser, do ponto de vista do usuário, um recurso difícil de ser integrado às páginas impressas do modelo tradicional de dicionário. Assim, é possível que a proposta de Ostermann (2012) não seja totalmente viável do ponto de vista lexicográfico: a inclusão de sentenças exemplo em cada entrada muito provavelmente dobraria o número de páginas do dicionário.

Nesse sentido, Fillmore (2003) sugere que o modelo ideal de dicionário baseado em *frames* deve estar em contexto eletrônico. À época, a *web* ainda competia com disquetes e CD-ROMs. Hoje, contudo, é imprescindível que dicionários eletrônicos estejam disponíveis *on-line*. A *web*, para uma descrição baseada em *frames*, oferece um conjunto de infinitas possibilidades para a disposição de informação lexicográfica e enciclopédica. É possível, por exemplo, que se estabeleçam *hiperlinks* entre unidades lexicais, fazendo com que o usuário não mais precise passar por dezenas ou centenas de páginas para chegar à entrada relacionada à que ele estava consultando em primeiro lugar.

Fillmore ainda argumenta a favor da disponibilização de definições para *frames* na estrutura do dicionário, algo similar ao trabalho feito pelas *framenets*. Cabe lembrar, entretanto,

que as *framenets* constituem bases de dados lexicais com propósitos mais computacionais do que lexicográficos, em um sentido estrito.

No que tange ao desenvolvimento de recursos lexicográficos baseados em *frame* em meio eletrônico e *on-line*, podemos citar os dicionários *Field – Dicionário de Expressões do Futebol* (CHISHMAN, 2014)<sup>39</sup> e *Dicionário Olímpico* (CHISHMAN, 2016b),<sup>40</sup> ambos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa SemanTec – Semântica e Tecnologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Tanto o *Field* quanto o *Dicionário Olímpico* apresentam duas formas de acesso à informação: de um lado, tem-se a listagem de unidades lexicais alfabeticamente disposta; de outro, por sua vez, há uma listagem de *frames* (chamados de cenários). A figura a seguir exemplifica as duas estruturas de acesso para a ginástica artística:

Figura 20: Macroestrutura da ginástica artística no *Dicionário Olímpico*

**Dicionário Olímpico** Sobre Como usar Créditos Contato

**Ginástica Artística**

A ginástica artística é um esporte de precisão formal no qual os ginastas devem apresentar uma série composta por elementos acrobáticos e ginásticos em um dos aparelhos que integram a competição. Na competição feminina, as ginastas se apresentam em quatro aparelhos: as barras assimétricas, o salto sobre a mesa, o solo e a trave de equilíbrio. Na competição masculina, os ginastas também competem no salto sobre a mesa e no solo, além de executarem séries nas argolas, na barra fixa, nas barras paralelas e no cavalo com alças. Um júri composto por 8 árbitros avalia o ginasta com relação à dificuldade da série (com base nos valores dos elementos que a compõem, estabelecidos pelo Código de Pontuação) e à execução da série (conforme a qualidade e precisão técnica dos movimentos realizados pelo ginasta). Ao apresentar a série, os ginastas podem cometer falhas, o que acarreta em dedução na nota, ou realizar movimentos combinados ou de grande dificuldade, o que resulta em bonificação. Esses itens determinam a pontuação da série do ginasta. Geralmente, as séries apresentam uma estrutura formada por início, apresentação e contato com o aparelho.

**PALAVRAS**

- AJUDA
- ALÇA
- AMANAR
- AMPLITUDE
- APARELHO
- APOIO
- APRESENTAÇÃO
- APROXIMAÇÃO
- AQUECIMENTO
- ARBITRO
- AREA DE APRESENTAÇÃO
- AREA DE ATERISSAGEM

**CENÁRIOS**

- APARELHOS
- APOIOS
- AQUECIMENTO
- ARGOLAS
- BARRA FIXA

Fonte: Chishman (2016b).<sup>41</sup>

A página apresenta, primeiramente, um texto introdutório da ginástica artística. Esse texto, que funciona como uma espécie de glosa geral do esporte, inclui informação

<sup>39</sup> Disponível em: <[www.dicionariofield.com.br](http://www.dicionariofield.com.br)>.

<sup>40</sup> Disponível em: <[www.dicionarioolimpico.com.br](http://www.dicionarioolimpico.com.br)>.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.dicionarioolimpico.com.br/ginastica-artistica>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

enciclopédica sobre a modalidade. Ao lado, estão dispostas as listas de palavras e de cenários.<sup>42</sup> Nota-se, assim, que os dois recursos apresentam, simultaneamente, informação semasiológica e onomasiológica. A lista alfabética de entradas (semasiológica) depende da lista de cenários (onomasiológica), pois são eles que atuam como definições para as unidades lexicais. A lista de cenários, por sua vez, também depende da lista de verbetes: os *frames* precisam ser “populados” com informação lexical. Isso mostra a relação de interdependência entre os níveis semasiológico e onomasiológico, algo que abordamos no capítulo anterior.

A microestrutura de um *frame*, por sua vez, como podemos ver pela figura abaixo, apresenta uma glosa específica para o *frame*, que também apresenta informação enciclopédica, palavras relacionadas (isto é, as palavras que evocam o *frame* Aquecimento) e cenários relacionados.

Figura 21: Microestrutura do frame Aquecimento

**Ginástica Artística**

**CENÁRIO > Aquecimento**

Imediatamente antes da apresentação nos aparelhos, os ginastas de cada grupo de rotação recebem um período de tempo no qual são autorizados a treinar brevemente alguns elementos de sua apresentação. Para cada aparelho da competição, o aquecimento tem regras específicas: no salto sobre a mesa, é facultada a realização de até dois saltos na etapa classificatória e três saltos na final; nas barras paralelas e assimétricas, os ginastas recebem 50s, incluído o tempo gasto nos ajustes do aparelho; nos demais aparelhos, eles podem utilizar até 30s. Na etapa classificatória e nas finais por equipe, o tempo de aquecimento é proporcional à quantidade de ginastas e a própria equipe deve organizar esse período, de forma a dar a todos seus atletas tempo suficiente para o aquecimento.

**PALAVRAS RELACIONADAS**  
AQUECIMENTO

**CENÁRIOS RELACIONADOS**  
FAZ PARTE DE ESTRUTURA DA COMPETIÇÃO  
VEM ANTES DE SÉRIE  
FEITO POR EQUIPE  
ACONTECE EM APARELHOS

Fonte: Chishman (2016b).<sup>43</sup>

<sup>42</sup> A interface apresenta, ainda, um mapa conceitual da modalidade e curiosidades sobre o esporte.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.dicionarioolimpico.com.br/ginastica-artistica/cenario/aquecimento-1>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

Tanto o *Dicionário Olímpico* quanto o *Field* (que apresenta essencialmente a mesma organização estrutural), embora apresentem traços onomasiológicos – lembrando que os *frames* representam estruturas de natureza onomasiológica, uma vez que se tratam de conceitos a partir dos quais itens lexicais são agrupados, em uma relação de *evocação* –, não devem ser considerados dicionários onomasiológicos propriamente ditos. Isso se deve ao fato de que as unidades lexicais, embora evoquem *frames*, não estão dispostas, de fato, como parte da estrutura interna dos *frames* – os cenários não são apresentados como domínios. Há uma sobreposição do semasiológico sobre o onomasiológico, se levarmos em consideração que a lista alfabética de verbetes é a forma primária de consulta.

Feitas essas considerações, passamos, agora, à próxima subseção, em que versamos sobre os desafios do uso da teoria de *frames* em nossa proposta.

### **3.4.1 Os desafios de uma proposta teórico-metodológica de dicionário onomasiológico a partir de *frames* semânticos**

Como dito anteriormente, a proposta teórico-metodológica que caracteriza esta tese propõe o encontro da onomasiologia e da Lexicografia onomasiológica com a Semântica Lexical Cognitiva num sentido amplo, não apenas com a Semântica de *Frames*. A seleção pela teoria de Fillmore ocorre como forma de aplicar um construto específico do arcabouço cognitivista. Além disso, acreditamos que o conceito de *frame* semântico apresenta grande potencial para o ideal que buscamos com este trabalho, haja vista que, sob nossa visão, o *frame*, nos termos propostos por Fillmore e adotados pela Semântica Lexical Cognitiva, representa uma estrutura onomasiológica. A estrutura conceptual no nível do *frame* funciona como um conceito, agrupando ao redor de si as palavras e expressões que evocam a ideia, evento ou instituição representados pelo *frame*.

Cabe, nesse sentido, discutirmos brevemente quais são as consequências da escolha desse modelo teórico para embasar a faceta semântico-cognitiva da proposta de dicionário onomasiológico. Em outras palavras, cabe averiguarmos quais são as implicações da aplicação da Semântica de *Frames* nesta tese, quais os desafios que emergem e quais as necessidades que se mostram em nível tanto teórico quanto operacional, aplicado.

Em primeiro lugar, é preciso retornar ao capítulo 2, quando fizemos a apresentação de algumas obras lexicográficas que seguem a orientação onomasiológica, como o *DaLP*. Ao observarmos novamente as figuras 7 e 8, presentes no capítulo anteriormente, rapidamente percebemos que dicionários onomasiológicos mais tradicionais seguem uma estrutura ou

organização de conceitos estanque, engessada. Trata-se, nesse caso, de uma ontologia num sentido clássico, uma teoria do mundo. Os recursos onomasiológicos mais próximos do modelo estrutural se orientam por uma visão, portanto, mais taxonômica, de estruturação e organização de conceitos. A Semântica de *Frames* encontra dificuldades em se adequar a esse modelo. Contudo, como veremos, nesse sentido, o que a Semântica de *Frames* oferece é uma vantagem em relação à organização taxonômica ou ontológica. Os *frames*, por serem estruturas conceituais representativas de porções de conhecimento enciclopédico, situado e contextualizado, são muito mais dinâmicos e próximos de uma descrição de domínio menos artificial ou menos “ideal”. O potencial da utilização da Semântica de *Frames* não está na possibilidade de criarmos uma taxonomia de *frames*, pois esta seria dura, rígida. Os *frames* perderiam o caráter dinâmico. Ao invés disso, devemos pensar em uma **rede** de *frames*, uma representação de domínio via *frames* que mostre as relações entre subdomínios e entre conceitos, de forma mais explicativa e enciclopédica. Assim, já podemos sinalizar, aqui, o potencial dos mapas conceituais, que são um recurso visual que nos permite enxergar como os *frames* se organizam na rede. Nesta tese, como dito anteriormente, a etapa analítica da pesquisa dá conta de mostrar como seria um dicionário nos moldes aqui propostos, utilizando, como forma de ilustrar, o domínio da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha.

Em segundo lugar, a utilização da Semântica de *Frames* também implica pensarmos acerca da estrutura interna que esses *frames* vão apresentar. Num dicionário onomasiológico que utiliza a noção de *frame*, os *conceitos onomasiológicos* não podem ser como os presentes nos recursos tradicionais, em que não passam de etiquetas sob as quais as palavras se organizam. Não existe descrição sobre cada domínio ou classe de conceito. Numa perspectiva baseada em *frames*, é preciso pensar sobre isso. Se olharmos novamente para a FrameNet e para recursos como o *Field* e o *Dicionário Olímpico*, veremos que os *frames* apresentam uma organização e uma descrição internas bastante rica. No caso dos dois dicionários esportivos citados, temos (i) uma glosa, que descreve o domínio representado pelo *frame*, (ii) um mapa conceitual, que organiza as informações em rede, e (iii) uma lista de curiosidades sobre o esporte, além da lista de ULs e de *frames* relacionados. Tanto a glosa quanto as curiosidades são claros exemplos do papel central do conhecimento enciclopédico na descrição de *frames*. E a lista de *frames* relacionados também aponta para a importância de visualizar os *frames* em rede, e não como mera de lista de etiquetas, em que cada conceito se porta de forma independente em relação aos demais. Para a nossa proposta, consideramos essencial que os conceitos onomasiológicos – os nossos *frames* – apresentem uma descrição enciclopédica e um mapeamento em rede.

Em terceiro lugar, devemos discutir também a questão das relações entre as ULs que pertencem a cada conceito, ou *frame*. Na perspectiva tradicional, os itens lexicais são comumente organizados a partir de relações lexicais clássicas, como sinonímia, antonímia etc. O *Dicionário online de sinônimos*, por exemplo, como visto anteriormente, apresenta uma organização por sinonímia, oferecendo ao usuário também, quando é o caso, um item lexical que apresenta relação de antonímia. Outros recursos, como o *OsT*, não apresentam qualquer tipo de relacionamento ou organização interna no nível lexical, mesmo porque não se enquadram na estruturação clássica por taxonomia. Para a proposta desenvolvida e defendida por esta tese, julgamos importante que os grupos lexicais possuam algum tipo de sistematização. Recuperando a apresentação que fizemos da onomasiologia cognitiva de Grondelaers e Geeraerts (2003), parece-nos que a resposta para esse anseio está na noção de protótipo, que, como vimos, é muito influente na Semântica Lexical Cognitiva. Grondelaers e Geeraerts (2003) utilizam a noção de protótipo para falar da saliência semasiológica, isto é, para tratar de quais palavras se aproximam mais ou menos rede prototípica criada por um determinado conceito. Nesse sentido, para nossa proposta, acreditamos que uma adaptação desse raciocínio pode nos oferecer uma forma contextualizada de organizar as unidades lexicais. A proposta original dos autores, no que se refere ao método de análise das estruturas prototípicas, se baseia em procedimentos bastante complexos. Nesta tese, propomos que a sistematização das unidades lexicais em mais prototípicas e menos prototípicas se dê a partir da frequência no *corpus*. Ainda que seja uma forma mais simples de abordar a questão, ainda assim se trata de uma alternativa contextualizada no uso e amparada por *corpora* linguísticos, o que, para uma primeira versão da proposta teórico-metodológica, nos parece suficiente.

Por fim, cabe também sinalizarmos para o fato de que a organização em *frames*, por oferecer uma estruturação mais dinâmica, menos estanque, tem o seu potencial melhor utilizado em contexto *online*. Nesse sentido, como já havíamos dito anteriormente, nossa proposta parte da ideia de um recurso lexicográfico para a *web*. No âmbito deste trabalho, não detalharemos os princípios que regem a área que se convencionou chamar de Lexicografia Eletrônica (cf. GRANGER; PAQUOT, 2012), uma vez que não estamos, de fato, discutindo o meio eletrônico em si. A internet é, aqui, o contexto da aplicação.

Sendo assim, finalizamos este capítulo tendo passado pela apresentação da Linguística Cognitiva e da Semântica Cognitiva de forma mais geral, apresentando um panorama da área e sua subárea, bem como da Semântica Lexical Cognitiva e da Semântica de *Frames*. A partir da reflexão que fizemos nesta seção, sobre os desafios encontrados na utilização do conceito de *frame* para o desenvolvimento de um recurso onomasiológico, pudemos perceber determinados

pontos muito relevantes para a parte operacional da pesquisa, revelando traços metodológicos necessários. Nesse sentido, no próximo capítulo, abordamos a metodologia que ampara esta tese, bem como os materiais e ferramentas utilizados.



## 4 RECURSOS E MÉTODOS

“[...] não há mais espaço para fazer Linguística Cognitiva (ou qualquer outro tipo de Linguística) sentado na cadeira de balanço e aguardando o sopro do Espírito...” (SALOMÃO, 2010, p. 23)

Neste capítulo, nosso propósito é descrever os recursos e os passos metodológicos que permitem a execução da pesquisa proposta, de modo que convém lembrarmos nosso objetivo principal, que é o de fornecer bases teórico-metodológicas para uma proposta de dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva a partir de *frames* semânticos. Ao fim do capítulo anterior, tecemos alguns comentários importantes sobre as consequências da adoção da Semântica de *Frames* como pano de fundo teórico principal, tendo sido possível perceber alguns aspectos operacionais necessários, relacionados à (i) organização da estrutura dos conceitos – que, no âmbito desta proposta, caracteriza os próprios *frames* –, (ii) organização da estrutura interna dos *frames* e das ULs e (iii) estrutura lexicográfica do dicionário onomasiológico. Cabe salientar, aqui, que não estamos desenvolvendo um dicionário propriamente dito, mas sim discutindo e fornecendo as bases iniciais para um tipo de recurso com características específicas. Os aspectos operacionais acima mencionados, percebidos através da reflexão teórica sobre onomasiologia e Semântica Lexical Cognitiva, se refletem na estrutura dos passos metodológicos que caracterizam o componente aplicado deste trabalho, como veremos nas próximas páginas.

Sendo assim, este capítulo está dividido em dois momentos: no primeiro, apresentamos os recursos computacionais que auxiliam na execução da proposta, passando pelas ferramentas utilizadas no tratamento e na análise dos dados, bem como pelos *corpora* que utilizamos; no segundo momento, caracterizamos passos metodológicos a partir de três níveis de análise. Como dito anteriormente, como forma de ilustrar o modelo de dicionário que estamos propondo, apresentamos considerações acerca de como seria um recurso nesses moldes a partir de um domínio específico, que é o da culinária de imigração italiana na região da Serra Gaúcha, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Para que isso seja possível, contamos com o uso de *corpora* linguísticos do domínio mencionado. Por conta disso, na próxima seção (4.1), iniciamos tecendo algumas considerações sobre o uso de *corpus* no âmbito das pesquisas em Linguística Cognitiva, além de tratarmos, também, dos *corpora* utilizados e das ferramentas de computacionais que amparam nosso estudo, a saber o Sketch Engine e o *software* CmapTools. Por fim, a seção seguinte (4.2) detalha os procedimentos metodológicos e os níveis de análise.

#### 4.1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA ENCONTRA A LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

Langacker (1987) define sua teoria, a Gramática Cognitiva, como um **modelo baseado no uso**. Esse termo pode ser atribuído à Linguística Cognitiva como um todo, tanto no que se refere a todas as abordagens cognitivas à gramática quanto à Semântica Cognitiva, incluindo a Semântica Lexical Cognitiva. Segundo Langacker (1987, p. 220),<sup>44</sup> “uma motivação para esse termo é a afirmação de que eventos de uso são a fonte de todas as unidades linguísticas.” Quando o cognitivista fala de unidades linguísticas, ele está tratando não só de unidades gramaticais, mas também de unidades lexicais, haja vista que a Linguística Cognitiva rejeita uma divisão rígida entre gramática e léxico, apostando, ao invés disso, em uma ideia de *continuum*. De acordo com Joan Bybee, em entrevista concedida a Tiago Timponi Torrent (2012), Langacker utiliza o termo para enfatizar o próprio conhecimento específico que falantes têm de expressões idiomáticas e construções linguísticas, sendo que esse conhecimento emerge da experiência desses falantes no mundo. E a experiência que os falantes têm com a linguagem interage com o aparato cognitivo de modo a formar as representações mentais necessárias para que o uso posterior e produtivo da linguagem seja possível (TORRENT, 2012).

Nesse sentido, entende-se que a Linguística Cognitiva possui um compromisso com o estudo da linguagem a partir do seu uso real feito pelos falantes, o que aponta para a necessidade de que o cognitivismo se alie a métodos empíricos de análise. A presente tese, estando pautada na proposta de um dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva, se insere na grande área de estudos do léxico, de modo que adotamos a Linguística de *Corpus* como abordagem metodológica, uma vez que seu maquinário nos permite verificar o comportamento de unidades lexicais no uso real da linguagem, partindo de *corpus* que designam, *grosso modo*, coleções de dados linguísticos (escritos ou falados) sistematizados de acordo com determinados critérios e compilados com o propósito de fornecer resultados para a análise linguística (cf. BERBER SARDINHA, 2004). A Linguística de *Corpus*, enquanto área,

[...] ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

---

<sup>44</sup> No original: “One motivation for this label is the claim that usage events are the source of all linguistic units.” (LANGACKER, 1987, p. 220).

Assim, a Linguística de *Corpus* está contextualizada na era da informática, o que permite que grandes porções de texto sejam processadas eletronicamente, algo que, dependendo do tamanho do *corpus*, pode variar de muito demorado para humanamente impossível, caso considerássemos um processamento manual de *corpora*. Cabe salientarmos, contudo, que a Linguística de *Corpus* não inaugurou o conceito de *corpora*, uma vez que esse termo, que literalmente significa “corpo”, já designava coleções de textos e documentos desde a Grécia Antiga (BERBER SARDINHA, 2000).

McEnery e Hardie (2012) citam duas formas de se utilizar a Linguística de *Corpus*: a partir de uma orientação **baseada** em *corpus*, ou *corpus-based*, e uma orientação **dirigida** pelo *corpus*, ou *corpus-driven*. Pesquisas baseadas em *corpus*, segundo os autores (2011), partem do uso dos dados obtidos em *corpora* como forma de validar hipóteses já existentes na literatura. Trata-se, nesse sentido, da ideia de se usar a Linguística de *Corpus* como *método*. Já as pesquisas dirigidas pelo *corpus*, por sua vez, rejeitam a concepção de *corpus* como metodologia, inferindo que o *corpus* deve ser utilizado como única fonte de formulação de hipóteses sobre a linguagem. O *corpus* é, em si mesmo, sua própria teoria (McENERY; HARDIE, 2012). Nesta tese, adotamos a Linguística de *Corpus* como **método**, de forma que os *corpora* que utilizamos servem ao propósito de fornecer os dados de que necessitamos para tratar da proposta do dicionário onomasiológico orientado pela Semântica Lexical Cognitiva.

A relação entre a Linguística de *Corpus* e as teorias cognitivistas não é nova. No capítulo anterior, por exemplo, abordamos rapidamente a plataforma FrameNet, cujo trabalho semântico-computacional se dá através de conjuntos de dados oriundos de *corpus*. Gries (2010) é um autor que se posiciona a favor de um encontro entre Linguística de *Corpus* e abordagens cognitivas, reiterando que, em determinado momento, para a Linguística de *Corpus*, assumir uma perspectiva cognitivista é necessário, dado que, de acordo com o autor (2010, p. 333),<sup>45</sup> “[...] as coisas só entram em discurso quando um falante as processou e ‘decidiu’ expressá-las e, assim, torná-las parte do discurso, e a forma como um ouvinte processa essa informação também é determinada pela estrutura interna do ouvinte.” Do ponto de vista da Linguística Cognitiva como um todo, também é fácil perceber a relevância da Linguística de *Corpus*, uma vez que utilizá-la como metodologia permite ao pesquisador embasar empiricamente suas hipóteses e generalizações, ainda que a abordagem baseada em *corpus* – isto é, que utiliza o *corpus* como método – não exclua totalmente o papel da introspecção do linguista (GRIES,

---

<sup>45</sup> No original: “[...] things only enter into discourse when a speaker has processed them and “decided” to utter them and, thus, make them part of the discourse, and the way a hearer processes that input is also determined by that hearer’s internal structure.” (GRIES, 2010, p. 333).

2010). Utilizar o *corpus* como ferramenta fornece os recursos necessários para que as reflexões ocorram a partir de conjuntos naturalísticos de dados; no entanto, ainda cabe ao linguista, fundamentado pela sua base teórica, fazer as interpretações necessárias a respeito desses dados.

Tecidas essas considerações a respeito do uso da Linguística de *Corpus* como aporte metodológico às pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística Cognitiva, a próxima seção tenciona apresentar os recursos computacionais utilizados em nosso trabalho.

## 4.2 RECURSOS COMPUTACIONAIS E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Nesta seção, assim, passamos à apresentação dos recursos computacionais utilizados em nossa pesquisa, além de tratarmos das características dos *corpora* compilados para o estudo. De saída, é importante mencionarmos que, no âmbito deste trabalho, estamos considerando dois *corpora* de naturezas distintas, ainda que sejam complementares, nomeados como *corpus de apoio* e *corpus processável*.<sup>46</sup> O *corpus de apoio* caracteriza um conjunto de textos compilados com o propósito de nos fazer compreender o domínio aqui retratado, sendo ele o domínio da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha. É importante salientar que esse *corpus de apoio* não passa pelo processo de compilação e tratamento da Linguística de *Corpus*, no sentido de que dispensa o processamento eletrônico via *softwares* de manutenção de *corpus*, como o Sketch Engine, que logo abordaremos. Como mencionado, o *corpus de apoio* nos possibilita compreender o domínio estudado e identificar a forma pela qual ele se estrutura; nesse sentido, esse *corpus* nos permite *sistematizar* o domínio. Como veremos mais adiante, o *corpus de apoio* é essencial para a primeira fase de análise, que designa uma proposição ampla de *frames*, criando uma rede conceptual que representa o domínio. A segunda coletânea de textos que utilizamos nesta tese designa, então, um *corpus processável*, isto é, compilado e mantido de acordo com as orientações da Linguística de *Corpus*. Esse *corpus*, compilado a partir do Sketch Engine, segue instruções específicas em relação à sua natureza. Nesse sentido, a próxima subseção aborda o Sketch Engine e a ferramenta de compilação de *corpus*.

### 4.2.1 O Sketch Engine e a ferramenta de compilação de *corpus*

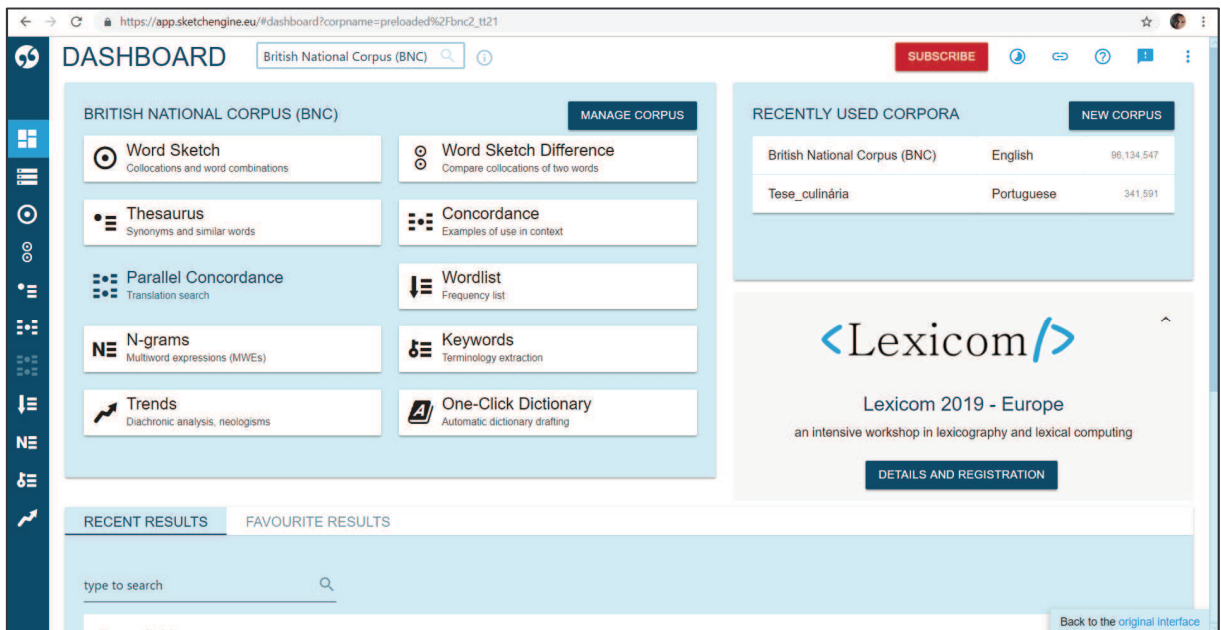
O Sketch Engine designa “[...] uma ferramenta de *corpus* que toma como entrada um *corpus* de qualquer linguagem (com marcação linguística apropriada), e que, então, gera, entre

---

<sup>46</sup> As noções de *corpus* de apoio e *corpus* processável foram apresentadas por Chishman et al. (2018) como parte da metodologia de trabalho do grupo de pesquisa SemanTec (UNISINOS).

outras coisas, *word-sketches* para as palavras dessa linguagem.” (KILGARRIFF et al., 2004, p. 1). A partir de um determinado *corpus*, portanto, o usuário do Sketch Engine tem a possibilidade de fazer a manutenção e a análise dessa coletânea de textos através de um conjunto de recursos, como as já citadas *word-sketches*, o concordanceador, a geração de lista de palavras por frequência, entre outras. A imagem abaixo exemplifica a página inicial do SE.

Figura 22: Página inicial do Sketch Engine



Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Neste trabalho, para vias de análise, utilizamos o concordanceador, as *word-sketches* e a lista de palavras, funções que apresentaremos a seguir. Começamos pela lista de palavras, ou *wordlist*. A lista de palavras gerada pelo Sketch Engine para um determinado *corpus* organiza essas palavras a partir da frequência em que elas aparecem. Vejamos como funciona essa ferramenta a partir do British National Corpus, já presente no Sketch Engine (Figura 23).

Figura 23: Ferramenta Wordlist do Sketch Engine



Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Na tela inicial da ferramenta de geração de lista de palavras, o Sketch Engine apresenta uma lista de possibilidades: busca por palavras, por lemas, ou por classes gramaticais. Essa escolha leva a uma segunda, em que o usuário deve optar por gerar uma lista de todas as palavras, ou apenas palavras que iniciem ou terminem de determinada forma ou que contenham um elemento específico. Fazemos, utilizando o British National Corpus, uma busca utilizando os critérios mais simples, exemplificados acima na imagem pelos retângulos em laranja. A imagem abaixo mostra a primeira tela de palavras mais frequentes no BNE.

Figura 24: Lista de palavras mais frequentes do British National Corpus

Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency
1 the	6,054,939 ...	11 for	880,805 ...	21 are	485,051 ...	31 which	366,198 ...	41 do	270,735 ...
2 of	3,049,448 ...	12 i	872,236 ...	22 have	461,447 ...	32 she	353,257 ...	42 been	260,357 ...
3 and	2,624,147 ...	13 on	731,234 ...	23 this	454,532 ...	33 we	351,135 ...	43 has	256,876 ...
4 to	2,599,451 ...	14 you	668,407 ...	24 not	452,545 ...	34 an	338,811 ...	44 their	254,608 ...
5 a	2,175,967 ...	15 with	659,976 ...	25 but	446,752 ...	35 there	319,836 ...	45 if	253,791 ...
6 in	1,945,533 ...	16 as	655,175 ...	26 from	425,966 ...	36 nt	316,954 ...	46 will	251,180 ...
7 that	1,120,750 ...	17 be	651,542 ...	27 had	421,228 ...	37 were	313,768 ...	47 would	245,826 ...
8 it	1,054,366 ...	18 he	641,241 ...	28 they	420,509 ...	38 her	304,308 ...	48 what	240,763 ...
9 is	991,771 ...	19 at	524,061 ...	29 his	410,291 ...	39 one	291,985 ...	49 so	239,667 ...
10 was	883,547 ...	20 by	513,428 ...	30 or	370,088 ...	40 all	277,700 ...	50 can	232,575 ...

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Como podemos perceber, as palavras mais frequentes no BNE são de categorias gramaticais fechadas, como artigos, pronomes e preposições. Certamente, se seguíssemos conferindo as outras páginas da lista de palavras – e o Sketch Engine disponibiliza as primeiras mil mais frequentes – veríamos outras classes de palavras, as classes abertas. A ferramenta de geração de lista de palavras é útil para este trabalho por dois motivos: por permitir a verificação manual das ULs que pertencem aos *frames* e por disponibilizar as frequências de cada item lexical.

Passemos, agora, à ferramenta concordanceador. Esse recurso permite visualizar o comportamento das ULs no contexto de exemplos de uso real da linguagem. Segundo Kilgarriff et al. (2004), lexicógrafos têm utilizado as concordâncias como uma de suas ferramentas principais para verificação e validação da forma como ULs se comportam nos textos. Na imagem abaixo (Figura 23), podemos ver as primeiras 14 concordâncias para a UL *house* do BNE.

Figura 25: Concordâncias de *life*

Details	Left context	KWIC	Right context
1	Written books and perio...	life	of an individual craftsman). There are no indications that such a formula is in
2	Written books and perio...	life	to give £400 brought a surge of contributions totalling £60,000 - some giving
3	Written books and perio...	life	. Oxford and Somerville produce both at present, to the advantage not only o
4	Written books and perio...	lives	are a testimony to the diversity of interests of our members. Susan Hyland jo
5	Written books and perio...	life	at all. Traditional events such as the May Morning breakfast and the M.C.R. /
6	Written books and perio...	lives	together. J.C.R. Newsletter 1990 was a happy and constructive year for unde
7	Written books and perio...	life	and we were delighted to welcome back Emma Sky who went out to fly back
8	Written books and perio...	life	here with that at Harvard. They chose to concentrate on Somerville and were
9	Written books and perio...	life	in education, latterly in adult literacy as part of Operation Upgrade which invc
10	Written books and perio...	life	and further afield and are also exploring the needs of an 'overspill' estate on t
11	Written books and perio...	lives	in West London with her husband and sons aged 12 and 15. She is currently
12	Written books and perio...	life	has been well organised enough to call it a career, but running various busin
13	Written books and perio...	lives	! Hilary Walters teaches Classics at Loughborough Grammar School. She se
14	Written books and perio...	Life	seems like being on a perpetual moving merry-go-round but I love every mini
15	Written books and perio...	Life	before Somerville Coming Up to Oxford by Lady Redcliffe-Maud (Jean Hamil
16	Written books and perio...	life	. In September 1922 I went to the Royal College of Music to study the piano t
17	Written books and perio...	life	in general, the friends I made, and the music in particular. I had no idea of do
18	Written books and perio...	life	. During my last term, the Summer Term of 1926, th

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Como podemos perceber pela imagem, a ferramenta de concordâncias mostra a UL *life* em seus contextos de uso, trazendo os “cotextos”, isto é, as porções de texto que antecedem e que vêm depois da UL na sentença. As concordâncias também mostram usos mais específicos das palavras, como, no caso de *life*, a colocação *social life*, ou vida social, presente na linha 5 da lista. Esse recurso do SE também pode ser utilizado como forma de coletar exemplos para os verbetes dos dicionários.

A última ferramenta aqui citada é a geração das *word-sketches*. Tais *word-sketches* são sínteses automáticas baseadas em *corpus* que mostram o comportamento colocacional de uma palavra. Ao acessarmos a tela inicial do recurso Word Sketch, o Sketch Engine nos oferece duas opções de busca, uma básica e uma avançada, que considera aspectos mais precisos de busca, como pesquisa dentro de um único *subcorpus* ou classe de palavras (Figura 26).



Figura 26: Tela inicial do recurso Word Sketch



Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Façamos, a título de exemplo, uma busca simples pelas word-sketches da palavra *life*. Como podemos perceber pela imagem abaixo (Figura 27), o Sketch Engine retorna a busca com uma classificação dos usos de *life* a partir das funções que essa palavra apresenta em relação a outras nos textos que compõem o *corpus*. Temos, assim, palavras que são modificadoras de *life*, como *everyday* e *family*, substantivos e verbos modificados por *life*, verbos com *life* como objeto etc.

Figura 27: Word-sketches de *life*

 The image shows the Word Sketch interface for the word 'life' as a noun. The search bar at the top shows 'life as noun 62,926x'. Below the search bar, there are six columns of word sketches, each with a title and a list of related words with their frequency:
 

modifiers of "life"	nouns and verbs modified by "life"	verbs with "life" as object	verbs with "life" as subject	"life" and/or ...	prepositional phrases
<b>everyday</b> ... of everyday life	<b>expectancy</b> ... av. life expectancy	<b>live</b> ...	<b>change</b> ... life has changed	<b>death</b> ... of life and death	... of "life" ...
<b>family</b> ... of family life	<b>imprisonment</b> ... sentenced to life imprisonment	<b>save</b> ...	<b>threaten</b> ... life threatening	<b>work</b> ... life and work	... in "life" ...
<b>daily</b> ... daily life	<b>cycle</b> ... the life cycle	<b>work</b> ... working life	<b>depend</b> ... life depended on it	<b>life</b> ...	"life" of ...
<b>social</b> ... social life	<b>sentence</b> ... a life sentence	<b>lead</b> ...	<b>seem</b> ... life seemed	<b>limb</b> ... life and limb	"life" in ...
<b>real</b> ... in real life	<b>assurance</b> ... life assurance and	<b>risk</b> ...	<b>become</b> ... life became	<b>career</b> ... life and career	... to "life" ...
<b>human</b> ... of human life	<b>insurance</b> ... life insurance	<b>enjoy</b> ... enjoy life	<b>revolve</b> ... life revolves around	<b>love</b> ... life and love	... for "life" ...
<b>private</b> ... private life	<b>style</b> ... life style	<b>start</b> ... started life	<b>begin</b> ... life began	<b>family</b> ...	... on "life" ...
<b>own</b> ... their own lives	<b>span</b> ... life span of	<b>spend</b> ...	<b>be</b> ... life is	<b>art</b> ... art and life	... into "life" ...
<b>normal</b> ...	<b>cover</b> ...	<b>change</b> ...	<b>go</b> ...	<b>property</b> ... life and property	... with "life" ...
		<b>ruin</b> ...			... about "life" ...
					"life" on ...
					"life" as ...

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Convém salientarmos que as ferramentas do Sketch Engine são utilizadas para a análise do *corpus* processável deste estudo, que foi compilado através do recurso de compilação de

*corpus* do próprio Sketch Engine. Vejamos, agora, como se dá o processo de compilação dentro do SE.

Ao acessar a função *Create corpus* na página inicial do SE, o usuário é levado a uma primeira tela, em que deve inserir as informações iniciais sobre o *corpus* que está a compilar, sendo elas: o nome do *corpus*, o idioma (com a possibilidade de criar um *corpus* multilíngue) e a descrição sobre o *corpus*. A imagem abaixo (Figura 26) retrata essa interface no SE.

Figura 28: Tela inicial da ferramenta de compilação de *corpus*

Build your own private corpus from texts on the web or from your own documents.

Name  required

Language

Description

Storage used: 345,458 of 1,000,000 words (34%)

Available features ▾

BACK NEXT

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Ao clicar em *Next*, o usuário é levado a uma nova tela, em que ele deve optar por encontrar textos na *web* ou fazer o upload de seus próprios textos (Figura 29).

Figura 29: Opções de compilação de *corpus* do Sketch Engine

2. ADD TEXTS > 3. COMPILE

Automatically find and download relevant texts

Upload your own files (.txt, .pdf, ...) or paste text

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Ao selecionar a primeira opção, o Sketch Engine dá a opção de o usuário escolher entre URLs, *sites* específicos ou busca na *web*. Além disso, o usuário deve prover ao SE palavras-chave, ou *input-words*, para que o sistema faça a busca por textos para o *corpus*. Na imagem (Figura 30), fazemos um teste com palavras-chave do domínio de moradia, como *house*, *home* e *apartment*, por exemplo.

Figura 30: Critérios para busca e seleção de textos do *corpus*

The screenshot shows a web interface for configuring a corpus search. At the top, it says '← TEXTS FROM WEB'. Under 'Input type', 'Web search' is selected with a radio button. Below that, there are three unselected options: 'URLs' and 'Website'. A row of input words is shown: 'house', 'apartment', 'life', 'home', and 'real estate', each with a small 'x' to remove it. Below the words, it says 'Number of Bing searches: 10'. Under 'Folder name', the text 'web2' is entered. There are four expandable sections: 'Web search settings', 'Black list settings', 'White list settings', and 'Size restrictions', each with a downward arrow. At the bottom, there is a checked checkbox for 'Compile when finished'. Finally, there are 'CANCEL' and 'GO' buttons.

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Além disso, como podemos perceber, o SE também disponibiliza alguns ajustes de configurações: configurações da busca na web, configurações de lista negra, configurações de lista branca e restrições de tamanho. Os três primeiros itens estão relacionados aos números mínimos e máximos de presença de palavras-chave em um determinado texto para que ele seja considerado parte do *corpus* ou descartado. O último item determina limites de tamanho para os documentos processados.

Ao clicar em *Go*, o SE inicia o processo de compilação do *corpus*, que fica disponível ao usuário e permite a utilização das ferramentas antes abordadas. Como falamos anteriormente, o Sketch Engine e seus recursos são utilizados apenas no tratamento do nosso *corpus* processável, de modo que o *corpus* de apoio tem apenas o objetivo de nos permitir conhecer o domínio estudado, servindo de base para a sistematização inicial dos conceitos, ou *frames*, que compõem a especialidade estudada. Essa sistematização não segue a orientação tradicional dos dicionários onomasiológicos, que apresentavam, como vimos, taxonomias bastante estanques.

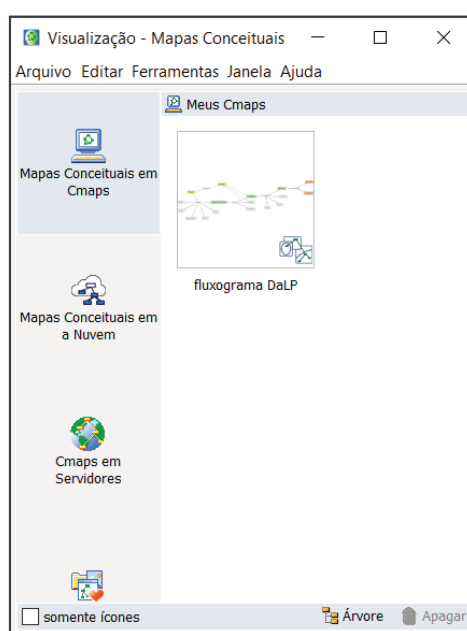
Seguimos, ao invés disso, a lógica da Semântica de *Frames* de representação de conceitos em redes conceituais. Consideramos viável, nesse sentido, usar, como recurso, mapas conceituais, uma vez que permitem uma visualização da organização de um domínio ou assunto determinado. Sendo assim, a próxima seção aborda rapidamente o *software* CmapTools, utilizado para o desenvolvimento de mapas conceituais.

#### 4.2.2 O CmapTools

O Cmap Tools é um *software* gratuito para a criação de mapas conceituais. O método de mapeamento conceitual permite que se criem conceitos, organizando-os em uma estrutura cognitiva, em uma rede de relações entre esses conceitos, sendo tais relações não restritas ao modelo do pensamento cartesiano (DALEY et al., 1999).

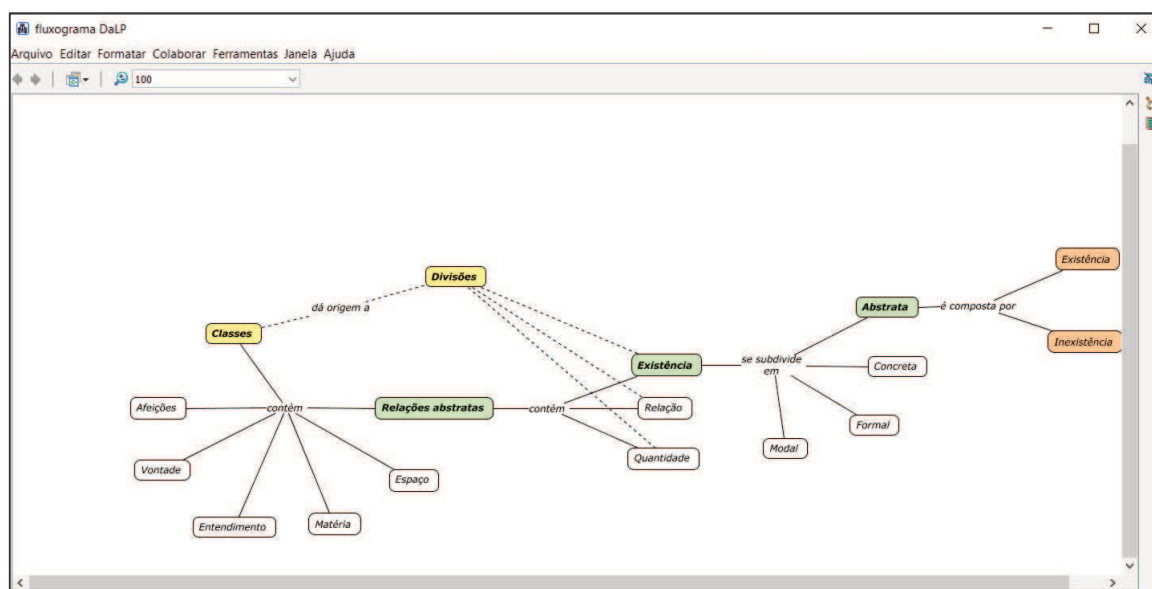
A ferramenta CmapTools permite que o usuário crie ou importe mapas conceituais, que podem, depois de prontos, ser exportados em formatos diversos, como PDF e PNG. Também é possível salvar o mapa em formato aberto, para que o usuário continue trabalhando nele em outras ocasiões. A Figura 9, presente no segundo capítulo, caracteriza um mapa conceitual feito no CmapTools. Como podemos perceber pela imagem, o *software* permite a criação de várias relações entre conceitos, que podem ser nomeadas de acordo a natureza da relação. Abaixo, exemplificamos a tela inicial e a tela de criação de mapas conceituais do Cmap Tools.

Figura 31: Tela inicial do Cmap Tools



Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 32: Criação de mapa conceitual do Cmap Tools



Fonte: elaborado pelo autor.

Cabe salientar que todos os dados e relações são criados pelo próprio usuário a partir das ferramentas disponibilizadas na interface. Vistos os recursos utilizados no tratamento dos *corpora* de estudo e processável, passamos, agora, à descrição dos dois *corpora*.

#### 4.1.3 Características dos *corpora* de estudo e processável

Nesta subseção, passamos à descrição dos dois *corpora* utilizados na pesquisa, o *corpus* de apoio e o *corpus* processável, coletado a partir do Sketch Engine. Esses dois *corpora*, embora possuam naturezas diferentes, têm propósitos que se complementam na análise, uma vez que o *corpus* de apoio é utilizado para fornecer uma visão geral, panorâmica, do domínio, permitindo sua sistematização pelo mapa conceitual, enquanto o *corpus* processável disponibiliza os dados linguísticos necessários para partes mais específicas da análise. Veremos essas questões na próxima seção, que elenca os passos de análise deste trabalho.

Nosso *corpus* de apoio se subdivide em três categorias: *websites* de gastronomia e turismo, *websites* jornalísticos e materiais acadêmicos. As duas primeiras categorias compreendem textos escritos para blogs e jornais, com o intuito de comentar a culinária da imigração italiana na Serra Gaúcha, muitas vezes sob o ponto de vista do turismo, utilizando essa gastronomia como atrativo. A terceira categoria, materiais acadêmicos, compreende artigos e trabalhos de conclusão de curso que tomam a culinária de imigração como objeto de

estudo científico, identificando aspectos históricos e culturais, o que nos auxilia muito no entendimento do domínio. O Quadro 3, abaixo, sistematiza os itens compilados como parte do *corpus* de apoio.<sup>47</sup>

Quadro 3: Itens do *corpus de apoio*

Tipo	Itens	
Websites de gastronomia e turismo	<b>Título</b>	<b>Fonte (site)</b>
	Seis (deliciosos) motivos para conhecer a gastronomia da Serra Gaúcha	Lado B Viagem
	A cultura gastronômica do Rio Grande do Sul	As boas coisas da vida
	5 comidas típicas da Serra Gaúcha	Viaje Serra Gaúcha
	Gastronomia de tradição na Serra Gaúcha	Edelbrau
	Os prazeres e a fartura da gastronomia da Serra Gaúcha	Garfadas Blog
	Culinária italiana: sabores para celebrar com a família	Bonde
Websites jornalísticos	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>
	Mesa farta e pratos diversificados identificam a Serra Gaúcha	Zero Hora
	A Serra Gaúcha no verão e seu potencial turístico	Exame
	Conheça o paraíso do vinho e da gastronomia do sul do Brasil	Uai
Materiais acadêmicos	<b>Título</b>	<b>Autoria e natureza</b>
	Galeto al Primo Canto: tradição gastronômica Prato local e vestígios culturais	Peccini (2008), artigo
	Turismo e gastronomia: As vozes italianas e a culinária de imigração	Pertile e Gastal (2012), artigo
	A Cozinha Gaúcha: um resgate dos sabores e saberes da Gastronomia do Rio Grande do Sul	Zaneti (2016), artigo
Imigração italiana na Colônia Conde d’Eu e a Societá Italiana di Mútu Soccorso Stella d’Itália	Fachin (2016), Trabalho de	

<sup>47</sup> Os endereços e as referências bibliográficas de cada item do *corpus* de apoio estão presentes ao fim do trabalho, após as nossas conclusões, na seção de referências bibliográficas.

Italianidade como herança cultural: a gastronomia de imigração na região turística da Serra Gaúcha	Conclusão em História Perini e Gastal (2017), artigo
Influência da Cultura Italiana na Culinária Ofertada no Roteiro Turístico “Caminhos de Pedra” em Bento Gonçalves	Miguens e Cyrillo (2011), artigo

Fonte: elaborado pelo autor

Os itens elencados no quadro foram selecionados para o *corpus* de apoio a partir de buscas feitas no Google, de modo que essas buscas seguissem alguns critérios: primeiramente, as buscas foram todas feitas com palavras-chave inseridas dentro de aspas, para que os sites retornados na busca contivessem essas palavras-chave obrigatoriamente. Para os materiais dentro da categoria de websites de gastronomia e turismo, utilizamos as seguintes palavras-chave: “culinária”, “imigração italiana”, “serra gaúcha”, “turismo” e “gastronomia”. Foram feitas algumas buscas a partir desse grupo de palavras-chave, trocando “culinária” por “gastronomia”, por exemplo. Os materiais selecionados estavam presentes nas primeiras cinco páginas de resultados de cada busca.

Os materiais jornalísticos também foram coletados dessa maneira. Contudo, o critério maior foi a sua presença na aba *Notícias* do Google, em que o buscador lista os conteúdos pertencentes a *websites* de jornais e revistas.

Os materiais acadêmicos foram compilados também a partir da busca por palavras-chave, porém adicionando “pdf” no final da busca, o que retornou arquivos de artigos e outros trabalhos acadêmicos. Novamente, selecionamos os documentos mais pertinentes ao nosso objetivo presentes nas primeiras cinco páginas de resultados.

O *corpus* processável, por sua vez, como já vimos, foi compilado automaticamente a partir do Sketch Engine, seguindo os passos descritos previamente. O *corpus* processável partiu de uma busca na *web*, feita pelo próprio SE, que considerou as seguintes palavras-chave, ou *input-words*: “culinária”, “imigração italiana”, “serra gaúcha”, “gastronomia”, “história”, “cultura” e “turismo”. Utilizamos a configuração padrão do SE para limites de tamanho dos documentos e quantidade máxima e mínima de palavras-chave por texto. O *corpus* processável possui 341.591 palavras divididas em 236 documentos. Na imagem abaixo, podemos ver algumas estatísticas do nosso *corpus*, como contagem de *tokens*, sentenças e parágrafos, além das informações já mencionadas.

Figura 33: Estatísticas do *corpus* processável

Tese_culinária		user/dspader/tese_culinaria	
Corpus processável tese			
GENERAL INFO		COUNTS	
Language	Portuguese	Tokens	419,064
Tagset	<a href="#">Description</a>	words	341,591
Word sketch grammar	<a href="#">Description</a>	Sentences	19,194
		Paragraphs	7,931
		Documents	236

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Feitas essas considerações sobre nossos *corpora*, passamos, agora, à descrição dos nossos procedimentos de análise.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A etapa analítica desta tese se dá a partir de três níveis distintos de análise, cada qual com um propósito e organização metodológica diferentes. Cada um desses níveis de análise parte de aspectos evidenciados anteriormente, ao final do terceiro capítulo, quando discutimos o impacto da Semântica de *Frames* em uma proposta de dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva. Relembrando: comprometemo-nos com (a) a descrição da estrutura geral dos conceitos, o que, no âmbito deste trabalho, se reflete em uma sistematização dos *frames* semânticos, (b) a descrição da estrutura interna dos *frames* e das ULs que povoam os *frames* e (c) considerações sobre a organização do modelo de dicionário aqui proposto. Partindo do estudo dos *corpora* descritos neste capítulo e buscando honrar as questões com os quais nos comprometemos, nossos passos metodológicos de análise se organizam da seguinte forma:

##### 1. Reconhecimento e sistematização do domínio

Nessa primeira fase de análise, tencionamos sistematizar o domínio da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha a partir dos dados obtidos através do *corpus de apoio*. Busca-se, assim, organizar os conceitos que descrevem o domínio escolhido, fazendo um



reconhecimento desse campo. Partimos, inicialmente, de uma exposição de caráter mais histórico-descritivo, narrando o contexto da imigração italiana na região da Serra Gaúcha. Feito isso, apresentamos uma sistematização na forma de mapa conceitual, discutindo os conceitos de forma pré-teórica, antes de entrarmos na Semântica de *Frames*.

## 2. Proposição ampla de *frames*

A partir da sistematização do domínio apresentada na fase anterior da análise, fazemos uma proposição dos *frames* que compõem a especialidade estudada. Tal proposição dos *frames* também é feita a partir de mapa conceitual confeccionado a partir da ferramenta CmapTools; contudo, leva em consideração os aspectos teóricos e metodológicos da teoria de *frames*, caracterizando uma fase já teórica. Fazemos, nessa seção, o detalhamento da estrutura *interna* dos *frames* e das ULs. Entre outras questões, aborda-se a necessidade de que os conceitos onomasiológicos tenham uma estrutura interna motivada pela natureza enciclopédica dos *frames* semânticos.

A estrutura dos *frames* é composta por:

- (a) Nome do *frame*;
- (b) Glosa, ou descrição de caráter enciclopédico;
- (c) Representação evidenciando relações com outros *frames*;
- (d) Unidades lexicais evocadas pelo *frame* retiradas do *corpus* processável;
- (e) Organização das ULs por critério de saliência prototípica resultante de análises de frequência no *corpus* processável.

A estrutura das ULs, por sua vez, é composta por:

- (a) Nome da UL;
- (b) Classe gramatical;
- (c) Acesso ao *frame* evocado;

Seguidos esses passos, passamos à terceira e última fase de análise, em que nosso objetivo é delinear as características das macro e microestruturas do dicionário proposto. Cabe lembrarmos, aqui, que não estamos apresentando um dicionário completo, mas sim tecendo considerações a respeito de como um recurso nos moldes aqui propostos deverá ser.

### 3. Considerações sobre estrutura lexicográfica

Como já mencionamos, essa fase da análise se volta às considerações sobre a estrutura e o *layout* do dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva e orientado pelo conceito de *frame*. As questões levantadas nesse momento da análise se relacionam às estruturas de acesso do recurso e às formas como as informações linguísticas são representadas lexicograficamente na tela. Nessa fase, fazemos também um levantamento do perfil do usuário, o que impacta na estrutura do dicionário e na forma como os dados deverão estar dispostos. Desse modo, desenvolvemos a análise à luz dos seguintes parâmetros:

- (a) Macroestrutura de acesso do sistema de conceitos;
- (b) Microestrutura dos conceitos, ou *frames* semânticos;
- (c) Microestrutura dos verbetes, ou unidades lexicais;
- (d) Perfil do usuário;

Com base nas etapas elencadas nesta seção, o próximo capítulo conduz a análise e a discussão dos dados.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nos capítulos anteriores, dedicamo-nos à discussão das bases teóricas que caracterizam esta pesquisa, bem como os recursos e passos metodológicos que nos permitem realizá-la. No que tange à discussão teórica, vimos, primeiramente, a onomasiologia à luz do estruturalismo, contexto em que ela surge. Esse viés tradicional – que recupera não só a teoria do signo linguístico de Ferdinand de Saussure, mas também a discussão sobre linguagem e referência que vem desde a filosofia da linguagem – se mostra, hoje, e no que se refere à onomasiologia, insuficiente, especialmente quando se considera o que as abordagens semânticas mais atuais têm a oferecer em termos de teoria e metodologia de análise linguística. Nesse sentido, partimos para o domínio da Semântica Lexical Cognitiva, uma abordagem que se apoia no arcabouço da Semântica Cognitiva. A partir da Semântica Lexical Cognitiva, elegemos a teoria da Semântica de *Frames* como sendo adequada a uma proposta que busca articular onomasiologia e Linguística Cognitiva em um contexto lexicográfico. Como vimos ao fim do terceiro capítulo, a opção que fizemos pela Semântica de *Frames* fez com que surgissem indagações referentes às consequências dessa escolha. Essas consequências foram, então, absorvidas pela metodologia desta tese na forma de direcionamentos para a análise. Foram, assim, questões pertinentes à delimitação dos procedimentos analíticos que compõem este capítulo. No capítulo anterior, detalhamos três fases de análise.

A segunda fase constitui uma proposição ampla de *frames*. O que queremos dizer com isso? No primeiro momento da análise, detemo-nos ao estudo do domínio feito a partir do *corpus* de apoio, que contou com materiais colhidos a partir de três categorias: materiais acadêmicos e *websites* de caráter jornalístico ou gastronômico e turístico. O *corpus* de apoio, dessa forma, serviu de base para a compreensão do domínio da culinária de imigração italiana, possibilitando que fossem identificados os conceitos que caracterizam essa especialidade. Veremos, a partir disso, nessa segunda fase, como isso se transpõe para os *frames* semânticos. A proposição de *frames* caracteriza uma apresentação de uma proposta de organização do assunto do qual estamos tratando, mostrando como uma rede de *frames* da culinária da imigração italiana deve ou pode ser.

A terceira fase de análise é a que estamos chamando de *descrição linguística*, haja vista que o seu objetivo é demonstrar a estrutura interna dos *frames* e das unidades lexicais a partir da organização de domínio proposta na fase anterior. Essa fase da análise exemplifica como e por que os *frames* semânticos não podem ser tomados como conceitos onomasiológicos pura e simplesmente por terem uma natureza onomasiológica. Os *frames* se prestam à onomasiologia

porque são, em essência, *conceitos* a partir dos quais palavras e expressões se agrupam. Contudo, há de se considerar a natureza também enciclopédica dos *frames*, que demanda uma estrutura mais rica e menos engessada em relação aos conceitos onomasiológicos tradicionais, como pudemos observar no segundo capítulo, na seção em que discutimos os dicionários onomasiológicos e as formas através das quais as informações são geralmente dispostas nesse tipo de recurso. Assim, tanto para os *frames* quanto para as ULs, abordamos a descrição linguística dessas categorias sob uma perspectiva enciclopédica, que leva em consideração aspectos de experiência e conhecimento de mundo. Além disso, como dito anteriormente no capítulo dedicado à metodologia, a descrição das ULs se vale não apenas da Semântica de *Frames*, mas também de outro construto teórico extremamente forte no campo da Semântica Lexical Cognitiva, que é o conceito de protótipo.

A quarta e última fase da análise tem o objetivo de, a partir de tudo que foi exposto e discutido nas duas primeiras fases, verificar como a relação entre a onomasiologia e a Semântica Lexical Cognitiva pode ser transportada para uma estrutura lexicográfica, tendo um recurso *online*. Convém lembrarmos que não temos pretensão alguma de apresentar um dicionário pronto, mas sim de discutir bases iniciais, de caráter teórico-metodológico, para um modelo de recurso lexicográfico que segue determinados critérios. Na seção dedicada a esse momento da análise, debatemos pontos referentes às macro e microestruturas de tal recurso, observando de que forma os dados linguísticos aqui descritos podem se inserir em uma interface de dicionário.

Feitas essas considerações, passamos agora à primeira fase da análise de dados.

## 5.1 RECONHECIMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DO DOMÍNIO

Como vimos anteriormente, esta seção tem como objetivo discutir o campo da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha de forma mais ampla, de modo a apresentar uma sistematização do domínio, permitindo, na próxima seção, a proposição ampla de *frames*. Essas duas partes são intrínsecas uma a outra, uma vez que a sistematização que tencionamos fazer leva ao processo de seleção dos *frames*. Como vimos no capítulo de metodologia, esta parte da análise utiliza mapas conceituais como ferramenta que nos permite visualizar o domínio e estabelecer as relações entre as partes. Convém salientar que, nesta seção, tendo em vista que não estamos propondo os *frames*, a disposição dos elementos no mapa e as relações partem do nosso próprio entendimento do domínio, caracterizando uma etapa pré-teórica, sem levar em consideração as diretrizes da Semântica de *Frames*. No entanto, antes de apresentarmos o mapa

do domínio e discutirmos de que forma essa representação expressa a culinária de imigração, é importante tecermos algumas considerações acerca do processo de estudo do domínio a partir do *corpus* de apoio.

Dos itens selecionados para compor o *corpus* de apoio, os materiais de caráter acadêmico ofereceram uma perspectiva sócio-histórica muito rica e importante para a compreensão do domínio. Isso porque a culinária de imigração italiana na região da Serra Gaúcha está intrinsecamente relacionada às condições de vida da comunidade de imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul no século XIX. Os materiais jornalísticos e relacionados à gastronomia e ao turismo forneceram uma perspectiva mais contemporânea, focada no papel social e econômico dessa culinária nos dias atuais. Existe, nesse sentido, uma perspectiva diacrônica, de transformação da culinária da imigração italiana no que tange àquilo que ela representa em diferentes momentos da sociedade. Todo esse domínio da culinária da imigração, no entanto, pressupõe o contexto maior da imigração italiana em si. A fim de contextualizarmos os dados que analisamos e o domínio que estamos tomando como base para essa mesma análise, a subseção que se inicia abaixo deste parágrafo objetiva retomar, brevemente, o contexto histórico da imigração italiana na região da Serra Gaúcha.

### **5.1.1 Uma visita ao passado: o contexto da imigração italiana na Serra Gaúcha**

O processo de emigração italiana partiu do ideal de que fossem retirados do país os trabalhadores mais pobres, que, de acordo com os interesses da elite italiana, ofereciam riscos à estabilidade socioeconômica da Itália (FACHIN, 2016). Ao longo do século XIX, cerca de 508 mil emigrantes deixaram a Itália, com destino a diversas partes do mundo, de modo que parte dessa população veio parar no Brasil, movidos pelas promessas feitas pelo governo brasileiro. A política imigratória do Brasil visava à reestruturação e a povoação das terras ainda não ocupadas, evitando, assim, problemas futuros de demarcação e invasão de terras. Além disso, dois outros fatores podem ser apontados como motivo para o interesse do Brasil na imigração: a obtenção de mão de obra livre, em oposição à mão de obra escrava, e o branqueamento da população. Segundo Favaro (2006), a qualidade de “branquear” a população brasileira definia o imigrante europeu como mais qualificado a atender os interesses das elites brasileiras.

A imigração italiana no Brasil se fortificou na segunda metade do século XIX, impulsionada pelos novos decretos e promessas do governo brasileiro, que garantiam ao imigrante a oportunidade de serem, no Brasil, proprietários de terra, enquanto, na Itália, eram

servos. Lembremos que os imigrantes não eram ricos nem faziam parte da alta sociedade italiana; eram o contrário disso, camponeses e artesãos que trabalhavam com a terra e com as mãos, levando vidas simples, sem luxos, sendo alvo constante da desigualdade social na Itália. O processo de ascensão do capitalismo na Itália não feriu os interesses das elites, garantindo que o poder e a economia permanecessem centralizados nas classes mais altas, afetando, assim, quem vivia às margens da sociedade italiana no século XIX. Assim, a imigração italiana partiu dos interesses da Itália, como forma de garantir o equilíbrio econômico do emigrante italiano, que buscava melhores condições de vida, e do Brasil, que buscava mão de obra barata que também garantisse outros interesses, já mencionados (FACHIN, 2006).

Contudo, ao chegarem no Brasil, os imigrantes italianos passaram por sérias dificuldades, desbravando a mata virgem, levantando suas moradias, trabalhando com o solo – que se apresentou muito diferente do solo italiano, o que não permitiu que o imigrante plantasse tudo da mesma forma como fazia antes, em seu país de origem. Nada disso os impediu, todavia, de escrever cartas em que se diziam muito felizes com a vida no Brasil, satisfeitos, especialmente, com o fato de que, em terras brasileiras, eles eram donos de propriedades (VENDRAME, 2016). Essas cartas eram enviadas aos seus familiares que permaneceram na Itália, o que resultou em uma nova onda de imigração na década de 1880. Essa leva de imigrantes levou várias famílias à região da Serra Gaúcha, nordeste do Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul, a partir de 1882, começa o assentamento de diversas famílias de imigrantes, no intuito de vender e povoar as terras abandonadas pelo Império, aumentando a produção agrícola na região. Essas famílias ocuparam localidades que deram origem às primeiras colônias de imigração no Rio Grande do Sul: Conde D’Eu, Dona Isabel e Caxias. Tais colônias correspondem, respectivamente, aos atuais municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul (FACHIN, 2006).

Outro ponto que marcou o desenvolvimento das colônias de imigração foi o fato de que muitos imigrantes se declararam camponeses no intuito de conseguirem a compra de terras na região da Serra Gaúcha, sendo que, na Itália, desempenhavam outras funções, como artesãos, comerciantes e trabalhadores industriais. Esse ponto acabou influenciando positivamente o progresso das colônias, uma vez que, ao passo em que os imigrantes com habilidade para a agricultura iniciaram o reconhecimento do solo e o desenvolvimento das plantações, os demais imigrantes iniciaram os primeiros comércios e as primeiras indústrias.

Com o desenvolvimento da vida social nas colônias de imigração, as famílias de imigrantes também começaram a ter acesso às primeiras colheitas. Além disso, as comunidades também focavam na criação de animais, como o porco e a galinha. Todos esses aspectos

resultaram naquilo que chamamos de “culinária da imigração italiana”. Como veremos na próxima subseção, a alimentação tinha papel fundamental no estilo de vida dos imigrantes italianos, que era extremamente focada no trabalho braçal. Nesse sentido, a culinária dos imigrantes envolvia muita fartura, uma característica ainda muito presente hoje, nos cafés coloniais e restaurantes típicos.

### 5.1.2 A culinária da imigração italiana: características e motivações

Segundo Pertile e Gastal (2012), a culinária da imigração italiana na Serra Gaúcha representa aquilo que se chama de “comida de pobre”, ou “comida empobrecida”. Essa ideia advém do fato de que, à época, a alimentação dos imigrantes italianos tinha o propósito principal de “encher barriga”. Os imigrantes eram pobres, saíram da Itália com a promessa de encontrar um país rico e cheio de oportunidades. Os imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, mais especificamente na região que hoje concentra os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul, encontraram áreas montanhosas, rochosas, que demandaram trabalho árduo e contínuo. A alimentação era a forma de se manter de pé e trabalhando. Além disso, ela tinha de ser barata, baseada na necessidade de fornecer energia aos trabalhadores (PERINI; GASTAL, 2017). Nesse sentido, não é possível abordar a culinária da imigração italiana sem considerar os aspectos geográficos, sociais e econômicos que impuseram dificuldades aos imigrantes. É por isso, também, que, neste trabalho, não se pode falar de culinária *italiana*. Não se trata da culinária da Itália: se trata da culinária da *imigração*, que retrata as condições de vida das famílias que saíram do seu país de origem e desembarcaram em uma terra desconhecida e desafiadora.

Outro ponto importante que deve ser considerado é a influência dos hábitos alimentares dos imigrantes italianos na culinária que se criou em território brasileiro. Houve, nesse sentido, uma adaptação desses hábitos alimentares impulsionada pelas necessidades impostas. De acordo com Scarpo (2011), quando os imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul, eles se alimentavam basicamente de frutos silvestres e pinhões; foi após as primeiras colheitas que começaram a se alimentar de pratos típicos da culinária camponesa italiana, como a polenta, resgatando os hábitos que trouxeram consigo. Um ponto interessante é a presença muito forte da abóbora na culinária da imigração italiana: o solo da região da Serra Gaúcha propiciava o cultivo da abóbora em larga escala, e foi isso que fez com que o fruto adentrasse os hábitos alimentares do imigrante italiano, além do fato de que a abóbora alimentava sem ser cara, uma vez que era produção do próprio imigrante. A partir disso, a fruta foi *misturada* com elementos

culinários que vieram da cultura italiana, como a forte presença das carnes na alimentação. Dessa forma, o domínio da culinária da imigração italiana articula dois domínios maiores, que é o da herança cultural trazida pelos imigrantes da Itália e o da realidade da imigração em si. Relacionada à herança cultural do imigrante italiano, está a questão da religiosidade. O catolicismo foi o eixo organizador da experiência social nas colônias de imigração italiana. Para Manfroi (2007), a reconstituição, no Brasil, dos valores sociais mantidos pelos imigrantes na Itália permitiu que as comunidades de imigração não só se adaptassem melhor ao novo território, mas também superassem a saudade da terra natal. Essa reconstituição de valores teve consequências para a alimentação também, na forma das grandes comemorações, fortemente baseados na ideia de fornecer muita comida aos convidados. Essas celebrações tinham, na grande maioria das vezes, motivações religiosas, como era o caso dos casamentos e festividades católicas (PERTILE; GASTAL, 2012).

Também importa, nesta tese, considerarmos o papel turístico e gastronômico da culinária de imigração italiana atualmente. Essa importância se deve, principalmente, ao fato de que a culinária da região da Serra Gaúcha, vendida hoje como atrativo turístico, não é a culinária de imigração italiana propriamente dita, que esteve e ainda está presente nos pratos das famílias descendentes de imigrantes. Um exemplo disso é o galeto *al primo canto*. A origem desse prato está na prática dos imigrantes italianos de caçarem pássaros para consumo. A partir do momento em que a caça dos pássaros foi dificultada, iniciou-se o hábito de abater o frango por volta de seus 25 dias de vida, época em que ele produz o primeiro canto. A questão é que comer galeto *al primo canto*, que compreende uma ave de no máximo 500 gramas, não faz parte dos hábitos alimentares das comunidades descendentes de imigrantes italianos, sendo, assim, algo mais relacionado à gastronomia turística. Na mesa dos descendentes de imigrantes estão muito presentes, também, partes menos nobres dos animais, como patas de frango e de porco e pescoço de frango. Essas partes não são oferecidas em restaurantes típicos na região da Serra Gaúcha. Outro exemplo do apelo turístico da culinária da imigração italiana é aquilo que se chama, nas rotas gastronômicas, de café colonial. O café colonial consiste em um conjunto de elementos clássicos da culinária da Serra Gaúcha, como os pães, as cucas, o salame e o queijo colonial, as geleias de fruta de sabores variados, o vinho, o suco de uva artesanal etc. A fartura presente nos cafés coloniais é muito maior do que aquela que se apresenta na mesa das famílias de descendentes de imigrantes. O apelo do café colonial é turístico, tem a intenção de mostrar a essência da culinária da Serra Gaúcha aos visitantes.

Nesse sentido, a partir dessas considerações, fica evidente que tratar da culinária de imigração italiana demanda considerar aspectos que extrapolam a comida pura e simplesmente.

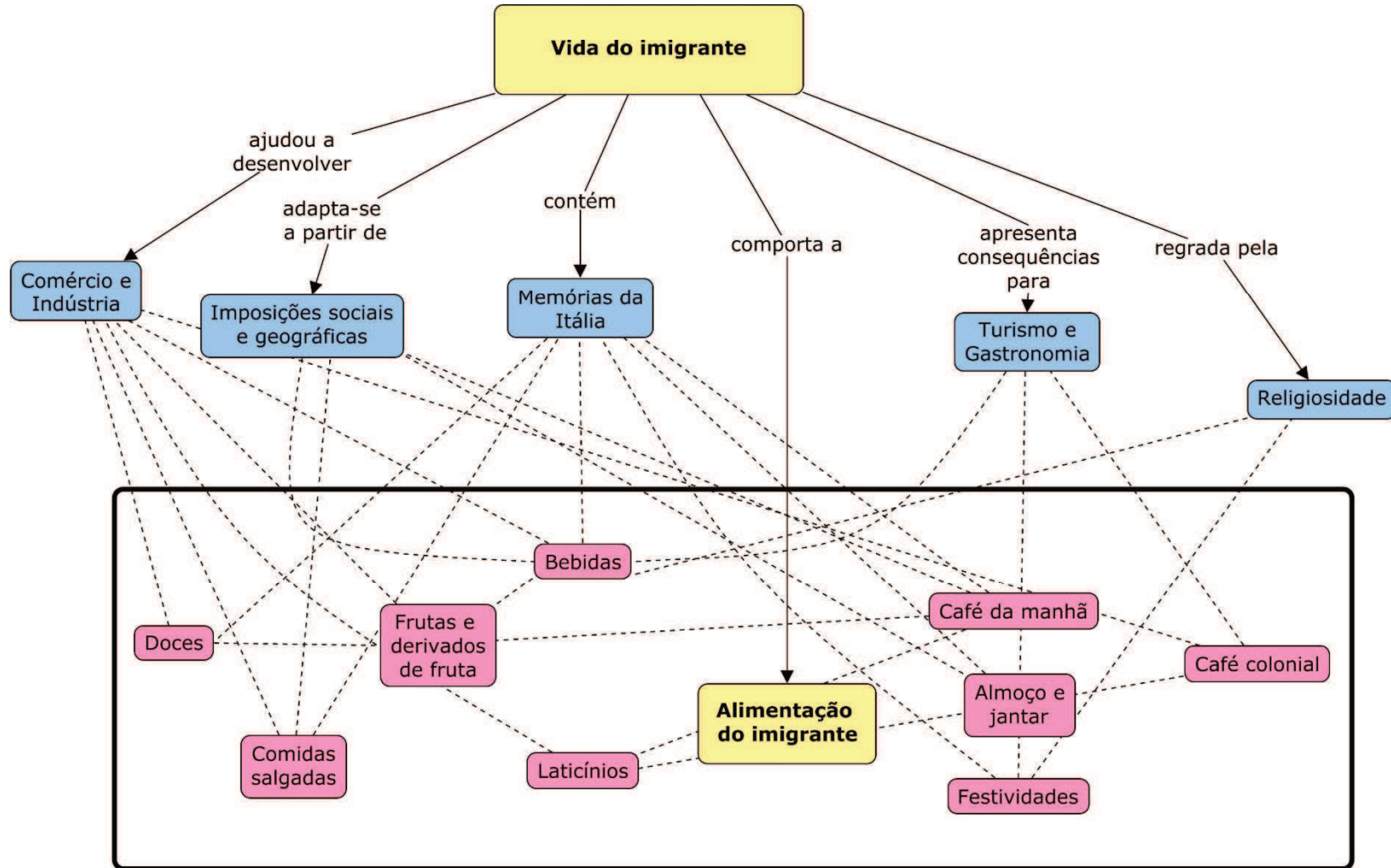


São aspectos ligados à religião, à história, à geografia, à esfera social, econômica etc. Santos (2005, p. 15) salienta que “[...] comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas.” Assim, é impossível que, a partir de uma perspectiva semântico-cognitiva, deixemos de lado todos esses aspectos, que constitui um arcabouço rico de conhecimento enciclopédico. Nossa sistematização do domínio da culinária de imigração italiana não pode deixar de lado os aspectos relacionados às experiências e às condições de vida dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Por conta disso, partindo do estudo do *corpus* de apoio, iniciamos as primeiras reflexões acerca do mapa do domínio tendo, como ponto de partida, a certeza de que deveríamos considerar pelo menos cinco aspectos socioculturais ou sócio-históricos, sendo eles (i) as condições sociais, culturais e geográficas do imigrante italiano, (ii) as memórias e hábitos da terra natal, (iii) a vida religiosa, (iv) o turismo e a gastronomia e (v) o comércio e a indústria. A partir dessas quatro “esferas” é que abordamos a culinária em si, haja vista que todos os itens que pertencem ao quadro da culinária de imigração italiana estão relacionados a um ou mais de um dos aspectos mencionados.

Na próxima página, apresentamos o mapa conceitual da culinária de imigração italiana, confeccionado a partir do estudo do *corpus* de apoio.

Figura 34: Mapa conceitual da culinária da imigração italiana



Fonte: elaborado pelo autor.

O mapa conceitual inicia com **Vida do imigrante**. A partir dele, conseguimos organizar todos os subdomínios que constituem o campo estudado. Nesse sentido, a culinária da imigração italiana é parte de um grande domínio, que é o da vida dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. O nome do conceito parte da ideia de que estamos lidando com experiências de pessoas, com costumes e hábitos que, sob diversas formas, influenciaram a formação da culinária característica da imigração italiana na Serra Gaúcha. **Vida do imigrante** possui relação com outros cinco conceitos do mapa: **Imposições sociais e geográficas**, **Memórias da Itália**, **Turismo e Gastronomia**, **Comércio e Indústria**, **Religiosidade e Alimentação do imigrante**. Esse último concentra os *frames* específicos da culinária de imigração, divididos por categoria de elemento.

Sendo assim, **Vida do imigrante** estabelece uma relação com **Imposições sociais e geográficas** que escolhemos chamar de “adapta-se a partir de”. Isso porque, como vimos anteriormente, a vida dos imigrantes italianos teve de se adaptar às condições impostas pela sociedade brasileira, bem como pela geografia do lugar em que chegaram. Cabe salientarmos que essas relações não seguem o arcabouço da Semântica de *Frames* e não são orientadas pelos construtos teóricos que caracterizam o modelo que rege a FrameNet, por exemplo. Nesta fase da análise, o mapa conceitual e as relações expressam simplesmente o nosso entendimento do domínio, caracterizando uma etapa *pré-frames*. As imposições sociais e geográficas, como podemos ver pelo mapa, estabelece ainda relações com os conceitos da culinária. Veremos essas relações de forma mais aprofundada ao longo desta seção. Com **Memórias da Itália**, mantém a relação “contém”, uma vez que a vida levada pelos imigrantes italianos à época da imigração foi organizada, em grande parte, pelas lembranças e costumes que essas famílias trouxeram de seu país de origem. Com **Turismo e Gastronomia**, por sua vez, **Vida do imigrante** traz a relação “apresenta consequências para”. O estilo de vida dos imigrantes, o que inclui a alimentação, influenciou, décadas depois, a estabelecimento de um movimento turístico focado nas colônias de imigração e sua cultura, sendo que esse movimento é fortemente baseado na gastronomia da região. A relação “regrada pela” que liga **Vida do imigrante** à **Religiosidade** expressa a ideia de como os hábitos e crenças religiosos influenciaram o estilo de vida dos imigrantes no final do século XIX. Por fim, a relação “comporta a” conecta **Vida do imigrante** à **Alimentação do imigrante**, de modo que a alimentação faz parte da vida das comunidades de imigrantes italianos.

A segunda camada do mapa conceitual, assim, organiza as estruturas que retratam aspectos da culinária de imigração italiana propriamente dita. Esses nódulos do mapa, como podemos perceber, estão ligados à **Alimentação do imigrante**. Cabe salientar que fizemos uma

divisão no mapa conceitual. Do lado esquerdo, organizamos cinco conceitos que possuem um caráter mais “ontológico”, o que significa que eles são mais estáticos, caracterizando grupos de itens da culinária. Do outro lado, temos quatro conceitos<sup>48</sup> mais relacionados a eventos e rituais sociais ligados à alimentação, como as refeições dos imigrantes ao longo do dia. Essa distinção é importante porque prevê um aspecto multidimensional do mapa do domínio, uma vez que os itens que compõem o domínio aparecerão em mais de uma estrutura. Nesse sentido, os conceitos de **café da manhã** e **almoço e jantar** organizam os pratos e produtos consumidos pelos imigrantes como parte de sua alimentação. **Festividades**, por sua vez, se relaciona a momentos mais especiais, menos comuns, como os casamentos e as festas religiosas, em que a fartura de comida é um item sempre presente. O **café colonial** marca a relação com o turismo e a gastronomia da Serra Gaúcha, relacionando o ato de comer a uma esfera mais comercial. Além disso, o turismo traz, para dentro do domínio, as pessoas de fora da realidade da imigração italiana, os turistas, que buscam conhecer essa cultura através das rotas turísticas e da gastronomia.

Como podemos perceber pelo mapa, as estruturas da culinária (representados pela cor rosa) mantêm relações com as estruturas do nível acima, como Religiosidade e Comércio e Indústria. Isso mostra que tanto os conceitos mais ontológicos quanto os eventivos estão relacionados a estruturas mais abstratas e enciclopédicas, que acabam contando a história da imigração italiana na Serra Gaúcha.

O conceito **Doces**, por exemplo, está relacionado, ao mesmo tempo, a **Comércio e Indústria, Memórias da Itália e Frutas e derivados de fruta**. A relação com o comércio está na produção e venda de produtos característicos da culinária de imigração, as como as geleias e *chimias*, o que justifica também a relação com as frutas e seus derivados. As memórias da Itália aparecem na tradição do preparo desses doces, que os imigrantes trouxeram consigo. Já **Bebidas**, por sua vez, apresenta um número maior de relações: **Comércio e Indústria, Imposições Sociais e Geográficas, Memórias da Itália, Religiosidade e Turismo e Gastronomia**. Essas relações representam, respectivamente, (i) a produção e venda de sucos, vinhos e cachaças típicas, como a *graspa*, (ii) a criação da uva em solo brasileiro, (iii) a presença do vinho na cultura italiana, (iv) a presença do vinho na liturgia católica e (v) o papel central do vinho e da cachaça na gastronomia turística da região.

Como dissemos anteriormente, tanto esse primeiro momento da análise quanto o mapa conceitual que o compõe foram feitos de maneira pré-teórica, isto é, sem, ainda, aplicar os

---

<sup>48</sup> Utilizamos “conceito”, aqui, de forma menos teórica, mais geral, como forma de nos referirmos às partes do domínio.

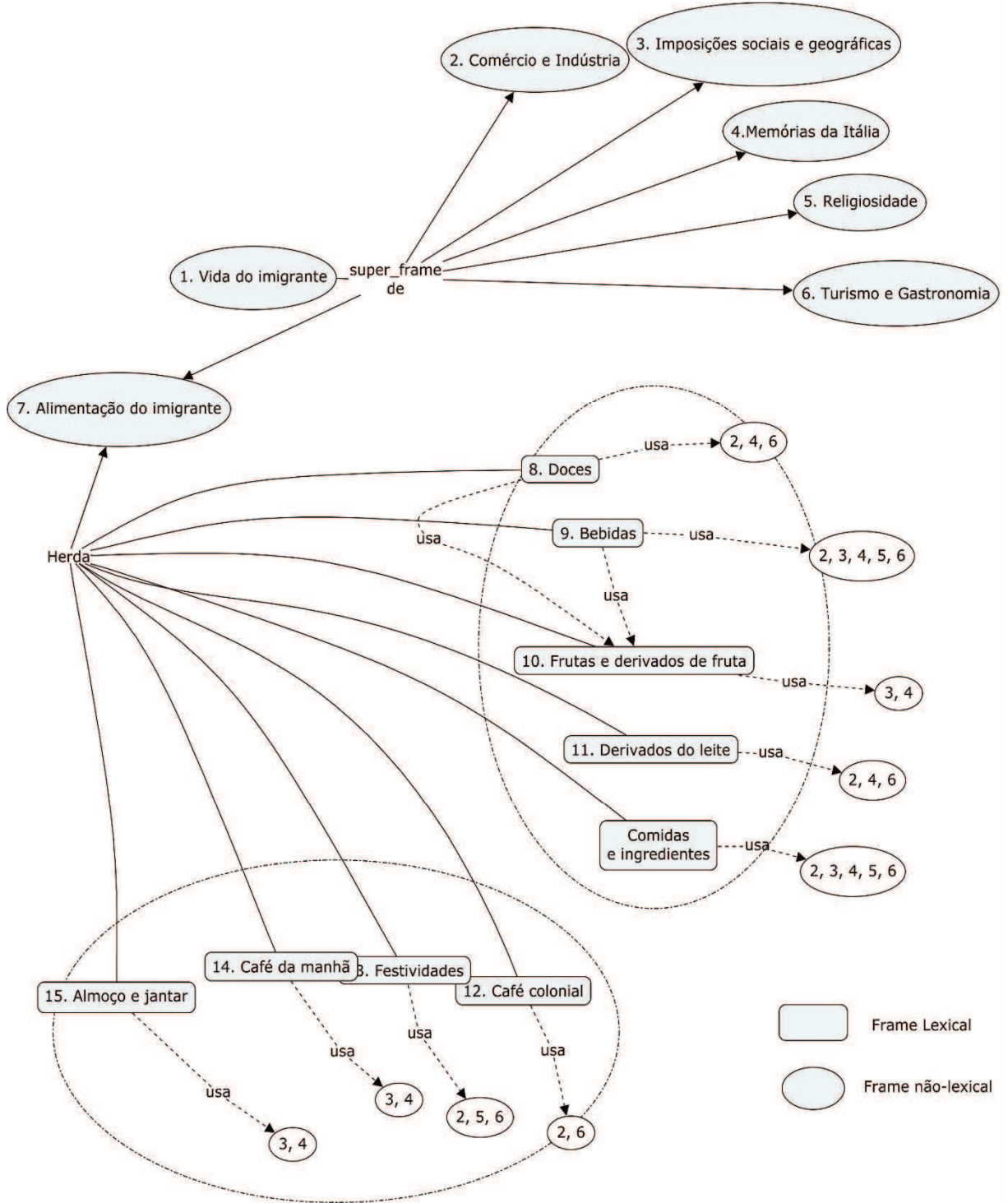
construtos teóricos da Semântica Lexical Cognitiva através da Semântica de *Frames*. Tanto as relações quanto a disposição dos itens partiu unicamente da nossa compreensão do domínio, de modo a nos familiarizarmos com os conceitos que compõem o campo da culinária de imigração. Sendo assim, na próxima seção, passamos à delimitação dos *frames* propriamente ditos, de modo que nosso compromisso, a partir de agora, é com o arcabouço teórico-metodológico da Semântica de *Frames*, impactando a organização conceitual.

## 5.2 PROPOSIÇÃO AMPLA DE *FRAMES*

Nesta seção, como explicamos anteriormente, nosso objetivo é a proposição ampla de *frames* do domínio da culinária de imigração italiana. Nesse sentido, numa perspectiva mais teórica, deixamos de falar de “conceitos”, num sentido amplo, para falar de *frames*, considerando as imposições da teoria. Isso se reflete diretamente na proposição dos *frames*, pois as estruturas que compõem essa proposição devem representar estruturas que seguem os princípios teóricos da Semântica de *Frames*. Por conta disso, iniciamos a proposição ampla dos *frames* a partir do mapa conceitual apresentado na seção anterior. O mapa conceitual do domínio, feito a partir do *corpus* de apoio, tem um aspecto mais preparatório, no sentido de que seu objetivo foi esquematizar o estudo do domínio, mostrando os conceitos e as formas através das quais esses conceitos estão relacionados. Acreditamos que os conceitos apresentados nesse mapa são estruturas conceptuais que podem ser descritas com um rigor teórico maior, seguindo a Semântica de *Frames*.

O mapa a seguir já mostra a esquematização dos *frames*.

Figura 35: Esquemática dos frames do domínio



Fonte: Elaborado pelo autor.

O mapa, como podemos perceber pela legenda no canto inferior direito, traz dois tipos de *frame*: os lexicais e não-lexicais. Nesse sentido, as estruturas mais abstratas se tornam *frames* não-lexicais porque o seu papel na rede dos *frames* é permitir que *frames* como *Laticínios* e *Festividades* se relacionam às estruturas enciclopédicas. Os *frames* lexicais, por sua vez, são os que recebem as ULs. Nesse sentido, podemos dizer que os *frames* lexicais *usam* as informações contidas nos *frames* não-lexicais, o que nos leva a abordar as relações entre os *frames*.

As relações apresentadas na esquematização dos *frames* seguem o padrão da FrameNet. Ainda que este trabalho não caracterize uma FrameNet da culinária de imigração nem siga os moldes do projeto FrameNet em todos os quesitos, é importante que os *frames* estejam interligados por relações mais fundamentadas teoricamente, que desempenham um papel na descrição semântica dessas estruturas conceptuais. Utilizamos, em nossa esquematização, as relações de *Super\_frame/Sub\_frame*, *Herança* e *Uso*.

A relação *Super\_frame/Sub\_frame* é a que liga o *frame* *Vida do Imigrante* aos cinco *frames* que retratam aspectos distintos da vida das colônias: *Comércio e Indústria*, *Imposições Sociais e Geográficas*, *Memórias da Itália*, *Religiosidade* e *Gastronomia*. Como dito anteriormente, todos esses *frames* designam *frames* não-lexicais, pois o seu objetivo não é receber ULs, mas sim conferir informações enciclopédicas aos *frames* a que se relacionam. *Vida do Imigrante* é o *frame* pai, chamado de complexo, que transfere informações aos *sub\_frames*, seus componentes. Por exemplo, *Vida do Imigrante* deve conter informações referentes à presença da religiosidade na vida dos imigrantes italianos, o que se expressa no *frame* *Religiosidade*, que faz a descrição desse aspecto específico. De acordo com a FrameNet, os elementos de *frame* do *frame* pai se estendem aos *frames* filhos, sendo que nem todos precisam aparecer simultaneamente em todos os *frames* componentes do complexo. Nesta tese, contudo, não adotamos o conceito de elemento de *frame*, tendo em vista que essa noção espelha, de certo modo, papéis semântico-sintáticos clássicos, se adequando melhor a *frames* que expressam ação, que são mais prototípicos.

A relação de *Herança* liga os *frames* de alimentação à *Alimentação do Imigrante*. Como vimos anteriormente, a relação de *Herança* é definida como uma relação “tipo de”, de modo que *frames* como *Laticínios* e *Doces* caracterizam tipos de alimentação, herdando características do *frame* pai, sendo que são instâncias mais específicas de *Alimentação do Imigrante*, que é mais amplo e, portanto, mais esquemático. Já no

caso dos *frames* que caracterizam momentos da alimentação do imigrante, como *Café da Manhã* ou *Almoço e Jantar*, a relação de Herança se expressa mais no sentido de que os *frames* do nível mais baixo herdaram informações do *frame* que está no nível acima, o *frame* pai, ainda que soe estranho dizer que café da manhã é um tipo de alimentação, pois, como vimos, a relação de Herança equivale às relações “tipo de”.

A terceira relação apresentada no mapa é a de *Uso*, que liga diversos *frames*. Os *frames* da culinária, numerados no mapa de 8 a 15, usam os *frames* não-lexicais de 2 a 6. Isso significa que esses *frames* lexicais usam informações enciclopédicas contidas nesses *frames* mais abstratos, mais esquemáticos. Essas informações são de cunho enciclopédico e enriquecem a descrição dos *frames* menos abstratos.

A partir da exposição dessas relações, passamos à estrutura interna dos *frames* propostos. Como vimos no decorrer do trabalho, é de suma importância que os *frames* apresentem uma descrição linguística interna, uma vez que é nesse conjunto de informações que se expressa o conhecimento enciclopédico retratado pelo *frame*. Nesse sentido, como já observamos, os *frames* se distanciam do método onomasiológico tradicional, uma vez que os conceitos costumam atuar mais como simples etiquetas, sem que exista um nível de descrição desses conceitos. Em qualquer recurso baseado em *frames*, aquilo que se tem a dizer sobre o *frame* é tão importante quanto aquilo que compõe a UL. Isso porque, na perspectiva da Semântica de *Frames*, o significado de uma palavra é compreendido via *frame*.

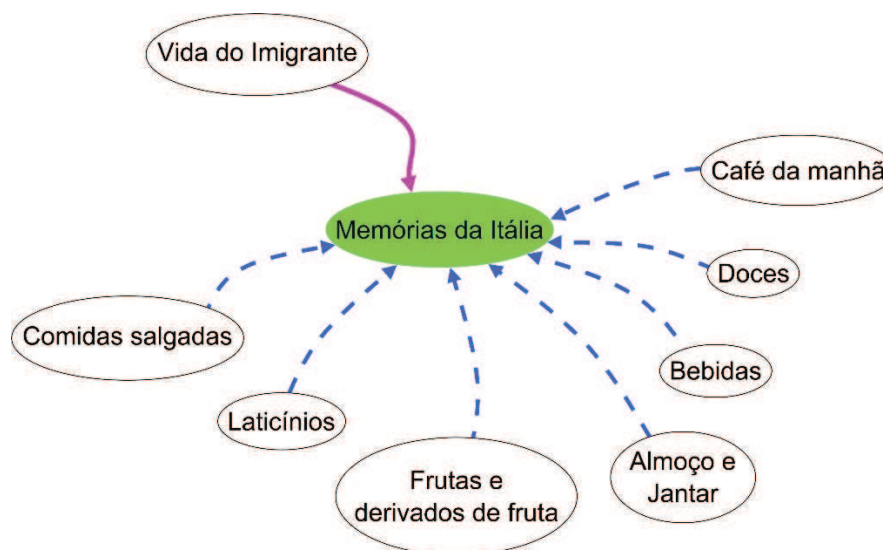
Para esta análise, escolhemos dois *frames* para ilustrar que de modo podemos abordar essa descrição linguística: o *frame* não-lexical *Memórias da Itália* e o *frame* lexical *Café Colonial*. Primeiro, para cada um dos *frames*, criamos uma representação baseada no recurso *FrameGrapher*, da *FrameNet*. Essa representação evidencia as relações entre *frames* presentes de forma mais visual, mostrando a posição de cada estrutura na rede conceptual e como elas se comportam em relação aos outros *frames*. A partir disso, pensamos na glosa de cada um desses *frames*. A glosa foi elaborada a partir do estudo do *corpus* de apoio, expressando o conteúdo enciclopédico ligado ao *frame*. A partir disso, passamos às ULs. Dos dois *frames* que decidimos abordar, só um deles é lexical, o que significa que apenas *Café Colonial* apresentará uma lista de ULs evocadas. Conforme estabelecemos na metodologia, as ULs apresentarão (i) a classe gramatical a que pertencem, (ii) exemplos de uso retirados do *corpus* processável e (iii) a frequência no *corpus*, como parâmetro para posição das ULs na lista de palavras do *frame*. Na próxima seção, em que nos dedicaremos às considerações sobre a estrutura lexicográfica do recurso que estamos imaginando, a partir da nossa proposta teórico-



metodológica, veremos como essa descrição linguística dos *frames* e das ULs se traduz em um recurso lexicográfico.

Passemos, então, à descrição do *frame* não-lexical Memórias da Itália. Na figura abaixo, apresentamos um *FrameGrapher* do *frame*, inspirado nos que são produzidos pela FrameNet, como forma de visualizarmos as relações de modo mais específico e focado no *frame*. As linhas em roxo e em azul representam as relações de *Super\_frame* e de Uso.

Figura 36: *FrameGrapher* do *frame* Memórias da Itália



Fonte: elaborado pelo autor.

A representação *FrameGrapher*, como podemos ver pela imagem acima (Figura 36), exprime as relações estabelecidas entre os *frames*, tomando como base as relações da FrameNet. Não é nosso propósito problematizar essas relações nem aplicar a metodologia da FrameNet de forma como rígida; contudo, entendemos que a plataforma oferece um material rico para a descrição de *frames* semânticos. Além de focar nas relações, a FrameNet também oferece critérios para o desenvolvimento de glosas para os *frames*. Conforme Ruppenhofer et al. (2014), as descrições dos *frames* são baseadas nos elementos de *frame*, como podemos ver na imagem abaixo (Figura 37):

Figura 37: Descrição do *frame* Craft da FrameNet

Craft		<a href="#">Lexical Unit Index</a>
<b>Definition:</b>		
A particular <b>Activity</b> , performed conventionally or habitually by more than one <b>Practitioner</b> within a <b>Culture</b> , is described in terms of its method. One lived-in cabin also had a grassy roof, as if the <b>CRAFT</b> of <b>thatching</b> had died out locally		
<b>FEs:</b>		
<b>Core:</b>		
<b>Activity [Act]</b>	This Frame Element marks expressions that indicate the <b>Activity</b> that is being performed habitually or conventionally. Restrop was built at the very height of the great Elizabethan age, when the <b>CRAFT</b> of <b>building</b> began to turn into an art.	
<b>Culture [Cult]</b>	A <b>Culture</b> within which the Activity is performed. Origami is an ancient <b>Japanese</b> <b>CRAFT</b> of paper folding	
<b>Practitioner [Prac]</b>	This Frame Element marks expressions that indicate whose <b>Activity</b> is at issue. The development and the elaboration of metal armour for protection in warfare and jousting gave considerable impetus to the <b>CRAFT</b> of <b>the blacksmith</b>	

Fonte: FrameNet (2018?).

O *frame* Craft, retirado da FrameNet, como podemos ver, apresenta uma descrição. Essa descrição é marcada por espaços coloridos que caracterizam os elementos de *frame*, descritos na parte inferior da imagem, após a definição.

Em nossa tese, como não utilizamos a noção de elemento de *frame*, partimos das informações obtidas a partir do *corpus* de apoio, que possibilitou a compreensão do domínio. Objetivamos, também, com as nossas glosas, expressar o conhecimento enciclopédico atrelado a cada *frame*, de forma que as definições são fortemente baseadas em informações de cunho social, histórico etc. No quadro abaixo, apresentamos a glosa do *frame* Memórias da Itália.

Quadro 4: Glosa do *frame* Memórias da Itália

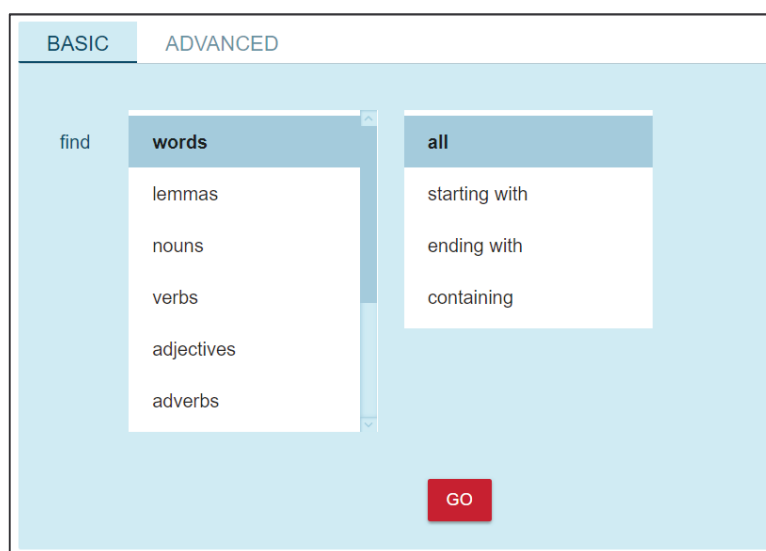
Os imigrantes italianos chegaram na Serra Gaúcha carregando as memórias de sua terra natal, sua cultura, seus costumes e suas crenças religiosas. A bagagem cultural dos imigrantes apresentou consequências diretas para a alimentação em terras brasileiras, uma vez que não abriram mão de seus hábitos alimentares, que incluem, principalmente, o consumo de pães, carnes e embutidos, como a carne de porco e o salame, queijos artesanais e a polenta. Além disso, podemos citar o vinho como um item da cultura italiana que foi transportado para a Serra Gaúcha através da imigração.

Fonte: elaborado pelo autor.

A glosa para esse *frame* parte do pressuposto de que os imigrantes italianos, com suas lembranças culturais do seu país de origem, adaptaram essa cultura e essas memórias à realidade brasileira. A partir do *corpus* de apoio, foi possível observamos que a culinária da imigração italiana é uma mistura da culinária italiana com as condições de vida impostas pela imigração, o que afeta a forma como as colônias se alimentavam e abordavam a questão da alimentação. Os *frames* que estão em relação de Uso com Memórias da Itália (Café da Manhã, Doces etc.) deverão abordar essas informações na suas glosas também, pois se apropriam do conteúdo do *frame* mais esquemático. A presença de mapas e do *FrameGrapher* também auxilia na visualização de como os *frames* estão interligados, sendo uma ferramenta interessante para recursos lexicográficos baseados em *frame*. O *frame* Memórias da Itália, por ser um *frame* não-lexical, não agrupa ULs, uma vez que seu propósito, conforme cita a FrameNet, é fornecer informações para *frames* menos abstratos do que ele (RUPPENHOFER et al., 2014).

Passamos, agora, à parte em que tratamos da estrutura dos *frames* lexicais. Para falar desse tipo de *frame*, que comporta ULs por eles evocadas, precisamos, antes de mais nada, fazer um estudo das ULs que compõem o *corpus* de pesquisa, compilado a partir do Sketch Engine. Para ter acesso às ULs, fizemos, primeiramente, a extração de uma lista simples de palavras. Na figura abaixo, vemos a tela da ferramenta de geração de lista.

Figura 38: Tela de geração de lista de palavras

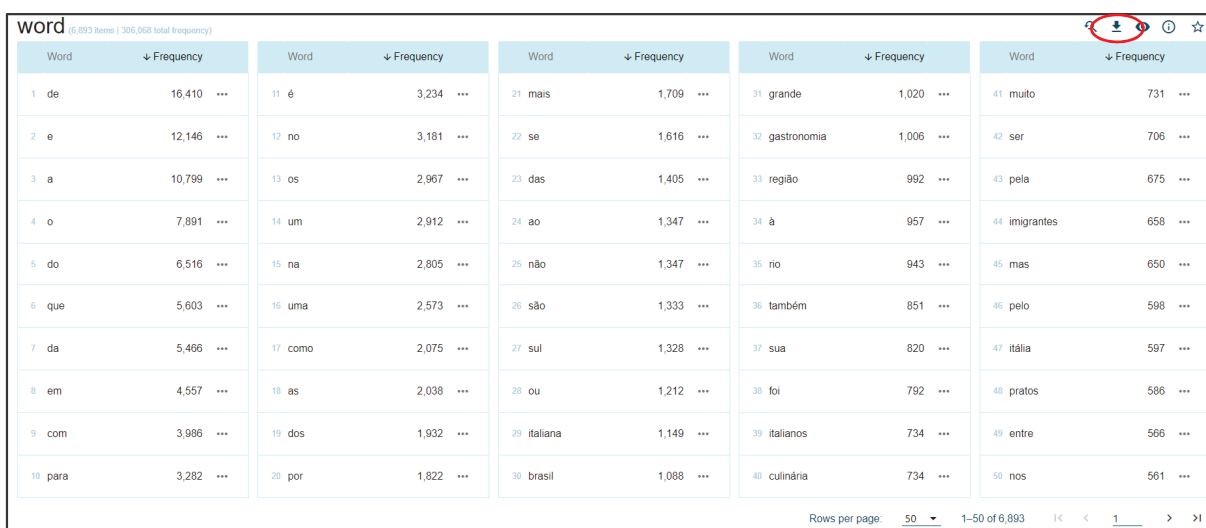


Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Como podemos perceber pela imagem acima, para gerar a lista de palavras, o usuário do Sketch Engine deve selecionar qual a opção que deseja. Primeiramente, deve-se escolher

entre as opções *palavras*, *lemas* ou classes gramaticais específicas. Feito isso, a escolha é por todas as palavras ou palavras que comecem, terminem ou contenham partes específicas. A diferença entre a busca por palavras e lemas é que, no caso da segunda, o Sketch Engine gera uma lista menor de unidades. Por exemplo, se um *corpus* possui as formas *correr*, *corri*, *correndo* e *correram*, apenas *correr* aparece na lista de lemas. Todas as unidades citadas são formas do mesmo **lexema**, mas apenas *correr* é **lema**. Para nosso experimento, escolhemos utilizar a lista simples de palavras. A próxima imagem (Figura 39) exemplifica a lista de ULs gerada pelo Sketch Engine.

Figura 39: Lista de palavras geradas pelo Sketch Engine



Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency	Word	↓ Frequency
1 de	16,410 ...	11 é	3,234 ...	21 mais	1,709 ...	31 grande	1,020 ...	41 muito	731 ...
2 e	12,146 ...	12 no	3,181 ...	22 se	1,616 ...	32 gastronomia	1,006 ...	42 ser	706 ...
3 a	10,799 ...	13 os	2,967 ...	23 das	1,405 ...	33 região	992 ...	43 pela	675 ...
4 o	7,891 ...	14 um	2,912 ...	24 ao	1,347 ...	34 à	957 ...	44 imigrantes	658 ...
5 do	6,516 ...	15 na	2,805 ...	25 não	1,347 ...	35 rio	943 ...	45 mas	650 ...
6 que	5,603 ...	16 uma	2,573 ...	26 são	1,333 ...	36 também	851 ...	46 pelo	598 ...
7 da	5,466 ...	17 como	2,075 ...	27 sul	1,328 ...	37 sua	820 ...	47 itália	597 ...
8 em	4,557 ...	18 as	2,038 ...	28 ou	1,212 ...	38 foi	792 ...	48 pratos	586 ...
9 com	3,986 ...	19 dos	1,932 ...	29 italiana	1,149 ...	39 italianos	734 ...	49 entre	566 ...
10 para	3,282 ...	20 por	1,822 ...	30 brasil	1,088 ...	40 culinária	734 ...	50 nos	561 ...

Rows per page: 50 1-50 of 6,893

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Gerada a lista de palavras, fizemos o seu *download*, utilizando o botão destacado na imagem acima. O Sketch Engine oferece quatro opções de *download* da lista: CVS, XLS, XML e PDF. Optamos pelo formato XLS, compatível com o programa Microsoft Excel.

Após a geração da lista de palavras, fizemos, manualmente, um processo de limpeza, eliminando artigos e preposições, deixando a lista o mais perto possível de uma lista de itens candidatos à UL. Além disso, no intuito de explorar mais as funcionalidades do Sketch Engine, enriquecendo a análise das palavras, geramos também duas listas de *keywords*, que podem ser visualizadas abaixo.

Figura 40: Lista de *keywords* simples e multivocabulares

SINGLE-WORDS			MULTI-WORDS		
Word	Focus corpus	Reference corpus	Word	Focus corpus	Reference corpus
1 polenta	252	4,454	1 serra gaúcha	370	277
2 montanari	108	826	2 imigração italiana	210	111
3 riogrande	85	100	3 culinária italiana	149	38
4 tripadvisor	89	645	4 gastronomia italiana	112	14
5 italian	84	967	5 século xix	100	6,031
6 alla	89	1,424	6 região sul	86	2,249
7 culinária	587	35,190	7 pratos típicos	75	179
8 galeto	85	1,201	8 imigrantes italianos	135	199
9 gastronomia	1,009	66,022	9 expo farroupilha	64	0
10 vinhedos	82	2,128	10 século xx	50	6,046
11 vêneto	70	1,305	11 faculdade de gastronomia	50	8

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Como podemos perceber pela figura, o Sketch Engine, ao gerar as *keywords*, dá ao usuário duas listagens: uma de palavras simples e uma de unidades multivocabulares. Fizemos, novamente, o *download* em formato XLS: uma lista de *single-words* e uma lista de *multi-words*. As três listas baixadas podem ser consultadas nos apêndices, ao fim deste trabalho. Cada lista apresenta as primeiras 500 ocorrências. Convém salientarmos que, no Excel, utilizamos a ferramenta de organização das células a partir do critério de frequência, para que as ULs aparecessem em ordem decrescente de presença no *corpus*. A partir do estudo das diferentes listas, optamos por utilizar as duas listagens de *keywords*, uma vez que elas já apontam para o tipo de item que poderá entrar como UL nos *frames*. Para esta análise, fizemos a seleção dos 25 primeiros itens da lista de palavras simples e dos 25 primeiros itens da lista de unidades multivocabulares, como pode-se observar nos quadros abaixo:

Quadro 5: Seleção das unidades lexicais simples

Item	Freq.
Italiano	2233
Sul	1328
Gastronomia	1009
Prato	923
Imigrante	750
Gaúcho	731
Vinho	720
Carne	646

Cozinha	612
Itália	597
Culinária	587
Serra	542
Restaurante	534
Imigração	507
Massa	483
Típico	445
Alemão	385
Queijo	356
Ingrediente	318
Comida	315
Pão	300
Molho	284
Doce	271
Colônia	266

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 6: Seleção das unidades lexicais multivocabulares

<b>Item</b>	<b>Freq.</b>
Rio Grande	654
Serra Gaúcha	370
Porto Alegre	212
Imigração italiana	210
Culinária italiana	149
Imigrantes italianos	135
Gastronomia italiana	112
Século XIX	100
Região Sul	86
Pratos típicos	75
Expo Farroupilha	64
Cozinha italiana	61
Século XX	50
Faculdade de Gastronomia	50
Cursos de Gastronomia	49
Colonização italiana	46
Cultura italiana	46
Caminhos de Pedra	41
Farinha de Trigo	41
Sal grosso	39
TripAdvisor LLC	38
Vila Flores	37
Borges de Medeiros	37
Molho de Tomate	37

Fonte: elaborado pelo autor.

Primeiramente, devemos, para cada uma dessas listas, verificar o que pode e o que não pode ser UL. Por exemplo, no quadro 5, a palavra “típico”, com 445 ocorrências, designa um caso de item que não evoca nenhum *frame*, uma vez que esse adjetivo, por si só, não se liga a nenhuma estrutura do mapa de *frames* da culinária de imigração italiana. O mesmo ocorre com “Sul”, “gastronomia”, “prato”, “cozinha”, “culinária”, “alemão”, “ingrediente” e “comida” (o sentido das palavras é muito amplo, não são ULs do domínio específico porque o seu sentido ainda é o mais geral). Na lista de *keywords* multivocabulares, desconsideramos as expressões “Rio Grande” (pois não evoca nenhum *frame* de culinária da imigração), “Porto Alegre”, “Século XIX”, “Região Sul”, “Século XX”, “Faculdade de Gastronomia”, “Curso de Gastronomia”, “TripAdvisor LLC” e “Borges de Medeiros”.

A partir dessa listagem, foi feita uma organização preliminar dos itens restantes como UL dos *frames*. Por que preliminar? Porque, primeiramente, a partir do *corpus* de apoio, como foi possível identificar os *frames* do domínio, isso nos dá uma ideia de como as ULs desses *frames* devem ser. O que queremos desta parte da análise é, feito isso, ver como o *corpus* processável, a partir das ferramentas do Sketch Engine, confirma essa organização das ULs em *frames*, confirmando, em consequência disso, os dados do *corpus* de apoio. O quadro abaixo sistematiza cada uma das ULs, com os seus respectivos *frames*.

Quadro 7: Enquadramento das unidades lexicais em *frames*

<b>Unidade Lexical</b>	<b><i>Frames</i></b>
Italiano	Vida do Imigrante
Imigrante	Vida do Imigrante
Gaúcho	Vida do Imigrante
Vinho	Almoço e Jantar Festividades Café Colonial Bebidas
Carne	Almoço e Jantar Festividades Café Colonial
Itália	Vida do Imigrante
Serra	Vida do Imigrante
Imigração	Vida do Imigrante
Massa	Almoço e Jantar Festividades Comidas e ingredientes
Queijo	Almoço e Jantar Café da Manhã Café Colonial

	Festividades Laticínios
Pão	Almoço e Jantar Café da Manhã Café Colonial Festividades
Molho	Almoço e Jantar Festividades
Doce	Doces Frutas e derivados de fruta Café Colonial Festividades
Colônia	Vida do Imigrante
Serra Gaúcha	Vida do Imigrante
Imigração italiana	Vida do Imigrante
Culinária italiana	Alimentação do Imigrante
Imigrantes italianos	Vida do Imigrante
Gastronomia italiana	Alimentação do Imigrante
Cozinha italiana	Alimentação do Imigrante
Colonização italiana	Vida do Imigrante
Cultura italiana	Vida do Imigrante
Farinha de Trigo	Comidas e ingredientes
Sal grosso	Comidas e ingredientes
Molho de Tomate	Comidas e ingredientes

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima evidencia algumas questões. Primeiramente, determinados itens lexicais, como “cozinha italiana”, “imigrante” e “italiano” são importantes para o domínio, ainda que não sejam itens específicos de *dentro* dos *frames* da culinária de imigração italiana. Nesse sentido, essas ULs exigem mudanças no nosso mapa de *frames*. Esse é um primeiro resultado muito importante: as ULs extraídas via Sketch Engine apresentam consequências para o mapa porque as ULs é que apontam para os *frames*! Assim, Vida do Imigrante e Alimentação do Imigrante passam a ser *frames* lexicais, ainda que continuem sendo mais amplos. No fim desta seção, apresentamos o mapa dos *frames* revisado.

Outro ponto importante é a forma como algumas ULs evocam mais de um *frame*. Isso mostra o caráter multidimensional do domínio. Ao mesmo tempo em que alguns *frames* dependem de estruturas maiores, mais esquemáticas, algumas ULs se ligam a mais de um *frame* porque aparecem em mais de um contexto dentro do domínio. “Vinho”, nesse sentido, evoca



mais de uma estrutura, uma vez que ele é muito representativo da culinária da imigração italiana, e sua presença marcante em vários aspectos da vida do imigrante (religiosidade, comércio, memórias etc.) faz com que ele seja identificado dentro de mais um *frame*. O mesmo ocorre com “queijo”: ele é um laticínio e, ao mesmo tempo, tem sua presença marcada nos almoços, jantares, cafés da manhã, cafés coloniais etc. O aspecto multidimensional não pode ser descartado, ele é característico do domínio e deve ser valorizado pelos *frames*.

Como falamos anteriormente, até aqui fizemos o que chamamos de evocação preliminar, ou seja, as ULs foram organizadas nos *frames* de forma mais manual, a partir do estudo do *corpus* de apoio. Contudo, acreditamos ser importante o uso do *corpus* processável e do Sketch Engine como forma de validar esse processo de evocação. Nesse sentido, utilizamos duas ferramentas: o *Concordance* e as *Word Sketches*. O *Concordance* mostra as linhas de concordâncias textuais de cada palavra do *corpus*, enquanto o *Word Sketch* mostra os padrões semântico-sintáticos das palavras.

Figura 41: Ferramenta *Concordance* do Sketch Engine



Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Na tela inicial da ferramenta *Concordance*, é preciso que o usuário insira uma palavra, para que o recurso faça a busca das concordâncias textuais. Pesquisando pela UL *vinho*, temos acesso a uma nova tela, que mostra as ocorrências da palavra no *corpus*.

Figura 42: Concordâncias da unidade lexical *vinho*

Details	Left context	KWIC	Right context
1 revistasaboresdosul.co...	Hoje são raras as receitas que ainda preconizam este tipo de gordura. E o que bebiam os gaúchos? O	<b>vinho</b>	é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos. Na colônia itali
2 revistasaboresdosul.co...	ante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos. Na colônia italiana não há casa sem	<b>vinho</b>	e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom vi
3 revistasaboresdosul.co...	o e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom	<b>vinho</b>	nos traz. Tendo a serra como ponto de irradiação hoje o vinho frequenta os cardápios e preenche uma l
4 revistasaboresdosul.co...	nostram a saúde e a alegria que um bom vinho nos traz. Tendo a serra como ponto de irradiação hoje o	<b>vinho</b>	frequenta os cardápios e preenche uma lacuna na nossa culinária. Sim, porque o gaúcho só tomava ma
5 revistasaboresdosul.co...	ó tomava mate que era aperitivo, acompanhamento e digestivo. As harmonizações entre os pratos e os	<b>vinhos</b>	começam a se desenvolver mais recentemente. E como a base da nossa alimentação é a carne, o vinh
6 revistasaboresdosul.co...	inhos começam a se desenvolver mais recentemente. E como a base da nossa alimentação é a carne, o	<b>vinho</b>	mais indicado é o tinto. É claro que em termos populares a cerveja é imbatível, com uma tradição que vi
7 culturamix.com	que antes eram regionais, no entanto, têm proliferado com algumas variações em todo o país. Queijo e	<b>vinho</b>	são uma parte importante da gastronomia. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expres
8 asboascoisasdavidada.co...	com pratos e bebidas familiares nos restaurantes da capital gaúcha, como massas ou pizzas – e muito	<b>vinho</b>	(o Estado é o maior produtor vinícola do país). Há bons restaurantes italianos na cidade. Mas, claro, qu
9 asboascoisasdavidada.co...	mal passadas ou ao ponto, é o paraíso. Claro que este almoço ou jantar tem de ser escollado por bons	<b>vinhos</b>	brasileiros, sobretudo da casta Merlot, mas também espumantes, elaborados no Rio Grande do Sul. E c
10 wordpress.com	, por imigrantes alemães. Nessas terras, os imigrantes italianos começaram a cultivar uvas e a produzir	<b>vinhos</b>	. Atualmente, essas áreas de colonização italiana produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em
11 wordpress.com	ltivar uvas e a produzir vinhos. Atualmente, essas áreas de colonização italiana produzem os melhores	<b>vinhos</b>	do Brasil. Também em 1875, foram fundadas as primeiras colônias italianas de Santa Catarina, como C
12 wordpress.com	raticamente as mesmas de Vêneto, região de onde veio a maioria dos imigrantes. A produção de uva e	<b>vinho</b>	, trazida pelos imigrantes, se expandiu por toda a região, tornando-se a base da economia da região ital
13 wordpress.com	nigrantes italianos, como por exemplo, o xote de quatro passos. Flores da Cunha é o maior produtor de	<b>vinhos</b>	do Brasil e 2º pólo moveleiro do RS. Um forte apelo do município é a preservação das tradições cultura
14 wordpress.com	o batido. Um local com temperaturas naturalmente mais baixas, destinado a guarda de bebidas como o	<b>vinho</b>	, cachaça, grappa, vinagre, sucos e outros. O porão ainda conservava alimentos como o salame, osso
15 wordpress.com	a. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de	<b>vinho</b>	. RELIGIÃO De acordo com DE BONI (1991), a religião dos Italianos destacava-se pelas coisas exterior
16 scribd.com	, por imigrantes alemães. Nessas terras, os imigrantes italianos começaram a cultivar uvas e a produzir	<b>vinhos</b>	. Atualmente, essas áreas de colonização italiana produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em
17 scribd.com	ltivar uvas e a produzir vinhos. Atualmente, essas áreas de colonização italiana produzem os melhores	<b>vinhos</b>	do Brasil. Também em 1875, foram fundadas as primeiras colônias italianas de Santa Catarina, como C
18 scribd.com	raticamente as mesmas de Vêneto, região de onde veio a maioria dos imigrantes. A produção de uva e	<b>vinho</b>	, trazida pelos imigrantes, se expandiu por toda a região, tornando-se a base da economia da região ital
19 scribd.com	nigrantes italianos, como por exemplo, o xote de quatro passos. Flores da Cunha é o maior produtor de	<b>vinhos</b>	do Brasil e 2º pólo moveleiro do RS. Um forte apelo do município é a preservação das tradições cultura
20 scribd.com	o batido. Um local com temperaturas naturalmente mais baixas, destinado a guarda de bebidas como o	<b>vinho</b>	, cachaça, grappa, vinagre, sucos e outros. O porão ainda conservava alimentos como o salame, osso

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Cada uma das linhas apresenta as ocorrências da UL nos textos do *corpus*. Dos lados esquerdo e direito da unidade, estão os cotextos, isto é, as porções de texto que antecedem e que vêm depois da unidade lexical. Ao clicar em uma das ocorrências de *vinho*, temos acesso a uma janela com parte do texto coletado para o *corpus*.

Figura 43: Cotextos da unidade lexical *vinho*

... de veneto, região de onde veio a maioria dos imigrantes. A produção de uva e	<b>vinho</b>	... trazida pelos imigrantes, se expandiu por toda
... bebiam os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos. Na colônia italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom <b>vinho</b> nos traz. Tendo a serra como ponto de irradiação hoje o vinho frequenta os cardápios e preenche uma lacuna na nossa culinária. Sim, porque o gaúcho só tomava mate que era aperitivo, acompanhamento e digestivo. As harmonizações entre os pratos e os vinhos começam a		

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

A ferramenta *Word Sketch* inicia da mesma forma, a partir de uma busca por uma palavra, como pode ser observar na próxima figura.

Figura 44: Ferramenta *Word Sketch* do Sketch Engine

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Buscando por “vinho”, por exemplo, temos acesso a uma tela com os padrões semântico-sintáticos da palavra no *corpus*.

Figura 45: *Word sketches* da palavra “vinho”

 The image shows the main interface of Word Sketch for the word 'vinho'. The search bar at the top contains 'Tese\_culinária'. Below it, the word 'vinho' is selected, and the interface displays a grid of word sketches. Each sketch is a small table with a header and a list of concordances. The sketches are organized into columns based on syntactic patterns.
 

sintagma preposicional	vinho_N suj de V	vinho_N mod por Adj-Part	e_ou	V obj vinho_N	Adj-Part mod vinho_N	vinho_N ser-estar N	preposição+Vinf
...de vinho	completar	tinto	espumante	produzir	bom	trem	...vinho para Vinf
vinho de N	queijos e vinhos de primeira linha completam a riquíssima cozinha	de vinho tinto	vinhos e espumantes	uras e a produzir vinhos. Atualmente	um bom vinho	tour Uva e Vinho é o Trem Maria Fumaça	
...com vinho	expandir	fino	suco	degustar	excelente	parte	
vinho em N	de uva e vinho, trazida pelos imigrantes, se expandiu por toda a	de vinhos finos	vinho e suco	degustar um bom vinho	excelentes vinhos	Queijo e vinho são uma parte	
...a vinho	tomar	branco	pão	tomar	melhor		
...em vinho	do cultivo de vinho na região tornou a viticultura a	de vinho branco	café	acrescentar	maravilhoso		
vinho com N	ganhar	produzir	queijo	adquirir	tradicional		
...por vinho	vinho que ganha	selecionar	estilo	comprar	famoso		
vinho para N	esperar	com vinhos cuidadosamente selecionados	vinho na região e o estilo	experimental	principal		
vinho por N	encerrar	espumante	caldo	apreciar			
...sobre vinho	licores ou vinhos que, tradicionalmente, encerravam as refeições	vinhos espumantes	vinho avaporar e coloque o caldo	beber			
...entre vinho	estor	moscatel		colocar			
	vinhos estão	Vinho Moscatel		provar			
	abrir	indicar					
	Cultura do vinho do Rio Grande do Sul se abre ao turismo e	vinho mais indicado					
	ser	artesanal					
	Os vinhos escolhidos para	e vinhos artesanais					
	vinho é	escolher					
	colocar	Os vinhos escolhidos para					
		importar					
		vinhos importados e nacionais					

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Através da análise das concordâncias das *word sketches*, foi possível verificar que o *corpus* processável confirmou o enquadramento das ULs nos *frames*. “Massa”, por exemplo, apareceu em concordâncias que indicavam sua presença nos textos de almoço, de festas e de comidas salgadas. Para cada UL do quadro anterior, selecionamos dez concordâncias para constarem nos apêndices deste trabalho, comprovando os *frames*.

Para uma análise mais profunda a ser mostrada aqui, escolhemos duas ULs: “vinho” e “queijo”. A escolha por essas unidades partiu do fato de que ambas evocam múltiplos *frames*.

Assim, cada uma das ULs será analisada a partir das duas ferramentas citadas, confirmando ou não a presença delas nos *frames* previamente estabelecidos. A partir das concordâncias e das *word sketches*, buscamos, então, evidenciar a presença dos *frames* evocados preliminarmente. Começamos com “vinho”.

Vinho possui 720 ocorrências no *corpus*. A partir das concordâncias, buscamos identificar os *frames*. A lista completa das concordâncias conta como apêndice no fim deste trabalho. Além disso, para facilitar a visualização das concordâncias, fizemos o *download* da lista no formato XLS.

A partir das concordâncias, foi possível verificar que o *corpus* processável confirma a presença dos *frames* que selecionamos como evocados pela UL “vinho”. Abaixo, apresentamos quadros com as concordâncias que trazem os dados almejados:

Quadro 8: Concordância 129 da unidade lexical “vinho”

Almoço e jantar	Concordância n.: 129	
...frutas. O almoço (ouilpranza, laseconda colazione) é geralmente consumido entre meio dia e duas horas da tarde. O	vinho	e o pão estão sempre acompanhados das refeições principais. Até mesmo as crianças saboreiam a bebida. Além dessas...

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 9: Concordância 90 da unidade lexical “vinho”

Almoço e jantar	Concordância n.: 90	
...depois de uma refeição. Outra bebida popular é o vinho, como o Prosecco, criado em Veneto, na Itália, ou o Passito, um	vinho	tinto ou branco que poderá ser servido depois do jantar. As bebidas sem álcool muito consumidas são o Chinotto...

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 10: Concordância 95 da unidade lexical “vinho”

Festividades	Concordância n.: 95	
Principais Tradições e Festas Italianas A Itália possui vários festivais de culinária todo o ano, com festas do	vinho	, festival de trufas, de sobremesas, queijos, presunto, dentre outros. As comemorações maiores atraem os turistas, ...

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 11: Concordância 711 da unidade lexical “vinho”

Café Colonial	Concordância n.: 711	
Gramado/RS e Canela/RS), Empório Canela (Canela/RS) Café Colonial Prepare-se para comer muito, depois das bebidas (	vinho	ou café, chocolate quente ou chá), a mesa começa a ser preenchida com pães, geleias, mel, nata, manteiga, e logo surgem...

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 12: Concordância 716 da unidade lexical “vinho”

Bebidas	Concordância n.: 716	
...de pedra e piso de chão batido. Um local com temperaturas naturalmente mais baixas, destinado a guarda de bebidas como o	vinho	, cachaça, grapa, vinagre, sucos e outros. O porão ainda conservava alimentos como o salame, ossocolo, figadei, ...

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos ver pelos contextos das concordâncias, a UL “vinho” de fato evoca os *frames* que selecionados, sendo eles: Almoço e jantar, Festividades, Café Colonial e Bebidas. No quadro 6, o elemento vinho aparece no contexto do almoço, uma vez que o texto está a comentar como é o almoço no domínio da imigração italiana. Algo parecido ocorre no quadro 7, em que se está falando da presença do vinho no jantar. No quadro 8, fica evidente a presença do vinho no contexto das festas, justificando a evocação do *frame* Festividades. O *frame* Café Colonial é evocado pela instância 711, quadro 9, em que o texto descreve os itens que compõem o cardápio de um café colonial italiano, citando o vinho. Por fim, no quadro 10, o texto descreve uma série de bebidas presentes no domínio da culinária de imigração italiana, também citando o vinho, o que demonstra a evocação do *frame* Bebidas. Nesse sentido, o *corpus* processável comprova que a UL “vinho” evoca esses *frames*, corroborando o *corpus* de apoio. Vejamos, agora, se as *word sketches* de “vinho” (Figura 45) também nos dão elementos que apontam nessa direção.

A ferramenta *word sketch* é extremamente valiosa para estudos acerca dos *frames*, uma vez que mostra todos os padrões semântico-sintáticos apresentados por uma UL, ou seja, as *word sketches* evidenciam o comportamento da palavra e os seus relacionamentos com outros itens lexicais, o que permite a exploração, por exemplo, de elementos de *frame*. Se buscássemos o verbo *chutar*, nós o veríamos, como parte das *word sketches* desse verbo, como núcleo de um SV ligado a um SN na posição de sujeito, como em *Ronaldinho chutou a bola*, por exemplo, mostrando que *chutar* exige um *frame* que tenha como elemento de *frame* alguém que chuta a

bola. No caso da proposta desta tese, contudo, não estamos considerando a presença de elementos de *frame*. Apesar disso, as *word sketches* ainda podem auxiliar na tarefa de identificar os *frames*. Vejamos alguns padrões evidenciados pela UL “vinho”.

Figura 46: *Word sketches* de “vinho”

← ↻ 🔍 ×	← ↻ 🔍 ×	← ↻ 🔍 ×
<b>vinho_N mod por Adj-Part</b>	<b>e_ou</b>	<b>V obj vinho_N</b>
<b>tinto</b> ... de vinho tinto	<b>espumante</b> ... vinhos e espumantes	<b>produzir</b> ... uvas e a produzir vinhos . Atualmente
<b>fino</b> ... de vinhos finos	<b>suco</b> ... vinho e suco	<b>degustar</b> ... degustar um bom vinho
<b>branco</b> ... de vinho branco	<b>pão</b> ... tarde . O vinho e o pão estão sempre acompanhados	<b>tomar</b> ... tradicional gaúcho e tomar muito vinho estão nas primeiras
<b>produzir</b> ... vinhos produzidos no país	<b>café</b> ... Vinho e café	<b>acrescentar</b> ... acrescente o vinho
<b>selecionar</b> ... com vinhos cuidadosamente selecionados	<b>queijo</b> ... vinhos e os queijos	<b>adquirir</b> ... visitante pode adquirir vinhos
<b>espumante</b> ... vinhos espumantes	<b>estilo</b> ... vinho na região e o estilo	<b>comprar</b> ... comprar vinhos
<b>moscatel</b> ... Vinho Moscatel	<b>caldo</b> ... vinho evaporar e coloque o caldo	<b>experimentar</b> ... experimente um Vinho
<b>indicar</b> ... vinho mais indicado		<b>apreciar</b> ... apreciar bons vinhos
<b>artesanal</b> ... e vinhos artesanais		<b>beber</b> ... beber vinho
<b>escolher</b> ... Os vinhos escolhidos para		<b>colocar</b> ... coloque o vinho
<b>importar</b> ... vinhos importados e nacionais		<b>provar</b> ... provar um vinho
<b>regional</b> ... dos vinhos regionais		<b>ter</b> ...

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).

Na primeira coluna, temos vinho como um nome que está sendo modificado por um adjetivo, formando “vinho tinto”, “vinho fino”, “vinho branco” etc. Essa formação de unidades complexas aponta para a presença de “vinho” como UL de Bebidas, algo que já havia sido evidenciado pelas concordâncias. É interessante perceber, também, que essa parte das *word sketches* já mostra outras ULs, derivadas da palavra simples. Na coluna do meio, temos vinho sendo acompanhado de outros elementos da culinária da imigração italiana, como “vinho de café” e “vinho e queijo”. Ao acessar as concordâncias para esses pares, a partir das *word sketches*, temos acesso ao contexto textual em que essas duplas de ULs aparecem, como as

frases “O **vinho** e o **pão** estão sempre acompanhados das refeições principais” e “Ingredientes simples e naturais são a base de pratos italianos tradicionais, que, acompanhados com um bom **vinho** e **queijo**, criam menus de dar água na boca!!!”, que evocam os *frames* Almoço e Jantar. Por fim, na última coluna, em que “vinho” aparece como objeto direto de um SV, temos as combinações “adquirir vinho” e “comprar vinho”, que apontam para um contexto comercial. No nosso mapa de *frames*, Comércio e Indústria é um *frame* não-lexical, contudo, ele se liga a *frames* que utilizam suas informações, como Festividades e Café Colonial, que são estruturas ligadas ao comércio de produtos na Serra Gaúcha.

Passemos, agora, à UL “queijo”, analisada sob os mesmos critérios.

“Queijo” possui 356 concordâncias, que foram baixadas do Sketch Engine no formato XLS, permitindo a visualização no programa Microsoft Excel. Feita a leitura das concordâncias, que buscou evidenciar a presença dos *frames* evocados de forma preliminar, temos, abaixo, os quadros com as instâncias selecionadas.

Quadro 13: Concordância 134 da unidade lexical “queijo”

Almoço e jantar	Concordância n.: 134	
... um prato de massa ou arroz (dependendo da região), como o risoto, uma carne principal ou prato de peixe, uma salada e	queijo	e frutas. O almoço (ou il pranzo, la seconda colazione) é geralmente consumido entre meio dia e duas horas da tarde.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 14: Concordância 316 da unidade lexical “queijo”

Café da manhã	Concordância n.: 316	
... que se refere a café da manhã. Trata-se de uma refeição reforçada, em que se serve, normalmente, café, pão, salame,	queijo	, marmelada. Tais experiências podem ser vivenciadas no ambiente interno ou externo da casa. Os responsáveis pelo...

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 15: Concordância 302 da unidade lexical “queijo”

Café colonial	Concordância n.: 302	
...bolinhos de batata ralada, pão de milho, de centeio, de trigo, tortas doces. Café colonial (salgadinhos, salames,	queijos	, bolos). Bebidas: Das bier – cerveja, chop e Spritzbier (gingibirra). – Colônia Italiana – Brodo (caldo de carne), ...

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro 11, a UL “queijo” está representada num contexto de almoço, sendo que o texto está descrevendo quais são os elementos que compõem essa refeição, mostrando a UL enquadrada no *frame* Almoço e Jantar. O mesmo ocorre no quadro 12, porém se tratando do café da manhã, que é formado por “café, pão, salame, queijo, marmelada”, evidenciando a evocação do *frame* Café da Manhã. Por fim, o quadro 13 traz “queijo” como parte do *frame* Café Colonial, classificando a UL como um componente dessa refeição. O *frame* Laticínios, buscaremos a partir das *word sketches*.

Laticínios é um *frame* que, como podemos ver pelo próprio nome, tem um caráter mais “ontológico”, que, nesse contexto, contrasta com o que seria um *frame* mais dinâmico ou eventivo, como é o caso de Festividades, por exemplo. Esse tipo de *frame* é criado para que as ULs, além de integrarem a estrutura desses *frames* mais dinâmicos, tenham também um lugar em que são descritas a partir da categoria que evocam. O queijo faz parte das refeições dos imigrantes italianos e seus descendentes, mas a palavra não evoca só isso; ela evoca, também, a categoria em que essa palavra se enquadra, pensando em uma organização de mundo ou de domínio. Nesse sentido, o que as *word sketches* podem mostrar a favor desse *frame* é a UL sendo utilizada num contexto mais neutro, de explicação ou exposição de itens alimentícios, como veremos a seguir.

Figura 47: *Word sketches* da unidade lexical “queijo”

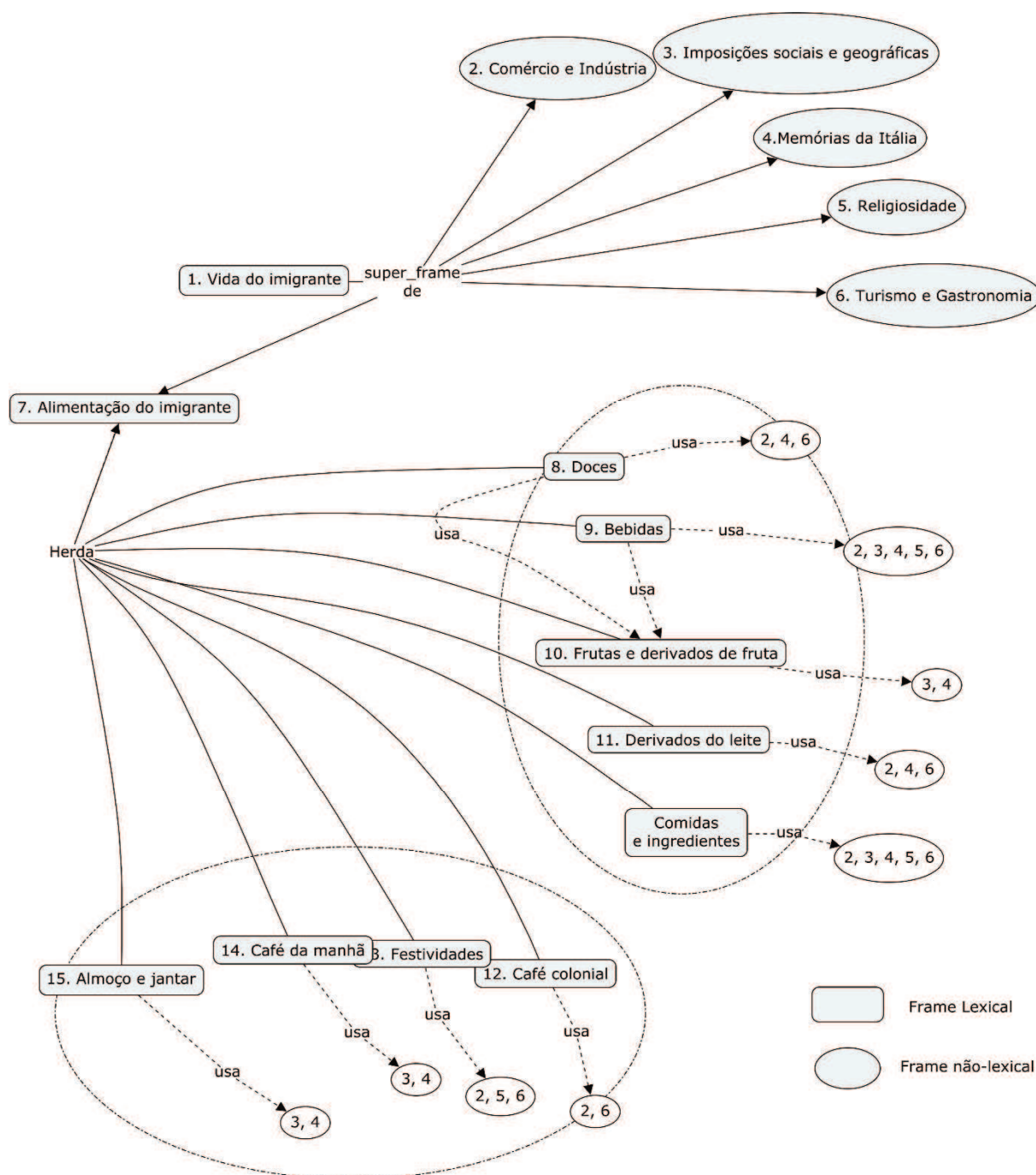
queijo_N mod por Adj-Part	queijo_N suj de V	e_ou
<b>parmesão</b> ... de queijo parmesão	<b>completar</b> ... Salames , queijos e vinhos de primeira linha completam a riquíssima cozinha	<b>vinho</b> ... Salames , queijos e vinhos de primeira linha
<b>ralar</b> ... queijo ralado	<b>noize</b> ... O de queijo foi servido com pão , batata noize , brócolis e	<b>presunto</b> ... como carne , queijo e presunto . Pizza de
<b>colonial</b> ... queijo colonial	<b>né</b> ... queijo é uma delícia , né	<b>embutido</b> ... tábua com queijos e embutidos , massas
<b>pecorino</b> ... e queijo pecorino	<b>costumar</b> ... queijos nas duas ilhas costumam	<b>chocolate</b> ... queijo e chocolate
<b>derreter</b> ... queijo derretido	<b>d'aoste</b> ... queijo , Vallée d'Aoste	<b>ovo</b> ... queijos e ovos
<b>variar</b> ... queijos variados	<b>surpreender</b> ... queijos porque eles nos surpreendem	<b>molho</b> ... queijo esteja dourado e o molho
<b>forte</b> ... queijo forte	<b>saborear</b> ... queijo e saboreie	<b>palmito</b> ... queijo ou palmito
<b>artesanal</b> ... queijos artesanais	<b>colocar</b> ... queijo no pão e por cima coloque	<b>entrecot</b> ... queijo e tiras de entrecot
<b>fresco</b> ... queijo fresco	<b>guanciale</b> ... queijo pecorino romano , guanciale	<b>tortéi</b> ... queijo e o tortéi
<b>predileto</b> ... queijo predileto		<b>bacon</b> ... queijo e bacon
<b>raladosal</b> ... queijo parmesão raladoSal		

Fonte: Kilgarriff et al. (2004).



Como podemos ver pela imagem, nas três colunas, “queijo” está representado a partir de um padrão diferente: substantivo modificado por adjetivo, sujeito de verbo e acompanhando outro item lexical, como “vinho” e “presunto”. O mais importante aqui é entendermos que, mesmo quando, em determinadas concordâncias, “queijo” evoca um *frame* como *Café da Manhã* ou *Café Colonial*, ele ainda deve ter o seu lugar garantido em um *frame* mais estático ou ontológico. Por quê? Vamos usar a FrameNet como exemplo. Se procurarmos a UL “cheese” na FrameNet, nós a encontramos enquadrada no *frame* *FOOD*. Esse é um *frame* estático, que, inclusive, conta, como único elemento de *frame*, a própria palavra “food”. A questão é que tratar do aspecto estático de certos *frames* e domínios é um desafio para a Semântica de *Frames*, uma vez que a teoria lida melhor, e mais tradicionalmente, com *frames* que caracterizam eventos e ações, que são, geralmente, evocados por verbos. O que não podemos ignorar é que palavras como “queijo” ou “leite” pertencem a categorias mais “taxonômicas”, justificando a necessidade de um *frame* que abarque tudo isso.

Nesse sentido, com o que vimos até aqui, foi possível avaliar o papel extremamente importante do *corpus* processável, no sentido de que, além de confirmar os *frames* e prover as ULs, também apontou para necessidades de mudança no mapa dos *frames*, conforme próxima figura, em que se percebe que *Vida do Imigrante* e *Alimentação do Imigrante* passaram a ser *frames* lexicais.

Figura 48: Segunda esquematização dos *frames* do domínio

Fonte: Elaborado pelo autor.

Feitas as considerações sobre as ULs, passamos agora às considerações sobre a glosa do *frame* lexical e a organização das ULs ao redor do *frame*. Conforme falamos anteriormente, nossa proposta inclui a ideia de que as ULs devem estar agrupadas ao redor do *frame* a partir de um critério de frequência. Como vimos nos recursos onomasiológicos mais tradicionais que citamos ao longo deste trabalho, os itens lexicais não costumam partir de um critério de organização. Utilizando o arcabouço da Semântica Lexical Cognitiva, entende-se que é

importante que se diga algo sobre essas ULs, e a noção de protótipo parece ser a resposta para essas indagações. Nesta tese, utilizamos a noção de saliência prototípica de forma mais branda, apoiando-nos na frequência das ULs no *corpus*.

A fim de representar a estrutura do *frame* lexical, selecionamos Café Colonial, uma vez que este *frame* é evocado pelas duas ULs analisadas.

#### Quadro 16: Glosa do *frame* Café Colonial

O café colonial é uma refeição típica nos Estados do Sul do Brasil, podendo estar relacionada às culturas de imigração italiana, alemã ou polonesa. O café colonial italiano retoma hábitos alimentares dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, sendo hoje um grande atrativo nos restaurantes típicos e nas rotas turísticas. A mesa do café colonial é farta, apresentando um cardápio bastante extenso, com pães, cucas, *chimias*, que são geleias de fruta, queijos, salames etc., além, claro, do vinho e do suco de uva natural. O café colonial italiano costuma ser algo que interessa aos turistas, que querem conhecer como é a culinária da imigração italiana. Além disso, produtos que são servidos no café colonial, como pães especiais, cucas e geleias, também são vendidos no varejo, em padarias tradicionais da região.

Fonte: elaborado pelo autor.

A glosa desse *frame*, além de apresentar as conexões com os domínios do turismo e do comércio, também já cita algumas ULs, como “queijo” e “vinho”, que evocam esse *frame*. Esse tipo de informação já na glosa ajuda a situar o usuário ou leitor, dando mais contexto à definição. Além disso, as informações enciclopédicas são muito marcadas na glosa, trazendo o papel desses produtos no comércio e no turismo, e especificando o público a que o café colonial geralmente se destina. Outro ponto a ser destacado é que, no início da glosa, mostra-se que a ideia de café colonial não está presente somente na cultura da imigração italiana, mas de outros povos também. Isso não só dá ainda mais informações enciclopédicas, como também impede certas confusões ou pressuposições por parte de quem lê a glosa.

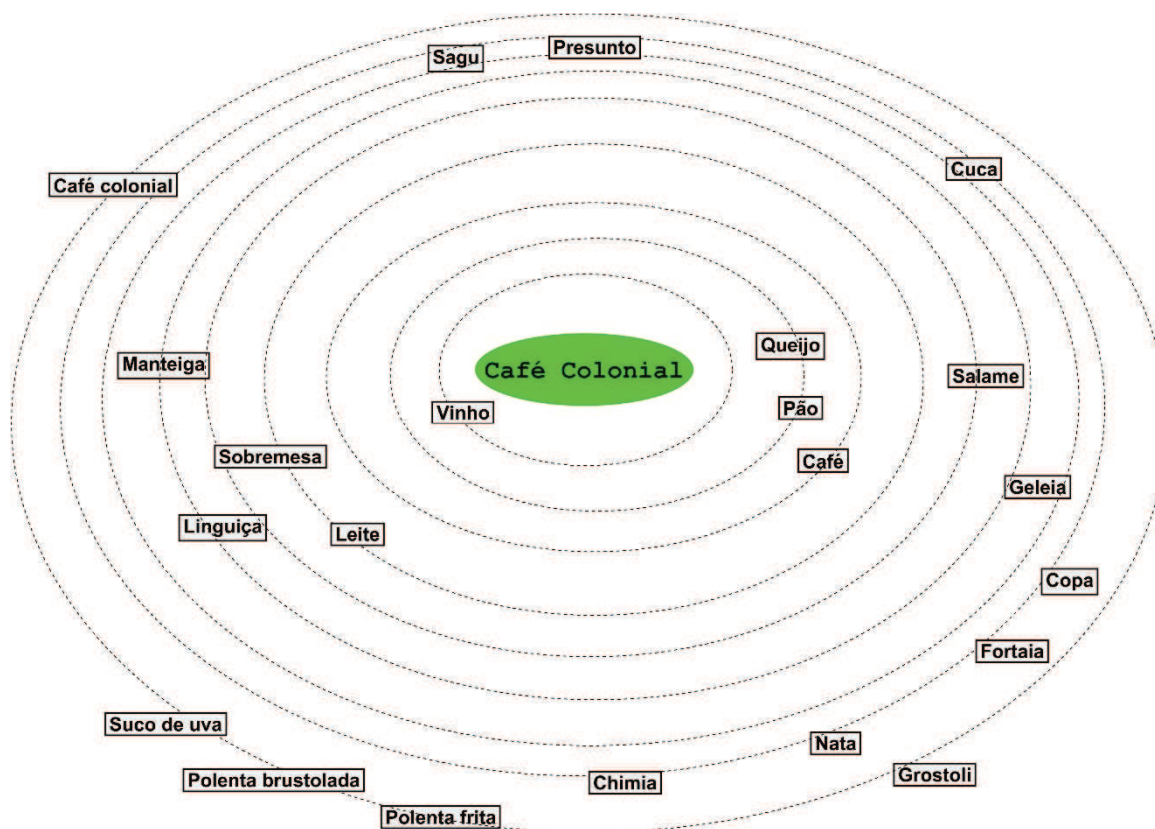
Para falar da questão da saliência prototípica, consideraremos novamente o *frame* Café Colonial, porém com mais ULs. Essas ULs foram selecionadas a partir do *corpus* de apoio e verificadas como presentes no *corpus* processável. Convém salientarmos que essas ULs, além de “vinho” e de “queijo”, não passaram pela análise no *Concordance* e no *Word Sketch*, de modo que sua adoção se dá apenas no intuito de ilustrar a organização das ULs por critério de frequência. As ULs e suas frequências podem ser verificadas no quadro seguinte.

Quadro 17: Possíveis unidades lexicais de Café Colonial

Unidade lexical	Frequência
Vinho	720
Queijo	356
Pão	300
Café	296
Leite	183
Sobremesa	133
Salame	97
Manteiga	71
Linguiça	62
Geleia	54
Cuca	54
Presunto	43
Sagu	34
Café colonial	33
Fortaia	30
Copa	23
Nata	16
Chimia	12
Suco de uva	12
Polenta brustolada	9
Polenta frita	9
Grostoli	8

Fonte: elaborado pelo autor.

De posse dessas ULs, o esquema abaixo demonstra como esses itens ficariam dispostos numa representação em rede.

Figura 49: Representação do *frame* Café Colonial

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos observar pela figura, as ULs podem ser organizadas ao redor do *frame* que evocam a partir do critério de frequência, que busca evidenciar a saliência prototípica das ULs em relação ao *frame*. Claro, como já apontamos, na proposta de uma onomasiologia cognitiva de Grondelaers e Geeraerts, o estudo para verificar esse tipo de saliência é muito mais complexo e leva em considerações muitos quesitos mais. Contudo, considerando a nossa proposta, que visa a dar bases iniciais para um modelo que articule onomasiologia, Lexicografia e Semântica Lexical Cognitiva, acreditamos que aliar a prototipicidade das ULs a uma verificação de frequência no *corpus* já é um indicativo da pertinência desse tipo de dado, que mostra quais unidades são mais salientes do que outras.

Cabe, porém, problematizarmos uma questão. Alguns itens que são essenciais a um café colonial, como o grostoli, a cuca e a copa (e essa informação vem tanto do *corpus* de apoio quanto da experiência do próprio autor), aparecem com pouca frequência, tomando uma posição muito afastada do centro da rede prototípica. É possível que essa questão possa ser resolvida a partir de um *corpus* maior. No entanto, ainda assim, devemos considerar que o critério de frequência no *corpus* processável pode não ser totalmente confiável.

O que vimos até este ponto da análise, como a organização do domínio em *frames*, a estrutura da descrição linguística dos *frames* e das ULs, bem como a discussão sobre frequência das ULs e sua representação numa rede prototípica, interfere diretamente em como esses dados deverão ser absorvidos por uma estrutura lexicográfica, levando em consideração a natureza de um dicionário onomasiológico. Tendo isso em vista, passamos à próxima seção da análise.

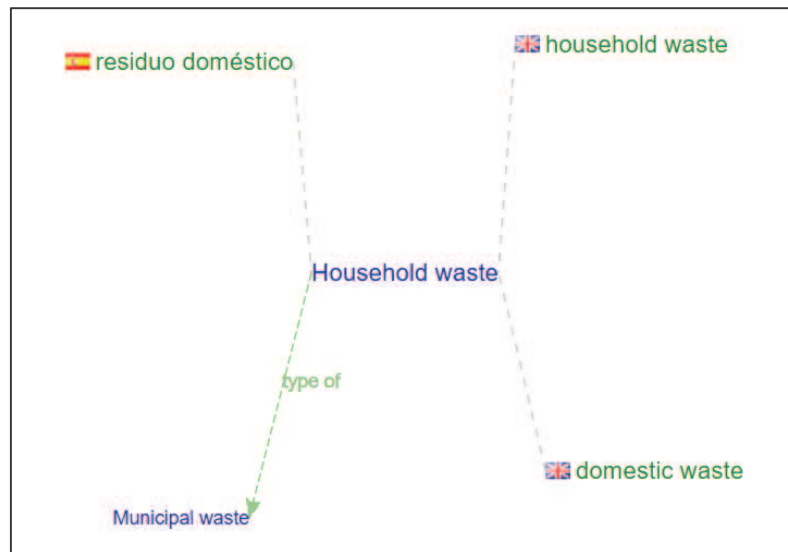
### 5.3 ARTICULANDO ONOMASIOLOGIA, SEMÂNTICA LEXICAL COGNITIVA E LEXICOGRAFIA: CONSEQUÊNCIAS DA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA NA ESTRUTURA DE UM DICIONÁRIO

Nesta seção, nosso objetivo é compreender como os dados analisados até este ponto se enquadram no contexto de um dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva. Convém salientar, novamente, que não estamos propondo uma obra ou um recurso completo, mas sim discutindo bases para um modelo orientado por esses moldes. Nesse sentido, nosso intuito, nesta tese, é fornecer estrutura teórico-metodológica que parta do princípio de que o método onomasiológico pode ser articulado com as ideias que definem a Semântica Lexical Cognitiva – a partir da Semântica Cognitiva, considerando o panorama maior da área –, consequentemente afetando o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos. Como vimos no terceiro capítulo, a onomasiologia nunca alcançou a mesma popularidade da semasiologia no que se refere à produção de dicionários, de modo que a visão mais popular que se tem de dicionário ainda é a obra impressa, organizada alfabeticamente a partir das unidades lexicais. O pouco interesse delegado à onomasiologia nesse campo parece estar relacionado a diferentes fatores, sendo, dois deles, as limitações do dicionário de papel e as limitações impostas pelo modelo teórico clássico. As “crises existenciais” dos modelos linguísticos e linguístico-filosóficos tradicionais nunca deram à onomasiologia a autonomia e os recursos necessários para que ela florescesse fora da gaveta fechada do estruturalismo da primeira metade do século XX. É nesse contexto que a Semântica Cognitiva, partindo de uma semântica lexical baseada em seus construtos, surge como forma de repensar a onomasiologia. Ao longo deste trabalho, temos apostado no conceito de *frame* semântico (não só, sim, mas ele é a ideia central) como fio condutor de uma proposta que busca articular a onomasiologia, a Semântica Lexical Cognitiva e a Lexicografia. A análise de *frames* feita na seção anterior, partindo da proposição do mapa e chegando até a descrição interna dessas estruturas, já mostra um resultado tanto para a onomasiologia quanto para a Semântica de *Frames*: do ponto de vista dos *frames*, a análise confirma o aspecto inerentemente onomasiológico da estrutura conceptual, uma vez

que se trata, utilizando termos da onomasiologia tradicional, de um conceito que se alia a determinados grupos de palavras a ele de alguma forma relacionados; do ponto de vista da onomasiologia, mostra a importância de descrever os conceitos de forma mais rica e de incluir informações “extralinguísticas”, ou seja, enciclopédicas. Até o final da seção 5.2, não fizemos considerações sobre como esses resultados e as análises que a eles nos levaram afetam a articulação com a Lexicografia. Assim, tencionamos nesta seção promover um encontro entre a análise linguística e a discussão lexicográfica. Convém lembrarmos, por último, que estamos considerando um modelo de dicionário *online*.

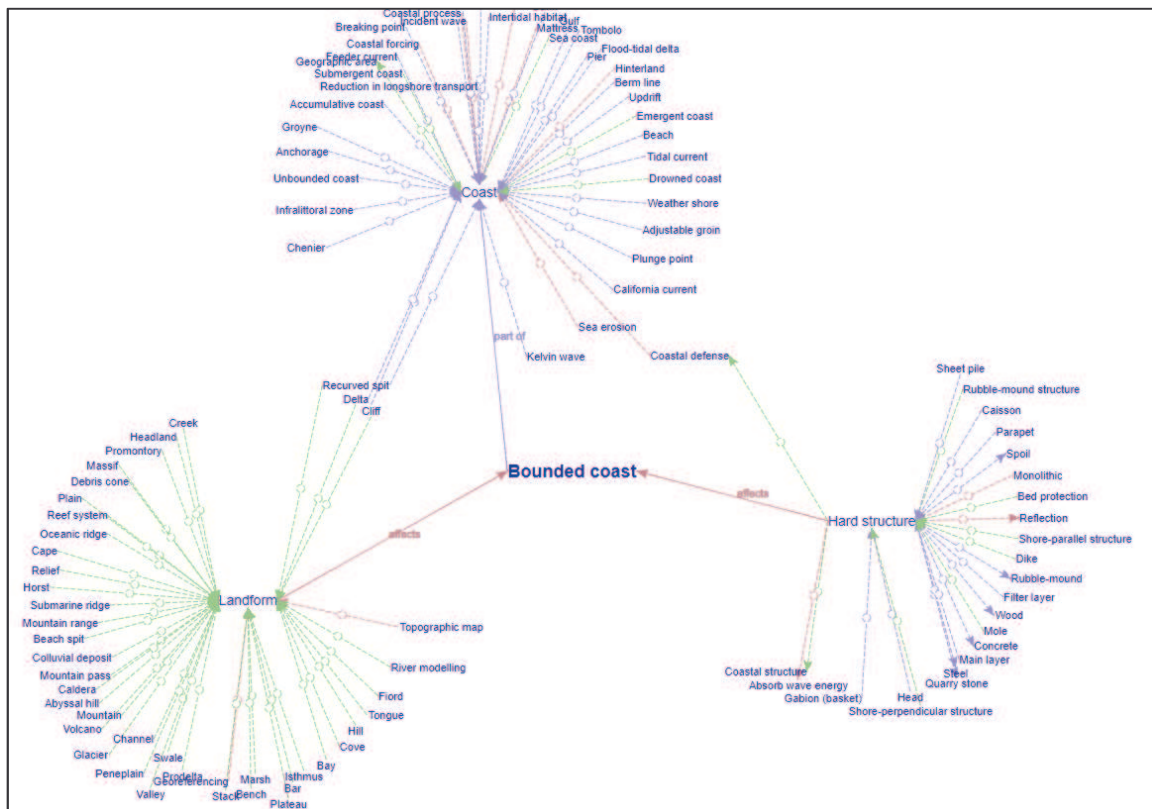
O fato de estarmos baseando nossa proposta na ideia de um recurso *online* se dá, especialmente, a partir da constatação de que a Semântica de *Frames* é melhor absorvida pela onomasiologia a partir de um ambiente que não ofereça limitações de espaço e de organização das informações. Isso nos leva à forma de representação dos *frames* em rede. Quando falamos em representar os *frames* em redes, estamos falando sobre uma disposição não estática, como uma lista de etiquetas, mas que mostre o caráter dinâmico, como um mapa em que as estruturas estão ligadas por relações, evidenciando a multidimensionalidade, isto é, o fato de que um *frame* pode estar relacionado a outros de diferentes níveis, que, por sua vez, também apresentam relações. Nesse sentido, sim, há uma hierarquia entre os *frames*, mas ela não é engessada, ela mostra como as partes do domínio estão interligadas. Por essa perspectiva, parece-nos essencial que o acesso aos *frames* seja através de uma rede e não através de uma lista. Em termos de estrutura de dicionário, isso pode ser alcançado a partir de uma representação semelhante à dos mapas conceituais, como é feito pelo projeto EcoLexicon, uma base terminológica multilíngue do meio-ambiente orientada pela Terminologia baseada em *frames* (cf. FABER et al. 2005; FABER et al. 2006; FABER et al. 2007). A busca por um termo no EcoLexicon pode levar a estruturas simples ou complexas, dependendo de como o termo se relaciona a outros (Figuras 50 e 51). Contudo, essas representações são sempre feitas em redes ou “teias” de termos.

Figura 50: Termo “Household waste” no EcoLexicon



Fonte: EcoLexicon (2018?).

Figura 51: Termo “Bounded coast” no EcoLexicon



Fonte: EcoLexicon (2018?).

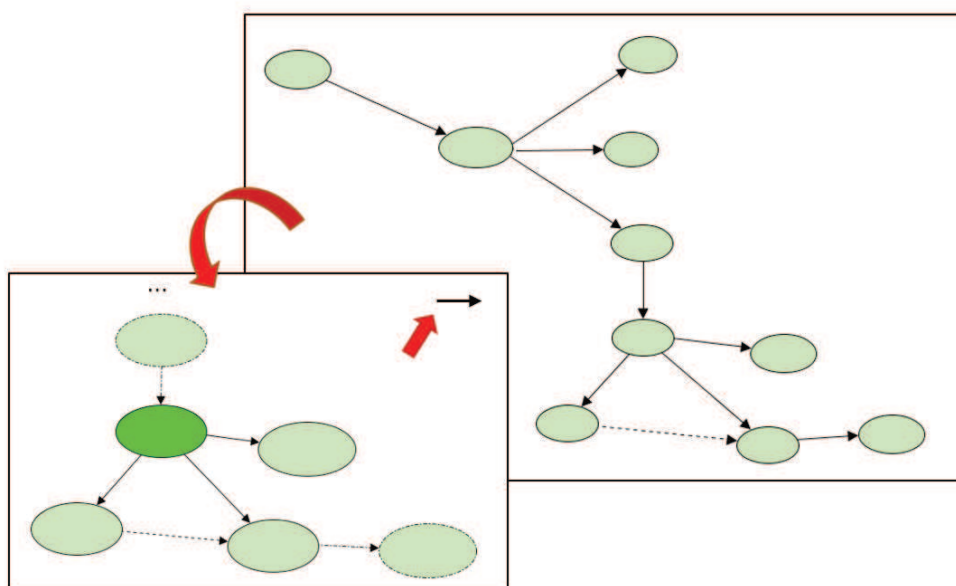
Como podemos perceber nas imagens, os termos “Household waste” e “Bounded coast” levam a uma rede terminológica. Na Figura 50, além de expressões equivalentes, o termo



também se liga a “municipal waste”, sendo que o resíduo doméstico é um tipo de resíduo municipal. Essa é uma relação semântica que explica como os termos estão conectados, evidenciando uma estrutura conceptual no fundo. “Bounded coast” também está numa rede: é um tipo de “coast” e é afetada por “Landform” e “Hard structure”, sendo que esses outros termos também possuem as suas redes menores.

Nos termos de um dicionário onomasiológico baseado em *frames*, acreditamos que a mesma proposta possa ser utilizada. Imaginemos que o mapa dos *frames*, na sua totalidade, seja a primeira tela de acesso aos *frames*. Ao clicar em um dos *frames*, o usuário pode ter acesso a uma representação focada apenas naquela estrutura (Figura 52). Esse tipo de representação evidencia o dinamismo dos domínios de forma muito mais interessante ao usuário.

Figura 52: Forma de representação dos *frames* via redes



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir do mapa inteiro, o usuário tem acesso apenas à subestrutura direta do *frame* selecionado. A figura no retângulo maior ainda mostra dois elementos: o ícone de reticências, informando que há mais conteúdo acima, e o ícone de voltar, para que se retorne à visualização da rede inteira. Outro ponto importante a ser destacado é como se dá o acesso às ULs. Considerando o aspecto onomasiológico, o modelo de dicionário não conta com uma lista de ULs. Ao invés disso, as ULs são acessadas a partir dos *frames* ou a partir de uma ferramenta de busca, a qual acreditamos ser indispensável nesse tipo de recurso. Ao acessar um *frame*, o

usuário tem acesso a uma representação radial das ULs, nos moldes apresentados, anteriormente, na figura 49.

Partindo da questão de como é a macroestrutura de acesso aos *frames*, passamos agora às microestruturas dos *frames* e das ULs. Na seção 5.2, fizemos o detalhamento linguístico dessas categorias, de modo que, nesta seção, tencionamos verificar como essa descrição interfere na organização lexicográfica.

A microestrutura dos *frames* deve ser composta, portanto, da glosa, das ULs (a partir da representação radial), e das relações com os outros *frames*, evidenciadas pelo esquema menor da figura 52. A microestrutura das ULs, nesse sentido, é acessada a partir da microestrutura do *frame*, seguindo a perspectiva onomasiológica. A exibição da entrada da UL não precisa ocorrer a partir de uma nova janela. Permitindo que o usuário navegue mais livremente pela rede das palavras do *frame*, a microestrutura pode aparecer como um pop-up quando o usuário clica na UL, exibindo a classe gramatical da palavra ou expressão e exemplos de uso retirados do *corpus* processável. Como as ULs não possuem definição, o papel dos exemplos é auxiliar na compreensão do sentido das palavras, quando necessário, além de mostrar como essas unidades são utilizadas em contextos reais de uso da linguagem. A forma de representar as classes gramaticais se inspira nos recursos baseados em *frames* já citados ao longo do trabalho, como o *Field* (CHISHMAN, 2014): substantivo (s.), verbo (v.) e locução verbal ou nominal (loc. v. ou loc. n.), que se refere às expressões multivocabulares.

Em relação aos exemplos, estes foram coletados a partir das concordâncias das ULs no Sketch Engine. Os quadros abaixo mostram a coleta para as ULs “vinho” e “queijo”.

Figura 53: Exemplos da UL “vinho”

Vinho	Classe: substantivo	Freq.: 720
Exemplos:		
E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom <b>vinho</b> nos traz.		
E o que bebiam os gaúchos? O <b>vinho</b> é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos.		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 54: Exemplos da UL “queijo”

Queijo	Classe: substantivo	Freq.: 356
Exemplos:		
A fartura começa logo na chegada, com a mesa de <b>queijo</b> , salame e um torresmo fresquinho produzido na vizinhança.		
Aí está o melhor entre os melhores da casa: polenta mole recheada com salame e <b>queijo</b> ao molho de carne.		

Fonte: elaborado pelo autor.

Primeiramente, pelos quadros acima, observamos que nem sempre os exemplos oferecerem uma explicação sobre a UL, isto é, nem sempre eles conseguem expressar o sentido da palavra ou expressão. Os exemplos, ao invés disso, oferecem informações enciclopédicas, como “O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos”. Dicionários baseados em *frames* não costumam trazer definições no nível das ULs porque o significado dos itens lexicais, na visão da teoria, está contido no próprio *frame*.<sup>49</sup> Os exemplos extraídos do *corpus* são uma complementação. Contudo, considerando o tipo de informação que alguns exemplos expressam, consideramos que nem sempre eles podem ser suficientes. Por exemplo: “vinho” e “queijo” não são ULs que representam um desafio, pois são palavras consideravelmente comuns, presentes no dia a dia. Tomemos, como exemplo, então, a palavra “agnolini”, que equivale a “capeletti”, a massa muito consumida na Serra Gaúcha como sopa. Essa palavra pode não ser conhecida pelo usuário. Os exemplos, nesses casos, podem não elucidar isso. São exemplos reais, advindos de *corpus*, mas que não ajudam a compreender a UL. Isso não significa, contudo, dizer que os exemplos não tem nenhuma utilidade, pois, ainda assim, mostram como essas unidades são utilizadas no discurso. Nesse sentido, acredita-se que, diante de casos muito problemáticos, ou seja, quando não for possível encontrar bons exemplos no *corpus* para uma determinada UL, a melhor solução seja recorrer à *web* como *corpus*, buscando exemplos a partir da busca em *websites*. Outro ponto que merece ser destacado diz respeito à forma como os exemplos foram extraídos e preparados para integrar a estrutura das ULs. Foi necessário, algumas vezes, reduzir o tamanho da frase e cortar apostos para (i) diminuir o tamanho de sentenças muito longas e (ii) tornar a sentença mais simples, excluindo eventuais conexões com outras partes do texto, que poderiam dificultar a leitura e a compreensão.

<sup>49</sup> A exceção, aqui, seria a FrameNet, que traz esse tipo de detalhamento.

Por fim, há também a questão terminológica do recurso onomasiológico baseado em *frames*, uma vez que termos como *frame*, unidade lexical, relações de herança etc. podem oferecer dificuldade a um usuário não especializado. É o contrário do que ocorre, por exemplo, na FrameNet. A FrameNet pressupõe um público linguístico-computacional, o que justifica adoção de termos teóricos. Considerando que o público alvo do dicionário que estamos imaginando é constituído por usuários “leigos”, é de suma importância que os dados passem por uma adaptação terminológica, tornando a interface amigável ao consulente. É possível, nesse sentido, substituir *frame* por cenário e UL por palavra, por exemplo, como faz Chishman (2014; 2016).

Neste capítulo de análise, passamos, primeiramente por um reconhecimento do domínio, o que nos levou a um reconhecimento dos *frames* e de como chegar até as ULs. Partindo dessa análise de cunho linguístico, passamos às nossas considerações sobre a estrutura lexicográfica, isto é, sobre como os *frames* e as ULs podem integrar o dicionário. Acreditamos que esta análise permitiu confirmar o que já havíamos sinalizado nos capítulos teóricos. A onomasiologia se sai melhor quando se apoia em um modelo teórico de Semântica mais abrangente, que leva em consideração as relações bidirecionais entre a linguagem e o mundo e a experiência. O dicionário onomasiológico, nesse sentido, parte daquilo que é conceptual, pois as palavras e expressões da língua atuam como pontos de acesso para a estrutura cognitiva. O potencial da Semântica de *Frames* para a onomasiologia está no fato de que os conceitos passam a ser “conceptos”, porções de estrutura conceptual, repletas de conhecimento de mundo.

Feitas as análises e discussões a que nos propomos, passamos, agora, às nossas considerações finais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa, buscamos empreender uma proposta teórico-metodológica que articulasse onomasiologia, Semântica Lexical cognitiva e Lexicografia. No cerne dessa proposta está a ideia de que a Semântica Lexical Cognitiva teria algo a oferecer à área da onomasiologia, e que isso poderia servir à Lexicografia no que se refere ao desenvolvimento de dicionários onomasiológicos. Atualmente, a onomasiologia, como vimos, não tem designado um conceito muito produtivo dentro da Linguística, tendo desaparecido quase que completamente no âmbito da produção de estudos linguísticos. O encontro da onomasiologia com a Semântica de *Frames*, teoria representante da Semântica Lexical Cognitiva, partiu do pressuposto de que os *frames* teriam contribuições para o método onomasiológico.

Nossa pesquisa foi conduzida a partir de objetivos, hipóteses e perguntas de pesquisa, que orientaram a execução do estudo. Neste capítulo de considerações finais, revisitamos essas questões, vendo de que maneira fomos capazes de atender aquilo a que nos propomos.

A apresentação da proposta teórico-metodológica não iniciou no capítulo de análise dos dados. Desde os capítulos teóricos, em que, de início, voltamo-nos para a onomasiologia a partir de um quadro mais tradicional, até tratarmos da Semântica Lexical Cognitiva e *frames* semânticos e as consequências desse modelo para a onomasiologia, fomos moldando a proposta, apontando para os pontos fracos e fortes de cada ponta da interface na qual nos baseamos. O segundo capítulo nos mostrou exatamente o que precisávamos saber a respeito da onomasiologia em uma visão clássica, inserida em um contexto estruturalista. O capítulo evidenciou as fragilidades do modelo, as limitações teóricas impostas por uma visão de linguagem incompatível com as ambições da onomasiologia, justificando a necessidade de que esse tema fosse abordado à luz de um paradigma semântico diferente, que tratasse de questões pertinentes ao método onomasiológico. A escolha pela Semântica Lexical Cognitiva se deu por conta de esse modelo estar baseado na ideia de que itens lexicais são pontos para estruturas conceptuais maiores, sejam elas *frames* ou outro conceito pertencente a outra teoria, como *script*, *modelo cognitivo idealizado* etc. A Semântica Lexical Cognitiva, nesse sentido, se baseia na hipótese de que palavras ativam “conceitos”, ou partes da estrutura conceptual, melhor dizendo. A onomasiologia compreende bem essa hipótese, pois é o seu objetivo ver como conceitos se ligam a determinados itens lexicais. Um ponto importante da onomasiologia é entender *por que* itens lexicais se aliam a conceitos, ou seja, o que há nas palavras de relação com o mundo que permite que elas se associem a estruturas não linguísticas. A Semântica de

*Frames* pode oferecer respostas para essa pergunta: as palavras se associam a estruturas maiores porque *evocam* experiências e o conhecimento de mundo dos falantes. Nesse sentido, o potencial do conceito de *frame* semântico para a onomasiologia está, primeiramente, em como ela resolve uma questão chave do raciocínio em que se baseia o método onomasiológico. Além disso, como vimos, a Semântica de *Frames* propicia o desenvolvimento de uma estrutura conceptual rica, substituindo a perspectiva mais estanque dos conceitos, que atuavam mais como rótulos em uma organização taxonômica totalmente engessada. Esse ponto mostra, também, o potencial da teoria para a Lexicografia onomasiológica, propiciando ferramentas para uma descrição semântica mais fundamentada.

Outro ponto que merece destaque neste último capítulo é a adoção da frequência no *corpus* como critério para determinar a saliência de uma UL. Como vimos, esse critério, ainda que tenha sido apenas no intuito de mostrar a pertinência de uma organização entre as ULs de um *frame*, mostrou que certos impasses podem surgir, considerando que nem sempre a frequência pode ser considerada como um aspecto decisivo da relevância da UL para o domínio e para o *frame* que ela evoca. Vemos isso como sendo, ao mesmo tempo, uma limitação deste trabalho e uma oportunidade para que novas pesquisas sejam desenvolvidas no campo da interface que aqui apresentamos.

A menção às estruturas das ULs nos leva a comentar o processo de descrição interna dos *frames* e dos itens lexicais. Como já observamos, a estrutura interna do *frame* pode ser considerada, por si só, um resultado, pois mostra que a onomasiologia pode absorver essa descrição no nível conceptual. Além disso, tanto a descrição das ULs quanto dos *frames* evidenciou a importância dos *corpora*. O *corpus* de apoio se mostrou essencial para a compreensão do domínio, enquanto o *corpus* processável, a partir dos recursos da Linguística de Corpus, permitiu validar o *corpus* de apoio e forneceu os dados para a descrição das ULs. Como mencionamos no capítulo que se dedicou à metodologia, a relação da Linguística de Corpus com a Linguística Cognitiva apresenta grande potencial, tendo em vista que os dados obtidos através de *corpora* honram o objetivo da Linguística Cognitiva de tratar a linguagem a partir do seu uso, através das experiências dos falantes.

Mais um ponto interessante que merece ser destacado é a multidimensionalidade do domínio da culinária da imigração italiana, verificada através das ligações entre os *frames* e do fato de que a mesma UL pode evocar *frames* diferentes. Este é um resultado muito interessante para a Semântica de *Frames*, se levarmos em consideração a metodologia da FrameNet, a evocação é sempre de um pra um (uma UL para um *frame* apenas). Ter ULs evocando *frames* diferentes também é algo que pode ser explorado pelas representações em rede.

Em relação às nossas hipóteses, iniciamos este trabalho a partir de três: (1) *frames semânticos* são, em sua natureza, estruturas onomasiológicas, (2) a *Semântica Lexical Cognitiva* oferece as ferramentas necessárias para um modelo de dicionário onomasiológico que busca evidenciar padrões de conceptualização e a experiência dos falantes e (3) a arquitetura de uma onomasiologia baseada em *frames* demanda a utilização de corpora eletrônicos, haja vista o compromisso com a descrição da linguagem contextualizada no uso.

A primeira hipótese pôde ser verificada com sucesso ao longo do trabalho, não apenas na análise, mas, também, nos capítulos teóricos, em que ficou evidente o aspecto onomasiológico dos *frames*, uma vez que designam estruturas conceptuais que ganham expressão na linguagem a partir de conjuntos específicos de palavras e expressões.

A segunda hipótese toma como ponto de partida o panorama da *Semântica Lexical Cognitiva*, que, como pudemos perceber a partir da exposição de conceitos teóricos e da própria *Semântica de Frames*, fornece à onomasiologia bases teórico-metodológicas para a inclusão de informações enciclopédicas, que acabam evidenciando os padrões de conceptualização. Tais padrões são os próprios *frames*, organizados em uma rede coesa que retrata um determinado domínio; neste caso, o da culinária de imigração italiana na Serra Gaúcha.

Por fim, a terceira hipótese previa a necessidade e o potencial do uso de *corpora* nesta pesquisa. O uso de um *corpus* de apoio é algo que consideramos um ponto alto da metodologia deste trabalho, uma vez que ele permitiu a compreensão do domínio como um todo, auxiliando na identificação dos *frames*. Por mais que o *corpus* de apoio não siga a sofisticação metodológica que caracteriza o trabalho da Linguística de *Corpus*, ele funciona muito bem como um aliado, fornecendo uma camada preliminar de dados, que podem, daí, ser confirmados pela análise do *corpus* processável. Em relação ao *corpus* processável, convém apontarmos para a qualidade do material compilado automaticamente pelo Sketch Engine, além dos recursos utilizados (geração de listas, concordâncias e *word sketches*), que forneceram as ferramentas para a análise das ULs. Nesse sentido, podemos dizer que as nossas hipóteses foram pertinentes à pesquisa que desenvolvemos, podendo ser verificadas a partir das análises e das exposições teóricas.

Esta tese foi guiada, também, por três questões de pesquisa: (a) *como a Lexicografia pode aproveitar melhor os construtos teóricos da Semântica Lexical Cognitiva?* (b) *De que modo ocorre a proposição de frames e quais os componentes que os compõem?* (c) *Qual o papel das relações entre frames e unidades lexicais em um recurso onomasiológico baseada em uma perspectiva cognitivista?*

A primeira questão de pesquisa está relacionada a um contexto maior que o da pesquisa, indagando quais as contribuições da Semântica Lexical Cognitiva para o campo teórico da Lexicografia como um todo. Nesse sentido, acreditamos que, a partir dos achados desta tese, podemos apontar a inserção de conhecimento enciclopédico como fator que pode enriquecer a descrição lexicográfica, seja no nível de estruturas conceptuais, no caso de um dicionário onomasiológico baseado em *frames*, ou no nível da descrição de verbetes, considerando que dicionários semasiológicos também podem exibir esse tipo de informação (cf. OSTERMANN, 2015). É claro que essa não é uma constatação nova, a Linguística Cognitiva como um todo já é muito bem conhecida pela Lexicografia. Vale dizer, no entanto, que esta tese ajuda a corroborar essa interface que vem dando bons frutos.

A segunda pergunta de pesquisa aponta na direção da proposição de *frames*, reiterando novamente o papel do *corpus* de apoio como ferramenta para familiarização com o domínio e reconhecimento geral dos *frames*. Além disso, as partes que compõem o *frame*, como vimos, são a glosa e as ULs, além das representações via mapas e estruturas radiais. Essa é uma questão importante porque a natureza desta pesquisa, ao articular onomasiologia, Semântica Lexical Cognitiva e onomasiologia, orientou também a proposição da estrutura interna dos *frames*, no sentido de que certos elementos, como os elementos de *frame*, não foram adotados. Além das glosas e dos exemplos, contamos também com as relações entre os *frames*, foco da terceira pergunta de pesquisa.

Quanto a essa terceira questão de pesquisa, o principal papel das relações entre *frames* é exibir a rede conceptual, ou seja, mostrar que os *frames* estão interligados numa teia de estruturas, que, juntas, formam o domínio. As relações entre as ULs, por sua vez, se deram na forma da organização interna, orientada pelo método da verificação da frequência. Novamente, convém ressaltarmos que a adoção do critério de frequência teve o objetivo de mostrar a necessidade de que as ULs apresentem algum tipo de organização. Além disso, as relações entre *frames* e entre ULs evidenciaram a multidimensionalidade do domínio, conforme já apontamos, o que também demonstra o potencial da noção de *frame* semântico.

Tendo em vista o que foi comentado até aqui neste capítulo, acreditamos ser possível dizer que este trabalho apresenta resultados relevantes para as três áreas envolvidas: a onomasiologia, a Semântica Lexical Cognitiva e a Lexicografia.

Por fim, chegando ao fim desta tese, é importante lembrarmos que um trabalho desse porte nunca está totalmente finalizado, uma vez que sempre existem possibilidades de que continue sendo desenvolvido a partir de novos focos. Em relação a esta pesquisa, especificamente, citamos como importante o desenvolvimento de mais estudos focados na



organização interna das ULs dos *frames*, algo que consideramos como uma limitação deste estudo. Além disso, acredita-se que a proposta teórico-metodológica aqui apresentada pode continuar sendo desenvolvida, inclusive, quem sabe, na forma de um dicionário onomasiológico baseado na Semântica Lexical Cognitiva. Espera-se que este estudo contribua, em nível maior, com as áreas da Semântica Cognitiva, especialmente no que concerne os estudos sobre *frames*, e dos estudos do léxico, e, em nível mais específico, com outras pesquisas desenvolvidas no âmbito da linha de pesquisa *Texto, Léxico e Tecnologia*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Dicionários consultados:

AZEVEDO, F. F. S. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CHISHMAN, R. L. O. *Field: Dicionário de expressões do futebol*. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

CHISHMAN, R. L. O. *Dicionário Olímpico*. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

OXFORD School Thesaurus. Oxford: Oxford University Press, 2016.

McARTHUR, T. *Longman Lexicon of Contemporary English*. Harlow: Longman, 1981.

ROGET, P. M. *Thesaurus of English words and phrases*. London: Longmans, Green & Co., 1852.

### Demais obras:

ATKINS, S.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura* (SBPC), São Paulo, v. 2, p. 38-42, 2001.

\_\_\_\_\_. *Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques*. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.

BAKER, C. FrameNet: A Knowledge Base for Natural Language Processing. *Proceedings of Frame Semantics in NLP: A Workshop in Honor of Chuck Fillmore at the 52nd Annual Meeting of the Association of Computational Linguistics (ACL 2014)*, 2014.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. Tradução de Ataliba T. de Castilho. *Alfa*. São Paulo, v. 9, p. 7-36, 1970.

BALDINGER, K. *Teoria Semantica: hacia una semantica moderna*, Madri: Alcalá, 1970.

BAKER, C. F.; FILLMORE, C. J.; LOWE, J. B. The Berkeley FrameNet Project. In: *COLINGACL '98: Proceedings of the Conference, Association for Computational Linguistics*, Montreal, 1998.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

BURKHANOV, I. On the correlation between lexicology, linguistic semantics and lexicography. *Seria Filologiczna*, v. 4, n. 26, 1997.

BYBEE, J. Usage-based models in linguistics: an interview with Joan Bybee. Entrevistador: Tiago Timponi Torrent. *Revista Linguística*, v. 8, n. 1, 2012.

CHISHMAN, R. L. O. Convergências entre Semântica de Frames e Lexicografia. *Linguagem em Discurso*, v. 16, n. 3, 2016.

\_\_\_\_\_.; BRANGEL, L. M.; SOUZA, D. S.; SANTOS, A. N.; SILVA, B.; OLIVEIRA, S. Dicionário Olímpico: a Semântica de Frames encontra a Lexicografia Eletrônica. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. (Org.). *Linguística de Corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Paris, 1957.

CROFT, W.; CRUSE, D.A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUYCKENS, H.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J. R. (Eds.). *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

\_\_\_\_\_.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres: Equinox Publishing, 2007.

FACHIN, G. *Imigração italiana na Colônia Conde d'Deu e a Societá Italiana di Mútuvo Soccorso Stella d'Itália*. 2016. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Centro Universitário Univates, 2016.

FAVARO, G. E. Os "italianos": entre a realidade e o discurso. In: *História Geral do Rio Grande do Sul - Império*. Passo Fundo/Porto Alegre: Méritos, 2006.

FELTES, H. P. M. Embodiment in Cognitive Linguistic: from Experientialism to Computational Neuroscience. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. especial, 2010.

FILLMORE, C. J. An alternative to checklist theories of meaning. In: *Proceedings of the first annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Eds.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

\_\_\_\_\_. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, vol. 6, n. 2, 1985.

\_\_\_\_\_. Double-decker definitions: The role of frames in meaning explanations. *Sign Language Studies*. v. 3, 2003.

\_\_\_\_\_.; ATKINS, B. T. S. Towards a frame-based lexicon: The semantics of RISK and its neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, A. (Eds.) *Frames, Fields, and Contrast: New Essays in Semantics and Lexical Organization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.

\_\_\_\_\_. BAKER, C. A Frames Approach to Semantic Analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HEGER, K. *Teoria semantica - hacia una semantica moderna II*. Madrid: Alcala, 1974.

GEERAERTS, D. Representational formats in Cognitive Semantics. *Folia linguística*, v. 29, n. 1, Mouton de Gruyter, 1995.

\_\_\_\_\_. Lexicography. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

GRANGER, S.; PAQUOT, M. *Electronic Lexicography*. (Eds.). New York: Oxford Academic Press, 2012.

GRIES, S. T. Corpus linguistics and theoretical linguistics: a love-hate relationship? Not necessarily... *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 15, n. 3, 2010.

GRONDELAERS, S.; GEERAERTS D. Towards a pragmatic model of cognitive onomasiology. In: CUYCKENS, H.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J. (Eds.). *Cognitive approaches to lexical semantics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2003, p 67-92.

GUIRAUD, P. *A Semântica*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

JACKSON, H.; AMVELA, Z. *Words, Meaning and Vocabulary: An Introduction to Modern English Lexicology*. London and New York: Cassell, 2000.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Cognitive Versus Generative Linguistics: How Commitments Influence Results. *Language and Communication*, vol. 1, no. 1, 1991.

\_\_\_\_\_.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: the Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, volume 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

LEW, R. Linguistic semantics and lexicography: A troubled relationship. In MAŁGORZATA, F. (Ed.). *Language and Meaning: Cognitive and Functional Perspectives*. P. Lang, 2007.

KATZ, J. *The philosophy of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1972.

KATZ, J.; POSTAL, P. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge: MIT Press, 1964.

KILGARRIFF, A.; Rychlý, P.; SMRZ, P.; TUGWELL, D. *The Sketch Engine*. Lorient: Euralex, 2004.

MARTINET, A. *Elementos de lingüística geral*. 5. Ed. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

McENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: *Artificial Intelligence Memo*, n. 306. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1974.

PETRUCK, M. R. L. *Frame semantics*. Berkeley: University of California, 1996.

PIOTROWSKI, T. *Zagadnień leksykografii*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 1994.

OHARA, K.H.; FUJII, S.; SAITO, H.; ISHIZAKI, S.; OHORI, T.; SUZUKI, R. The Japanese FrameNet Project: A Preliminary Report. In: *Proceedings of Pacific Association for Computational Linguistics (PACLING'03)*, 2003, p. 249-254.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *The Meaning of Meaning*. 1923.

OSTERMANN, C. *Cognitive Lexicography. A New Approach to Lexicography Making Use of Cognitive Semantics*. Berlin/ Nova York: Mouton de Gruyter, 2015.

PELOSI, A. C. Cognição e Linguística. In: PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, E. M. P. (Org.). *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

PERTILE, K.; GASTAL, S. *Turismo e Gastronomia: as vozes italianas e a culinária de imigração*. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2012.

PERINI, K. P.; GASTAL, S. *Identidade como herança cultural: a gastronomia de imigração na região turística da Serra Gaúcha*. Turismo: estudos & práticas, v. 6, n. especial, 2017.

POLLAN, M. *In defense of food: an Eater's Manifesto*. Nova York: Penguin Books, 2008.

ROSCH, E. *Recuperando os conceitos*. Tradução de Dalby Dienstbach. In: SIQUEIRA, M.; OLIVEIRA, A. F. S. (Orgs.). *Cadernos de Tradução*. n. 31, 2012.

RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, C.; SCHEFFCZYK. *FrameNet II: Extended theory and practice*. 2016. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>>. Acesso em: 03/04/2017.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópico*, v. 7, n. 3, 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a Linguística Cognitiva e suas relações com outras ciências. Entrevistadora: Jussara Abraçado. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, 2010.

\_\_\_\_\_. TORRENT, T. T.; SAMPAIO, T. F. A Linguística Cognitiva encontra a Linguística Computacional: notícias do projeto FrameNet Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, 2013.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, v. 42, 2005.

SCARPO, P.S. *Imigrantes Italianos na Serra do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições, 2011.

SILVA, A. S.; BATORÉO, H. J. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: Brito, A. M. (Org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, 2010.

SOUZA, D. S. *Jogada de letra: um estudo sobre colocações à luz da Semântica de Frames*. 2015. 135 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

STERKENBURG, P. van. (Ed.). *A practical Guide to Lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2003.

SUBIRATS, C.; PETRUCK, M. R. L. *Surprise: Spanish FrameNet! Presentation at Workshop on Frame Semantics*. Prague: International Congress of Linguists, 2003.

SUBIRATS, C.; SATO, H. *Spanish FrameNet and FrameSQL*. In: Proceedings of Building Lexical Resources from Semantically Annotated Corpora, European Language Resources Association, Lisbon, Portugal, 2004.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, Tradução de J. A. Osório Mateus, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VENDRAME, M. I. *O poder da aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre camponeses e italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: Oikos/Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: Kegan Paul, 1922.

ZELINSKY-WIBBELT, C. *Discourse and the Continuity of Reference: Representing Mental Categorization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

## APÊNDICE A - LISTA DE PALAVRAS EXTRAÍDAS DO *CORPUS* PROCESSÁVEL

Item	Freq		
de	32617	cultura	575
o	21562	brasileiro	571
e	12146	entre	564
em	12054	cidade	563
ser	6781	este	563
que	5603	país	554
a	5424	principal	546
um	5374	serra	542
com	3986	já	536
para	3281	restaurante	534
por	3137	até	532
italiano	2233	novo	532
como	2075	conhecer	521
seu	2040	casa	517
ir	1774	dia	510
mais	1709	imigração	507
se	1616	ano	506
não	1347	ele	496
ter	1334	massa	483
sul	1328	primeiro	475
muito	1283	além	471
ou	1212	algum	466
região	1193	haver	465
grande	1164	mesmo	451
fazer	1137	você	449
brasil	1088	típico	445
gastronomia	1009	sobre	443
rio	967	ficar	425
prato	923	bem	412
estar	866	local	410
também	851	parte	407
outro	846	onde	405
poder	842	receita	403
todo	766	melhor	402
imigrante	750	ainda	402
gaúcho	731	the	393
vinho	720	bom	388
mas	650	estado	385
carne	646	alemão	385
esse	621	nosso	383
cozinha	612	servir	376
itália	597	maior	375
culinária	587	vir	367
		and	359



comer	357
passar	357
queijo	356
quando	355
cultural	354
século	347
encontrar	339
mundo	337
família	337
dar	334
história	329
curso	322
ingrediente	318
comida	315
tradicional	311
chegar	308
pouco	307
partir	306
terra	304
especial	303
segundo	302
pão	300
tempo	297
café	296
deixar	296
p	292
in	291
paulo	290
por+os	286
alimento	286
molho	284
vez	282
forma	277
hoje	275
aqui	274
produto	273
qual	272
doce	271
ver	271
colônia	266
identidade	262
porto	262
influência	261
centro	261
di	260
origem	260

português	259
dever	259
of	257
assim	255
pessoa	254
grupo	253
diverso	252
polenta	252
gramado	251
trabalho	251
regional	244
geral	243
nacional	242
isso	241
sabor	240
vários	239
só	239
tradição	238
saber	237
depois	236
bento	232
tornar	231
cada	229
sem	228
chef	226
apenas	226
sempre	221
alegre	220
culinário	219
utilizar	217
norte	216
pequeno	215
tipo	215
caxias	213
sopa	212
lugar	212
começar	212
preparar	211
trazer	211
próprio	211
receber	210
área	208
água	207
pizza	207
gastronômico	205
oferecer	204

tudo	204
festa	203
santo	203
diferente	202
social	202
levar	200
dizer	200
apresentar	199
vinícola	199
gonçalves	198
alimentar	196
arroz	196
criar	196
eu	194
quem	191
turismo	190
pedra	190
considerar	189
parque	186
produção	186
passeio	184
vida	184
meio	184
durante	184
sal	183
leite	182
francês	181
opção	179
mesa	179
espaço	179
possuir	177
importante	177
alimentação	175
refeição	174
i	172
site	171
pois	171
colocar	171
desde	171
farinha	171
época	171
farroupilha	171
uva	169
atual	169
então	168
exemplo	167

governo	167
visitar	166
européu	166
produzir	165
ponto	165
experiência	164
meu	164
através	164
querer	164
chocolate	164
processo	164
viagem	163
informação	163
jantar	163
rs	163
popular	163
consumir	163
alto	162
tanto	162
colonização	161
acompanhar	160
contar	160
maria	159
colonial	159
tomate	159
canela	158
autor	158
famoso	158
uso	157
peixe	157
usar	157
falar	156
assar	156
representar	155
bebida	155
dentro	155
incluir	155
início	154
base	153
viver	153
churrasco	153
vale	151
professor	150
forte	150
população	150
belo	149

município	149
após	149
r	148
formar	148
povo	148
turístico	147
existir	146
costume	146
momento	145
língua	144
ocorrer	144
gramar	143
chamar	143
descendente	143
rua	141
evento	141
presente	141
histórico	140
janeiro	138
almoço	138
final	138
seguir	137
porco	137
realizar	136
número	135
cantina	134
hora	134
variedade	133
lá	133
comum	133
domingo	133
sobremesa	133
antigo	133
menos	132
entrada	131
delicioso	131
fim	131
qualidade	130
nome	130
característica	130
antes	130
possível	129
preparo	129
destacar	128
visita	128
maioria	128

relação	127
localizar	127
surgir	127
fruta	127
ambiente	126
cozer	125
construir	125
ovo	125
batata	125
gosto	124
hotel	123
colono	123
universidade	122
milho	122
dica	121
rural	120
cardápio	120
manter	120
visitante	119
comunidade	119
museu	118
interior	118
variar	118
técnica	118
modo	118
gostar	117
apreciar	116
xix	116
porém	115
porque	115
caso	115
natural	114
valor	114
próximo	113
aquele	112
atividade	112
horário	111
obra	111
campo	111
arquitetura	110
música	110
bastante	109
acontecer	109
montanari	108
projeto	108
quanto	108

período	108
somente	108
território	107
frio	107
branco	107
with	106
pesquisa	106
livro	106
tal	106
seco	106
foto	106
semana	105
parecer	105
italiana	105
azeite	105
construção	104
elemento	104
rico	104
novembro	103
público	103
valer	103
escola	103
grosso	103
catarino	102
fogo	102
indígena	101
linha	101
tarde	101
cebola	101
consumo	101
atração	100
condição	100
quente	100
cerveja	100
caminho	99
prática	99
santa	99
trabalhar	99
mistura	99
conferir	99
desenvolver	99
salada	99
quase	99
degustação	98
te+o	98
aproveitar	98

trigo	98
colher	98
longo	98
cerca	98
salame	97
iniciar	97
formação	97
lado	97
mar	96
are	96
único	96
capital	96
fondue	95
recheiar	95
enquanto	95
roteiro	95
turista	95
continuar	95
certo	95
noite	95
serviço	94
desenvolvimento	93
experimentar	93
marca	93
blog	92
estabelecer	92
festival	92
mostrar	92
marcar	92
igreja	91
pelo	91
me	91
urbano	91
fato	91
estrada	91
destaque	91
filho	91
procurar	91
europa	91
pra	90
km	90
original	90
sábado	90
espumante	90
panela	90
cobrir	90

tripadvisor	89
alla	89
sob	89
fonte	89
açúcar	89
econômico	89
espanhol	89
paisagem	88
paraná	88
introdução	88
nós	88
influenciar	88
animal	88
bolo	87
maneira	87
risoto	87
ganhar	87
frango	87
verde	87
vila	86
voltar	86
madeira	86
feijão	86
tomar	86
tão	86
riogrande	85
show	85
apresentação	85
vista	85
programa	85
faculdade	85
tempero	85
arte	85
qualquer	85
macarrão	85
galeto	85
hábito	85
italian	84
fechar	84
material	84
al	84
mercado	84
economia	84
compor	84

## APÊNDICE B - LISTA DE KEYWORDS SIMPLES

Term	Score	Freq	Ref freq
italiano	105.230	2233	229501
sul	11.460	1328	1274492
gastronomia	157.620	1009	66022
prato	55.060	923	180368
imigrante	92.330	750	85034
gaúcho	34.660	731	228195
vinho	28.410	720	275118
carne	22.680	646	309798
cozinha	28.930	612	228867
itália	32.650	597	197223
culinária	162.760	587	35190
serra	12.360	542	479579
restaurante	18.820	534	308625
imigração	130.360	507	38314
massa	12.320	483	428302
típico	26.900	445	178005
alemão	14.110	385	296777
and	19.270	359	201159
queijo	40.060	356	93525
ingrediente	30.570	318	110264
comida	25.330	315	132743
pão	19.420	300	166035
molho	34.920	284	85234
doce	14.070	271	208107
colônia	35.190	266	78899
di	38.570	260	69864
polenta	306.770	252	4454
gramado	53.310	251	47406
sabor	18.780	240	136580
bento	16.880	232	147285
chef	64.710	226	33974
culinário	90.660	219	22076
caxias	25.770	213	86739
sopa	30.500	212	72209
pizza	52.330	207	39100
gastronômico	78.330	205	24305
vinícola	114.770	199	14545
gonçalves	13.850	198	153392
arroz	15.360	196	136404
sal	12.890	183	152330
refeição	14.720	174	126057
farroupilha	85.390	171	17521

farinha	20.260	171	88715
uva	26.740	169	65276
chocolate	15.770	164	110397
colonização	41.410	161	38374
colonial	26.980	159	60567
tomate	24.870	159	66096
canela	46.530	158	32931
assar	32.240	156	48891
churrasco	46.300	153	31927
costume	12.110	146	128769
grammar	76.280	143	16118
descendente	22.930	143	64386
porco	23.570	137	59702
cantina	74.420	134	15302
sobremesa	39.480	133	32655
delicioso	20.240	131	67007
preparo	11.950	129	114848
cozer	24.870	125	51009
batata	16.940	125	77060
colono	55.080	123	20096
cardápio	22.480	120	54480
xix	11.490	116	107122
montanari	219.500	108	826
with	40.750	106	24182
italiana	84.100	105	9204
azeite	14.520	105	75487
cebola	16.500	101	63185
salada	24.270	99	40564
degustação	43.170	98	20524
trigo	12.000	98	85868
salame	124.560	97	4005
are	58.900	96	13436
fondue	122.080	95	3999
recheiar	18.330	95	52804
espumante	48.600	90	15902
panela	11.970	90	78680
tripadvisor	187.250	89	645
alla	163.130	89	1424
risoto	86.570	87	6517
frango	11.000	87	83055
feijão	12.070	86	74387
riogrande	199.520	85	100
galeto	161.800	85	1201
macarrão	41.870	85	17882

tempero	27.340	85	29844
italian	166.600	84	967
vinhedos	134.680	82	2128
artesanal	14.810	82	56785
or	39.930	81	17869
frigir	32.290	81	23188
cookies	59.780	80	10218
garibaldi	32.510	80	22668
legume	18.970	79	41550
alho	14.800	78	53843
charque	117.580	75	2453
mandioca	21.200	75	34626
salgar	13.550	74	55957
caldo	12.500	74	61047
gl	26.470	72	25553
manteiga	12.330	71	59293
vêneto	131.040	70	1305
flores	15.810	70	44520
bovino	11.300	70	64139
chefs	52.570	69	9943
petrópolis	17.320	68	38964
expo	20.760	66	30663
carreteiro	94.400	65	3022
linguiça	42.190	62	11698
il	40.830	61	11973
alimentos	14.490	61	42139
caracol	47.240	60	9486
galinha	11.650	60	52596
degustar	28.100	59	18704
from	23.900	59	22801
saboroso	18.510	59	30781
cascado	51.800	58	7817
delfícia	16.950	57	32751
cuisine	105.130	56	1297
polonês	26.310	56	19029
geleia	35.290	54	12386
con	30.820	54	14852
cuca	25.120	54	19273
food	24.800	54	19579
fenakiwi	125.280	53	81
saborear	18.340	53	27510
pos	38.430	52	10423
oliva	26.340	52	17327
ovelha	15.710	52	32182
farto	14.360	51	34863
cozinheiro	20.940	50	21937

recheio	17.380	50	27374
xícara	13.900	50	35382
pucrs	43.710	49	7848
verdura	17.370	49	26757
valduga	89.760	48	1328
paladar	21.720	48	19966
capeletti	102.590	47	476
tropeiro	44.380	47	7164
pastar	33.570	47	10960
bacon	27.210	47	14598
etnia	12.600	46	36006
risotto	84.510	45	1306
colonizar	28.850	45	12741
iguaria	28.530	45	12937
lasanha	56.490	44	4051
pinhão	29.150	44	12188
costela	23.270	44	16431
spaghetti	80.600	43	1320
chimarrão	48.630	43	5226
dialeto	30.030	43	11327
presunto	26.640	43	13357
caminhos	21.730	43	17416
unificação	16.370	43	24640
pozenato	95.970	41	138
torta	21.190	41	16937
un	17.420	41	21612
made	27.210	40	11764
pizzaria	26.490	40	12210
harmonizar	15.400	40	24332
biscoito	13.630	40	28083
manjerição	34.520	39	7975
emigração	28.810	39	10470
açoriano	16.850	39	21187
tipicamente	13.980	39	26492
sorvete	12.360	39	30564
capatti	91.130	38	28
llc	65.330	38	1864
nhoque	60.800	38	2348
salsicha	35.800	38	7215
vinhedo	21.900	38	14733
that	20.770	38	15780
imperdível	16.020	38	21835
eataly	88.770	37	27
shows	43.460	37	4876
antas	40.350	37	5606
grelhar	21.810	37	14299

cascata	16.140	37	20954
salsa	16.070	37	21058
ralar	13.030	37	27044
dishes	86.180	36	39
toscano	40.000	36	5422
espeto	29.440	36	9023
italy	67.830	35	1137
parmesão	32.090	35	7552
fatura	26.270	35	10252
cupom	13.410	35	24516
bigoli	81.810	34	18
sagu	68.120	34	951
freyre	28.020	34	8929
especiaria	23.850	34	11294
colonizador	18.840	34	15532
regiãosul	79.700	33	3
espaguete	51.240	33	2572
berinjela	31.820	33	6963
erechim	18.670	33	15120
deliciar	13.170	33	23362
cheese	51.320	32	2345
milano	45.670	32	3208
beer	42.570	32	3777
pimentão	21.060	32	12361
aconchegante	15.160	32	18961
filé	14.740	32	19639
pastasciutta	74.830	31	9
merica	73.340	31	103
region	56.670	31	1493
which	45.000	31	3079
pampa	27.070	31	8181
this	12.450	31	23209
mediterrâneo	11.490	31	25540
fortaia	72.030	30	36
sicília	34.380	30	5138
emigrar	21.550	30	10949
porão	15.580	30	16919
mirante	15.140	30	17547
also	46.180	29	2404
sabores	32.540	29	5351
brasa	17.500	29	13918
feijoada	14.520	29	17723
nº	67.820	28	0
artusi	66.830	28	68
hortênsias	52.660	28	1330
gaúcha	49.020	28	1773

licor	17.930	28	12860
emigrante	15.900	28	15092
vinhos	15.020	28	16249
nov	13.420	28	18745
janeiroo	65.120	27	22
its	31.160	27	5085
garden	22.700	27	8699
wine	21.670	27	9332
cozimento	19.540	27	10856
che	14.350	27	16449
rodízio	14.280	27	16560
enoturismo	45.920	26	1724
sommelier	40.390	26	2593
filó	39.740	26	2710
receituário	29.490	26	5260
italia	21.210	26	9116
abóbora	16.050	26	13535
ovino	13.900	26	16350
noz	13.280	26	17316
gourmet	13.150	26	17540
bistrô	29.250	25	4965
salso	25.380	25	6424
sírio	13.390	25	16315
rtep	58.270	24	0
imigraçãoitaliana	58.270	24	0
often	55.740	24	210
milanese	55.180	24	259
gnocchi	53.510	24	411
cucina	53.190	24	442
uern	44.370	24	1448
include	43.180	24	1615
most	35.110	24	3050
other	27.800	24	5066
crocante	26.440	24	5564
nápoles	22.750	24	7216
natalício	17.710	24	10591
mossoró	14.260	24	14273
usually	54.470	23	120
cocanha	48.160	23	741
pirão	32.330	23	3368
issn	29.720	23	4071
aperitivo	19.480	23	8639
banquete	12.930	23	15354
an	11.100	23	18647
traditional	47.370	22	598
lombardia	42.360	22	1216



such	37.980	22	1888
açafraão	30.120	22	3588
banha	23.850	22	5745
mate	13.950	22	13104
miolo	13.610	22	13550
milanesa	39.090	21	1421
picanha	21.650	21	6293
libanês	13.440	21	12954
rasen	48.230	20	47
piatto	47.440	20	125
regionalidades	47.330	20	136
pesce	43.210	20	590
pesto	35.470	20	1728
used	34.250	20	1954
canelar	29.930	20	2902
oct	25.890	20	4078
embutido	25.650	20	4159
trento	23.230	20	5075
conserva	15.660	20	9759
cebolinha	15.400	20	10002
della	15.340	20	10062
boteco	12.680	20	13146
germânico	10.900	20	16043
tortellini	45.470	19	88
chucrute	38.960	19	875
meat	36.460	19	1253
piemonte	32.360	19	1996
caravaggio	28.380	19	2926
alcachofra	26.950	19	3327
cânion	25.240	19	3866
itálico	19.910	19	6134
picante	16.150	19	8638
pudim	16.100	19	8686
churrascaria	15.940	19	8817
farofa	14.990	19	9663
radicci	42.210	18	191
dish	39.280	18	550
known	38.800	18	614
imigratório	34.330	18	1295
parreiral	34.080	18	1339
repolho	20.310	18	5379
has	20.260	18	5408
paolo	18.230	18	6525
taquara	17.240	18	7162
confeitaria	16.930	18	7382
have	16.650	18	7578

hour	15.440	18	8533
salmão	11.560	18	12954
harmonização	10.920	18	13979
served	40.400	17	134
società	39.590	17	231
nonna	38.480	17	371
sauce	38.460	17	373
culinaria	37.140	17	551
bread	36.950	17	577
giordani	35.090	17	853
barrear	34.480	17	950
paçoca	28.180	17	2196
capitel	27.420	17	2386
massas	26.810	17	2545
mortadela	25.560	17	2896
imigrar	24.850	17	3109
bier	24.220	17	3312
toucinho	22.990	17	3736
empanar	22.570	17	3890
boni	21.710	17	4227
there	19.450	17	5259
miscigenação	18.690	17	5659
coffee	16.540	17	6994
sinos	14.110	17	8991
ucs	14.020	17	9084
ortiz	13.750	17	9349
maionese	12.400	17	10869
videira	11.590	17	11955
can	11.310	17	12371
italianidade	38.440	16	89
gruyère	35.490	16	480
fischler	35.460	16	485
quatrilho	34.900	16	567
ravioli	33.690	16	754
atrações	32.420	16	964
wines	30.360	16	1343
croissant	29.700	16	1476
gorgonzola	27.940	16	1860
anchova	27.730	16	1909
senegalês	27.060	16	2071
boreal	26.830	16	2127
restaurant	24.960	16	2633
parma	21.300	16	3880
napolitano	21.170	16	3932
cream	20.620	16	4163
siciliano	19.160	16	4829

orégano	18.760	16	5034
trufa	17.680	16	5621
well	17.670	16	5627
fish	17.570	16	5686
imigrantes	16.610	16	6284
mussarela	15.400	16	7138
caprino	11.140	16	11642
sirgs	36.790	15	0
iaponira	36.570	15	28
galerias	36.530	15	34
florybal	36.490	15	39
tremea	36.280	15	65
vegetables	36.210	15	75
ingredients	34.950	15	244
bruschetta	32.920	15	544
bongiovanni	32.570	15	600
gli	32.470	15	615
sugo	32.310	15	641
olive	30.450	15	963
trentino	29.330	15	1176
destemperar	29.020	15	1238
ivoti	28.650	15	1315
mamma	24.780	15	2241
sardenho	24.310	15	2375
gênova	23.410	15	2642
belvedere	23.330	15	2668
toscana	22.840	15	2823
massimo	22.470	15	2947
piazza	20.830	15	3542
fiori	20.480	15	3683
campeiro	20.220	15	3788
ricota	19.230	15	4220
lily	17.030	15	5363
cinquentenário	16.140	15	5913
rum	14.880	15	6805
epopeia	14.430	15	7165
marinar	13.990	15	7532
michelin	13.950	15	7574
wikipédia	13.060	15	8404
antônia	12.870	15	8594
mostarda	12.460	15	9027
fermentar	12.360	15	9144
like	12.230	15	9284
marisco	11.810	15	9778
flour	34.050	14	49
prawer	33.520	14	122

apfelstrudel	33.380	14	142
talian	32.930	14	208
noce	32.640	14	251
romagna	31.300	14	459
itaimbezinho	30.770	14	547
mozzarella	30.250	14	635
italianos	27.170	14	1232
pavilhões	26.770	14	1320
paella	24.630	14	1835
napoli	22.280	14	2516
veranópolis	20.740	14	3046
slow	18.620	14	3921
common	18.180	14	4124
part	14.490	14	6358
olivier	14.310	14	6489
purê	12.090	14	8538
escravatura	11.870	14	8772
dipaolo	32.000	13	3
tortéi	31.800	13	32
confortin	31.750	13	40
flandrin	31.690	13	49
masterchef	31.650	13	54
vêneta	31.340	13	101
tiramisù	31.320	13	103
radici	31.260	13	113
typical	30.840	13	177
kristensen	30.640	13	208
nonno	30.430	13	241
padano	30.270	13	268
tagliatelle	30.150	13	287
secondo	30.020	13	309
pecorino	29.610	13	376
navegações	29.310	13	427
caffè	28.900	13	500
ambrosia	28.300	13	607
contreras	26.430	13	978
bolonhês	25.630	13	1153
moranga	25.330	13	1221
vino	25.150	13	1262
gracia	25.010	13	1296
alcatra	24.980	13	1302
many	24.220	13	1490
different	22.810	13	1866
aipim	21.480	13	2270
roupas	20.520	13	2591
moscatel	20.470	13	2609

campanário	20.020	13	2772
they	17.920	13	3640
emilia	17.350	13	3911
quitute	16.810	13	4181
milk	16.690	13	4248
tapioca	15.080	13	5194
fubá	14.280	13	5745
fatiar	12.240	13	7467
cartar	11.870	13	7844
cambar	11.860	13	7855
leva	11.670	13	8066
sótão	11.390	13	8376
was	11.330	13	8438
sep	11.220	13	8567
microbiologia	10.920	13	8929
snowland	29.590	12	7
maccheroni	29.510	12	20
meals	29.030	12	97
vênetos	29.010	12	100
chimia	28.840	12	127
eisbein	28.510	12	182
spaguetti	28.410	12	199
enogastronomia	27.440	12	369
moscato	26.860	12	477
spada	26.360	12	575
ravióli	25.480	12	753
veneto	23.980	12	1090
funghi	23.020	12	1328
identity	22.030	12	1597
quibe	21.860	12	1644
espresso	21.300	12	1809
lugano	20.750	12	1981
aspargo	18.950	12	2608
marmelada	17.570	12	3175
comedor	16.400	12	3732
cozido	16.280	12	3791
tainha	16.050	12	3914
picadinho	14.470	12	4842
drinks	14.400	12	4888
but	13.770	12	5329
defumar	13.530	12	5504
devoluto	13.380	12	5615
requeijão	12.330	12	6492
omelete	12.040	12	6752
panificação	11.580	12	7209

**APÊNDICE C - LISTA DE KEYWORDS MULTIVOCABULARES**

<b>Term</b>	<b>Score</b>	<b>Freq</b>	<b>Ref freq</b>
serra gaúcha	883.920	370	277
imigração italiana	502.120	210	111
culinária italiana	356.550	149	38
gastronomia italiana	253.560	112	14
século xix	239.630	100	6031
região sul	206.220	86	2249
pratos típicos	179.970	75	179
imigrantes italianos	177.070	135	199
expo farroupilha	153.720	64	0
século xx	120.310	50	6046
faculdade de gastronomia	116.470	50	8
curios de gastronomia	113.720	49	9
cozinha italiana	111.790	61	75
colonização italiana	110.770	46	33
caminhos de pedra	94.580	41	11
cultura italiana	90.200	46	55
vila flores	88.940	37	1
tripadvisor llc	88.410	38	9
maria fumaça	86.910	36	65
arena de shows	84.180	35	1
café colonial	79.750	33	28
carga horária	79.750	33	2269
gastronomia brasileira	72.800	35	39
opinião subjetiva	72.590	30	2
sopa de capeletti	70.200	29	0
comidas típicas	70.200	29	191
prato típico	70.200	29	74
região sudeste	70.200	29	1023
imigrantes alemães	67.810	28	124
cantina pastasciutta	67.810	28	0
rio de janeiro	65.430	27	0
restaurante de gastronomia	65.170	27	1
borges de medeiros	64.850	37	91
sal grosso	63.730	39	115
culinária gaúcha	63.040	26	2
casa valduga	62.140	27	13
cozinha brasileira	61.350	32	63
horário de funcionamento	60.660	25	433
américa latina	60.660	25	13049
antônio prado	60.660	25	74
século xviii	60.660	25	2330
descendentes de italianos	58.890	27	27

serra gaúcha	58.270	24	1
idade média	58.270	24	2892
número especial	58.270	24	70
colônia italiana	55.880	23	32
colônias italianas	55.880	23	10
língua italiana	55.880	23	58
universidade católica	55.880	23	1971
alla milanese	52.650	22	4
espírito santo	51.110	21	16996
mão de obra	51.110	21	3255
beer garden	50.910	21	1
molho de tomate	48.930	37	199
fogo de chão	48.730	20	32
peça informações	48.730	20	10
imigrante italiano	48.640	23	36
programa tripadvisor	48.530	20	1
joelho de porco	46.450	20	12
colonização alemã	46.340	19	52
estudo teórico-prático	46.340	19	4
hábitos alimentares	46.340	19	525
professor pucrs	46.340	19	0
região norte	46.340	19	1880
arroz carreteiro	45.200	20	19
chocolate quente	44.310	24	76
culinária brasileira	43.950	18	55
influência italiana	43.950	18	24
pontos turísticos	43.950	18	711
queijo parmesão	43.950	18	58
século xvi	43.950	18	1314
avenida borges	43.630	19	15
avenida borges de medeiros	43.630	19	15
pratos italianos	43.310	19	17
carlos barbosa	43.240	31	177
carne de porco	40.910	32	215
arroz de carreteiro	40.240	17	8
centro universitário	39.180	16	1560
região centro-sul	39.180	16	186
cozinha típica	39.180	16	13
farinha de mandioca	38.550	29	198
farinha de trigo	36.890	41	405
comida típica	36.790	15	62
patrimônio histórico	36.790	15	2334
território brasileiro	36.790	15	1120
lago negro	35.480	15	9
dona isabel	34.710	19	81
fazendas de café	34.410	14	74

campos obrigatórios	34.410	14	16
churrasco gaúcho	34.410	14	10
cantina di	34.410	14	0
iaponira diniz	34.410	14	0
endereço de e-mail	34.410	14	734
experiência gastronômica	34.410	14	7
faculdade gastronomia	34.410	14	0
império romano	34.410	14	1386
península itálica	34.410	14	100
produtos coloniais	34.340	16	34
azeite de oliva	34.210	34	338
mesa farta	33.310	17	60
comida italiana	33.240	15	26
cozinha regional	33.120	15	27
região centro-oeste	32.020	13	532
parque cinquentenário	32.020	13	3
política de cookies	32.020	13	0
epopeia italiana	32.020	13	0
sequência de fondue	32.020	13	0
gastronomia típica	32.020	13	23
opções de hospedagem	32.020	13	36
quatro irmãos	32.020	13	12
terraço itália	32.020	13	36
estação liberdade	32.020	13	23
parque temático	32.020	13	122
regiões sul	32.020	13	474
getúlio vargas	32.020	13	3250
século xvii	32.020	13	1315
al primo	31.770	13	2
al primo canto	31.770	13	2
cozinha nacional	31.390	13	5
cozinhas regionais	31.270	13	6
gastronomia francesa	31.190	14	25
al dente	30.830	14	28
km de porto alegre	30.720	14	29
carne de charque	30.640	13	11
farinha de milho	30.090	15	54
escola de gastronomia	30.040	13	16
km de porto	29.840	14	37
dona antônia	29.640	12	7
cozinha mediterrânea	29.640	12	10
culinária alemã	29.640	12	11
culinária tradicional	29.640	12	19
culinária típica	29.640	12	41
revolução farroupilha	29.640	12	164
número de imigrantes	29.640	12	70

imigração alemã	29.640	12	52
josé luiz	29.640	12	927
made from	29.640	12	0
café viagem	29.640	12	0
água fervente	29.640	12	198
risotto alla	29.520	12	1
centro de gramado	29.520	12	1
carne de gado	29.240	13	23
imigrantes europeus	28.220	19	155
identidade brasileira	27.840	14	57
governo imperial	27.590	18	143
vinhos finos	27.280	13	42
serviços de alimentação	27.250	11	72
ciências humanas	27.250	11	1078
comunicação social	27.250	11	2704
avenida josé luiz corrêa	27.250	11	0
josé luiz corrêa	27.250	11	2
luiz corrêa	27.250	11	9
cozinha alemã	27.250	11	6
curso de culinária	27.250	11	14
cursos gastronomia	27.250	11	0
gastronomia de gramado	27.250	11	0
grupos étnicos	27.250	11	333
século iv	27.250	11	311
avenida josé	27.250	11	101
avenida josé luiz	27.250	11	2
região nordeste	27.250	11	1340
núcleos urbanos	27.250	11	137
país de origem	27.250	11	725
patrimônio cultural	27.250	11	1726
corrêa pinto	27.250	11	1
josé luiz corrêa pinto	27.250	11	0
luiz corrêa pinto	27.250	11	0
práticas alimentares	27.250	11	32
queijo colonial	27.250	11	0
taste brasil	27.250	11	0
hotel sky	27.030	11	2
creme de leite	26.980	25	301
catedral de pedra	26.820	11	4
vinho branco	26.600	19	179
passeio de trem	26.480	11	7
monte belo	26.460	12	29
modo de preparo	26.390	26	335
slow food	25.390	13	63
colonos italianos	25.370	11	18
festival de cultura	25.370	11	18

curso de gastronomia	24.980	11	22
atrações turísticas	24.860	10	171
bebidas alcoólicas	24.860	10	1071
cenário gastronômico	24.860	10	7
colonos alemães	24.860	10	28
casa di	24.860	10	0
società italiana fiori	24.860	10	0
rasen gastropub	24.860	10	0
herança cultural	24.860	10	172
manifestações culturais	24.860	10	585
risotto alla milanese	24.860	10	0
oficina demonstrativa	24.860	10	0
óleo de oliva	24.860	10	43
passeio turístico	24.860	10	47
população brasileira	24.860	10	2234
região turística	24.860	10	31
società italiana	24.860	10	1
the taste brasil	24.860	10	0
identidades nacionais	24.790	11	24
di paolo	24.760	10	1
the taste	24.760	10	1
receita original	24.700	11	25
chef de cozinha	24.580	15	120
universidade de caxias	24.540	14	97
origem italiana	24.470	14	98
microbiologia de alimentos	24.470	10	4
gastronomia local	24.330	11	29
caldo de galinha	24.230	12	54
polenta mole	24.160	10	7
made with	24.160	10	7
restaurante italiano	23.800	11	35
caldo de carne	23.750	12	60
colina verde	23.700	10	12
prato tradicional	23.700	10	12
happy hour	23.580	12	62
alfredo chaves	23.170	14	117
cream cheese	22.730	11	48
is also	22.700	10	23
características próprias	22.480	9	347
cultura gaúcha	22.480	9	39
cultura imigrante	22.480	9	0
danças típicas	22.480	9	50
doces típicos	22.480	9	15
trem maria fumaça	22.480	9	1
gastronomia saudável	22.480	9	2
happy hour italiano	22.480	9	0



hour italiano	22.480	9	0
imigração européia	22.480	9	24
língua materna	22.480	9	391
língua portuguesa	22.480	9	4646
maria expresso	22.480	9	0
sequência de massas	22.480	9	0
dissertação de mestrado	22.480	9	870
nonno mio	22.480	9	0
países vizinhos	22.480	9	626
indicação de procedência	22.480	9	56
técnicas de produção	22.480	9	126
práticas culturais	22.480	9	173
pão francês	22.480	9	104
região italiana	22.480	9	17
região missioneira	22.480	9	7
gastronomia rio	22.480	9	0
roteiro turístico	22.480	9	84
terras gaúchas	22.480	9	11
feijão tropeiro	22.480	9	35
degustação de vinhos	22.480	9	22
taça de vinho	22.480	9	106
água quente	22.480	9	482
idades legais	22.390	9	1
trem maria	22.390	9	1
banheiros exclusivos	22.300	9	2
vinho tinto	22.210	20	288
massa fresca	22.040	10	31
sonho vivo	22.040	9	5
modos de preparo	21.840	9	7
senhora de caravaggio	21.510	9	11
rio grande	21.490	654	17277
cervejas artesanais	21.340	9	13
cidade de gramado	21.340	9	13
pratos tradicionais	21.340	10	40
alex atala	20.960	10	45
suco de uva	20.900	12	101
festa nacional	20.530	11	79
apresentações artísticas	20.090	8	175
boteco natalício	20.090	8	0
cafés coloniais	20.090	8	8
plantações de café	20.090	8	43
pizzaria cara	20.090	8	0
colonização portuguesa	20.090	8	136
contexto histórico	20.090	8	501
experiências gastronômicas	20.090	8	9
sopa de feijão	20.090	8	6

maria gastronomia	20.090	8	0
área de gastronomia	20.090	8	16
bela gil	20.090	8	0
mausolff grübel	20.090	8	0
famílias de imigrantes	20.090	8	24
anos de imigração	20.090	8	20
influência africana	20.090	8	29
influência alemã	20.090	8	19
influência francesa	20.090	8	43
ingredientes típicos	20.090	8	10
josé clemente	20.090	8	28
joceline mausolff	20.090	8	0
danielle noce	20.090	8	0
casa di paolo	20.090	8	0
kelly pelisser	20.090	8	0
região central	20.090	8	1795
gastronomia cultural	20.010	8	1
of italy	20.010	8	1
cozinha autoral	19.930	8	2
criado solto	19.930	8	2
susana ribeiro	19.850	8	3
grana padano	19.770	8	4
prato italiano	19.770	8	4
comida de rua	19.770	8	4
molho vermelho	19.520	8	7
templo budista	19.430	9	38
casa de pedra	19.390	10	68
rio uruguai	19.350	13	158
guia quatro rodas	19.290	9	40
guia quatro	19.210	9	41
gastronomia regional	19.080	8	13
branco seco	18.990	8	14
leite de ovelha	18.990	8	14
types of	18.950	9	45
consulado geral	18.560	11	113
livro de receitas	18.440	9	53
cultura alimentar	18.410	8	22
campos de cima	18.300	9	55
receitas tradicionais	18.280	8	24
carne bovina	18.050	34	856
colheres de sopa	17.920	14	222
colher de sopa	17.870	13	191
chefs anna	17.700	7	0
horário de atendimento	17.700	7	229
atividades econômicas	17.700	7	994
belezas paisagísticas	17.700	7	1

anna benucci	17.700	7	0
chefs anna benucci	17.700	7	0
napoleão bonaparte	17.700	7	325
época de napoleão bonaparte	17.700	7	1
capital gaúcha	17.700	7	256
centro histórico	17.700	7	1668
região centro	17.700	7	122
colher de chá	17.700	7	124
livro colônia	17.700	7	0
livro colônia italiana	17.700	7	0
helena confortin	17.700	7	0
considerações finais	17.700	7	429
três coroas	17.700	7	24
cozinha gaúcha	17.700	7	4
cozinhas nacionais	17.700	7	0
cozinheiro nacional	17.700	7	0
culinária francesa	17.700	7	33
sabores de sua culinária	17.700	7	0
câmara cascudo	17.700	7	363
feijão preto	17.700	7	55
liliana finger	17.700	7	0
sequência exclusiva de fondue	17.700	7	0
passeio de maria fumaça	17.700	7	4
criação de gado	17.700	7	319
giordani gastronomia	17.700	7	0
giordani gastronomia cultural	17.700	7	0
joceline mausolff grübel	17.700	7	0
identidade étnica	17.700	7	63
sonho de um imigrante	17.700	7	0
processo de imigração	17.700	7	7
comida indígena	17.700	7	0
influência européia	17.700	7	27
influência árabe	17.700	7	15
ingredientes característicos	17.700	7	3
grübel ivoti	17.700	7	0
mausolff grübel ivoti	17.700	7	0
finger joceline	17.700	7	0
carlos kristensen	17.700	7	0
vinhos de primeira linha	17.700	7	0
variedades de massas	17.700	7	0
finger joceline mausolff	17.700	7	0
marta meo	17.700	7	0
mercado gastronômico	17.700	7	15
mão-de-obra escrava	17.700	7	143
época de napoleão	17.700	7	6
origem alemã	17.700	7	102

culinária de papel	17.700	7	0
parque gaúcho	17.700	7	0
cantina pastaciutta	17.700	7	0
países europeus	17.700	7	1251
península italiana	17.700	7	22
ápice o período	17.700	7	1
relações de poder	17.700	7	223
presença italiana	17.700	7	6
programação cultural	17.700	7	303
pães caseiros	17.700	7	13
química culinária	17.700	7	0
região colonial	17.700	7	3
região geoeconômica	17.700	7	6
região serrana	17.700	7	948
regiões italianas	17.700	7	6
segurança alimentar	17.700	7	1661
sequência exclusiva	17.700	7	0
taxa de serviço	17.700	7	48
estação sonho	17.700	7	0
estação sonho vivo	17.700	7	0
território nacional	17.700	7	3082
região uva	17.700	7	2
condições de vida	17.700	7	2017
produção de vinho	17.700	7	41
litros de água	17.700	7	506
spaghetti alla	17.630	7	1
interior de caxias	17.630	7	1
cozinheiros italianos	17.630	7	1
sagu de vinho	17.630	7	1
identidade italiana	17.560	7	2
estrelas michelin	17.560	7	2
parmigiano reggiano	17.490	7	3
passeio de maria	17.420	7	4
dentes de alho	17.320	9	72
arquitetura colonial	17.280	10	106
pratos principais	17.220	12	174
receita italiana	17.140	7	8
secretaria de turismo	17.040	17	347
vinho branco seco	16.940	7	11
azeite extra-virgem	16.810	7	13
along with	16.670	7	15
molho agridoce	16.540	7	17
chef alex atala	16.420	7	19
guia michelin	16.420	7	19
folhas de louro	16.360	7	20
chef alex	16.170	7	23

don giovanni	16.110	7	24
there are	15.860	7	28
peito de frango	15.780	8	66
senhora de lourdes	15.580	9	107
tecnologia de alimentos	15.490	10	146
região de difícil acesso	15.320	6	8
copo de acrílico	15.320	6	0
colônia de alfredo	15.320	6	3
alimentação brasileira	15.320	6	5
alimentação saudável	15.320	6	447
comércio de alimentos	15.320	6	22
alla veneziana	15.320	6	0
linha alves	15.320	6	0
serviço nacional de aprendizagem	15.320	6	435
serviço nacional de aprendizagem comercial	15.320	6	50
arquivo histórico	15.320	6	209
pellegrino artusi	15.320	6	0
atividade econômica	15.320	6	1783
atrativos turísticos	15.320	6	122
aurus bar	15.320	6	0
chef Fábio Barbosa	15.320	6	0
Fábio Barbosa	15.320	6	43
linha bella	15.320	6	0
restaurante belvedere	15.320	6	0
elaine fátima bonetti	15.320	6	0
fátima bonetti	15.320	6	0
campanha gaúcha	15.320	6	27
braziliano canela	15.320	6	0
carne suína	15.320	6	464
carnes exóticas	15.320	6	11
castigo físico	15.320	6	30
colônia de alfredo chaves	15.320	6	3
comida alemã	15.320	6	3
cozinha típica regional	15.320	6	1
culinária africana	15.320	6	1
culinária nacional	15.320	6	12
culinária regional	15.320	6	31
cultura gastronômica	15.320	6	26
seção meus cupons	15.320	6	0
menu degustação	15.320	6	12
azeite de dendê	15.320	6	50
destinos turísticos	15.320	6	196
diferenças gastronômicas	15.320	6	0
diferenças históricas	15.320	6	16
unidade de disciplina	15.320	6	0
uol edtech	15.320	6	0

introdução de novos elementos	15.320	6	3
emigração italiana	15.320	6	0
tráfico de escravos	15.320	6	178
famílias italianas	15.320	6	20
festival colonial	15.320	6	0
interior de flores	15.320	6	0
cozinheiros italianos formas	15.320	6	0
chef Fábio	15.320	6	0
elaine fátima	15.320	6	1
churrascaria garfo	15.320	6	0
gastronomia gaúcha	15.320	6	1
finger joceline mausolff grübel	15.320	6	0
carlos renato hees	15.320	6	0
renato hees	15.320	6	0
valor horário	15.320	6	5
identidade alimentar	15.320	6	0
identidades alimentares	15.320	6	0
imigrantes árabes	15.320	6	20
imigração europeia	15.320	6	13
imigração japonesa	15.320	6	198
região de imigração	15.320	6	3
desserts include	15.320	6	0
origem indígena	15.320	6	102
informações adicionais	15.320	6	466
arquitetura colonial italiana	15.320	6	0
cozinha típica regional italiana	15.320	6	0
joceline mausolff grübel ivoti	15.320	6	0
liliana finger joceline	15.320	6	0
daniela ketzer	15.320	6	0
língua alemã	15.320	6	199
materiais disponíveis	15.320	6	52
liliana finger joceline mausolff	15.320	6	0
mudanças sociais	15.320	6	264
séculos de mudanças	15.320	6	1
séculos de mudanças sociais	15.320	6	1
dani noce	15.320	6	0
lote nº	15.320	6	0
obras artísticas	15.320	6	98
laçador de ofertas	15.320	6	0
denominação de origem	15.320	6	82
flavia pantaleo	15.320	6	0
colônia de mariana pimentel	15.320	6	0
pinheiro seco	15.320	6	0

## APÊNDICE D - CONCORDÂNCIAS DAS UNIDADES LEXICAIS

### Italiano

que passam quase despercebidos de sua origem. A grande mudança veio com o século XIX que trouxe os imigrantes, alemães e	italianos	, por primeiro, e junto vieram novas culturas, novos costumes. Vindos de uma Europa com excesso de população e pouca
por revoltas e guerras, os imigrantes encontram a fartura que procuravam, a cocagna, com que sonhavam os	italianos	. E a gastronomia absorveu estas novas riquezas. O churrasco abandonou sua rústica simplicidade – carne, pão e farinha
. E o que bebiam os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes	italianos	. Na colônia italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria
? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos. Na colônia	italiana	não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom vinho nos
, fundadas dentro da herança alemã. Por Leon Hernandes Dziekaniak – no livro Clássicos da Culinária Gaúcha A culinária	italiana	é uma das mais famosas no mundo. Muitos pratos tradicionais da Itália caíram no gosto do brasileiro, como é o caso da
, como é o caso da macarronada, lasanha, pizza, entre outros. Confira, a seguir, algumas deliciosas receitas de origem	italiana	para preparar e surpreender. Receita de Pizza Margherita Tradicional Ingredientes: 1 xícara de água quente 2 xícaras
de cream cheese. 8 – Polvilhe com o restante do chocolate. Cubra e leve à geladeira por, pelo menos, 2 horas. A culinária	italiana	é conhecida atualmente como um resultado da evolução de séculos de mudanças sociais e políticas. Suas raízes podem ser
Itália. Essas influências contribuíram para que fosse possível moldar o que atualmente é conhecido como a culinária	italiana	, acrescentando alguns itens como: pimenta, milho, batatas e tomates. Os ingredientes e pratos variam conforme a
da gastronomia. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na cozinha	italiana	. A culinária italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região
importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na cozinha italiana. A culinária	italiana	que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região da Itália difere-se

### Gastronomia

do campo, lembrança da natureza, da liberdade. E é nisso que entra a comida. Mais que alimento, um valor cultural. Na	gastronomia	está incluída a história do lugar. Do boi o gaúcho tudo tirava, das patas às guampas. Nas fazendas de antigamente o boi
por revoltas e guerras, os imigrantes encontram a fartura que procuravam, a cocagna, com que sonhavam os italianos. E a	gastronomia	absorveu estas novas riquezas. O churrasco abandonou sua rústica simplicidade – carne, pão e farinha – e recebeu as

que ainda preconizam este tipo de gordura. E o que bebiam os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à	gastronomia	trazida pelos imigrantes italianos. Na colônia italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado
regionais, no entanto, têm proliferado com algumas variações em todo o país. Queijo e vinho são uma parte importante da	gastronomia	. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na cozinha italiana. A
, a partir da segunda metade do século 19. Hoje, ainda é bastante presente nos restaurantes locais a influência da	gastronomia	italiana – sobretudo na Serra do Nordeste, onde se concentrou a maior parte da colônia italiana gaúcha. Também há uma
ou os famosos doces de Pelotas, de origem portuguesa. Simplicidade, com sabor. Talvez essa seja a melhor definição da	gastronomia	gaúcha que os turistas europeus encontrarão no distante Rio Grande do Sul. A CULTURA IMIGRANTE ITALIANA NO BRASIL, NO
município é a preservação das tradições culturais, herdadas dos imigrantes italianos, fundamentados na língua, na	gastronomia	, na música, na religiosidade, nos usos e costumes nos demais elementos da cultura de imigração da região nordeste do
participantes entoam cantigas italianas, principalmente as de dialeto vêneta, e confraternizam servindo pratos da	gastronomia	típica. Este foi um dos principais costumes dos imigrantes italianos que tinham nestas reuniões momentos de lazer e
beneficiados. A mangueira destinada aos animais de leite, o chiqueiro para a criação e engorda de porco e de galinha.	GASTRONOMIA	A deliciosa gastronomia italiana é uma grande motivação para outro marcante aspecto da cultura italiana, stare a
destinada aos animais de leite, o chiqueiro para a criação e engorda de porco e de galinha. GASTRONOMIA A deliciosa	gastronomia	italiana é uma grande motivação para outro marcante aspecto da cultura italiana, stare a tavola (sentar a mesa). Estar

### Imigrante

de tal forma que passam quase despercebidos de sua origem. A grande mudança veio com o século XIX que trouxe os	imigrantes	, alemães e italianos, por primeiro, e junto vieram novas culturas, novos costumes. Vindos de uma Europa com excesso de
uma Europa com excesso de população e pouca produção de alimentos e atingida periodicamente por revoltas e guerras, os	imigrantes	encontram a fartura que procuravam, a cocagna, com que sonhavam os italianos. E a gastronomia absorveu estas novas
tipo de gordura. E o que bebiam os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos	imigrantes	italianos. Na colônia italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde
de 2014 Irineu Guarnier Filho O Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, foi colonizado em grande parte por	imigrantes	italianos, principalmente originários do Vêneto, mas também de outras regiões da Itália, a partir da segunda metade
a melhor definição da gastronomia gaúcha que os turistas europeus encontrarão no distante Rio Grande do Sul. A CULTURA	IMIGRANTE	ITALIANA NO BRASIL, NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO CENTRO-SUL *Elaine Fátima Bonetti **Ângela da Rocha Rolla **Carlos
Hees RESUMO A Imigração Italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul intensificou-se no período entre 1870 e 1920, esses	imigrantes	contribuíram e influenciaram em muito a formação da identidade brasileira. Com o intuito de resgatar e manter viva



de ir em busca de dados referentes as várias etnias da Região Centro-Sul. Este artigo insere-se na pesquisa A Cultura	Imigrante	e a Formação da Identidade da Região Centro-Sul, a mesma é desenvolvida pelos professores acima citados e pelo grupo de
descreverá brevemente sobre a língua, a religião, a música, o artesanato, a arquitetura, a educação e o ensino dos	imigrantes	italianos. Deve-se lembrar que este artigo é o resultado de pesquisas feitas na internet e em obras que falam sobre a
da Itália. Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25_milhões de brasileiros são descendentes de	imigrantes	italianos, estando espalhados principalmente pelos estados do Sul e do Sudeste do Brasil, quase metade no estado de
e cartazes passaram a ser espalhados pela Itália, com o intuito de vender uma boa imagem do país e, assim, atrair	imigrantes	. Rapidamente, milhares de italianos passaram a comprar passagens para o Brasil, em busca de dinheiro e melhores

## Gaúcho

Acidente entre caminhão e carro deixa quatro mortos na serra	gaúcha	Duas vítimas morreram no local, e outras duas durante atendimento médico em Farroupilha. Acidente aconteceu no trevo
fez o teste do bafômetro, que indicou que ele não tinha consumido álcool. Acidente deixou quatro mortos na serra	gaúcha	— Foto: PRE/divulgação Porte de armas é a autorização para andar armado e tem regras rigorosas. Decreto de Bolsonaro
garantir o refluxo da violência do crime. Leon Hernandez Dziekaniak explica a herança cultural da culinária	gaúcha	. O pampa é um céu ao contrário, dizia Jorge Luis Borges. Foi este pampa que moldou o gaúcho, terra, gado e homem. A
herança cultural da culinária gaúcha. O pampa é um céu ao contrário, dizia Jorge Luis Borges. Foi este pampa que moldou o	gaúcho	, terra, gado e homem. A culinária gaúcha começou no campo e dele se nutre até hoje. A imagem que permanece é a de um gaúcho
pampa é um céu ao contrário, dizia Jorge Luis Borges. Foi este pampa que moldou o gaúcho, terra, gado e homem. A culinária	gaúcha	começou no campo e dele se nutre até hoje. A imagem que permanece é a de um gaúcho essencialmente carnívoro. E para muitos
o gaúcho, terra, gado e homem. A culinária gaúcha começou no campo e dele se nutre até hoje. A imagem que permanece é a de um	gaúcho	essencialmente carnívoro. E para muitos, este excesso de consumo de carne faz parte das nossas origens beligerantes,
essencialmente masculinista que levou até a um machismo que, hoje, já refluí com a civilização. Mas na alma do	gaúcho	continua aquele cheiro de terra, aquela nostalgia do campo, lembrança da natureza, da liberdade. E é nisto que entra a
que entra a comida. Mais que alimento, um valor cultural. Na gastronomia está incluída a história do lugar. Do boi o	gaúcho	tudo tirava, das patas às guampas. Nas fazendas de antigamente o boi era abatido a cada quinze ou vinte dias, conforme o
, etc. Para os peões – a Senzala – iam as carnes com osso. Isto incluía as costelas. É com esta desprezada costela que o	gaúcho	dava início a seu assado e, sem saber, inaugurava um costume que marcou a cara do Rio Grande. A costela, os galhos secos
forma que faziam com o gado bovino, tocava aos peões as carnes com osso. Nos galpões primitivos ou à sombra das árvores os	gaúchos	aprimoravam o gosto pela carne de ovelha. E até hoje, um gaúcho de boa cepa não dispensa um bom pernil, uma paleta, uma

## Carne

até hoje. A imagem que permanece é a de um gaúcho essencialmente carnívoro. E para muitos, este excesso de consumo de	carne	faz parte das nossas origens beligerantes, da força, da disposição para o combate e até de uma certa agressividade. Mas
força, da disposição para o combate e até de uma certa agressividade. Mas devemos considerar que a própria produção da	carne	, exigia toda esta disposição física. O pampa sem fim, o cavalo como instrumento de trabalho, os campos sem cerca,
, agregados e peões. Uma divisão simplista reservava para a casa da família – a Casa Grande, diria Gilberto Freire – as	carnes	consideradas de primeira, na época, ou seja, basicamente aquelas sem ossos: o filé, o tatu, a alcatra que pelo corte já
aquelas sem ossos: o filé, o tatu, a alcatra que pelo corte já incluía a picanha, maminha e coxão, etc. E mais aquelas	carnes	que serviam para o sopão ou fervido, como a carne do peito, agulha, alguns músculos, etc. Para os peões – a Senzala – iam as
pelo corte já incluía a picanha, maminha e coxão, etc. E mais aquelas carnes que serviam para o sopão ou fervido, como a	carne	do peito, agulha, alguns músculos, etc. Para os peões – a Senzala – iam as carnes com osso. Isto incluía as costelas. É com
que serviam para o sopão ou fervido, como a carne do peito, agulha, alguns músculos, etc. Para os peões – a Senzala – iam as	carnes	com osso. Isto incluía as costelas. É com esta desprezada costela que o gaúcho dava início a seu assado e, sem saber,
fazendeiro sentia o cheiro da gordura pingando nas brasas e se aproximava com a faca na mão pronto para tirar uma lasca de	carne	dourada e sangrenta. Foi só uma questão de tempo para o churrasco passar do galpão para dentro de casa. E esta passagem
foi naturalmente o animal da subsistência. E na região da nossa campanha, largos pastos, favoreciam as ovelhas.	Carne	e, principalmente lã, formaram um ciclo de riqueza. Não havia fazenda que não tivesse ovelhas no pasto, que fornecia a
e, principalmente lã, formaram um ciclo de riqueza. Não havia fazenda que não tivesse ovelhas no pasto, que fornecia a	carne	de consumo diário. Com um capão, macho castrado, abatido a cada dois dias, o fazendeiro garantia o fornecimento de
de consumo diário. Com um capão, macho castrado, abatido a cada dois dias, o fazendeiro garantia o fornecimento de	carne	fresca para a família e agregados. Da mesma forma que faziam com o gado bovino, tocava aos peões as carnes com osso. Nos

## Cozinha

. Hoje a churrasqueira recebe um lugar de honra: está na sacada dos apartamentos, está no living, integra-se à	cozinha	, é o centro de um quiosque, o foco, fogo da convivência. E pensar que tudo começou no meio do pampa, a céu aberto. Os
um exemplo: antes usava-se, melhor dito, abusava-se da gordura animal. A banha de porco reinava soberana. Não havia	cozinha	sem uma lata de banha branca e perfumada, esperando a hora de fritar os bifés. Hoje são raras as receitas que ainda
importante da gastronomia. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na	cozinha	italiana. A culinária italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de

na Serra do Nordeste, onde se concentrou a maior parte da colônia italiana gaúcha. Também há uma forte influência da	cozinha	de outras etnias que compõem a população local, como a alemã, a polonesa, a portuguesa, a africana, a árabe e a judaica. E
casais de namorados usavam a sala ao mesmo tempo, aos sábados à noite e aos domingos de tarde até certa hora da noite. A	cozinha	geralmente uma casa menor e separada da principal. Mais tarde se localizava num canto da casa, peça bem ampla. O sótão
casais de namorados usavam a sala ao mesmo tempo, aos sábados à noite e aos domingos de tarde até certa hora da noite. A	cozinha	geralmente uma casa menor e separada da principal. Mais tarde se localizava num canto da casa, peça bem ampla. O sótão
coloniais e dos países fronteiriços (BRASIL, 2014)”. Assim, destacam-se 3 grandes formações da culinária gaúcha: a	cozinha	de fronteira, a cozinha dos imigrantes e a cozinha tropeira. O Rio Grande do Sul compartilha com os países com os quais
fronteiriços (BRASIL, 2014)”. Assim, destacam-se 3 grandes formações da culinária gaúcha: a cozinha de fronteira, a	cozinha	dos imigrantes e a cozinha tropeira. O Rio Grande do Sul compartilha com os países com os quais faz fronteira (Argentina
)”. Assim, destacam-se 3 grandes formações da culinária gaúcha: a cozinha de fronteira, a cozinha dos imigrantes e a	cozinha	tropeira. O Rio Grande do Sul compartilha com os países com os quais faz fronteira (Argentina e Uruguai) uma culinária
. A formação da culinária brasileira. São Paulo, SP: Publifolha, 2009. FILHO, Ivan Alves; DI GIOVANNI, Roberto.	Cozinha	Brasileira (Com recheio de história). Rio de Janeiro: Revan, 2000. FREIXA, Dolores.; CHAVES, Guta. Gastronomia no

#### Itália

Clássicos da Culinária Gaúcha A culinária italiana é uma das mais famosas no mundo. Muitos pratos tradicionais da	Itália	caíram no gosto do brasileiro, como é o caso da macarronada, lasanha, pizza, entre outros. Confira, a seguir, algumas
século IV na Idade Média, com influência dos árabes e normandos que trouxeram os primeiros chefs renomados à região da	Itália	. Essas influências contribuíram para que fosse possível moldar o que atualmente é conhecido como a culinária
culinária italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região da	Itália	difere-se bastante uma das outras. O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com *
em grande parte por imigrantes italianos, principalmente originários do Vêneto, mas também de outras regiões da	Itália	, a partir da segunda metade do século 19. Hoje, ainda é bastante presente nos restaurantes locais a influência da
afetaram, sobretudo a propriedade da terra. Um aspecto peculiar à imigração em massa dos italianos foi a unificação da	Itália	. Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25 milhões de brasileiros são descendentes de imigrantes
das plantações de café. Incentivados pelo governo brasileiro, panfletos e cartazes passaram a ser espalhados pela	Itália	, com o intuito de vender uma boa imagem do país e, assim, atrair imigrantes. Rapidamente, milhares de italianos
do Sul, nas atuais cidades de Garibaldi e Bento Gonçalves. Esses imigrantes eram em sua maioria do Vêneto, Norte da	Itália	. Após cinco anos, o grande número de imigrantes obrigou o Governo a criar uma nova colônia italiana, Caxias do Sul. Os

. Há ainda uma minoria que fala o italiano como língua materna, usando o dialeto Talian, que tem sua origem no Norte da	Itália	. (com raiz no vêneto). No final da década de 1930 e início da de 1940, no governo Getúlio Vargas as manifestações
afetaram, sobretudo a propriedade da terra. Um aspecto peculiar à imigração em massa dos italianos foi a unificação da	Itália	. Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25 milhões de brasileiros são descendentes de imigrantes
das plantações de café. Incentivados pelo governo brasileiro, panfletos e cartazes passaram a ser espalhados pela	Itália	, com o intuito de vender uma boa imagem do país e, assim, atrair imigrantes. Rapidamente, milhares de italianos

### Culinária

o cidadão significa garantir o refluxo da violência do crime. Leon Hernandez Dziekaniak explica a herança cultural da	culinária	gaúcha. O pampa é um céu ao contrário, dizia Jorge Luis Borges. Foi este pampa que moldou o gaúcho, terra, gado e homem. A
gaúcha. O pampa é um céu ao contrário, dizia Jorge Luis Borges. Foi este pampa que moldou o gaúcho, terra, gado e homem. A	culinária	gaúcha começou no campo e dele se nutre até hoje. A imagem que permanece é a de um gaúcho essencialmente carnívoro. E para
de urbanidade, aquele povo dos campos. A região fronteira mantém até hoje as marcas da influência castelhana e a	culinária	revela isto claramente. E os hábitos dos portugueses se integraram de tal forma que passam quase despercebidos de sua
vinho nos traz. Tendo a serra como ponto de irradiação hoje o vinho frequenta os cardápios e preenche uma lacuna na nossa	culinária	. Sim, porque o gaúcho só tomava mate que era aperitivo, acompanhamento e digestivo. As harmonizações entre os pratos e
desde as antigas cervejarias, fundadas dentro da herança alemã. Por Leon Hernandez Dziekaniak – no livro Clássicos da	Culinária	Gaúcha A culinária italiana é uma das mais famosas no mundo. Muitos pratos tradicionais da Itália caíram no gosto do
, fundadas dentro da herança alemã. Por Leon Hernandez Dziekaniak – no livro Clássicos da Culinária Gaúcha A	culinária	italiana é uma das mais famosas no mundo. Muitos pratos tradicionais da Itália caíram no gosto do brasileiro, como é o
a mistura de cream cheese. 8 – Polvilhe com o restante do chocolate. Cubra e leve à geladeira por, pelo menos, 2 horas. A	culinária	italiana é conhecida atualmente como um resultado da evolução de séculos de mudanças sociais e políticas. Suas raízes
à região da Itália. Essas influências contribuíram para que fosse possível moldar o que atualmente é conhecido como a	culinária	italiana, acrescentando alguns itens como: pimenta, milho, batatas e tomates. Os ingredientes e pratos variam
. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na cozinha italiana. A	culinária	italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região da Itália
na cozinha italiana. A culinária italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a	culinária	de cada região da Itália difere-se bastante uma das outras. O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos

, mas também de outras regiões da Itália, a partir da segunda metade do século 19. Hoje, ainda é bastante presente nos	restaurantes	locais a influência da gastronomia italiana – sobretudo na Serra do Nordeste, onde se concentrou a maior parte da
em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, durante a Copa do Mundo, deprece com pratos e bebidas familiares nos	restaurantes	da capital gaúcha, como massas ou pizzas – e muito vinho ( o Estado é o maior produtor vinícola do país). Há bons
da capital gaúcha, como massas ou pizzas – e muito vinho ( o Estado é o maior produtor vinícola do país). Há bons	restaurantes	italianos na cidade. Mas, claro, quem atravessou um oceano para chegar até aqui vai querer experimentar a
, com destaque para a picanha, o vazio e a costela bovinos, temperados apenas com sal grosso, ainda é servido em muitos	restaurantes	de Porto Alegre em forma de rodízio. É só pedir um “espeto corrido” que os diferentes cortes começam a pousar na mesa,
seu chapéu de palha, a camisa xadrez e seu tuc tuc que já levou milhares de turistas por passeios entre os parreirais. O	restaurante	, recém-aberto ao público, traz a legítima sequência gastronômica da Serra Gaúcha com o diferencial da simpatia com
primeira vez em Jericoacoara. Há um bom tempo ouço falar bem do Bistrô Pelotense em Pelotas no Rio Grande do Sul. Logo, o	restaurante	do Chef Márcio Ávila foi um dos motivos para nossa parada de 1 dia na cidade de Pelotas a caminho do Uruguai de carro. Para
a lula. Entretanto, percebe-se que assim como outros clássicos, o estrogonofe deixou de figurar entre os cardápios de	restaurantes	ditos “gastronômicos” (ROCHA,2013), talvez por ser uma preparação que se massificou. Outro destaque recai sobre a
na cidade de São Paulo, fazendo com que a comida árabe, hoje, esteja naturalmente na vida do paulistano e os	restaurantes	com essa especialidade façam parte da paisagem da cidade (BARBOSA, 2011). Com isso uma das preparações mais presente
cachoeiras. No inverno, o frio pode ser acompanhado por uma boa gastronomia e deliciosos fondues, que são servidos nos	restaurantes	tradicional da região. O litoral gaúcho é lindo, oferece paisagens maravilhosas e ótimas opções de entretenimento.
acesso difícil por terra e os repentinos fechamentos do parque. Nessa área, a mais bonita do Parque, próximo um pequeno	restaurante	, ficam as barracas junto ao canyon do Itaimbezinho, que tem uma garganta de 600 m de profundidade média. O isolamento do

### Imigração

NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO CENTRO-SUL *Elaine Fátima Bonetti **Ângela da Rocha Rolla **Carlos Renato Hees RESUMO A	Imigração	Italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul intensificou-se no período entre 1870 e 1920, esses imigrantes contribuíram e
italianos. Deve-se lembrar que este artigo é o resultado de pesquisas feitas na internet e em obras que falam sobre a	imigração	italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul . Palavras-chave: imigração – cultura – identidade – memória – italianos
feitas na internet e em obras que falam sobre a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul . Palavras-chave:	imigração	– cultura – identidade – memória – italianos INTRODUÇÃO Conforme o site Wikipédia, a Imigração italiana no Brasil teve
Sul . Palavras-chave: imigração – cultura – identidade – memória – italianos INTRODUÇÃO Conforme o site Wikipédia, a	Imigração	italiana no Brasil teve como ápice o período entre 1870 e 1920, que foram impulsionadas pelas transformações

no Norte da península italiana, essas alterações afetaram, sobretudo a propriedade da terra. Um aspecto peculiar à	imigração	em massa dos italianos foi a unificação da Itália. Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25_milhões
. **Carlos Renato Hees é coordenador do Curso de História ULBRA Guaíba e pesquisador da universidade. O início da	imigração	italiana coincidiu com o processo de abolição da escravatura e da expansão das plantações de café. Incentivados pelo
. Mais tarde, as fazendas de café no Sudeste tornaram-se o destino da maioria. O grande incentivo que teve a	imigração	italiana no Brasil não foi apenas para suprir a falta de mão-de-obra que se instalou no país. Os italianos eram
Criciúma e Urussanga, assim como outras no Paraná. ETNIA ITALIANA NA REGIÃO CENTRO-SUL RIBEIRO, (1996), mostra que a	imigração	italiana em nossa região fixou-se predominantemente no nordeste e norte do estado do Rio Grande do Sul, nas
na linha Alves em Mariana Pimentel. CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA CULTURA De acordo com o site História da	imigração	italiana no Rio Grande do Sul, as manifestações culturais desenvolvidas no Brasil são praticamente as mesmas de
na língua, na gastronomia, na música, na religiosidade, nos usos e costumes nos demais elementos da cultura de	imigração	da região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Farroupilha também procura resgatar e manter vivas as tradições dos

#### Massa

e muito espumante completam a festa em meio às parreiras. A pisa da uva Depois de um delicioso almoço típico italiano com	massas	delicadíssimas e feitas à mão, dá para conhecer todos os produtos da empresa na Enoboutique, num belo castelo de
a Boutique da Colônia e os nossos deliciosos produtos da serra gaúcha! Queijos, vinhos, espumantes, geleias,	massas	, copa, salame e muito mais... ☐☐ 🍷 ☐☐ 🍷 Estamos na Avenida Euclides Kliemann, 2140 ao lado da Baron Bombas Injetoras,
(54) 3702.3099. No Canta Maria você pode escolher cada ingrediente que vai no seu prato, de acordo com sua preferência.	Massas	, molhos, carnes, acompanhamentos, tudo do jeitinho que você mais gosta. ❤️ Nossa Salada Siciliana é ideal para trazer
Pedra Bento Gonçalves, 95700-000 Restaurante rústico no Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves, com rodízio de carnes e	massas	. o restaurante pignattela é o primeiro restaurante tirolez da serra gaucha aonde busca servir pratos diferenciados
da culinária italiana. Prima Itália Bairro Humaitá, Rua Alagoas, 384 Bento Gonçalves, 95700-000 Fábrica de	massas	, vendemos Capeletti, panquecas, massas, lasanha entre outros... Excelente atendimento, ambiente aconchegante e
Bairro Humaitá, Rua Alagoas, 384 Bento Gonçalves, 95700-000 Fábrica de massas, vendemos Capeletti, panquecas,	massas	, lasanha entre outros... Excelente atendimento, ambiente aconchegante e um ótimo cardápio lhe esperam na Rocco
com maionese, radicci, pão colonial, queijo à dorê, polenta na chapa, galetto al primo canto, diferentes variedades de	massas	e molhos, grelhados e sobremesas. Os restaurantes estão localizados em Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi e
habitantes, inclusive, falam uma espécie de dialeto do vêneto. Assim, a cidade é um local muito propício para apreciar	massas	, galetto e outras delícias da culinária italiana e para apreciar bons vinhos, produzidos na cidade e região. Os

e divulgar novidades do setor. O prazer da boa culinária é herança dos imigrantes italianos. As galeterias e casas de	massas	estão espalhadas por toda região, assim como as vinícolas. O Vale dos Vinhedos, que fica no perímetro rural da cidade, é
sobre como controlar os cookies, consulte aqui: Política de cookies Quem não conhece a famosa pizza, o vinho e as	massas	tradicionais da culinária italiana? País que sediou um dos maiores acontecimentos da história, como o Império Romano
da comida. Geralmente, saladas, verduras, sopas, alimentos leves. Após isso, os pratos principais podem ser arroz,	massa	ou polenta acompanhados de carnes ou peixes. Por fim, sobremesas típicas ou frutas. Diversidade Culinária na Itália

## Comida

continua aquele cheiro de terra, aquela nostalgia do campo, lembrança da natureza, da liberdade. E é nisto que entra a	comida	. Mais que alimento, um valor cultural. Na gastronomia está incluída a história do lugar. Do boi o gaúcho tudo tirava,
não tem uma culinária muito rica, essa é a verdade. O Estado se urbanizou intensivamente nas últimas três décadas, e a	comida	típica gaúcha ainda ostenta uma forte influência da vida campeira, sobretudo da Campanha Gaúcha, no Pampa, com suas
a serem reprimidos envolviam geralmente o castigo físico: o tapão, a vara de marmelo, a ameaça de privar da	comida	. A escola trazia a palmatória, ajoelhar-se sobre grãos de milho, ficar de pé contra a parede... Andar descalços pelas
a serem reprimidos envolviam geralmente o castigo físico: o tapão, a vara de marmelo, a ameaça de privar da	comida	. A escola trazia a palmatória, ajoelhar-se sobre grãos de milho, ficar de pé contra a parede... Andar descalços pelas
os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Da culinária tropeira vem o arroz do carreteiro, o feijão tropeiro, a	comida	de camboeiro (espécie de paçoca). O arroz de carreteiro é considerado típico do Rio Grande do Sul, mas como comida
, a comida de camboeiro (espécie de paçoca). O arroz de carreteiro é considerado típico do Rio Grande do Sul, mas como	comida	nômade, também está presente em todo o país, desde a Bahia, Goiás, Tocantins. No Nordeste, acaba por receber o nome de
a Bahia, Goiás, Tocantins. No Nordeste, acaba por receber o nome de arroz Maria-Isabel, fato interessante, pois uma	comida	de homens, como eram os tropeiros, acaba adquirindo uma identidade feminina. (FILHO & DI GIOVANNI, 2000) Arroz de
a cultura brasileira. A culinária recebeu notável influência italiana, que transformou pratos típicos como a pizza em	comida	popular no Brasil. Os franceses deixaram grandes contribuições nas artes, os alemães na arquitetura e os imigrantes
ao bacalhau português, desvalorizando o produto nacional e não estimulando a economia. No caso do vatapá, que é uma	comida	típicamente do nordeste brasileiro, mais especificamente da Bahia, nota-se algo bem curioso, uma vez que sua origem é
) que deriva do esparregado português. Outra receita que atesta essas primeiras transmutações refletidas na	comida	é o Pato no tucupi, que caracteriza-se por utilizar pato, que é primeiramente assado e depois cozido com tucupi,

## Pão

os italianos. E a gastronomia absorveu estas novas riquezas. O churrasco abandonou sua rústica simplicidade – carne,	pão	e farinha – e recebeu as saladas verdes, as batatas, cebolas, tomates, polenta, carne de porco lingüiça, frango e, o
. 3 – Disponha os legumes em um prato. Cubra com nozes, manjeriço, queijo e as bagas da alcaparra. Sirva com	pães	. Receita de Lasanha 3 Queijos Ingredientes: 1 xícara de ricota 1/4 de xícara de salsinha fresca 1 colher de sopa de
em verdadeiras festas de conagração, num palco de discussões e de alegria. Nas refeições os italianos comem;	pão	no café da manhã e em todas as demais refeições. No jantar, a famosa minestra, sopa de feijão com arroz, macarrão e carne
em verdadeiras festas de conagração, num palco de discussões e de alegria. Nas refeições os italianos comem;	pão	no café da manhã e em todas as demais refeições. No jantar, a famosa minestra, sopa de feijão com arroz, macarrão e carne
Tomasi e enquadrados com carinho como homenagem à nona. Quando a sequência de pratos começa, é aquela festa... A sopa, o	pão	e o pien, especialmente encorajadores nesses primeiros dias de frio na Serra Gaúcha. A salada que a gente come só porque
de Roma fez transitar pelo local caravanas recheadas de alimentos vindos de toda Europa, África e Oriente: cereais,	pão	, vinho, azeitona, legumes e frutas secas e frescas, amêndoas, nozes, avelãs, pinhões, leite, etc. A rica e variada
alimentos. Somente depois que os italianos se fixaram no meio urbano que começaram a surgir as padarias. Até então, o	pão	praticamente não entrava na dieta diária do brasileiro. O macarrão foi outro alimento que passou a ser mais consumido.
na arquitetura, na língua, na culinária, nas festas regionais e folclóricas; Culinária – Massas,	pães	, molhos, variando muito de região para região. Destaca-se que a diversidade cultural refere-se aos diferentes
em uma dependência especial. Uma despensa independente também podia estar associada à cozinha, bem como um forno para	pães	. Os focolari foram sucedidos pelos fogões de chapa, depois pelos fogões a lenha, e por fim os alimentados com gás.[30]
em uma dependência especial. Uma despensa independente também podia estar associada à cozinha, bem como um forno para	pães	. Os focolari foram sucedidos pelos fogões de chapa, depois pelos fogões a lenha, e por fim os alimentados com gás.[30]

### Molho

fresco 4 colheres de chá de azeite de oliva 3/4 de colher de chá de sal 1 colher de sopa de farinha de fubá 3/4 de xícara de	molho	de tomate 150 gramas de fatias finas de queijo muçarela 1/3 de xícara de pequenas folhas de manjeriço fresco Modo de
a massa. 9 – Retire o filme plástico de massa. Polvilhe sobre ela o restante do sal, 1/4 de colher de chá. 10 – Espalhe o	molho	uniformemente sobre a massa, deixando uma borda de 1/2 polegadas. Arrume as fatias de queijo e leve para assar até
1/4 de xícara de manjeriço fresco rasgado 1/8 de colher de chá de pimenta vermelha 4 dentes de alho picados Uma lata de	molho	de tomate Massa de lasanha fresca Modo de Preparo: 1 – Preaqueça o forno. 2 – Misture a ricota, 2 colheres de sopa de salsa,



, 1 colher de sopa de queijo parmesão, e o ovo em uma tigela pequena. 3 – Misture o manjericão, a pimenta, o alho e o	molho	em uma tigela média. 4 – Espalhe uma camada de molho no fundo de um refratário. Por cima, faça uma camada de massa, cubra
em uma tigela pequena. 3 – Misture o manjericão, a pimenta, o alho e o molho em uma tigela média. 4 – Espalhe uma camada de	molho	no fundo de um refratário. Por cima, faça uma camada de massa, cubra com a mistura de ricota, depois o molho novamente.
uma camada de molho no fundo de um refratário. Por cima, faça uma camada de massa, cubra com a mistura de ricota, depois o	molho	novamente. Repita duas vezes as camadas, terminando com a mistura de molho. 5 – Cubra uniformemente com a 1/2 xícara de
, cubra com a mistura de ricota, depois o molho novamente. Repita duas vezes as camadas, terminando com a mistura de	molho	. 5 – Cubra uniformemente com a 1/2 xícara de mussarela e as 3 colheres de sopa de queijo parmesão restantes. Asse durante
e as 3 colheres de sopa de queijo parmesão restantes. Asse durante 40 minutos até que o queijo esteja dourado e o	molho	é borbulhando. Deixe repousar por 10 minutos. 6 – Polvilhe com as 2 colheres de sopa de salsa restantes e sirva. Receita
farta: sopa de agnoline para abrir o apetite, salada de radici com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao	molho	de tomate e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu
farta: sopa de agnoline para abrir o apetite, salada de radici com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao	molho	de tomate e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu

## Doce

brasileiros, sobretudo da casta Merlot, mas também espumantes, elaborados no Rio Grande do Sul. E de, sobremesa,	doces	de frutas típicos, como a goiabada, a figada, a marmelada ou os famosos doces de Pelotas, de origem portuguesa.
no Rio Grande do Sul. E de, sobremesa, doces de frutas típicos, como a goiabada, a figada, a marmelada ou os famosos	doces	de Pelotas, de origem portuguesa. Simplicidade, com sabor. Talvez essa seja a melhor definição da gastronomia gaúcha
com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao molho de tomate e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os	doces	são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de vinho. RELIGIÃO De acordo com DE BONI (1991), a religião
com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao molho de tomate e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os	doces	são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de vinho. RELIGIÃO De acordo com DE BONI (1991), a religião
mais diversos significados, desde o âmbito cultural até as experiências pessoais. Há momentos mais propícios para o	doce	, o salgado, a bebida, a fartura ou a restrição alimentar, que são impregnados de significados culturalmente
de batatas e maçã. Baviera O Brezel é encontrado na maioria dos restaurantes da Baviera A salsicha branca com mostarda	doce	e o Brezel (Pretzel, em português) – pão em forma de nó – são servidos em praticamente todos os restaurantes da Baviera. A

melhor do que terminar nossa série "Sensações Canta Maria - Inverno 2018" com uma deliciosa sobremesa? Confere, ta um	doce	Um brinde a quem sempre esteve presente em nossa vida, nos ensinando, orientando e dando forças e coragem em todos os
a iniciativa. A programação da Semana inclui uma aula que será ministrada na embaixada no dia 27, com degustação de um	doce	italiano chamado Babà. O evento será gratuito e aberto ao público, mas com vagas limitadas. Já no dia 28, a chef
carne seca e que hoje são atração turística. O açúcar também fortalece o turismo, já que Pelotas produz ótimos	doces	, especialmente os de origem portuguesa, que podem ser consumidos nos comércios ou durante a Fenadoce, a maior feira do
econômica. 12. Nova Prata O complexo hidrotermal, com águas vindas do Aquífero Guarany, o maior reservatório de água	doce	do mundo, está a 180 km de Porto Alegre. A cidade pitoresca se destaca pela preservação da natureza, com cascatas,

#### Colônia

os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos imigrantes italianos. Na	colônia	italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria que um bom
locais a influência da gastronomia italiana – sobretudo na Serra do Nordeste, onde se concentrou a maior parte da	colônia	italiana gaúcha. Também há uma forte influência da cozinha de outras etnias que compõem a população local, como a alemã
luso-brasileira. Isso contribuiria para europeizar a cultura do Brasil na visão do governo brasileiro. As primeiras	colônias	italianas nasceram nas Serras gaúchas, no Rio Grande do Sul, nas atuais cidades de Garibaldi e Bento Gonçalves. Esses
sua maioria do Vêneto, Norte da Itália. Após cinco anos, o grande número de imigrantes obrigou o Governo a criar uma nova	colônia	italiana, Caxias do Sul. Os italianos se espalharam por várias partes do Rio Grande do Sul, e muitas outras colônias
nova colônia italiana, Caxias do Sul. Os italianos se espalharam por várias partes do Rio Grande do Sul, e muitas outras	colônias	foram criadas, principalmente em serras e regiões altas, porque as terras baixas já estavam povoadas por imigrantes
áreas de colonização italiana produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em 1875, foram fundadas as primeiras	colônias	italianas de Santa Catarina, como Criciúma e Urussanga, assim como outras no Paraná. <b>ETNIA ITALIANA NA REGIÃO</b>
a aglutinação de diversas etnias no mesmo espaço geográfico: poloneses, italianos, alemães e outros. A ocupação da	colônia	foi iniciada pelos italianos e alguns poucos alemães em meados de 1889. o contingente maior, que viria predominar, foi
que colonizaram essa região o autor fornece dados referentes às famílias Tremea e Bongiovanni, que instalaram-se na	colônia	de Mariana Pimentel. Em 1889, Domenico Bongiovanni recebeu o lote nº 8 da linha Alves. Ângelo Tremea recebeu mais tarde
Tremea recebeu mais tarde o lote nº 10 na mesma localidade de seu amigo Bongiovanni. As duas famílias fixaram-se na	colônia	de Mariana Pimentel, na qual dedicaram-se às lides agrícolas e à pequena criação de animais domésticos, com a ajuda dos
Pelos registros encontrados no livro de RIBEIRO, (1996), obteve-se a informação de que os filhos se dividiram entre as	colônias	de Barra do Ribeiro, Minas do Leão, São Jerônimo e Guaíba. O autor nos fornece também, a informação de que até 1994,

## Rio Grande

— Foto: PRE/divulgação Um acidente envolvendo um caminhão e um carro deixou quatro pessoas mortas na Região da Serra do	Rio Grande	do Sul, no final da noite de quarta-feira (12). Segundo o Comando Rodoviário da Brigada Militar, a ocorrência
com esta desprezada costela que o gaúcho dava início a seu assado e, sem saber, inaugurava um costume que marcou a cara do	Rio Grande	. A costela, os galhos secos caídos no campo, um espeto de pau, o sal grosso que era destinado ao gado e estava encaminhado
fogo da convivência. E pensar que tudo começou no meio do pampa, a céu aberto. Os bovinos O gado bovino foi introduzido no	Rio Grande	do Sul, na região das Missões Jesuíticas, em 1634, pelo padre Cristóvão de Mendonza, de origem espanhola, mas nascido
. O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com * GASTRÔ   A cultura gastronômica do	Rio Grande	do Sul 4 de junho de 2014 Irineu Guarnier Filho O Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, foi colonizado em
são marcados com * GASTRÔ   A cultura gastronômica do Rio Grande do Sul 4 de junho de 2014 Irineu Guarnier Filho O	Rio Grande	do Sul, no extremo meridional do Brasil, foi colonizado em grande parte por imigrantes italianos, principalmente
de colonização espanhola. Então, é muito provável que o turista europeu que desembarcar em Porto Alegre, a capital do	Rio Grande	do Sul, durante a Copa do Mundo, depre com pratos e bebidas familiares nos restaurantes da capital gaúcha, como massas
querer experimentar a enogastronomia típica do Estado, antes da culinária semelhante à de sua própria terra. Bem, o	Rio Grande	do Sul não tem uma culinária muito rica, essa é a verdade. O Estado se urbanizou intensivamente nas últimas três décadas
com frequência na composição desta culinária um tanto rústica, porém saborosa. Mas o viajante que quiser comer bem no	Rio Grande	do Sul, tem de experimentar a carne bovina gaúcha, que é, de longe, a melhor do Brasil, e a matéria-prima do prato mais
tem de ser escoltado por bons vinhos brasileiros, sobretudo da casta Merlot, mas também espumantes, elaborados no	Rio Grande	do Sul. E de, sobremesa, doces de frutas típicos, como a goiabada, a figada, a marmelada ou os famosos doces de Pelotas,
com sabor. Talvez essa seja a melhor definição da gastronomia gaúcha que os turistas europeus encontrarão no distante	Rio Grande	do Sul. A CULTURA IMIGRANTE ITALIANA NO BRASIL, NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO CENTRO-SUL *Elaine Fátima Bonetti **

## Serra Gaúcha

Acidente entre caminhão e carro deixa quatro mortos na	serra gaúcha	Duas vítimas morreram no local, e outras duas durante atendimento médico em Farroupilha. Acidente aconteceu no trevo
do caminhão fez o teste do bafômetro, que indicou que ele não tinha consumido álcool. Acidente deixou quatro mortos na	serra gaúcha	— Foto: PRE/divulgação Porte de armas é a autorização para andar armado e tem regras rigorosas. Decreto de Bolsonaro

a figura lendária do agricultor Nei Tomasi, uma figura que representa como ninguém o imaginário coletivo do colono da	Serra Gaúcha	– com seu chapéu de palha, a camisa xadrez e seu tuc tuc que já levou milhares de turistas por passeios entre os parreirais
por passeios entre os parreirais. O restaurante, recém-aberto ao público, traz a legítima sequência gastronômica da	Serra Gaúcha	com o diferencial da simpatia com que a família Tomasi envolve o visitante. As filhas tocam o negócio com ajuda da mãe,
de pratos começa, é aquela festa... A sopa, o pão e o pien, especialmente encorajadores nesses primeiros dias de frio na	Serra Gaúcha	. A salada que a gente come só porque radicci com bacon lembra a casa da vó (risos) E aquela sucessão de massa à carbonara,
publicado. Campos obrigatórios são marcados com * O imperdível Monã em Canela (RS) faz parte daquelas experiências na	serra gaúcha	para se encantar e fugir completamente do óbvio e do esquema multidão de turistas de Gramado. Aliás, é um ponto de fuga e
nos arredores de Onde casar em Gramado - a experiência do Casamento dos Sonhos. A nova atração romântica e temática da	serra gaúcha	Casar em Gramado nunca estive nos meus planos. Mas eu casei e fiquei surpresa com a experiência. Tudo começou quando
a caminho do Uruguai de carro. Para Vinícola Don Guerino e a nova e moderna estrutura de enoturismo em Alto Feliz na	serra gaúcha	A vinícola Don Guerino na serra gaúcha foi uma grande surpresa. Conheci a Don Guerino durante a quarta aula do curso da
Vinícola Don Guerino e a nova e moderna estrutura de enoturismo em Alto Feliz na serra gaúcha A vinícola Don Guerino na	serra gaúcha	foi uma grande surpresa. Conheci a Don Guerino durante a quarta aula do curso da ABS-RS que estou fazendo de sommelier
em Porto Alegre e eram encaminhados a São Sebastião do Caí, de onde seguiam para seu destino definitivo no alto da	serra gaúcha	, nas colônias Conde D' Eu, D. Isabel, Fundos de Nova Palmira e Silveira Martins, que vieram a constituir os núcleos

#### Imigração italiana

NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO CENTRO-SUL *Elaine Fátima Bonetti **Ângela da Rocha Rolla **Carlos Renato Hees RESUMO A	Imigração Italiana	no Brasil e no Rio Grande do Sul intensificou-se no período entre 1870 e 1920, esses imigrantes contribuíram e
italianos. Deve-se lembrar que este artigo é o resultado de pesquisas feitas na internet e em obras que falam sobre a	imigração italiana	no Brasil e no Rio Grande do Sul . Palavras-chave: imigração – cultura – identidade – memória – italianos INTRODUÇÃO
Sul . Palavras-chave: imigração – cultura – identidade – memória – italianos INTRODUÇÃO Conforme o site Wikipédia, a	Imigração italiana	no Brasil teve como ápice o período entre 1870 e 1920, que foram impulsionadas pelas transformações sócioeconômicas
. **Carlos Renato Hees é coordenador do Curso de História ULBRA Guaíba e pesquisador da universidade. O início da	imigração italiana	coincidiu com o processo de abolição da escravatura e da expansão das plantações de café. Incentivados pelo governo
. Mais tarde, as fazendas de café no Sudeste tornaram-se o destino da maioria. O grande incentivo que teve a	imigração italiana	no Brasil não foi apenas para suprir a falta de mão-de-obra que se instalou no país. Os italianos eram católicos,
Criciúma e Urussanga, assim como outras no Paraná. ETNIA ITALIANA NA REGIÃO CENTRO-SUL RIBEIRO, (1996), mostra que a	imigração italiana	em nossa região fixou-se predominantemente no nordeste e norte do estado do Rio Grande do Sul, nas ex-colônias de

na linha Alves em Mariana Pimentel. CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA CULTURA De acordo com o site História da	imigração italiana	no Rio Grande do Sul, as manifestações culturais desenvolvidas no Brasil são praticamente as mesmas de Vêneto, região
um dos principais costumes dos imigrantes italianos que tinham nestas reuniões momentos de lazer e entretenimento. A	imigração italiana	no Brasil também serviu de inspiração para várias obras artísticas, televisivas e cinematográficas, como as
, José Antonio Bongiovanni. BONGIOVANNI/ TREMEA Raízes Resgatadas; 1º edição EDUCS, Caxias do Sul 1996. História da	imigração italiana	no Rio Grande do Sul – biografia. Disponível em: familia.prati.com.br/familiaprati/imigracao2.htm - Acesso em 11
NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO CENTRO-SUL *Elaine Fátima Bonetti **Ângela da Rocha Rolla **Carlos Renato Hees RESUMO A	Imigração Italiana	no Brasil e no Rio Grande do Sul intensificou-se no período entre 1870 e 1920, esses imigrantes contribuíram e

#### Culinária italiana

, fundadas dentro da herança alemã. Por Leon Hernandes Dziekaniak – no livro Clássicos da Culinária Gaúcha A	culinária italiana	é uma das mais famosas no mundo. Muitos pratos tradicionais da Itália caíram no gosto do brasileiro, como é o caso da
a mistura de cream cheese. 8 – Polvilhe com o restante do chocolate. Cubra e leve à geladeira por, pelo menos, 2 horas. A	culinária italiana	é conhecida atualmente como um resultado da evolução de séculos de mudanças sociais e políticas. Suas raízes podem ser
à região da Itália. Essas influências contribuíram para que fosse possível moldar o que atualmente é conhecido como a	culinária italiana	, acrescentando alguns itens como: pimenta, milho, batatas e tomates. Os ingredientes e pratos variam conforme a
. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na cozinha italiana. A	culinária italiana	que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região da Itália difere-se
. Tudo acontece na propriedade da família, que recebe os visitantes para almoço e jantar sob reserva. Addolorata	Culinária Italiana	Aberto para almoço e jantar, sob reserva. Casais ou famílias pequenas podem ser encaixados em grupos maiores No Rio
, bem como a tradição vinícola. Um das principais descendências italianas está na cidade de Caxias do Sul, que tem a	culinária italiana	tradicional como atrativo turístico. Destacam-se o galetto al primo canto, a polenta e a sopa de capelete. Galetto Al
pão, vinho, azeitona, legumes e frutas secas e frescas, amêndoas, nozes, avelãs, pinhões, leite, etc. A rica e variada	culinária italiana	, distinta nas várias regiões do país, influenciou a culinária de praticamente todo o mundo. As pizzas e massas são
no Canta Maria Gastronomia! Dia 29 é dia de nhoque da sorte! Qual o seu preferido? Faça sua reserva e desfrute do melhor da	culinária italiana	. Venha provar os mais deliciosos pratos da gastronomia italiana em um ambiente descontraído e aconchegante! Venha
o restaurante pignattella é o primeiro restaurante tirolez da serra gaúcha aonde busca servir pratos diferenciados da	culinária italiana	. Prima Itália Bairro Humaitá, Rua Alagoas, 384 Bento Gonçalves, 95700-000 Fábrica de massas, vendemos Capeletti,
e a tradição de 30 anos servindo com carinho. ADDOLORATA é a concretização de um sonho familiar, um restaurante de	culinária italiana	deliciosamente caseira. Oferece almoço e jantar sob reserva. Preencha as datas a baixo chegada e saída para ser

Imigrante italiano

tipo de gordura. E o que bebiam os gaúchos? O vinho é talvez a mais importante contribuição à gastronomia trazida pelos	imigrantes italianos	. Na colônia italiana não há casa sem vinho e não há mesa sem um copo. E o rosto corado dos colonos mostram a saúde e a alegria
de 2014 Irineu Guarnier Filho O Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, foi colonizado em grande parte por	imigrantes italianos	, principalmente originários do Vêneto, mas também de outras regiões da Itália, a partir da segunda metade do século 19
descreverá brevemente sobre a língua, a religião, a música, o artesanato, a arquitetura, a educação e o ensino dos	imigrantes italianos	. Deve-se lembrar que este artigo é o resultado de pesquisas feitas na internet e em obras que falam sobre a imigração
da Itália. Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25 milhões de brasileiros são descendentes de	imigrantes italianos	, estando espalhados principalmente pelos estados do Sul e do Sudeste do Brasil, quase metade no estado de São Paulo. *
em serras e regiões altas, porque as terras baixas já estavam povoadas por imigrantes alemães. Nessas terras, os	imigrantes italianos	começaram a cultivar uvas e a produzir vinhos. Atualmente, essas áreas de colonização italiana produzem os melhores
populares. Flores da Cunha é considerada a mais italiana de todas as cidades que receberam imigrantes em 1877. Os	imigrantes italianos	foram responsáveis pela introdução de um dos maiores símbolos do gaúcho: a gaita piano (de teclas), que tanto anima os
(de teclas), que tanto anima os fandangos do Rio Grande do Sul. Muitas das danças gaúchas tiveram suas origens com os	imigrantes italianos	, como por exemplo, o xote de quatro passos. Flores da Cunha é o maior produtor de vinhos do Brasil e 2º pólo moveleiro do RS
do Brasil e 2º pólo moveleiro do RS. Um forte apelo do município é a preservação das tradições culturais, herdadas dos	imigrantes italianos	, fundamentados na língua, na gastronomia, na música, na religiosidade, nos usos e costumes nos demais elementos da
da região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Farroupilha também procura resgatar e manter vivas as tradições dos	imigrantes italianos	, para isso foi criado o grupo Nei Tempi Del Filó que difunde a cultura dos imigrantes italianos por meio de canções
vivas as tradições dos imigrantes italianos, para isso foi criado o grupo Nei Tempi Del Filó que difunde a cultura dos	imigrantes italianos	por meio de canções típicas e vestimentas características, mantendo a realização dos filós – encontros em que os

#### Gastronomia italiana

, a partir da segunda metade do século 19. Hoje, ainda é bastante presente nos restaurantes locais a influência da	gastronomia italiana	– sobretudo na Serra do Nordeste, onde se concentrou a maior parte da colônia italiana gaúcha. Também há uma forte
destinada aos animais de leite, o chiqueiro para a criação e engorda de porco e de galinha. GASTRONOMIA A deliciosa	gastronomia italiana	é uma grande motivação para outro marcante aspecto da cultura italiana, stare a tavola (sentar a mesa). Estar reunidos
destinada aos animais de leite, o chiqueiro para a criação e engorda de porco e de galinha. GASTRONOMIA A deliciosa	gastronomia italiana	é uma grande motivação para outro marcante aspecto da cultura italiana, stare a tavola (sentar a mesa). Estar reunidos
1933. Visitei o Mercadão durante um tour que fizemos Conhecendo o Eataly São Paulo - almoço, tour e compras no paraíso da	gastronomia italiana	Apaixonado por gastronomia? Então, o Eataly São Paulo não pode faltar no seu roteiro gastronômico na capital paulista

européia, por ser época de colheita do aspargo, come-se o legume com molho holandês e batatas. Para quem ama vinhos,	gastronomia italiana	e um friozinho gostoso para curtir um romance na frente da lareira, não pode deixar de conhecer Bento Gonçalves no Rio
na Av. Euclides Klieman, 2140 - Bairro Santo Antônio - Santa Cruz Trazemos para Santa Cruz as delícias típicas da	gastronomia italiana	, diretamente da nossa serra gaúcha. Produtos exclusivos da colônia italiana, especialmente selecionados para você
o seu preferido? Faça sua reserva e desfrute do melhor da culinária italiana. Venha provar os mais deliciosos pratos da	gastronomia italiana	em um ambiente descontraído e aconchegante! Venha para o Canta Maria Expresso! No último dia 08 promovemos o jantar em
que recebe a todos de braços abertos: La Città, Estrada do Imigrante – Por Aqui Nasceu Caxias, Caminhos da Colônia - A	Gastronomia Italiana	, Ana Rech - Um Encanto de Vila, Criúva - Eco Aventura Gaúcha, Vale Trentino – A Historia do Vinho, Caminhos Temperados e
a Google. Ao utilizar este site, concorda que o mesmo utilize cookies. OK Ao todo, 105 países vão receber a 3ª Semana da	Gastronomia Italiana	no Mundo. No Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre recebem programações do evento A Semana da
no Mundo. No Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre recebem programações do evento A Semana da	Gastronomia Italiana	no Mundo chegou a sua terceira edição. Promovida pelo Ministério do Exterior e da Cooperação Internacional da Itália,

#### Cozinha italiana

importante da gastronomia. É importante ressaltar que o Café, especificamente o expresso, tornou-se importante na	cozinha italiana	. A culinária italiana que hoje nós temos conhecimento não é verdadeiramente italiana, pois a culinária de cada região
Internacional da Itália, e com apoio da Comunità, a iniciativa tem como objetivo valorizar e difundir no exterior a	cozinha italiana	de qualidade. Nesta edição, a ideia é promover a culinária do Sul da Itália, além da famosa dieta mediterrânea. O evento
Roberto Cerea, mais conhecido pelo apelido Bobo, irá ministrar um curso de dois módulos focado na contemporânea	cozinha italiana	no ICIF – Santa Ifigênia. A programação completa pode ser conferida no site da Embaixada. 12 cidades legais para
a moldar o que hoje se conhece como culinária italiana, adicionando itens como: batatas, tomates, pimenta e milho. A	cozinha italiana	tem várias características específicas, conhecidas mundialmente. No entanto, dentro da própria Itália, a
que apenas um ingrediente está presente nas cozinhas de todo o país, o azeite de oliva. “Sem o azeite de oliva não há	cozinha italiana	. Segundo especialista, sem o azeite de oliva não há cozinha italiana Vinhos para harmonizar com a gastronomia
, o azeite de oliva. “Sem o azeite de oliva não há cozinha italiana. Segundo especialista, sem o azeite de oliva não há	cozinha italiana	Vinhos para harmonizar com a gastronomia italiana Os vinhos e os queijos são um destaque a parte, com inúmeras
como o underberg, o trigo e a cachaça, etc; os vinhos brancos doces, etc. É uma cozinha notável! CULINÁRIA ITALIANA A	cozinha italiana	partiu para farinhas: o prato principal é a polenta de milho, os galletos que a acompanha, as massas de trigo de todas as
dos artigos para identificar, e garantir que o produto é de qualidade e pode ser consumido. Um dos lemas da	cozinha italiana	é aproveitar o que é produzido nas cercanias garantindo assim a “fresqueza” do produto que será consumido. Vocês já
mais sobre a cultura italiana e o modo de vida. Uma das figuras históricas que exerceu grande impacto na divulgação da	cozinha italiana	, bem como do desenvolvimento da culinária francesa, foi Catarina de Médici (1519-1589). A gastronomia francesa,

alimentares de um determinado grupo, construindo uma identidade coesa. Uma breve análise do histórico da fundação da	cozinha italiana	, que será examinado em maiores detalhes no próximo capítulo, ajuda a ilustrar a semelhança do processo. Montanari (
--	------------------	--

#### Colonização italiana

. Nessas terras, os imigrantes italianos começaram a cultivar uvas e a produzir vinhos. Atualmente, essas áreas de	colonização italiana	produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em 1875, foram fundadas as primeiras colônias italianas de Santa
. Nessas terras, os imigrantes italianos começaram a cultivar uvas e a produzir vinhos. Atualmente, essas áreas de	colonização italiana	produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em 1875, foram fundadas as primeiras colônias italianas de Santa
habitação e de infraestrutura, e surgindo as primeiras favelas nos maiores centros, como Caxias do Sul, o maior polo da	colonização italiana	no Rio Grande do Sul. No período de modernização prédios de manufaturas, metalúrgicas e outras indústrias, bem como de
habitação e de infraestrutura, e surgindo as primeiras favelas nos maiores centros, como Caxias do Sul, o maior polo da	colonização italiana	no Rio Grande do Sul. No período de modernização prédios de manufaturas, metalúrgicas e outras indústrias, bem como de
de Colônia Caxias) e a Colônia Silveira Martins, também conhecida como 4 Colônia, por ter sido o quarto núcleo de	colonização italiana	a ser criado no RS naquele período. Breve estas quatro colônias pioneiras deram lugar a dezenas de municípios gaúchos.
Gonçalves 40, Gramado 71, Vacaria 118, Pelotas 394. Importante cidade industrial no Estado, ainda preserva marcas da	colonização italiana	. Os museus revelam um pouco do cotidiano das primeiras famílias de imigrantes, os restaurantes servem o galetto "al
do Sul: dos números iniciais aos censos demográficos. In: Os Alemães no Sul do Brasil. Canoas: Editora da ULBRA, 2004	Colonização italiana	: Serra Gaúcha é recanto dos imigrantes que trouxeram seus conhecimentos vitivinícolas Publicado por hagh em
, que atrai milhares de visitantes, ocorre bianalmente, em fevereiro nos Pavilhões da Festa da Uva. O evento retrata a	colonização italiana	através de desfiles e espetáculos regionais, além de contar com exposições de uvas e vinhos, cursos de degustação e
o local. A arquitetura, a culinária e o artesanato remetem os visitantes a uma época em que tudo era feito à mão. Apesar da	colonização italiana	, Garibaldi também teve forte influência da cultura francesa, transmitida pelas congregações religiosas de origem
boa é que o local perfeito para saborear esses pratos não fica muito longe: a Serra Gaúcha! Por lá, justamente pela	colonização italiana	de algumas das cidades, é muito fácil de encontrar um gostinho da Itália. Férias!!!, Que maravilha!!!! Vamos

#### Cultura italiana

e de galinha. GASTRONOMIA A deliciosa gastronomia italiana é uma grande motivação para outro marcante aspecto da	cultura italiana	, stare a tavola (sentar a mesa). Estar reunidos à mesa na hora das refeições, transformar as refeições em verdadeiras
e de galinha. GASTRONOMIA A deliciosa gastronomia italiana é uma grande motivação para outro marcante aspecto da	cultura italiana	, stare a tavola (sentar a mesa). Estar reunidos à mesa na hora das refeições, transformar as refeições em verdadeiras
regionais de todas as partes da Itália e apreciadas em todo o mundo. Sem dúvida, a gastronomia é um dos ícones da	cultura italiana	, sempre muito ligada à família e ao prazer de reuni-la. A cozinha é um espaço sagrado de quem a comanda introduzindo um



Bento Gonçalves Maria Fumaça - São 23km de percurso, em média duas horas de passeio, no qual os turistas são inseridos na	cultura italiana	e gaúcha. Vinhos e sucos de uva são oferecidos aos passageiros, que são sempre animados com muita música italiana.
no Brasil! 4 – Pão Ciabatta Os pães fazem parte de muitas épocas da história da humanidade e não seria diferente na	cultura italiana	. O nome Ciabatta significa chinelo quando traduzimos e isso porque esse é um pão com formato achatado e alongado.
! Esta é a quinta vez que passo por aqui e se tiver mais cinco, vou adorar. Terra boa essa. Bj A gastronomia é um dos ícones da	cultura italiana	, sempre muito ligada à família e ao prazer de reuni-la. A cozinha é um espaço sagrado de quem a comanda introduzindo um
de comer panetone no natal. A deliciosa gastronomia italiana é uma grande motivação para outro marcante aspecto da	cultura italiana	, stare a tavola (sentar a mesa). Estar reunidos à mesa na hora das refeições, transformar as refeições em verdadeiras
e experimente os galetos! São vários restaurantes tradicionais, chamados de galeterias, que trazem um pouco da	cultura italiana	para a mesa. Além do galetto como prato principal, são servidos outros acompanhamentos: massas, polentas, saladas,
, a Bocelli Family Wines recepciona visitantes do mundo todo para degustar seus vinhos excepcionais e conhecer a	cultura italiana	através da música e do vinho. Para saber mais sobre a Casa Di Paolo, clique aqui e leia o texto que escrevi quando visitei a
como saudável. O ideal é que todos que reconhecem a cidadania italiana a qual têm direito, conheçam mais sobre a	cultura italiana	e o modo de vida. Uma das figuras históricas que exerceu grande impacto na divulgação da cozinha italiana, bem como do

#### Farinha de trigo

. Receita de Pizza Margherita Tradicional Ingredientes: 1 xícara de água quente 2 xícaras e 2 colheres de sopa de	farinha de trigo	2 colheres de chá de fermento fresco 4 colheres de chá de azeite de oliva 3/4 de colher de chá de sal 1 colher de sopa de
Modo de Preparo: 1 – Despeje 3/4 da xícara de água morna na tigela da batedeira com o gancho para bater massa. 2 – Adicione a	farinha de trigo	e misture. Cubra e deixe descansar por 20 minutos. 3 – Em um recipiente separado, coloque o 1/4 de xícara de água restante
padeiros”. No Brasil o hábito de comer pão foi trazido pelos portugueses , que em um primeiro momento substituíram a	farinha de trigo	por farinhas locais (BARRETO apud CANELLA-RAWLS, 2003). Estas necessidades que se apresentam sempre contribuíram
ou sopas. Baseando-se nessa última utilização, os antigos romanos inventaram a placenta, um pão chato feito com	farinha de trigo	, coberto com queijo misturado com mel, folhas de louro e azeite, prática que se disseminou por toda a Itália e Europa com
e seca. A fresca, é uma massa mais artesanal, que poderá ser encontrada em restaurantes e trattorias, ela é feita de	farinha de trigo	branca. Seu cheiro é fraco e a textura macia. Já a massa seca, é utilizada para a produção de sopas ou caldos, e é produzida
: é um molho feito com um leite diferente, aromatizado e temperado com ervas, hortaliças e especiarias, com manteiga e	farinha de trigo	. É parecido com o molho branco, mas a diferença está na forma de produção; ♦ Molho à Bolognesa: molho de origem italiana

. Pode ser feita também com iogurte e azeite de oliva. Dicas para Fazer Molho de Macarrão ⇒ Dissolva uma colher de sopa de	farinha de trigo	na água fria e em seguida adicione ao molho para engrossar; ⇒ Adicione uma colher de sopa de creme de leite ou 1 colher de
o sal está bom, caso contrário adicione a seu gosto. Receita de Pizza (di Napoli) Ingredientes Para Massa ⇒ 500 gramas de	farinha de trigo	⇒ 3 colheres de sopa de azeite ⇒ 350 ml de água morna ⇒ 1 colher de chá de sal ⇒ 1 colher de chá de açúcar ⇒ 25 gramas de fermento
, lembrando sempre de sovar a massa até ela ficar macia e elástica; Em uma superfície plana (mesa ou balcão), coloque a	farinha de trigo	para não grudar, e continue amassando a massa. Forme uma bolinha e depois que estiver pronta, coloque-a numa vasilha,
ao Brasil.[46] Surgido no norte da África, entre os berberes,[47] ele podia ser feito de arroz, sorgo, milhetos ou	farinha de trigo	[47] e consumido com frutos do mar. Com o transporte do milho da América ele passou a ser feito principalmente deste. No

### Sal grosso

, inaugurava um costume que marcou a cara do Rio Grande. A costela, os galhos secos caídos no campo, um espeto de pau, o	sal grosso	que era destinado ao gado e estava encaminhado o churrasco. Certamente o fazendeiro sentia o cheiro da gordura
de vários cortes diferentes de carnes, com destaque para a picanha, o vazão e a costela bovinos, temperados apenas com	sal grosso	, ainda é servido em muitos restaurantes de Porto Alegre em forma de rodízio. É só pedir um “espeto corrido” que os
: o churrasco. O churrasco gaúcho é realizado a partir de diversas partes do boi, além de linguças, temperados com	sal grosso	, e assados no calor da brasa do carvão vegetal. Churrasco Campeiro A influência estrangeira na formação dos saberes
os soldados russos que estavam na fronteira com a Finlândia se alimentavam de uma preparação de carne preservada no	sal grosso	e em uma bebida alcoólica, sendo que para tornar o sabor mais agradável cozinhavam essa carne na gordura com creme azedo
. Porque tinha costela de vaca gado, costela de carneiro e costela de porco, todas deliciosas, assadas e temperadas com	sal grosso	, basicamente o único tempero do churrasco gaúcho. Poderia ter sido em qualquer churrascaria do interior Rio Grande do
do Sul já é tradicional o churrasco, ou seja, carne bovina ou ovina, dispostas em espetos, temperadas basicamente com	sal grosso	e grelhadas em churrasqueiras, a base de carvão ou lenha. No estado de Santa Catarina, o interior é de forte influência
cru e vender nos outros estados. Para usar a carne como alimento e conservá-la em suas viagens longas, eles a rolavam em	sal grosso	para desidratá-la. Arroz de carreteiro De fácil preparo, composto basicamente de arroz cozido com pedaços de charque
espetada e pousada sobre a brasa, o churrasco é uma refeição fácil de preparar, levando poucos ingredientes: apenas o	sal grosso	e a carne. Chimarrão O chimarrão é uma bebida característica da Região Sul, com herança das culturas indígenas guarani
a carne que sobrava e a usarem como alimento em suas longas viagens, os tropeiros começaram a conservá-la rolando-a em	sal grosso	para desidratá-la surgindo assim o charque. Em vista do Rio Grande do Sul ter sido a primeira maior área de criação
da região. Esta refeição era de fácil preparo, com poucos ingredientes: somente a carne (abundante na região) e	sal grosso	, que era espetada e pousada sobre a brasa. Certamente a carne preferida é a bovina, mas o churrasco do gaúcho

Molho de tomate

fresco 4 colheres de chá de azeite de oliva 3/4 de colher de chá de sal 1 colher de sopa de farinha de fubá 3/4 de xícara de	molho de tomate	150 gramas de fatias finas de queijo muçarela 1/3 de xícara de pequenas folhas de manjeriço fresco Modo de Preparo: 1 –
1/4 de xícara de manjeriço fresco rasgado 1/8 de colher de chá de pimenta vermelha 4 dentes de alho picados Uma lata de	molho de tomate	Massa de lasanha fresca Modo de Preparo: 1 – Preaqueça o forno. 2 – Misture a ricota, 2 colheres de sopa de salsa, orégano,
farta: sopa de agnoline para abrir o apetite, salada de radici com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao	molho de tomate	e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de vinho.
farta: sopa de agnoline para abrir o apetite, salada de radici com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao	molho de tomate	e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de vinho.
, ovos e farinha. Ela é cortada em cubinhos e cozida em água quente. É possível recheá-la, e, normalmente, é servida com	molho de tomate	. Existem também massas específicas para a produção de saladas, tais como o parafuso, furadinhos e gravatinha. Tipos
não tem como resistir. O sabor mais comum de lasanha é a que, no Brasil, chamamos de bolonhesa: leva carne moída, massa,	molho de tomate	e muito queijo. Em todo o mundo existem centenas de tipos e variações de receitas de lasanha. Já vi lasanhas de calabresa
comi este Bolonhesa em Bolonha em não gostei. Bom mesmo é a versão brasileira do prato, com espaguete barato e fartura de	molho de tomate	com carne moída. De preferência com queijo ralado por cima. 5. Risoto, o pequeno arroz (Risotto) Como falei no post Mapa
farta: sopa de agnoline para abrir o apetite, salada de radici com bacon, fortaia (omelete de queijo), nhoque, massa ao	molho de tomate	e, sempre polenta. Sobremesas há muitas, e os doces são gostosos, mas italiano que se preza não dispensa o sagu de vinho.
Itálica durante séculos. O queijo ralado, a muçarela, o provolone, a lasanha, o espaguete, a pasta grano duro, o	molho de tomate	, o tomate seco e até o sorvete são provenientes do sul da Itália, de regiões como Nápoles, Sardegnia, Campania,
e a polenta. Foi no final do século 20, precisamente nas duas últimas décadas, que o país adotou a Pizza, o macarrão e o	molho de tomate	como pratos típicos nacionais (antes esses alimentos eram consumidos apenas no sul). Orégano, manjeriço, salsa,